



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI**

ADRIANA SOUSA CHAVES

**RESÍDUOS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (CEBs) NO MARANHÃO:
Atualidades no contexto urbano de São Luís e São José de Ribamar**

**São Luís – Ma
2015**

ADRIANA SOUSA CHAVES

**RESÍDUOS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (CEBs) NO MARANHÃO:
Atualidades no contexto urbano de São Luís e São José de Ribamar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Professor Dr. Ricardo Franklin Ferreira.

**São Luís – Ma
2015**

Chaves, Adriana Sousa

Resíduos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no Maranhão: atualidades no contexto urbano de São Luís e São José de Ribamar / Adriana Sousa Chaves. – São Luís, 2015.

152 f.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Flanklin Ferreira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2015.

1. Psicologia Social. 2. Religião. 3. Comunidades Eclesiais de Base - Maranhão. I. Título.

CDU 316.6:256(812.1)

**RESÍDUOS DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (CEBs) NO MARANHÃO:
Atualidades no contexto urbano de São Luís e São José de Ribamar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Professor Dr. Ricardo Franklin Ferreira.

São Luís, _____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Franklin Ferreira (UFMA)
ORIENTADOR

Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos (UFMA)

Profa. Dra. Carla Vaz dos Santos Ribeiro (UFMA)

*Aos profetas que fazem das CEBs sua paixão:
Dona Maria José, Dona Aparecida,
Dona Deusa, Dona Remédios,
Dona Zilda, Seu Lucivaldo e Seu Neguin.*

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão:

Ao “Deus que me criou, me quis, me consagrou” (MÚSICA MISSÃO DE TODOS NÓS DE ZÉ VICENTE) e que me é mais pai que juiz.

Aos meus pais, pelo cuidado e alento contínuo, que me são mais amigos que pais.

Aos meus amigos, pela força e apoio incondicional e que me são mais irmãos que amigos. Meu carinho especial por Ailton e Thiago, irmãos ararienses e amigos almas gêmeas, e aos irmãos psicólogos, companheiros de mestrado, amigos inclusive para as horas de angústias acadêmicas. Uma dedicatória particular à Galiza, Fernanda, Moara e Graco. Que bom poder contar com vocês!

Aos irmãos das CEBs que conheci nesta empreitada de pesquisa e que me foram mais professores que irmãos de doutrina. Um adendo: Seu Lucivaldo, seus diálogos são muito bons! Me fizeram refletir! Dona Aparecida, obrigada pelo coração frito. Uma delícia! Sei que foi de coração e isso não é redundante! Seu Nequin, obrigada pela lembrança dos novos convites para não esquecer as CEBs!

Aos professores do mestrado que com sua dedicação e entusiasmo me foram mais educadores que professores. Agradeço particularmente ao professor Ricardo por me aceitar de novo como orientanda. Só fiz esse mestrado, Ricardo, porque sabia que você estaria do meu lado! Obrigada!

Se de tudo fica um pouco,
mas por que não ficaria
um pouco de mim? no trem
que leva ao norte, no barco,
nos anúncios de jornal,
um pouco de mim em Londres,
um pouco de mim algures?
na consoante?
no poço?

Verso do poema "Resíduo"
Carlos Drummond de Andrade

E então, por que não ficaria um pouco das CEBs?

RESUMO

A presente pesquisa tem como propósito refletir sobre a atualidade das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no contexto urbano maranhense, a partir do depoimento de sete participantes que moram nas cidades de São Luís e São José de Ribamar. Reconhecidas por sua capacidade de mobilização popular frente aos desmandos do regime militar e pelo amadurecimento de uma religiosidade permeada pela mística libertária, as CEBs marcaram consideravelmente a história sociopolítica do país, assim como a história de vida de muitos homens e mulheres. No Maranhão, as primeiras CEBs teriam surgido nas cidades do interior, em Tutóia e Bequimão, seguidas por Barreirinhas, Urbano Santos, São Benedito do Rio Preto, Santa Rita, Itapecuru e Lago da Pedra. Após um período de grande fermentação, várias mudanças no contexto social e religioso afetaram as CEBs, junto ao processo de urbanização do país. De um lado, a abertura democrática, o enfraquecimento dos movimentos sociais, a subida da esquerda ao poder e a defasagem de seus princípios; do outro, a condenação da Teologia da Libertação, o projeto centralizador do Vaticano, o avanço do protestantismo e da Renovação Carismática Católica, traços que compõem a nova conjuntura moderna e que contribuíram com a perda significativa de espaço das CEBs, dentro e fora da Igreja. Diante deste cenário, buscou-se compreender o que ficou das CEBs no Maranhão, especificamente nas cidades de São Luís e São José de Ribamar. Para tanto, recorri à análise da história de vida dos participantes e das músicas que fazem parte do repertório das CEBs. As entrevistas foram situadas a partir de duas perspectivas de análise: a histórica – que reflete a caminhada das CEBs e dos participantes, e a dialética – que dialoga sobre o jeito de ser igreja e a relação fé e vida das CEBs em seu contexto urbano. Apresento também anotações de campo das viagens que fiz desde os primeiros movimentos de pesquisa pelas CEBs do interior como contraponto reflexivo das dificuldades e impossibilidades vivenciadas pelas CEBs nas cidades grandes. Nesse sentido, este estudo faz um pequeno apanhado antropológico sobre as CEBs, utilizando referências que intercalam os conceitos da Psicologia Comunitária e da Libertação com as concepções da Teologia da Libertação, assim como de outros autores da sociologia e da pedagogia.

Palavras-chave: CEBs. Religião. Comunidade. Cidade.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the relevance of the Basic Ecclesial Communities (CEBs) in Maranhão urban context, from the testimony of seven participants who live in the cities of São Luís and São José de Ribamar. Recognized for its ability to mobilize popular front to the excesses of the military regime and the maturation of a religion permeated by libertarian mystic, the CEBs considerably marked the socio-political history of the country, as well as the life story of many men and women. In Maranhão, the first CEBs have arisen in the inner cities, in Tutóia and Bequimão, followed by Barreirinhas, Urbano Santos, São Benedito do Rio Preto, Santa Rita, Itapecuru and Lago da Pedra. After a period of great ferment, several changes in the social and religious context affected the CEBs, with the country's urbanization process. On the one hand, the democratic opening, the weakening of social movements, the rise of the left to power and the lag of its principles; on the other, the condemnation of liberation theology, the centralizing Vatican project, the advance of Protestantism and the Catholic Charismatic Renewal, traits that make up the new modern environment which contributed to the significant loss of space CEBs, inside and outside the Church . In this scenario, we sought to understand what was the CEBs in Maranhão, specifically in the cities of São Luís and São José de Ribamar. To this end, it turned to the analysis of the history of life of participants and songs that are part of the repertoire of the CEBs. Interviews were located from two analytical perspectives: historical - reflecting the hike CEBs and participants, and the dialectic - that dialogues on the way of being church and faith relationship and life of CEBs in its urban context. I present also travel from field notes I took from the first movement of research by the interior CEBs as opposed reflective of the difficulties and impossibilities experienced by CEBs in big cities. Thus, this study is a small anthropological caught on CEBs, using references that intersperse the concepts of community psychology and liberation with the ideas of liberation theology, as well as other authors of sociology and pedagogy.

Key-words: CEBs. Religion. Community. City.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| APRESENTAÇÃO (DE TUDO FICOU UM POUCO)..... | 9 |
| CAPÍTULO 1: LÁ VEM O TREM DAS CEBs..... | 14 |
| 1.1 GÊNESE: ELES COMEÇARAM OS DEBATES E VIRAM QUE ERA BOM..... | 17 |
| 1.2 ÊXODO: AS CEBs É COMO SE FOSSE DEUS DESCENDO NO DESERTO..... | 29 |
| CAPÍTULO 2: A VOZ DOS PROFETAS..... | 41 |
| 2.1 ELES VIVIAM TUDO EM COMUM..... | 44 |
| 2.2 NO INTERIOR, DIA DE DOMINGO É DIA DE MISSA!..... | 51 |
| 2.3 NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM..... | 59 |
| CAPÍTULO 3: RELIGIÃO E LIBERTAÇÃO..... | 68 |
| 3.1 E A IGREJA SE FEZ POVO E NASCEU ENTRE NÓS..... | 76 |
| 3.2 UM JEITO DE SER IGREJA: OS PÉS NO CHÃO E O ROSTO DESFIGURADO..... | 81 |
| 3.2.1 Construir a igreja-templo e a Igreja-Povo..... | 85 |
| 3.2.2. É festa, é celebração! É música, é dança!..... | 94 |
| 3.4 NÓS PREGAMOS ESSE JEITO DE SER IGREJA, ESCÂNDALO PARA OS PADRES..... | 101 |
| CAPÍTULO 4: COMUNIDADE E FELICIDADE..... | 110 |
| 4.1 ONDE DOIS OU TRÊS ESTIVEREM REUNIDOS E FOREM CHAMADOS PELO NOME, AÍ ESTÁ A COMUNIDADE..... | 116 |
| 4.2 RELAÇÃO FÉ E VIDA: A EVANGELIZAÇÃO, A SOPA E O ARTESANATO..... | 121 |
| 4.2.1 Amor político e social..... | 125 |
| 4.2.2 Política e bandeira... Partido e movimentos sociais... .. | 129 |
| 4.3 ENTRA NA RODA COM A GENTE, TAMBÉM. VOCÊ É MUITO IMPORTANTE!..... | 137 |
| OUTRAS CONSIDERAÇÕES (O BOTÃO E O RATO)..... | 144 |
| REFERÊNCIAS..... | 147 |
| APÊNDICE..... | |

APRESENTAÇÃO (DE TUDO FICOU UM POUCO)

O que ficou das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)? Eis a pergunta que movimenta a construção desta dissertação. Reconhecidas por sua capacidade de mobilização popular frente aos desmandos do regime militar e pelo amadurecimento de uma religiosidade permeada pela mística libertária, as CEBs marcaram consideravelmente a história sociopolítica do país, assim como a história de vida de muitos homens e mulheres. Após um período de grande fermentação, mudanças no contexto social e religioso implicaram em rumos pouco animadores para as CEBs. De um lado, a abertura democrática, o enfraquecimento dos movimentos sociais, a subida da esquerda ao poder e a defasagem de seus princípios; do outro, a condenação da Teologia da Libertação, o projeto centralizador do Vaticano¹, o avanço da Renovação Carismática Católica e do protestantismo, traços estes que compuseram a nova conjuntura moderna e que contribuíram com a perda significativa de espaço das CEBs, dentro e fora da Igreja.

Ainda que não compareçam na bancada dos principais jornais televisivos ou no púlpito dos grandes pregadores, as CEBs continuam presentes na memória e na caminhada de alguns (poucos) cristãos católicos. Esse interesse minoritário reflete a atualidade da representação religiosa e política destas comunidades e a resistência da proposta das CEBs nas igrejas locais. O meu interesse em falar sobre as CEBs, por sua vez, segue uma trajetória bem particular. Nasci em Arari, cidade do interior do Maranhão, cujos festejos de Nossa Senhora da Graça e Bom Jesus dos Aflitos sempre arrastaram multidões de devotos. Cresci participando de celebrações de rua e rezas do terço, inserida dentro de um contexto de comunidade. Tais predicativos reportam uma experiência primária de CEBs, onde a vivência de ser igreja e o sentido de comunidade encontram-se mutuamente implicados. A própria configuração das cidades do interior, particularmente no Maranhão, que ainda conservam traços de relações sociais mais estáveis, se constitui favorável para a afirmação das CEBs, diferentemente das cidades grandes, onde o cultivo do espírito comunitário parece sobrepujado pela necessidade de afirmação da individualidade e conservação da privacidade.

¹ “Trata-se do projeto de uma Igreja centralizada (para dentro) e com o intuito de uma presença social forte, compacta (para fora). O eixo aí é a autoridade hierárquica, com seu poder de mando a exigir obediência das bases. Aí a ‘restauração’ interna da autoridade é vista como condição da ‘reconquista’ cristã da sociedade. Mas tanto para fora como para dentro trata-se de uma Igreja ‘autoritária’ ou de ‘poder’” (BOFF, 1996, p. 29).

Apesar da propensa relação entre interior e CEBs, não me lembro de ter ouvido falar de CEBs durante minha vida no interior. Lembro-me, no entanto, de cânticos com conteúdos muito particulares dividindo espaço com os mais modernos louvores ou mesmo ladainhas tradicionais. Neles, se falava do povo e dos pobres marginalizados. Mas foi com as leituras “não oficiais” de Teologia da Libertação que pude oficialmente conhecer as CEBs e dar conta do dinamismo simbólico dos cânticos que eu sempre ouvi e cantei. Na época, já me encontrava em São Luís cursando psicologia e, mais uma vez, foi preciso ir além da oficialidade acadêmica² para conhecer a proposta da Psicologia Comunitária e da Libertação³. As interlocuções entre as CEBs, reconhecidas como extensão prática da Teologia da Libertação, e esta Psicologia Social foram imediatas: a teologia vislumbra a construção de um mundo novo e a psicologia, a transformação da realidade. Qualquer semelhança aqui não se constitui obra do acaso, mas fruto de um movimento crítico, ordenado por um conjunto de aspectos epistemológicos, metodológicos, ontológicos e éticos, ao qual se convencionou chamar de Paradigma da Libertação.

A situação concreta de opressão e subjugação, marca de *nossa* realidade latina, também se encontra implicada nas experiências de construção de um conhecimento que seja, de fato, *nosso* e, portanto, constituído de *nossas* vivências e reflexões. Em meio a esse processo histórico de alienação pelo conhecimento produzido é que surge o Paradigma da Libertação, com o objetivo de construir uma forma de pensar o homem, o mundo, as relações e a vida na América Latina, sem a necessidade de reproduzir ou replicar o conhecimento dominante de outros centros. Sua influência estendeu-se por várias áreas do conhecimento, a citar a Filosofia da Libertação de Enrique Dussel, a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, a Teologia da Libertação de Leonardo Boff (um de seus expoentes brasileiros) e a Psicologia da Libertação de Ignacio Martín-Baró. Entre as três últimas, uma rede de inspirações foi gradativamente tecida: Paulo Freire, ao mostrar o outro lado da história, o lado dos oprimidos, influencia a Teologia da Libertação na busca pela criação do Reino de Deus na Terra, a partir dos pobres. Martín-Baró, jesuíta e psicólogo social, absorve a Teologia da Libertação e faz sua proposta de Psicologia da Libertação ao valorizar as ferramentas dos excluídos no

² A perspectiva cognitivista da psicologia tradicional norte-americana ainda detém grande força no circuito acadêmico brasileiro. Salvo algumas exceções, a visibilidade da psicologia social crítica é baixa devido a pouca formação e produção técnico-científica dentro das graduações.

³ A Psicologia da Libertação surge como alternativa a psicologia social dita tradicional, instaurando a necessidade de um novo redimensionamento teórico, prático e ético na psicologia. Este novo campo adota a América Latina como referência fundamental e propunha-se a ser crítica e ancorada na ênfase no compromisso ético e político e no anúncio da conscientização e da libertação como horizonte de atuação. A Psicologia Comunitária pode ser definida como uma área da Psicologia Social da Libertação (GÓIS, 2005).

processo de mudança social. Desta forma, não há possibilidade de falar da Psicologia da Libertação sem falar da Teologia da Libertação. Nem falar da Psicologia da Libertação sem adentrar a Psicologia Comunitária. Nem falar de CEBs sem qualquer menção aos aportes da Teologia e da Psicologia que trazem a libertação como genitivo.

O mesmo *encanto* que senti em vista da “nova” psicologia, confirmou-se também pela “nova” forma de Igreja das CEBs e sua teologia de base. Nelas, o subjetivo e o objetivo, o religioso e o social, não figuram como mundos dicotômicos, mas enquanto partes de uma mesma realidade, pela qual os sujeitos tornam-se diretamente responsáveis. Nesse sentido, as CEBs se integram aos principais referenciais da Psicologia Comunitária quando incluem os pobres como sujeitos transformadores da realidade. Eles também são responsáveis pela realidade histórico-social e capazes de transformá-la em benefício próprio e da coletividade. Eles são sujeitos históricos e comunitários, como indica a Psicologia (GÓIS, 2005). E essa presença nova, nos termos da Teologia (GUTIÉRREZ, 2000). O destaque das abordagens libertadoras está assim na referência ao protagonismo dos sujeitos e nas CEBs essa visão de homem e de mundo são os fios condutores para uma práxis possível.

Na teologia, particularmente, as CEBs são retratadas de maneira muito assertiva. Não são poucas as referências que mostram a caminhada das CEBs e o seu jeito *encantador* de ser Igreja: “As CEBs são comunidades atuantes socialmente. Em certos lugares são o único canal de expressão e mobilização popular. Organizam abaixo-assinados, trabalhos conjuntos, roças comunitárias, caixas comunitárias, iniciativas de resistência à expulsão das terras, etc”. (BOFF, 1994, p. 215), “assim a comunidade eclesial abre-se ao movimento popular, ajudando a criar ou a fortalecer formas de organização popular autônomas, desvinculadas do Estado e da Igreja” (BETTO, 1985, p. 08). Conceber o homem como um ser inteiro, que além de viver suas crenças e rezar, também assume seus ideais e luta por eles, foi um dos primeiros aspectos que movimentou a construção desta pesquisa. Além do sentido de uma religiosidade libertária, meu interesse em estudar as CEBs parte também da perspectiva comunitária de vivência da fé. E como afirma Montero (2006, p.19-20, tradução nossa): “Efetivamente, o objetivo e o âmbito de ação da psicologia comunitária está constituído pela comunidade, que por sua vez é um grupo social complexo composto por uma intrincada rede de relações psicossociais que geram uma diversidade de consequências”. De fato, as CEBs são um fenômeno complexo e suas consequências não abrangem tão somente suas virtudes e potencialidades. Os conflitos e até mesmo o imobilismo das CEBs aparecem em alguns estudos como parte imperativa de sua caminhada histórica.

Se o *encantamento* pelas CEBs foi predominante durante a construção deste projeto de pesquisa, o desenvolvimento do projeto ao longo do mestrado, do levantamento de novas referências para leitura até as primeiras inserções em campo, tornou-se crucial para o amadurecimento deste trabalho que, apesar de pronto, não está acabado. Nunca estará, tal como as CEBs. Hoje, as comunidades encontram-se em outro momento de sua trajetória, mas sua importância histórica e os impactos de sua experiência não podem ser desconsiderados. Por isso, esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a atualidade das CEBs em São Luís e São José de Ribamar e, diante disso, compreender que aspectos do jeito de ser Igreja e da relação fé e vida, características marcantes destas comunidades, prevalecem ainda hoje. Como a Teologia e a Psicologia tomam a libertação como horizonte primordial e a comunidade como *locus* de desenvolvimento, busquei construir esta dissertação na interface entre as duas categorias – libertação e comunidade – que se encontram presentes, dentro de suas possibilidades e contextualizações, no fenômeno das CEBs.

Estava certa, inicialmente, de que realizaria minha pesquisa com as CEBs do interior do estado, por acreditar que nessas localidades seria possível ir ao encontro das CEBs em seu sentido mais originário. Realizei algumas viagens, em um processo de familiarização com as comunidades e alguns de seus personagens, mas os revezes da vida se tornaram impeditivos para o prosseguimento do estudo, tal como ele fora pensado originalmente. Voltei-me então para a capital e aqui me deparei com as CEBs dentro de um contexto diverso e desafiador: o urbano. Atualmente, a cidade também desafia as CEBs por sua dinâmica diversa (e, para muitos, perversa). Ainda assim, o material recolhido de minhas incursões pelo interior serviu-me como contraponto reflexivo das dificuldades e impossibilidades vivenciadas pelas CEBs nas cidades grandes como São Luís e São José de Ribamar. Além das anotações de campo, recorri também à análise da história de vida dos participantes e das músicas que fazem parte do repertório das CEBs. Complementarmente, fiz uso de entrevista aberta para priorizar a emergência dos diálogos e das percepções trazidas pelos participantes.

Diante da tarefa de pesquisar sobre a atualidade das CEBs me vi frente ao poema “Resíduo”, de Carlos Drummond de Andrade, que agora integra o título desta dissertação. Nele, Drummond sinaliza a certeza de permanência das coisas ao declarar que de tudo fica um pouco. Permito-me então a paráfrase: E se de tudo fica um pouco, por que não ficaria um pouco das CEBs? Quando Guareschi (2004) defende a ideia da subjetividade como o recorte de pedaços específicos de nossas relações, ele está falando exatamente dos resíduos. Resíduos aqui não são restos insignificantes e descartáveis, mas porções imprescindíveis que nos

ajudam a dar sentido a uma totalidade. Esta dissertação tem, pois, um pouco de tudo e está dividida em quatro capítulos.

Os primeiros capítulos têm um pouco de história. Ou histórias, assim mesmo no plural, para ser mais precisa. A princípio, retomo a história das CEBs, a partir das referências de autores como Teixeira (1988) e Mônaco (2012) e de seus apontamentos sobre a origem das CEBs no Brasil e no Maranhão. Em seguida, remonto a história de gente que fez e faz a história das CEBs. Gente como Dona Deusa, Dona Aparecida, Dona Zilda, Dona Remédios, Dona Maria José, Seu Neugin e Seu Lucivaldo, que compõem a base das CEBs em São Luís e São José de Ribamar. Gente que assume uma missão e que é profeta, dentro das suas capacidades e limitações. Aqui eles têm vez, voz e são chamados pelo nome. Por isso, busquei apresentar seus depoimentos de modo extenso, para dar vazão aos sentidos expressos. Ao final dos depoimentos, consta a indicação de sua identidade, expressamente acordada por eles através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – APÊNDICE A – como também de sua comunidade religiosa e de sua comunidade de bairro. A seguinte apresentação foi utilizada para demarcar o entrelaçamento da construção subjetiva de cada participante com o seu lugar de fé e de vida cotidiana.

Os últimos capítulos detêm um pouco de dialética. No terceiro capítulo, tem um pouco de religião, não em sua forma puramente transcendental, mas enquanto possibilidade histórica e cuja efetividade depende das atitudes de quem a pratica. É dentro dessa perspectiva que situo as reflexões de Martín-Baró (1998), precursor do paradigma da libertação na psicologia. Retrato também o sentido da religiosidade assumida pelos nossos profetas, em sua articulação com as CEBs, e o modo como os sujeitos assumem a eclesialidade e seu jeito de ser Igreja. No quarto capítulo, tem um pouco de comunidade, compreendida dialeticamente como um lugar concreto onde a opressão pode ser sentida com toda sua força, ao mesmo tempo em que é também um espaço possível para a conquista da libertação dos sujeitos. Para tanto, parto de algumas reflexões propostas por Sawaia (2007) sobre o caráter sócio-político e utópico desse conceito, além de traçar apontamentos sobre a relação fé e vida nas CEBs e o seu alcance prático na realidade dos nossos profetas.

Em resumo, esta dissertação tem um pouco de tudo. Um pouco de histórias de vida e da história das CEBs. Um pouco de suas músicas e versos. Um pouco de teologia e de psicologia. Um pouco de impressões etnográficas e reflexões teóricas de outros autores da sociologia e da pedagogia, tomados a partir de uma perspectiva histórico-dialética. Também tem um pouco de mim e do que não está nos livros, como diria Drummond.

CAPÍTULO 1

LÁ VEM O TREM DAS CEBs

Lá vem o trem das CEBs caminhando com seu povo, escuta meu amigo, venha ver o que há de novo.

As CEBs estão crescendo se organizam em mutirão, conquistando seus direitos, lutam contra a exclusão, na defesa do pequeno, do pobre trabalhador. Hoje toda humanidade luta contra o opressor.

Como as CEBs têm surgido, eu explico pra vocês, desde a morte de Jesus o pobre nunca teve vez. Com o passar do tempo o povo se organizou, resgatando sua cultura, isto é CEBs sim sinhô!

Comunidade é força se lutamos todos juntos, contra esse tal sistema que aflige todo mundo. Precisamos nos unir acredite meu irmão, CEBs são o povo de Deus buscando libertação.

(MÚSICA TREM DAS CEBs – TEREZINHA DO BREJÃO)⁴

⁴ Fazendo Justiça, Cantando a Profecia. Livro de Canto 13º Intereclesial das CEBs. Juazeiro do Norte-CE, 2014.

Se há uma música muito conhecida e cantada nas CEBs, de norte a sul do país, essa música sem dúvidas é “Trem das CEBs”, da autoria de Terezinha do Brejão. É esta a assinatura que consta nos livros de cantos, jornais, cartilhas, teses, dissertações e demais documentos que reproduzem a letra. Não dispomos de informações adicionais sobre Terezinha para além de seus versos e da indicação de sua naturalidade. Quem foi Terezinha? Como foi sua história com as CEBs? Não temos respostas para essas perguntas, apenas algumas inferências iniciais que nos ajudarão a contar um pouco da história das CEBs pelo Brasil e seu aporte no Maranhão. É daqui que partimos nessa viagem com o “Trem das CEBs”, embarcando junto com os versos de Terezinha.

O Brejão de Terezinha foi um povoado maranhense que em meados da década de 1970 passou a se chamar São Francisco do Brejão, nome posteriormente confirmado com a criação do município. A referência à Brejão sugere que a música tenha sido composta no período de pleno vigor das CEBs pelo Brasil. Isso explica a maneira como Terezinha constrói seus versos: “venha ver o que há de novo”, “as CEBs estão crescendo se organizam em mutirão”. Da mesma forma, eles revelam a concepção das CEBs como “o povo de Deus buscando libertação” e a visão de que a “comunidade é força se lutamos juntos”. São essas representações que sustentam o jeito de ser igreja das CEBs. Jeito compartilhado entre pessoas “pequenas, trabalhadoras” e que lhes permitiram desenvolver um sentimento de pertença em relação à comunidade, seu lugar de fé e de vida.

A expressão que Terezinha cunhou em seus versos, “Trem das CEBs” também é muito representativa, “é esse que é o objetivo do Trem das CEBs, o seu principal objetivo é lutar contra o opressor, contra aquela pessoa que oprime, aquela pessoa que escraviza, trabalho infantil, trabalho escravo, tu tá entendendo?”, explica Dona Zilda da Comunidade Fé em Deus, no Monte Castelo. Não por menos, ela se transformou em símbolo para as comunidades. A figura do trem sob os trilhos reflete a dimensão do movimento, tal como é a caminhada das CEBs desde suas primeiras manifestações. Já os seus vagões correspondem aos encontros nacionais, os chamados Intereclesiais de CEBs, que também trazem à tona a memória da caminhada. É assim que desde 1975 o “Trem das CEBs” percorre o país, já tendo passado por São Luís em 1997 e, em 2014, chegando à cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, onde pôde conectar-se ao seu 13º vagão. Essa retrospectiva dos Intereclesiais é muito bem retratada nos versos que destacamos abaixo. Cada estrofe é um compêndio dos temas e cidades que receberam o encontro e a cada novo Intereclesial um verso novo é adicionado. Uma forma de contar a história, cantando-a.

Movimento que se tomou CEBs em nosso país pela primeira vez, num encontro em que se falava da igreja que nasce pelo Espírito de Deus.

Neste país da América Latina, o trem das CEBs vai aparecer. E cada vagão que se une é sinal que as CEBs vão sempre crescer.

Este mesmo povo sofrido que luta esperando a libertação e coloca a caminho da vida na locomotiva o segundo vagão.

No terceiro encontro se fala de uma vitória através da união da igreja povo oprimido que se organiza pra libertação.

As CEBs que crescem no campo e tem esperança também na cidade de se tornar o fermento que faça crescer nossas comunidades.

O povo em Goiás refletia como ficava a terra prometida. Que seja para o oprimido lugar de trabalho e construção da vida.

Unindo toda a pátria grande e sem ter fronteiras de religião o povo em Caxias buscava de sua própria vida a libertação.

Negros, mulheres e índios, sem-terra e também operários lutando na igreja de Santa Maria, culturas oprimidas vão se libertando.

Querendo ser sal e fermento, uma nova luz e maior comunhão. Ser vida e esperança nas massas, as CEBs se unem lá no Maranhão.

Memória, sonho e caminhada e compromisso com o Reino de Deus, o povo assim refletiu no décimo encontro que houve em Ilhéus.

Em Minas, Espiritualidade libertadora do povo sofrido. Seguir o Cristo Jesus no compromisso com os excluídos.

Partindo para Rondônia ecologia é a reflexão. Do ventre da terra o grito que sai da Amazônia por libertação.

No décimo terceiro no Ceará é forte as romarias estando a serviço da vida, buscando entender justiça e profecia.

(MÚSICA TREM DAS CEBs – PEDRO DE ANDRADE)⁵

Mas, o que ainda temos a dizer desse trem? Da experiência originária de Terezinha lá em Brejão, interior do Maranhão, até as experiências atuais de Dona Deusa, Dona Aparecida, Dona Maria José, Dona Zilda, Dona Remédios, Seu Neugin e Seu Lucivaldo, participantes desta pesquisa e habitantes da cidade grande, um longo caminho já foi percorrido, e a história também é como um trem em movimento. Neste capítulo introdutório, procuramos adentrar os vagões da história que compõe as CEBs no Brasil e no Maranhão sem, contudo, perder de vista os sujeitos construtores dessa história. Vamos seguir alguns dos rastros das CEBs e os trilhos que conduzem esse trem. Veremos onde ele nos levará...

⁵ Fazendo Justiça, Cantando a Profecia. Livro de Canto 13º Intereclesial das CEBs. Juazeiro do Norte-CE, 2014.

1.1 GÊNESE: ELES COMEÇARAM OS DEBATES E VIRAM QUE ERA BOM

No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas. Deus disse: “Que exista a luz!” E a luz começou a existir. Deus viu que a luz era boa. E Deus separou a luz das trevas. (GÊNESES 1, 1-4).

Não existe um consenso entre os estudiosos a respeito do período de surgimento das CEBs no Brasil. Em muitos casos, a necessidade de encontrar uma data de formação precisa, conforme aponta Ruiz (1997), acabou por eleger experiências muito particulares como as primeiras experiências de CEBs. É o caso da catequese popular desenvolvida em Barra do Piraí-RJ, no ano de 1956, que apesar de ter como principal objetivo o combate ao avanço protestante na região, “foi despertando a consciência do povo que, por sua vez, foi desenvolvendo sua consciência” (TEIXEIRA, 1988, p.59), ou mesmo do Movimento de Educação de Base (MEB), fundado em 1961 pela Arquidiocese de Natal em parceria com o Governo Federal, para promover a educação e conscientização das classes populares. Tais experiências são consideradas antecessoras das CEBs ou, como sugere Teixeira (Ibid.), as CEBs herdaram destes e de outros movimentos⁶ suas principais características.

Nesse sentido, os autores – Ruiz (1997) e Teixeira (1988) – preferem traçar os elementos explicativos da gênese das CEBs, contextualizando os principais acontecimentos que teriam favorecido seu surgimento, ao longo da década de 1960. Para eles, as CEBs não surgem em um momento e local determinado, mas em razão do contexto social e eclesial da época. Para Frei Betto, figura atuante no processo de organização de várias CEBs pelo país, entende que “as primeiras surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda, segundo outros” (BETTO, 1985, p. 07). Para Teixeira (1988) é mais do que clara a importância da igreja de Volta Redonda no processo de desenvolvimento das CEBs pelo Brasil, mas em Nísia Floresta encontram-se fundamentos muito significativos que deram vigor à formação destas comunidades e de outros movimentos pastorais naquela época. Conforme analisa o autor, Nísia Floresta não só favoreceu a maior participação leiga na região como serviu de modelo para a organização das CEBs por todo o país, a partir da liderança de inúmeras mulheres. A cidade ganhou destaque por se tornar a primeira paróquia no mundo a ter religiosas em sua direção, as Irmãs de Jesus

⁶ Entre eles, o Movimento de Natal, que investia na formação religiosa dos seus fiéis, em sua alfabetização e na mudança socioeconômica local, e a Ação Católica, especialmente através da Juventude Estudantil, Universitária e Operária Católica – JEC, JUC e JOC respectivamente, que contribuiu decididamente para a atuação crítica do laicato e a articulação de sua fé com a realidade social (TEIXEIRA, 1988).

Crucificado, que desenvolveram um trabalho missionário na região com base nas orientações do Plano Pastoral de Emergência⁷ e do Concílio Vaticano II.

Dona Aparecida da Comunidade Nossa Senhora de Fátima, na Vila Luizão, também traz essa marcação temporal em uma de suas falas, relacionando a trajetória das CEBs com sua própria trajetória: “Engraçado, as CEBs nasceu no ano que eu nasci, em 63, viu? E eu tô vendo que eu tô contando essa história, teve pessoas que já veio, pessoas que já foi, pessoas que ainda continua e eu tô aqui ainda, com 51 ano, mais de meio século, travessei já mais de um ano”. Essa história de mais de meio século das CEBs, perpassada por tantas histórias, incluso a de Dona Aparecida, encontra-se ocasionalmente referida ao Vaticano II, inaugurado em 1962 e considerado o maior acontecimento da história da Igreja nos últimos séculos, por provocar mudanças significativas em sua orientação pastoral, de onde as CEBs surgem como principal fruto eclesiológico.

A dimensão do Vaticano II para as CEBs encontra-se demarcada em vários pontos dos dezesseis documentos produzidos pelo Concílio. Entre eles destaca-se o “*Apostolicam Actuositatem*” – Sobre o Apostolado dos Leigos, um decreto que reconhece a participação dos leigos na missão da Igreja, tanto na transmissão da mensagem de Deus, quanto na inserção do espírito do Evangelho na realidade histórica, agora entendida como produto da ação humana e não mais como desígnio divino, e o documento “*Gaudium et Spes*” – Sobre a Igreja no Mundo Atual que instaura uma verdadeira revolução na maneira de pensar as relações entre a Igreja e o mundo contemporâneo. É a partir do Vaticano II que a Igreja, de modo particular a latino-americana, começa a experimentar uma mudança de orientação em sua linha pastoral.

Do ponto de vista psicossocial, os aspectos mais importantes dessa mudança podem se sintetizar em dois: a) a Igreja católica deixa de definir-se a si mesma em função da autoridade hierárquica para conceber-se primordialmente como um povo, “o povo de Deus”; b) se supera a dualidade entre o sagrado e o profano que fazia da história sagrada um processo paralelo ou superposto à história humana: não há mais que uma história, e à Igreja cabe constituir-se em sacramento de salvação, não só anunciando um céu futuro, mas ajudando a construir uma sociedade mais justa e fraterna no presente (MARTÍN-BARÓ, 1998, p. 269, tradução nossa).

Os impactos deste novo posicionamento foram sentidos com maior profundidade na América Latina, por se tratar de um continente majoritariamente católico, cuja situação sócio-política de seus povos carecia de uma releitura teológica imediata (DUSSEL, 1979). As mudanças em curso, claro, tornaram-se terreno fértil para as CEBs.

⁷ O Plano de Emergência (PE), elaborado e aprovado pela Igreja do Brasil em 1962, propôs o desenvolvimento de uma pastoral de conjunto para estabelecer uma co-responsabilidade entre clero e leigos na execução do projeto de pastoral e nas relações entre Igreja e sociedade.

A nova visão religiosa que colocava o povo de Deus como sujeito principal da Igreja e fazia da autoridade hierárquica um serviço à comunidade de crentes, trazia a exigência de uma participação ativa na vida eclesial. As comunidades eclesiais de base (CEBs) são ao mesmo tempo causa e fruto desta nova visão; em termos dialéticos são seu correlato prático. Em alguns lugares, como Brasil, começam a surgir inclusive com anterioridade ao Vaticano II e Medellín, aos que em parte inspiram (MARTIN-BARÓ, 1998, p. 213, tradução nossa).

Bastaria, portanto, dar vez aos leigos de uma maneira tão generalista? E quanto às mulheres, maioria no laicato? Mesmo em face de uma Igreja feminina, a mulher tem sido retratada na história da instituição como mera espectadora do sagrado e as CEBs marcam essa importante transição para o protagonismo feminino, acompanhada também pela valorização da mulher fora do contexto doméstico, ainda que a ocupação desses novos espaços tenha seus limites bem demarcados. Nem assim o decreto sobre o Apostolado dos Leigos (DECRETO APOSTOLICAM ACTUOSITATEM, 1965) se faz menos expressivo quando se refere às mulheres em seu 9º item: “como hoje a mulher tem cada vez mais parte ativa em toda a vida social, é da maior importância que ela tome uma participação mais ampla também nos vários campos do apostolado da Igreja”. Logo as mulheres começaram a ganhar força nos meios populares, em bairros pobres ou mesmo nas regiões mais isoladas do país.

A literatura teológica sobre as Comunidades Eclesiais de Base, como a das Ciências Sociais, silenciou quase de forma absoluta o fato de as CEBs terem sido, no limite, comunidade de mulheres. Desde o início da criação das comunidades, mulheres leigas e religiosas foram peças-chave na efetivação da nova estratégia pastoral da Igreja. As religiosas ‘foram não somente as mais numerosas (...), mas também, a qualquer outro fator com que possa compará-las, as mais eficazes no estabelecimento de comunidades nos bairros pobres das cidades’ (NUNES, 1985, p. 504).

Entre os depoimentos desta pesquisa, em sua maioria colhidos de mulheres (cinco entre os sete participantes), a presença de outras mulheres, leigas ou religiosas, também comparece de forma marcante. Seja na consolidação das comunidades, como outrora foi em Nísia Floresta, quanto em sua continuidade, há sempre mulheres que se tornam referências, ou mesmo exemplos de vida e de aprendizado para a vivência comunitária.

Falando sobre a existência da nossa igreja que é a igreja Santa Terezinha Menino Jesus, Parque Jair, São José de Ribamar, na verdade, ela surgiu assim: nós tivemos aqui uma visita que foi da Irmã Brígida que, ela faz parte ali do convento das irmãs *obratas* da Forquilha e também do nosso padre Franco, né, que deu um bom suporte para nós, e aí a Irmã Brígida com o irmão padre Franco, junto com a paróquia Nossa Senhora de Nazaré do Cohatrac, aí conseguiu o terreno para construção de nossa capela. Lembrando também que nós tínhamos uma grande irmã que era a Ivaneide, uma das nossas irmãs. Ela, eu posso dizer assim, que ela é uma leiga, mas tem bastante conhecimento da palavra de Deus e nos ajudou muito aqui na nossa capela e que hoje também nos ajuda, sempre está conosco aqui celebrando e fazendo algumas doações aqui também (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

A comunidade continuou crescendo e a gente participando ali cada vez mais ativo e aí sempre com a ajuda da Irmã Josina, claro, que era uma mulher muito guerreira. Eu vejo assim o exemplo dessa Irmã como um exemplo de vida mesmo, porque era uma mulher muito batalhadora e muito corajosa, né, num tinha carnaval triste pra ela [ri]. Ela dizia assim e nunca desistia também, um exemplo de perseverança, ela dizia “Água mole em pedra dura tanto bate até que dura [fura]”, então ela não desistia nunca das coisas, ela insistia nas visitas, nos trabalhos comunitários e assim muito perseverante mesmo. Acho que muita coisa que a gente aprendeu de comunidade, a gente aprendeu com ela (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Consequentemente, a proposta do Vaticano II torna-se referência para a Segunda e Terceira Conferências do Episcopado-Latino Americano (CELAM), em Medellín e Puebla. Neles, a releitura teológica da América Latina assume definitivamente a perspectiva dos pobres, maioria no continente, e sua vocação profética e política. Em Medellín (1968), o método “ver, julgar e agir”, originário dos movimentos de educação popular de perspectiva freiriana, se confirma como importante instrumento integrado aos círculos bíblicos populares e as CEBs, por fim, são reconhecidas como modelo prioritário de organização dos leigos.

A comunidade cristã de base é, assim, o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve em seu próprio nível responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também do culto que é sua expressão. Ela é, pois, célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização e, atualmente, fator primordial da promoção humana e do desenvolvimento (CELAM, 2004, p. 63-64).

Puebla (1979), por sua vez, consolida o sentido de duas grandes expressões que marcariam decisivamente a história das CEBs: a opção preferencial pelos pobres e a libertação integral. Aliás, a opção preferencial pelos pobres se constitui o eixo principal do documento de Puebla, que revela a face dos oprimidos na América Latina: indígenas e afro-americanos, camponeses sem terra, operários, desempregados e sub-empregados marginalizados e aglomerados urbanos, jovens frustrados socialmente e desorientados, crianças golpeadas pela pobreza, menores abandonados e carentes, a mulher, os migrantes, as prostitutas (CELAM, 2009). O ideal cristão da pobreza ou a pobreza como fatalidade e sacrifício, em expiação aos pecados, não mais se sustenta com o agravamento da realidade latina. É um estado escandaloso que estraçalha a dignidade humana e fere o espírito do Evangelho, justamente porque representa a carência de tudo àquilo que o ser humano precisa para viver com dignidade: bens materiais, culturais e também participação social e política. É nesse contexto que, mais uma vez, as CEBs aparecem enquanto caminho possível no rompimento da pobreza e inclusão social e eclesial. Como refere o documento de Puebla, “as CEBs são expressão do amor preferencial da Igreja pelo povo simples: nelas se expressa, valoriza e purifica sua religiosidade e se lhe oferece possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo” (Ibid., p. 205).

Ao retomar o cenário de surgimento das CEBs, vemos que o Rio de Janeiro (Volta Redonda) e o Rio Grande do Norte (Nísia Floresta) se configuram como grandes destaques dessa história. Suas experiências estão lá, relatadas em vários documentos oficiais, aos quais podemos ter acesso de modo imediato. Mas, o que dizem os registros não-oficiais, resguardados em textos corridos, atas ou mesmo na memória daqueles que se fizeram presentes nos movimentos de construção das CEBs brasileiras fora desse eixo?

Nas cartilhas introdutórias ao 9º Intereclesial, realizado aqui em São Luís no ano de 1997, consta que o início das CEBs maranhenses ocorreu nas cidades de Tutóia e Bequimão no ano de 1965, seguidas por Barreirinhas, Urbano Santos, São Benedito do Rio Preto, Santa Rita, Itapecuru e Lago da Pedra, em 1966. Esta informação é confirmada pelo único livro que remonta a caminhada das CEBs no Maranhão⁸. Dois depoimentos confirmam a experiência em Tutóia como o germe destas comunidades. O primeiro, do monge beneditino Marcelo Barros, que contempla as comunidades populares idealizadas pelo Monsenhor Hélio Maranhão e o segundo, do próprio Monsenhor, que reivindica para si, a partir dessa experiência, o título de fundador das CEBs.

Eu me lembro que em 1964 ou 1965, portanto em pleno final do Vaticano II, já se falava de comunidades populares. Não tinham nomes de CEBs, mas tinham o nome de círculos bíblicos, comunidades populares. Em Tutóia, no Maranhão, um padre chamado Hélio Maranhão [...] Uma pessoa muito original, ele começou um jeito novo de organizar na paróquia, o Apostolado dos Leigos. Então ele começava a usar isso, principalmente no interior. E como o Nordeste estava fervilhando os movimentos rurais, as Ligas Camponesas em Pernambuco e na Paraíba e também em outros estados com movimentos semelhantes [...]. Então as CEBs começaram, na minha opinião, na zona rural e em pequenas cidades como Tutóia, no Maranhão (ANDRADE, 2005, p. 10).

Começamos assim. Todos os dias nós tínhamos encontros com o povo para convencê-los de que cada um devia fazer o bem; [...] Isso empolgou a turma. Comecei a visitar as casas. Todos os dias eu visitava uma rua e fazia as seguintes perguntas: você é católico? Você frequenta a igreja? Quais são as lideranças da cidade? E anotava as respostas. Isso durou três meses. Decidi então reunir 116 homens de diferentes povoados num salão. Naquela época padre não podia trabalhar com mulher. O diretório do padre proibia; mulher era considerada perigosa. [...] E com este pessoal fizemos uma semana de estudo sobre a figura do padre. Os 116 aprenderam o que é o padre na comunidade. Depois fizemos um curso de Bíblia. [...] Depois dei a eles um livro de cantos e uma Bíblia e enviei-os aos povoados. Em pouco tempo surgiram 52 comunidades. Em seguida, fizemos um curso sobre a liturgia. [...] Esse era o projeto. Foi assim que nasceram as CEBs em Tutóia e depois se espalharam pelo Maranhão, pelo Nordeste e pelo Brasil. Não havia nenhuma experiência desse tipo e, não há nenhum documento da época que fale das CEBs [...] Repito, havia vários padres que trabalhavam com o social, mas não havia CEBs. Só depois da experiência pastoral de Tutóia é que começaram a surgir CEBs na diocese de Brejo, em Barreirinhas, em Urbano Santos, em São Benedito, em Chapadinha e em outras paróquias (MÔNACO, 2012, p. 90-92).

⁸ O livro intitulado “É bom lembrar: um pedacinho da história das CEBs no Maranhão” da autoria de Carolina Clemens, nomeada coordenadora das CEBs no Maranhão no ano de 1982, é uma raridade.

Para Mênaco (2012), a afirmação categórica do Monsenhor sobre o nascimento das CEBs em Tutóia não se constitui propriamente como uma pretensão pessoal. Ela, na verdade, reflete o sentido da disputa pelo poder sagrado, cuja figura central sempre fora o clérigo. Com isso, “ele quer reivindicar o primado de certo tipo de modelo de CEBs; aquele onde ‘padre é padre e leigo é leigo’ e, é bom que não haja confusão entre os papéis e [...] que as experiências eclesiais que se afastaram do modelo iniciado em Tutóia não são ‘verdadeiras CEBs’” (Ibid., p.92). Nesse sentido, não é difícil imaginar que as CEBs tenham se tornado “problemáticas” para algumas autoridades eclesiásticas, em sua maneira de viver o Apostolado dos Leigos. Como situa o bispo auxiliar da Arquidiocese de São Luís, Dom Geraldo, hoje, bispo emérito: “Muito leigos extrapolaram. Mesmo não tendo um conhecimento profundo, queriam se tornar mini-padres” (Ibid., p. 118).

Os leigos redescobrem sua importância; eles também são sucessores dos Apóstolos na medida em que são herdeiros da doutrina apostólica, co-responsáveis também eles pela unidade da fé e da comunidade. Evidentemente não significa que os bispos percam sua função insubstituível. Importa compreender que a apostolicidade não é característica de alguns membros da Igreja (Papa e bispos) mas de toda a Igreja; e esta apostolicidade é diferentemente participada no seio da Igreja (BOFF, 1994, p. 262).

É assim também que os depoimentos coletados, todos eles fornecidos por leigos, assinalam a presença do padre, ora quando a apostolicidade participada esbarra na dimensão de sua autoridade e de papéis bem definidos, a exemplo de Tutóia, ora quando ele se coloca a serviço da comunidade com o objetivo de fortalecer sua caminhada.

Nós sempre estamos se comunicando com o nosso padre, sempre se comunica com ele e tudo que a gente vai realizar, então chama ele, se caso ele autorizar, a gente procura lutar pra colocar em prática e se caso ele não concordar, a gente não faz, tudo é de acordo com a decisão do nosso pároco. Se caso ele disser não é não, se caso ele disser sim... Quando é não, a gente fica triste, mas [ri] não podemos fazer nada! (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Graças a Deus, os padres que passaram por nós, eles sempre tiveram esse compromisso, de ir até a comunidade, como diz o Milton Nascimento, de ir aonde o povo está, de ir para o povo, comungar com o povo, então eles nunca deixaram na mão, eles colaboram, tem reunião, se tem Nordeste, se tem assembleia, eles tão sempre participando, eles tão sempre dando apoio, nós nunca tivemos o não, sempre o sim (ZILDA – COMUNIDADE FÉ EM DEUS, MONTE CASTELO).

Como se vê, as experiências de Nísia Floresta e Tutóia se estabeleceram a partir de metodologias bastante diferenciadas, quiçá opostas, no que se refere ao processo de fortalecimento dos leigos na Igreja – da presença crucial das mulheres e participação ativa dos leigos em Nísia Floresta à completa ausência feminina e diferenciação das atribuições entre o clero e o laicato em Tutóia. Se pudéssemos abrir o leque mais um pouco e remontar outras

experiências, certamente nos depararíamos com outras formas de desenvolvimento das CEBs, no Rio de Janeiro ou aqui mesmo no Maranhão. Nesse sentido, não há como pensar a existência de um modelo homogêneo e perfeito de CEBs, onde residiriam as “verdadeiras comunidades” e é justamente para demarcar essa multiplicidade que a terminologia indicativa é preferencialmente utilizada no plural, CEBs. Como indica Souza (2004, p. 13): “Prefiro o plural, já que não há uma receita única prefixada”.

Há ainda outras referências ao surgimento das CEBs que não aparecem ligadas ao trabalho de religiosas e padres. Em meio às longas distâncias e a falta de assistência religiosa, muitos leigos buscaram alternativas para alimentar a dinâmica de suas comunidades. Sem um plano pastoral definido e que pudesse ser seguido à risca, as CEBs emergiram também do povo e de suas emergências, a partir da realidade de cada comunidade, com a criatividade e envolvimento de seus agentes. A demanda inicial pelas atividades religiosas acabou provocando implicações mais profundas: os leigos começaram a se reunir para rezar, ler e partilhar a Bíblia, atribuindo vigor próprio as suas celebrações. E o que poderia significar para gente tão simples carregar em mãos o livro sagrado, antes restrito aos padres, e ter acesso direto à mensagem de Deus sem a necessidade de um intermediário? Ao tomarem a Palavra de Deus, pouco a pouco também eles puderam dizer sua própria palavra e ler sua história. Mas, Teixeira (1988) também assinala que as CEBs nasceram tanto por motivações religiosas quanto sociais e que em determinados casos, a motivação inicial para a reunião em comunidade vinha mesmo de uma demanda social.

Logo nos primeiros anos que as CEBs iniciou, né, ela foi criada com pequenos grupos e desses pequenos grupos, eles começaram a fazer alguns debates, viram que era bom pra que eles pudesse lutar para conseguir os seus benefícios que eles necessitavam e aí daí as CEBs começou a evoluir (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Para o Monsenhor Hélio Maranhão, no entanto, as CEBs nascem do religioso e só depois alcançam o social. É esta trajetória que distingue as CEBs de outras comunidades de base comprometidas socialmente. Em suas palavras, é preferível começar pelo humano e evangélico e não pelo social, pois “Muitos agentes eclesiais que quiseram começar pelo social, para depois chegarem ao religioso, nunca chegaram lá, de verdade. Eu, que fundei as CEBs, parti do religioso, tendo claro que sem a mudança das pessoas nada podemos transformar no social” (MÔNACO, 2012, p. 66). Nessa perspectiva, Borges (1998) aponta que a grande maioria das CEBs no Maranhão surgiu como comunidade de culto, regadas inicialmente pela reza do terço e das ladainhas, pelas festas de seus santos e padroeiras, muito

enraizadas, portanto, no catolicismo popular. A partir de 1970, absorvendo a Teologia da Libertação (TdL) e o método “ver, julgar e agir”, parte delas começou a associar suas práticas religiosas às questões sociais, de onde se destacam principalmente as lutas pelas terras, em razão da promulgação da “Lei de Terras do Maranhão⁹” em 1969, que gerou inúmeros conflitos e mortes em várias cidades do estado, como afirma o padre João Maria Van Damme em depoimento: “Muitas lideranças foram presas, algumas foram mortas. Em 1982 em Itaici¹⁰, (eu estive lá como delegado) o pessoal do Maranhão chamou a atenção de todo o mundo, porque muitos dos nossos delegados já tinham sido presos, devido à luta pela terra” (MÔNACO, 2012, p. 113-114).

Esse contexto de envolvimento dos agentes das CEBs com lutas e movimentos sociais, contudo, é um forte ponto de desencontro entre os próprios agentes e, principalmente, entre as autoridades eclesiásticas maranhenses. O depoimento do presbítero da Diocese de Balsas, Franco Ausania, e a carta de Dom João José da Motta e Albuquerque, arcebispo de São Luís de 1964 a 1984, dirigida na época aos seus diocesanos, mostra bem essa dualidade de posições. Como parte de um material sobre política redigido e impresso pelo próprio arcebispo, a carta foi distribuída pelas paróquias de São Luís durante as missas dominicais pelos idos de 1982, e acabou ganhando destaque nas manchetes do Jornal “O Imparcial”.

Essas comunidades nunca dependeram da teologia da libertação. As CEBs nunca foram comunidades ideologicamente definidas e, muito menos, ligadas à ideologia marxista. Ser um membro de uma CEB é uma opção de vida e não uma opção ideológica. (...) É equivocado pensar que as CEBs, desde o seu nascimento, tiveram uma grande sensibilidade sócio-política. E nunca propuseram transformações sociais radicais. Eu não presenciei isto no Maranhão, mas alguns agentes pastorais queriam que isso acontecesse. Isso, inclusive, gerou a desconfiança de alguns bispos em relação à atuação das CEBs. Devemos lembrar que muitos dos nossos pastores queriam evitar que houvesse conflitos agrários e que os membros das CEBs se envolvessem nestas lutas. A igreja do Maranhão não estava preparada para isso. Mesmo assim, os conflitos aconteceram. Por exemplo, em Zé Doca, em Coroatá e Bacabal houve até mortes (MÔNACO, 2012, p.159-160).

Aos caríssimos diocesanos. Oração, reflexão e ação são os pilares da missão da igreja em qualquer setor de atividade, mesmo na política. Quando entram em jogo os direitos naturais e inalienáveis da pessoa humana, a igreja tem direito e o sagrado dever de se fazer presente no processo histórico da construção da pátria, em razão de sua missão profética – missão de quem fala em nome de Deus que criou o homem a sua imagem e semelhança. Cabe a igreja, junto ao povo de Deus questionar aspectos de um sistema político, denunciar o pecado social e alertar contra o perigo de um sistema pecaminoso se constituir a razão de ser do Estado (PEREIRA, 2011, p. 112).

⁹ Conhecida como Lei Sarney de Terras por ser uma das principais medidas de seu governo estadual, a lei buscou concretizar um plano para modernização da agricultura maranhense através da venda de terras públicas a grandes latifundiários do Brasil. Tal favorecimento acarretou a expulsão de muitos moradores de suas terras e a migração crescente para as principais cidades do estado, incluindo a capital.

¹⁰ Corresponde ao 4º Intereclesial de CEBs cujo ano de realização exato é 1981.

Se, por um lado, o depoimento do padre Franco e as palavras de Dom João José da Motta situam o embate ideológico entre os seguimentos “conservadores” da igreja e a mobilização de seus setores “progressistas” em relação à TdL, por outro, conformam-se aos apontamentos defendidos por Leonardo Boff (1994) quanto ao clima de disputa estabelecido em torno das CEBs e a estrutura hierárquica da Igreja. Algumas tensões surgiram, dentre outras motivações, quando as CEBs provocaram o questionamento da dinâmica paroquial centralizadora ao reivindicarem uma participação mais ativa do leigo na igreja, despertando assim a atenção de teólogos e fieis enquanto um modelo possível e alternativo à paróquia, em condições até mesmo de superá-la, proposição que, de fato, nunca se concretizou.

Não existe, portanto, um conflito entre a cúpula da Igreja e as bases ou entre a instituição eclesial e as comunidades eclesiais. Não existe porque vigora uma convergência de ambos os pólos; não existe porque grande parte da instituição eclesial aderiu às comunidades desde cardeais, bispos e párocos. A real tensão existente é entre uma Igreja (a instituição e as comunidades) que optou pelo povo, pelos pobres e por sua libertação e grupos da mesma Igreja (bispos, padres e leigos) que não fizeram esta opção ou não a concretizaram ou persistem em manter apenas o caráter estritamente sacramental e devocional da fé (BOFF, 1994, p. 211).

Ainda assim, as posições dos dois religiosos representam expressões extremas do cenário eclesiástico maranhense. Aos fins da década de 1970, o episcopado do Maranhão seguia uma orientação política moderada que não correspondia nem ao conservadorismo extremado e nem mesmo à Teologia da Libertação (BORGES, 1998). O depoimento de Dom Carlos Ellena, bispo emérito de Zé Doca, exemplifica bem esse posicionamento: “Aqui no Maranhão nunca encontrei bispos contras as CEBs. É claro, porém, que certa leitura da realidade preocupava os pastores. O olhar das CEBs parecia muito vinculado à análise marxista. Isso gerava reações. Mais na Europa do que no Brasil” (MÔNACO, 2012, p. 120). Mas a TdL foi mais popular mesmo entre os padres, uma minoria diga-se de passagem, ainda que significativa. Entre eles, destacaram-se os padres estrangeiros, principalmente os de nacionalidade belga e francesa, formados dentro de um modelo de Ação Católica com forte apelo ao engajamento social. Um exemplo é o padre belga, João Maria Van Damme, cuja chegada na paróquia do Anjo da Guarda “foi relativamente significativa para o desencadeamento do processo de mobilização local” (PEREIRA, 2011, p. 110). O fato é que,

No Maranhão, a Teologia da Libertação não ensejou a constituição de um movimento no seio da Igreja Católica; porém, mesmo de forma dispersa, reconhece-se que houve influências de suas teses junto a algumas pessoas e/ou segmentos; este fato nos permite afirmar, por exemplo, que o empenho em vivenciar a dimensão política da fé religiosa foi uma poderosa força a animar o movimento estudantil em 1978 e 1979 e também se fez presente na maior parte das lutas de caráter popular daquela época (BORGES, 1998, p. 52).

A par de sua influência, os teólogos e demais adeptos da TdL sempre empreenderam esforços em representar as CEBs como comunidades atuantes (BOFF, 1994; BETTO, 1985), embora persistam muitas divergências quanto ao seu compromisso libertador. Aqui, é possível que o depoimento do padre Franco ganhe ressonância quanto às “transformações que alguns agentes pastorais queriam promover no Maranhão”. Nesse sentido, Mônaco (2012) alerta que há um descompasso de discursos e práticas entre os agentes empenhados no projeto das CEBs e que, de fato, poucas pessoas nas comunidades se comprometeram com as causas sociais, seja por cansaço ou mesmo por acomodação. Theije (2002) oferece um caminho para compreendê-lo: o descompasso se apresenta entre o ideal da libertação tal qual é formulado pelos seus idealizadores e a maneira como ele é vivenciado pelos atores leigos, em sua maioria, pobres. Não que os membros das CEBs não tenham condições de compreender os ensinamentos da TdL, o que acontece é a impossibilidade de sua conformação na prática. A autora conclui que existe um ajuste situacional às mensagens religiosas, ou seja, um processo de reflexão para agir ou não conforme as ideias recebidas.

O contexto de violência e as relações de dependência e poder se constituem fortes impedimentos para a luta, afinal, o engajamento social nas CEBs apresenta suas consequências: diversas formas de perseguição e atentados contra a vida de seus membros. Ao terem de lidar com questões que interferem tão diretamente em seu cotidiano, as pessoas optam, muitas vezes, pelo pragmatismo e a busca de resultados mais imediatos, em vez de adotarem estratégias bem definidas que visem resultados em longo prazo. Desta forma, considerar a não ação política como uma falha do projeto das CEBs seria “uma má compreensão do funcionamento do processo político e um descaso do raciocínio do povo” (Ibid., p. 333). Da mesma forma, o medo pode ser um fator determinante para a não-ação e Dom Carlos Ellena explicita bem essa situação: “O medo fala alto no nosso povo pobre. O pobre tem que defender a bóia de cada dia. Tem a preocupação com o dinheiro e com o emprego. Eis que, então, na hora de arriscar de verdade ele não entra” (MÔNACO, 2012, p. 103). O medo de perder a vida também pesa, como bem ilustram as reflexões de Dona Remédios e Seu Lucivaldo.

Acho que é uma coisa normal, né, acaba sendo uma coisa normal a violência, seja em outro bairro ou na periferia é a mesma coisa em relação às drogas, às pessoas que comandam, né, a violência. Infelizmente a gente tem que considerar isso como normal. A gente ignora pra sobreviver. (REMÉDIOS – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Achar que isso tudo é normal não deixa a gente assim, acostumado com a situação a ponto da gente deixar de fazer qualquer coisa que seja possível? (pesquisadora)

Aí tem que fazer que não tá nem aí, pra evitar que corra perigo, mas não é porque ela quer deixar isso de mão, porque ela também trabalha na educação da igreja e a igreja tá sempre orientando pra não, aquelas pessoas não ir pra droga, mostrando a Palavra de Deus pra evitar os problemas de drogas. Ela é uma pessoa que se preocupa muito com isso, mas assim ela fala dessa forma, porque ela também passou por uma crise muito grande, né, essa questão da droga próximo da casa dela, talvez ela ficou até com um pouco de trauma desse movimento de droga e foi muito ruim mesmo! Eu visitava sempre ela, eu via aquela situação ali, num podia falar, não podia dizer nada, porque era perigoso e a polícia às vezes ia lá, olhava aquela causa ali. Então, por isso, a irmã, ela pode falar dessa forma que ela falou (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

A gente considera um problema normal, assim, não quis colocar que é um problema normal para mim, é normal diante da sociedade que nós vivemos, porque infelizmente é um problema muito sério, muito grave, mas ninguém não faz nada, a gente sabe que destrói e a gente acaba também se acomodando, né, às vezes por medo, porque o Evangelho manda anunciar e denunciar, agora a gente anuncia mais do que denuncia, às vezes também nem anuncia, nem denuncia (REMÉDIOS – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Diante disso, alguns paradoxos comuns costumam se revelar nas reflexões sobre as CEBs, ante sua opção (pelos pobres), sua vinculação teórica (com a TdL) e sua metodologia (Ver, Julgar e Agir). De um lado, as críticas em torno da busca por uma libertação histórica e a acusação de que as CEBs se preocuparam sobremaneira com o imanente, esquecendo-se da espiritualidade. De outro, as ponderações sobre as CEBs não terem efetivado mudanças substanciais na realidade e a alusão de que seus membros, de fato, nunca teriam conseguido superar o espiritualismo. Apesar das contradições da caminhada, seria um equívoco considerar que as CEBs não tiveram importância dentro do cenário brasileiro. Da tomada do governo pelos militares em 1960 à ilusão do milagre econômico em 1970, até a abertura democrática em 1980, as CEBs ajudaram a construir uma nova consciência nas camadas populares, em um momento muito crucial para a redemocratização brasileira. Nesse sentido, as tensões do golpe militar e seus efeitos desmobilizantes no movimento sindical, assim como a forte crise econômica e política que provocou o aumento significativo da pobreza, compõem também o germe embrionário das CEBs (TEIXEIRA, 1988). Sem liberdade de associação e diante de uma situação social insuportável, pequenos núcleos de organização ganharam vida no interior das classes populares.

Nesse sentido, as CEBs também foram corresponsáveis pelo surgimento de várias ações políticas e sindicais. O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, a Comissão Pastoral da Terra – CPT e a Central Única dos trabalhadores – CUT, tiveram, em sua gênese, forte presença do cristianismo da libertação protagonizado pelas CEBs (MENEZES NETO, 2007). Seu Neguin, da Comunidade Nossa Senhora do Rosário, acrescenta ainda: “missões populares surgiu das CEBs, as práticas das CEBs da gente celebrar nas casas, a cartilha

orante, essa coisa toda, inclusive a Campanha da Fraternidade surgiu das CEBs, essa preocupação com o social...”. Em São Luís, por exemplo, no bairro Anjo da Guarda,

O trabalho desenvolvido pela CEBs, nesse local, instigou a politização e organização popular que pode ser percebida na existência de formas de organização e contestação, como o Movimento Comunitário Católico do Anjo da Guarda, Associação Itaqui-Bacanga e Conselho Popular da área Itaqui-Bacanga, os grupo de Teatro Grita e clubes das mães (PEREIRA, 2011, p. 108).

Junto às pastorais e demais movimentos populares, as CEBs propulsionaram importantes conquistas nos anos seguintes, entre elas destaca-se a formação do Partido dos Trabalhadores – PT¹¹. Borges (1998) aponta, contudo, que no Maranhão as CEBs não tiveram impacto sobre a fundação do partido, embora muitos agentes tenham se identificado com a proposta, buscando filiação. Essa “opção partidária” das CEBs é retratada, por exemplo, através do Senhor Agenor, agente pastoral de Fortaleza dos Nogueiras, no Maranhão: “Na diocese de Balsas, as CEBs apoiaram o PT, sobretudo, para apoiar os sindicatos rurais” (MÔNACO, 2012, p. 148). Este depoimento revela que grande parte das lideranças do sindicalismo também nasceu nas CEBs e que o apoio ao PT não se deu por conta de uma opção ideológica fundamentada no marxismo, mas por falta de alternativas políticas.

De certa forma, os impactos sobre o campo sócio-político tornam-se tão preponderantes quando se busca enfatizar os frutos das CEBs que, não raro, as cobranças por uma atuação concreta voltam à tona. Marcar de forma decisiva o tecido social brasileiro não quer dizer que sua contribuição só tenha validade ao se refletir nesse contexto objetivo mais amplo. É preciso também tratar do impacto das CEBs nas subjetividades, no que diz respeito à afirmação dos sujeitos na Igreja e na sociedade, como aponta Seu Lucivaldo da Comunidade Santa Terezinha, no Parque Jair: “Então, as CEBs foi um grupo em movimento que me fortaleceu muito, logo após que eu conheci a nossa igreja, eu passei a participar, é, estudar a palavra de Deus e eu conheci as CEBs e me fortalecei, fiquei muito fortalecido!”. Ao se constituírem espaço de encontro interpessoal e desenvolvimento comunitário, inúmeros agentes leigos se desenvolveram, assumindo lideranças dentro da comunidade ou, simplesmente, fazendo valer suas vozes pela primeira vez.

Para medir o seu valor e seus impactos na sociedade, nem sempre os critérios devem ser apenas a “avaliação pelos resultados” ou a sua visibilidade pura e simples, mas são relevantes outros critérios que analisam pelo lado da latência, dado por suas práticas miúdas, pelos lençóis subterrâneos, pelos laços que constroem suas identidades tecendo a rede social que dá solidez à instituição da sociedade (WANDERLEY, 2007, p. 221).

¹¹ BERBEL (1991) e BARBOSA (2007) tratam mais profundamente da presença das CEBs na formação do PT.

1.2 ÊXODO: AS CEBs É COMO SE FOSSE DEUS DESCENDO NO DESERTO

Javé disse: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel” (ÊXODO 3, 7-9).

A definição de CEBs também vem carregada de atravessamentos. Para Teixeira (1988, p. 305), “em torno das CEBs são possíveis diversas caracterizações” que impossibilitam “encontrar uma definição única e abrangente da experiência em curso”. Assim também, a “terminologia utilizada não é homogênea, dependendo muitas vezes do uso do termo ou das condições do lugar”. A ausência de um acordo conceitual reflete as próprias raízes de seu surgimento, à medida que “as CEBs não se constituíram em um movimento nacional igual aos anteriores, mas como uma rede flexível e diversificada de iniciativas de Igrejas locais. Uma CEB de Crateús seria diferente de outra de Goiás, de Vitória ou da periferia de São Paulo” (SOUZA, 2004, p. 31). Já refletimos sobre essas questões anteriormente ao explicitarmos as diferenças metodológicas entre Nísia Floresta e Tutóia. Essa dinamicidade de perfis indica que “nem sempre são Comunidades Eclesiais de Base aquelas que assim são chamadas, como também podem existir muitas experiências desse gênero sem que sejam conhecidas ou chamadas de Comunidades Eclesiais de Base” (TEIXEIRA, 1988, p. 345).

Para identificar possíveis discordâncias existentes no conceito, Frei Betto, que já prestou assessoria às CEBs e Teixeira da equipe ISER/Assessoria (Instituto de Estudos da Religião) preferem analisar separadamente os termos que compõem o nome CEBs: comunidade, eclesial e base. De maneira mais ampla, o uso do termo comunidade faz referência ao caráter coletivo de vivência da fé, o eclesial reflete a ligação da comunidade com a Igreja e a base corresponde ao perfil de seus participantes, geralmente os estratos mais populares de nossa sociedade. Seguindo o critério de reflexão proposto, cabe aqui a exposição de suas definições.

São *comunidades*, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma Igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São *eclesiais*, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidades de fé. São de *base*, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares): donas-de-casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregadores dos setores de serviços, na periferia urbana; na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares (BETTO, 1985, p. 17).

São comunidades pelo fato de reunir pessoas que comungam da mesma fé e que se unem por laços de solidariedade e de compromisso de vida. Estas pessoas se reúnem normalmente em pequenos grupos e de maneira geral pertencem a uma mesma vizinhança geográfica. São eclesiais porque constituídas de cristãos reunidos em razão da fé e em comunhão com toda a Igreja. É justamente este dado eclesial que confere a identidade às CEBs integradas por essas pessoas das camadas populares (TEIXEIRA, 1988, p. 305-306).

Aprofundando um pouco mais a análise dos termos, nos damos conta de outras possibilidades interpretativas. O termo comunidade, por exemplo, é igualmente polissêmico. Na tradição sociológica, a comunidade compreende um tipo de associação construída territorialmente, com base nos laços interpessoais de afetividade, amizade, confiança e partilha. Esta é a concepção apropriada pelos teólogos, entre eles Clodovis Boff (1978), para se pensar as CEBs. Para ele, a noção de comunidade opõe-se à de sociedade, um grupo social mais vasto onde imperam relações secundárias, funcionais, anônimas e interesseiras. Distanciada da influência sociológica, na prática das CEBs é a extensão do discurso bíblico que atinge proporções expressivas em sua construção identitária: as primeiras comunidades cristãs prescritas em Atos dos Apóstolos (2,42-47 e 4, 32-37) são tomadas como referências para a caminhada das comunidades, como explicita Dona Maria José.

As CEBs elas são muito nesse contexto das primeiras comunidades que diz assim e eles repartiam tudo entre si e todos tinham as coisas em comum, né. Pelo menos o objetivo e o pensamento é esse, que sejam unidos e coloquem em comum todas as coisas, né. De vez enquanto a gente faz ela [a leitura] na comunidade, quando o povo tá muito cheio de coisa e tal, aí a gente diz “vamo ouvir um pouquinho aqui o que Ato dos Apóstolos nos diz”. A gente tem que tá inserido de vez enquanto, né, no retrato das primeiras comunidades. Então na comunidade eclesial de base é de acordo com a necessidade de cada um, todo mundo partilhar e acontece essa partilha pra poder... Agora que vai ter essa reforma [da igreja] é com o pouco dessa partilha de cada um que a gente foi guardando e agora vai fazer essa reforma (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

Cabe aqui também situar o conceito, tal como ele é apropriado pela psicologia social comunitária, tão latino-americana quanto a TdL, onde se busca dimensionar a comunidade a partir de seu substrato psicossocial. Demarca-se, com isso, a necessária dimensão da subjetividade e o processo de construção e desconstrução contínuo da comunidade. A partilha de bens dá lugar à partilha de interesses e necessidades e é daqui também que partimos nesta nossa intenção de compreender as CEBs. Nesse sentido, comunidade

[...] também é um grupo histórico-social, que reflete uma cultura pré-existente para o pesquisador; que possui uma certa organização, cujos graus variam de acordo com o caso, com partilha de interesses e necessidades; que tem sua vida própria, para a qual concorre a pluralidade de vidas de seus membros; que desenvolve formas de inter-relação frequentes marcadas pela ação, afetividade, conhecimento e informação. Não deve se esquecer que, como parte de sua dinâmica, essas relações internas podem também levar a situações conflitivas que conduzem a sua divisão, sua desintegração e perda de identidade (MONTERO, 2004, p. 100, tradução nossa).

O uso do termo eclesial nas CEBs, além de marcar a diferenciação em relação aos demais movimentos de base, retrata aquela que é considerada a principal característica das CEBs, sua marca cristã. Primariamente conhecidas apenas como comunidades de base (Vide o documento final da Conferência de Medellín), a introdução do eclesial veio com a Conferência de Puebla e tinha por o objetivo construir a identidade das comunidades de base de acordo com o imaginário da Igreja oficial e criar uma maior identidade entre elas (RUIZ, 1997). Como o próprio Teixeira (1988) reforça, o traço essencial na constituição da identidade das CEBs e que confere pertinência a sua experiência é a dimensão da eclesialidade. Ao tratar da eclesiologia subjacente às CEBs, Leonardo Boff (1994) fala da eclesiogênese.

Primeiramente a comunidade eclesial de base significa mais que um instrumento mediante o qual a Igreja atinge o povo e o evangeliza. É uma forma nova e original de se viver a fé cristã, de se organizar a comunidade ao redor da Palavra, dos sacramentos (quando é possível) e dos novos ministérios exercidos por leigos (homens e mulheres). Há uma nova distribuição do poder na comunidade, muito mais participado, evitando-se toda centralização e dominação a partir de um centro de poder. A unidade fé-vida, Evangelho-libertação se dão concretamente sem o artifício de difíceis mediações institucionais; propicia-se o surgimento de uma rica sacramentalidade eclesial (a Igreja toda como sacramento), com forte criatividade nas celebrações, com um sentido profundo do sagrado, próprio do povo. Está em curso uma verdadeira eclesiogênese, a Igreja nascendo da fé dos pobres (Ibid., p. 29).

A igreja que nasce a partir da fé dos pobres dimensiona o sentido da base nas CEBs, para onde coincide a percepção da base em sua vertente sociológica, isto é, os excluídos do sistema ou, mais apropriadamente, os oprimidos, e da base institucional, pois além de constituírem a base da sociedade, os leigos também são a base da Igreja (BOFF, 1994). Em sua extensão eclesial, base é o lado oposto à cúpula, os desprovidos do poder sagrado e seu uso também identifica as CEBs dentro da Igreja, diferenciando-as de sua hierarquia e estrutura tradicional (RUIZ, 1997). No sentido teológico, base aparece como sinônimo daquilo que é essencial. Utilizando como referência a declaração de Medellín, onde as CEBs são retratadas como a célula essencial e elementar da Igreja, Clodovis Boff (1997) entende a base como celular, elementar e, nas palavras de Dona Zilda da Comunidade Fé em Deus, no Monte Castelo, ela assim também comparece: “Por isso que se chamam Comunidades Eclesiais de Base: comunidade, nós, pessoas, eclesio, igreja e base, o terreno, a comunidade pequena que vai formar outras comunidades e nos oferecer melhores perspectivas de vida”.

Dentro dessa perspectiva, as CEBs representam um jeito de ser Igreja, o que as diferem substancialmente dos grupos da paróquia e demais pastorais particulares. Nas palavras de Dom Xavier Gilles, bispo emérito da Diocese de Viana: “Não são pastorais da igreja. A CEB é uma maneira de ser. Quem pertence à CEB sente a necessidade de lutar para

um mundo melhor. Estes é que formam a corrente das CEBs” (MÔNACO, 2012, p. 103). E, como diria Freire (2005), quem melhor que os oprimidos para sentirem a necessidade de libertação? Enquanto sujeitos sociais negam-lhe o exercício da cidadania. Enquanto cristãos leigos negam-lhe o exercício do poder sagrado. Ao se concretizarem enquanto espaços singulares de evangelização, o novo jeito de ser Igreja das CEBs garantiu a inclusão das classes populares no movimento de renovação da Igreja, como também no conjunto dos movimentos sociais. Por isso, a referência ao Êxodo e à palavra libertação tornou-se tão cara a dinamicidade das CEBs e seu significado.

Tem no Êxodo a passagem do nosso Senhor descendo no deserto, descendo para acudir os oprimidos, ele aparece pro Moisés, uma fumaça que emana uma sarça e ali era o nosso Deus, ali ele foi para acudir os nossos oprimidos e eu sempre digo assim, que as CEBs é como se fosse Deus descendo no deserto, porque ela [CEBs] gosta sempre de tá ao lado dos que mais sofrem, dos que estão precisando, né, e buscando a solução para tirar aquelas pessoas ali daquele sofrimento, é por isso que eu sempre falo no Êxodo [ri] (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Outra caracterização possível sobre as CEBs, especialmente observada no contexto maranhense e defendida entre os seus agentes, é a sua identidade rural. As CEBs, além de absorverem a opção preferencial pelos pobres, se desenvolveram preferencialmente no meio rural, como indica o depoimento do falecido bispo da Arquidiocese de São Luís, Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte. Ele explicita que o contexto rural oferece mais condições para o fortalecimento da vida comunitária, por conta da estabilidade de seus laços sociais, enquanto a vida urbana é marcada pelo isolamento e relações mais frouxas. No interior do interior é mais fácil unir as pessoas e as distâncias físicas não parecem ser impeditivos para o encontro.

As CEBs são muito ligadas ao meio rural, e o Brasil, justamente, nas últimas décadas, tem se transformado, num país urbano. No interior é mais fácil unir as pessoas a partir da fé. Na cidade tudo é mais difícil. [...] As CEBs vingaram onde possível, mas não podiam vingar nas cidades. No Maranhão houve muitas CEBs, porque o Maranhão foi o último dos estados do Brasil a sofrer o processo de urbanização. Na nossa diocese [São Luís], existem CEBs na zona rural. Em Morros, Icatu, Presidente Juscelino, Axixá, Humberto de Campos e Santo Amaro. Sempre ia visitar estas comunidades; até de cavalo ou de pula-pula (trator) (MÔNACO, 2012, p. 102-103).

Seu depoimento demonstra como as CEBs encontraram dificuldades em “vingar” no contexto urbano e traz a Arquidiocese de São Luís como exemplo concreto. A referência para as CEBs do Maranhão, estado com um contexto de desenvolvimento agrário particular, centra-se na zona rural, onde o bispo acompanhou de perto o trabalho das comunidades. A cidade de São Luís sequer é mencionada e nem mesmo as sedes das cidades do interior. Apesar dos os desafios e dificuldades impostos pela cidade, as CEBs adentraram o contexto

urbano maranhense guardando profundas conexões com raízes rurais. Segundo Clemens (1982), o início das CEBs em São Luís se deu com os padres redentoristas na paróquia de São Cristóvão no bairro do Tirirical, no ano de 1969, mas, acrescenta Dom Xavier Gilles: “veja que as comunidades surgidas nos bairros de São Luís eram urbanas só de nome. Praticamente todos os membros das primeiras CEBs tinham chegado à cidade grande há muito pouco tempo (MÔNACO, 2012, p. 78). Em contrapartida ao depoimento do bispo, Seu Neugin destaca a força de algumas CEBs de São Luís em relação ao contexto geral do estado.

As CEBs no João de Deus era muito forte na época, né, foi um dos berços das CEBs aqui dentro de São Luís, as Irmãs Assunção ajudaram a construir as CEBs aqui, então o João de Deus era referência das CEBs aqui. No Maranhão é uma outra história a nível de regional, mas São Luís era aqui (SEU NEGUIN – JOÃO DE DEUS).

Retomando a perspectiva de significação das CEBs, Coutinho (2009) considera que estas comunidades devem apresentar quatro condições para serem reconhecidas. São os chamados “4 C’s” das CEBs: “a) Celebração dominical sem padre (celebração da Palavra com ou sem distribuição da Eucaristia); b) Conselho Comunitário ou equipe de coordenação; c) Círculos Bíblicos ou grupos de reflexão bíblica; d) Compromisso sócio-transformador” (Ibid., p. 190, grifos do autor). Para ele, o compromisso sócio-transformador é aquele que mais se efetiva no cotidiano das CEBs, apesar de não ser sua exclusividade por representar um compromisso de toda Igreja. Para Martin-Baró (1998, p. 271, tradução nossa), as CEBs podem ser sintetizadas “[...] em três características, contrapostas às três formas da religiosidade da ordem: a) a concepção histórica de salvação; b) um compromisso prático frente à ordem social, e c) o caráter comunitário de sua vida religiosa”.

Há que se ressaltar que as características referidas não são parâmetro absoluto para a caminhada das CEBs. Além da variedade de interpretações que a terminologia sugere, muitos estudiosos apontam disparidades quanto ao perfil, dinâmica pastoral e o nível de comprometimento das comunidades com as questões sociais. Enquanto estudos reconhecem as CEBs como espaços de comunhão e participação, Burdick (1998, p. 20) afirma que podem ser “encontrados seis tipos de CEBs, variando de grupos devocionais puramente apolíticos até aqueles que têm iniciativas extremamente engajadas com o aumento da conscientização e ativismo político dos católicos”. Em seu estudo “Procurando Deus no Brasil” ele caracteriza as CEBs na Baixada Fluminense como tendo consciência despertada sem, todavia, estarem engajadas em atividades e movimentos sociais que não dizem respeito às práticas católicas. Ele também cita uma pesquisa realizada na cidade de Vitória – ES, cujo levantamento de

informações com “70 000 membros ativos das CEBs revelou que a maioria permanecia desinteressada em movimentos sociais ou outros assuntos políticos” (Ibid., p. 14).

Essa disparidade também marca a caminhada das CEBs no Maranhão, particularmente na capital do estado. Conforme analisa Borges (1998), as CEBs maranhenses não construíram um movimento expressivo no seio da sociedade civil de São Luís para além do Movimento Contra a Carestia (MCC), uma reação nacional dos movimentos sociais ao mito do milagre econômico e que também foi defendida por alguns setores da Igreja Católica. Apesar dessa perpetração mais aguda, as atividades desenvolvidas pelas CEBs eram muito diversificadas,

indo das celebrações religiosas (batismo, catequese, círculos bíblicos) ao engajamento político em sindicatos, associações, movimentos sociais como o Movimento Contra a Carestia (MCC). Também realizavam visitas a residências e a enfermos, viabilizavam a construção de escolinhas e capelas, cursos da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e campanhas de saúde (BORGES, 1998, p. 80-81).

Os depoimentos do padre Flávio Lazzarini e de Seu Neguin, retratados a seguir, nos oferecem um panorama mais consistente acerca da configuração das CEBs na atualidade, levando em conta as expectativas de identificação entre missão e bandeiras, onde o sentido da luta se faz muito presente, e a realidade de resistência das comunidades e de seus eventos parecidos com as CEBs, diante do novo contexto de desenvolvimento da Igreja e de seus vários grupos. Destaca-se ainda a carência na formação de uma nova militância.

Pessoalmente, porém, eu posso dizer que encontrei comunidades eclesiais de base, no sentido próprio da palavra. E o indicador que eu uso até hoje para ver se são ou não são comunidades de base é essa ministerialidade decidida de baixo pra cima. As CEBs são comunidades de fé e de luta. No passado isso funcionou. Hoje ainda temos CEBs, mas, hoje, as CEBs são mais comunidades de “resistência”. O aspecto de luta faz tempo que se apagou. As comunidades continuam rezando. Os membros continuam se ajudando entre eles; mas foi-se perdendo o aspecto da missão no mundo e para o mundo (MÔNACO, 2012, p.68).

O que a gente não tem conseguido é formar nova militância, primeiro que com esse *mucado* de grupo que chegou na igreja, imagina só, Shalom, Carismática, concumenatos, não sei nem dizer o nome, então é um monte deles e cada um pro seu lado. Então não tem mais essa formação, essa galera toda nas CEBs quando a gente começou, fazia gosto a gente sair daqui, mas se você chegar no interior do estado, qualquer interior desses aqui com o nome de CEBs, a comunidade tá lá inteira, faz eventos das CEBs parecidos, mas as CEBs não tem mais hoje uma bandeira, você vai prum movimento, pruma luta dessa aí de rua, as CEBs não tem uma bandeira lá, aí o cara “Negin tu não é das CEBs?”, “sou das CEBs”, mas as CEBs não tá lá, um grupo das CEBs com uma bandeira “defendo isso” num tá (SEU NEGUIN – COMUNIDADE NOSSA SEHORA DO ROSÁRIO, JOÃO DE DEUS).

A transição das comunidades – de luta para resistência – reflete bem o panorama: Se até a década de 1980 as CEBs gozaram de grande prestígio no conjunto dos movimentos sociais, ganhando atenção da mídia e de muitos intelectuais por seu papel de destaque no

processo de redemocratização do país, o mesmo não se pode dizer das décadas seguintes. As rupturas na caminhada foram levantadas por diversos autores, grupos e mesmo instituições que apontam seu esgotamento. Para Lesbaupin et.al. (2004), o avanço do projeto centralizador de Roma provocou uma desaceleração do compromisso libertador na Igreja latino-americana, alterando significativamente a dinâmica das comunidades. As mudanças no campo religioso, com o crescimento do Pentecostalismo e do Movimento Carismático, também alteraram sua dinâmica e acabaram deslocando o foco de atenção das CEBs, dando a entender que passavam por uma grave crise ou mesmo que estavam desaparecendo.

Mas, as dificuldades encontradas pelas CEBs na década de 1990 não são resultado único da conjuntura eclesial; ela origina-se nos universos, eclesial e social, que se comunicam permanentemente. “Ela é uma crise exógena que provém da sociedade capitalista” (BOFF, 1997, p. 263). Nesse sentido, Teixeira (1998) indica que, além da abertura democrática e do fim da ditadura, a crise no Leste europeu e a queda do modelo socialista, a afirmação do capitalismo neoliberal e os problemas sociais dele decorrentes, como a exclusão e a pobreza, também se tornariam determinantes na alteração do impacto e identidade das CEBs. Lesbaupin et.al. (2004, p.56) completa: “De fato, a crise do socialismo real e, sobretudo, a implementação das políticas de cunho neoliberal e a recessão econômica tiveram importantes reflexos nas classes populares e na capacidade de mobilização de alguns movimentos sociais [...] com os quais as CEBs eram muito articuladas”.

Com o esfriamento dos movimentos populares, as CEBs se descaracterizaram sensivelmente e perderam um espaço significativo de sua presença pública. Em agravamento da crise, surge a decepção com a esquerda e seu governo de situação. Aquela que outrora representava a esperança abortou os sonhos e utopias de boa parte dos militantes cristãos. Pouco a pouco, os membros que tinham se engajado politicamente, se afiliando ao PT, foram se afastando. No contexto eclesial, a perda de força das CEBs também se reflete na condenação da TdL pela Igreja como uma doutrina política disfarçada de crença religiosa. A consequente resistência da ala mais conservadora do clero não deixou às CEBs muitas opções: o isolamento, o estrangulamento ou o enquadramento dentro das estruturas paroquiais tradicionais que, em sua maioria, acabaram por reduzir sua vitalidade política e participativa no conjunto dos movimentos populares.

Com a desarticulação dos movimentos sociais e a falta de um projeto social alternativo, assim como a falta de apoio teológico e hierárquico, as CEBs passaram por mudanças significativas desde 1990. Diante de um quadro político e eclesial desfavorável é

possível então que as CEBs tenham chegado ao fim definitivo? O título do livro de Mônaco (2012), “As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nos discursos dos agentes de pastoral do Maranhão (1964-1989): nascimento e “morte” de um movimento social”, por si só já chama atenção: seria o anúncio da sentença de morte das CEBs? Ao buscar retratar a realidade das CEBs no Maranhão de acordo com o ponto de vista de seus membros, o autor deixa claro que a “morte” de que eles tratam – bem demarcada entre aspas, não corresponde ao término ou desaparecimento definitivo das CEBs, mas à estagnação, diminuição ou mesmo descaracterização política e teológica das comunidades. Para compreender esse processo de declínio, ele apresenta os principais acontecimentos que impactaram profundamente a caminhada das CEBs, primeiro a nível social:

a) o lento e progressivo processo de democratização da sociedade brasileira; b) a proclamação da nova Constituição brasileira, em 1988; c) a rápida ascensão do PT no cenário político; d) o crescimento das Igrejas Pentecostais e Neo-Pentecostais e a explosão da teologia da prosperidade¹² entre os empobrecidos; e) o novo contexto sócio-econômico e as consequências da ideologia neoliberal no país, na década de 1990 (MÔNACO, 2012, p. 160).

Depois a nível eclesial, a citar “a) a mudança no perfil do episcopado brasileiro e latino-americano; b) a explícita condenação da teologia da libertação por parte do Vaticano; c) o avanço dos novos movimentos eclesiais, sobretudo a Renovação Carismática Católica; e d) a volta triunfal do modelo de “igreja institucional” (Ibid., p. 162). E, por fim, situa também os fatos internos às CEBs que compareceram no discurso de seus entrevistados:

a) a diferença, entre os agentes das CEBs, na maneira de entender e realizar esse projeto pastoral e de fixar prioridades operativas para a evangelização; b) falta de formação teológica e bíblica de boa parte dos membros da comunidade de base; c) o fato de que somente poucas pessoas em cada comunidade se comprometeram e se sacrificaram, de verdade, em prol dos empobrecidos. A maioria, cansada de tanta luta e conflitos, ou não realmente identificada com o seguimento de Jesus, preferiu a acomodação. Preferiu não correr riscos; d) o fato que depois de 1990 as CEBs toleraram e misturaram, cada vez mais, no seu interior, projetos teológicos-pastorais e sensibilidades religiosas muito diversas, tornando-se praticamente irreconhecíveis (Ibid., p. 163).

Diante deste panorama, vários são os desafios impostos às CEBs, inclusive naquela que é tida como sua característica mais marcante, a relação Fé e Vida. Como não reduzir a fé a uma vivência contemplativa, de modo que os sujeitos continuem sendo convocados a refletir e agir sobre sua realidade? Como evitar que a emergência de uma vivência pessoalizada e individual não se torne a máxima de uma experiência religiosa que se constituiu

¹² Disseminada no Brasil a partir do final da década de 1970 com o surgimento das igrejas neopentecostais, esta teologia entende que a redenção trazida por Cristo inclui, além do bem-estar físico, a prosperidade financeira.

essencialmente comunitária? A justa medida entre a questão política e a espiritualidade é certamente uma questão cheia de conflitos, ranços de nossa racionalidade dual e moderna. Outra problemática, diz respeito à atualização das CEBs frente às novas demandas surgidas. Elas continuam a fazer a opção pelos pobres, porque embora o conjunto da economia tenha mudado, eles continuam pobres e até mais pobres do que eram antes. É uma opção irremediável e sob a qual se colocam outros gritos de exclusão cada vez mais aprofundados no contexto das mudanças culturais. São novas pautas, reivindicada por novos atores em um contexto sociopolítico renovado, dentre outras coisas, pelo processo de urbanização. Inseridas nas grandes cidades, como as CEBs podem resistir frente a novos e grandes desafios?

No espaço urbano, onde a violência tem classe social, idade e cor, as questões de juventude e o extermínio de jovens, drogas e prostituição, assim como a desigualdade de gênero e raça são marcas tão escandalosas quanto às injustiças no campo. Instaure-se a luta pelos direitos humanos, os básicos e os sociais e há ainda as demandas sobre a sexualidade, sustentabilidade ecológica e pluralismo cultural e religioso. Desde o início da caminhada, as CEBs mostraram-se abertas ao diálogo inter-religioso para além do circuito cristão, reconhecendo e valorizando as matrizes africanas e indígenas. A presença de evangélicos, mães de santos e pajés nos encontros de CEBs é uma realidade instaurada, embora o sonho ecumênico, de fato, permaneça apenas como um horizonte. A inculturação¹³ da fé nas CEBs também se defronta com as exigências da cultura de massa moderna, onde o próprio povo se vê desmembrado de suas raízes. Quando se consegue cultivar a resistência, surgem outras tensões. As celebrações onde a eucaristia e a liturgia ganham sentido para o povo através das experiências de cunho místico e da exuberância de ritos viram alvo de contestações.

Entretanto Souza (2000) em seu artigo, “As CEBs vão bem, obrigado”, nega o declínio das CEBs e afirma sua vitalidade. Para ele, o importante não é a quantidade de CEBs que, por sinal, desde as primeiras estimativas sempre foi imprecisa, ou sua maior ou menor presença na mídia, mas a relevância de suas práticas. Como argumenta Malvezzi (2013, p. 30), assessor conhecido nas CEBs como Gogó: “Para muitos as CEBs não existem mais exatamente porque são invisíveis. Não estão na mídia, não fazem parte da programação das TVs católicas, não produzem dinheiro, não visibilizam o mundo eclesial. Mas, sustentam a caminhada e estão no alicerce das igrejas comprometidas...”. Souza (2000) reconhece as idealizações que cercam as experiências do passado e que a leitura das CEBs, feita no presente, privilegia uma análise

¹³ Embora a palavra não apareça nos documentos do Concílio Vaticano II, onde ganhou impulso, a Constituição Conciliar “Sacrosanctum Concilium” fala sobre a adaptação da liturgia à índole e às tradições dos povos, sugerindo o mesmo sentido que damos hoje ao termo inculturação. Cf. SC 37-40.

verticalizada, a partir da autoridade do magistério e não da vida eclesial concreta, onde as CEBs continuam a ser determinantes. Entre outras questões, ele explicita que as dificuldades e recuos das CEBs soam como um sinal de vida e, por isso, sua sobrevivência nos dias atuais não depende da aprovação que recebem, mas do modo como correspondem a uma necessidade vital e profunda da vida eclesial.

Para Lesbaupin et. al. (2004), a continuidade e vitalidade dos Encontros Diocesanos, Regionais e Intereclesiais, realizados periodicamente, parece indicar que as CEBs permanecem atuantes, embora venham passando por transformações no jeito de ser e de atuar. Por outro lado, o depoimento da agente de pastoral da cidade de Balsas, Terezinha Alencar não parece muito animador: “Hoje temos grandes encontros intereclesiais, grandes assembleias regionais, grandes festas que geram entusiasmo momentâneo e muito papo. Mas diminuiu o engajamento verdadeiro. Hoje, só uma pequena minoria dos líderes das CEBs participa de verdade” (MÔNACO, 2012, p. 105). De toda forma, os Intereclesiais cumprem uma função importante e, em muitos casos, tornam-se verdadeiros divisores de água para as CEBs. O Intereclesial de São Luís, por exemplo, nos fins da década de 1990, comparece como marco para nossos entrevistados. Em sua maioria, nascidos à época do surgimento das CEBs, constam entre suas experiências significativas, inclusive de engajamento oficial com as CEBs, as participações no encontro de São Luís que lhes abriram as portas.

Quando chegou em 97, houve o Intereclesial, o 9º Intereclesial aqui em São Luís e aí também a gente se envolveu, a gente começou a participar, nós já participávamos de um grupo afro também com a ajuda da Irmã Aparecida, que é da mesma congregação, padre Bráulio, Antonio Oblato, participava conosco também, aí a gente já participava desse grupo afro que era um grupo de coreografia, grupo de estudos sobre as nossas origens e aí a gente começou a participar do 9º Intereclesial também por esse grupo. Nas celebrações a gente fazia apresentações, coreografias né, participava das celebrações, nas liturgias, nos momentos de oferta a gente entrava com a nossa coreografia, na entronização da Palavra e começamos a participar mais das CEBs, como CEBs mesmo, a partir daí, né, dos Intereclesiais, foi a partir do 9º que aconteceu na nossa cidade (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

A gente se prepara, num é te dizer que você vai pro Intereclesial que você se prepara, você fica sempre se preparando. Encontros, encontro, encontro, espiritualidade e tudo, que não é dizer assim “ah, tem uma viagem, então Aparecida, você vai, tem uma vaga”, porque nas CEBs é assim, por exemplo, se tu tá participando das CEBs, aí “Adriana tem uma vaga, num sabe como é que vai fazer pra ir, você pode ir?”, aí depois de você entrar, você num sai mais dali de dentro, a não ser que você queira. Por isso que eu te digo, que começou pelo 9º Intereclesial, eu num participei do 9º, mas participei de outras atividades (APARECIDA, COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

A efervescência das CEBs nesse período é, pois, reflexo das mobilizações proporcionadas pelo evento, cujo tema gerador não poderia ser mais consistente. São Luís

tratou da “Vida e Esperança nas Massas” afastadas da Igreja, composto por um conjunto de católicos não-praticantes, que também são importantes para a continuidade das CEBs.

Depois do 9º, a gente começou na nossa paróquia a ter um grupo de inculturação, né, trabalhar essa questão da inculturação nas celebrações, nas liturgias, na comunidade. Continuamos com o grupo afro, não era exatamente um grupo afro, mas era todo na linha afro, eram rodas de formações, tinha vários tipos de formação, de capoeira, de danças afros, de roupas afros, de maquiagem afro, tudo nesse sentido de tá também inculturando, né, dentro da liturgia, dentro das celebrações as nossas descendências africanas e era muito bom. Tinha as chamadas rodas grandes, onde iam todas as pessoas que participavam das oficinas e depois tinham as rodas pequenas que eram mais da organização, dos grupos, das oficinas, os instrutores, as pessoas que coordenavam, né, era um grupo menor, que era mais formativo e as rodas grandes, que aconteciam a cada dois meses. Se não me engana era com todos os grupos, todas as oficinas que participavam desse projeto. Foi um projeto muito bom que acho que durou mais ou menos uns dois anos, depois, não sei exatamente por qual motivo, a gente não conseguiu avançar com esse projeto (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Nos 60 lá por quando eu nasci, nos anos 70, nos anos 80, foi muito forte isso, foi muito forte lá em Balsas, foi muito forte em Pinheiro, em Brejo, foi muito forte em São Benedito do Rio Preto, foi muito forte lá em Urbano Santos, em uma boa parte aqui do Maranhão, tipo em Bacabal, em Coroatá, na sede em São Luís foi muito presente, mais presente foi no tempo do 9º [Intereclesial], que foi fermento na massa, né, o tema. Mas assim, eu não sei se precisa ter mais um Intereclesial no Maranhão, pra poder o pessoal entender, porque no tempo do 9º, aí as coisas até ficou um pouco bem mexido, bem articulado e tal, depois caiu (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

Então a gente conseguia, logo após o Intereclesial, pra não morrer as comunidades eclesiais de base, CEBs, a gente inda conseguia fazer alguns movimentos, Anjo da Guarda era um, Anil era outro, São José de Ribamar também era bom, Paço do Lumiar. Apesar da gente ter articulação, hoje não acabou graças a uma equipe bem pequenininha (SEU NEGUIN – COMUNIDADE NOSSA SEHORA DO ROSÁRIO, JOÃO DE DEUS).

Mesmo com a realização do Intereclesial, segundo reflete Dona Maria José, as comunidades se desarticularam. As reflexões sobre a articulação com as massas não foram suficientes para que as CEBs de São Luís desenvolvessem um trabalho de pastoral adequado com o “restante dos católicos”. De lá pra cá, a organicidade das CEBs deu lugar a sua institucionalização na igreja. É assim que as CEBs comparecem hoje, na organização da Arquidiocese de São Luís, como uma comissão formada por uma “equipe bem pequenininha”, conforme situa Seu Neguin, informação reforçada a seguir por Dona Maria José.

Assim, o que tem? Tem a equipe diocesana de CEBs. Eu só sei que nós temos os pólos principais, com uma pessoa de referência a nível da diocese. Na região do Jambuí, lá pro lado da Vila Embratel, praquela lado de lá, tem a Deusa que é a referência de lá, pra cá eu e Cleomar, né, lá pro Cohatrac é o Seu Tomás, aí tem pro outro lado que é o Seu Neguin mesmo, pro outro lado... Tem Deusa, Aparecida lá do outro lado da Vila Luizão, tem o Jorge, e nós temos o Ramon, o César... Não sei se me esqueci de alguns referenciais a nível diocesano, ah, tem a Silvia, tem a Da Guia, e agora do regional tem aqui de São Luís, eu e a Marta Bispo (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

O trabalho da equipe é articular as comunidades da região, através de encontros de cunho celebrativo e também formativo. De dois em dois meses, uma comunidade é escolhida para acolher a equipe de articulação e participar da programação desenvolvida em conjunto com os representantes locais. O trabalho com essas comunidades, como relata Dona Deusa, reflete de forma significativa o que as CEBs representam no contexto atual das paróquias: há o acolhimento por parte de algumas igrejas locais, mas há também a indiferença dos membros de algumas comunidades, começando pelo próprio padre.

A gente se encontra de dois em dois meses, né, como equipe e também nesses encontros a gente abre para a comunidade. Tá lá a equipe de articulação, mas também a comunidade que a gente visita é convidada a participar. São encontros formativos, às vezes são encontros de animação, às vezes outros encontros assim o tema é aleatório, né, então, a gente se encontra. *E como é a participação das comunidades nesses encontros promovidos pela equipe de articulação?* Tem comunidades que são bastante CEBs que nos acolhe com muita disposição, que são muito participativos, né, às vezes a gente enche o salão, lá o local onde a gente tá fazendo o encontro. Tem outras comunidades que a gente fica muito triste, porque às vezes vai só o representante daquela comunidade e às vezes o padre aparece pra dar um oi e pronto, então há encontros bem participativos da comunidade que acolhe e há encontros que praticamente não tem participação, aí às vezes eu pergunto “mas a gente veio de tão longe só pra gente se encontrar? A gente não pode se encontrar num local mais próximo?” [ri], porque a nossa intenção, como equipe, é estar indo pra comunidade exatamente pra animar aquela comunidade, pra conversar com aquelas pessoas, pra dar formação praquelas pessoas da comunidade e, no entanto, às vezes a gente não tem uma receptividade do povo, então às vezes a gente fica assim meio, meio triste quando acontece isso, mas tem comunidades assim bastante participativas que a gente vai, que tá ali e é muito gostoso e participa mesmo conosco (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Apesar das dificuldades, é essa equipe que tem mantido acesa a memória e o trabalho das CEBs em São Luís. Para Seu Lucivaldo é esse movimento, mesmo pequeno, que dá a eles a oportunidade de compreender os momentos atravessados pela Igreja. Essa Igreja que estava “sedada”, congelada e que agora, com o novo papa “começou a se desenvolver de novo”. O fato de Francisco ter enviado uma carta às CEBs, por razão do último Intereclesial, repercutiu positivamente nas comunidades e deu um novo estímulo para a caminhada. Não por menos: foi a primeira vez na história dos encontros que um papa manifestou seu apoio às CEBs.

Porque a minha visão, de acordo com as CEBs, é, esse movimento que a gente faz fora e aqui mesmo dentro de São Luís, às vezes, parece pouco movimento, mas nós sempre tamos nos encontrando e, se torna grande, porque a gente fica observando o que falta pra igreja desenvolver, porque a nossa igreja parou, porque praticamente a nossa igreja tinha parado, só uns poucos tempos ali que ela começou a caminhar de novo, agora depois do novo papa, ela começou a permanecer em movimento, ela tava parada ali, ela tava sedada ali, eu num sei, um gelo assim em cima, não sei o que era não, mas tava tensa e aí a gente sentia, a gente via que não tava legal, mas graças a Deus que começou a desenvolver de novo, com esse novo papa. (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

CAPÍTULO 2

A VOZ DOS PROFETAS

Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão. Se fecharem os poucos caminhos, mil trilhas nascerão. Muito tempo não dura a verdade, nestas margens estreitas demais, Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais.

É Jesus este pão de igualdade, viemos pra comungar, com a luta sofrida de um povo que quer ter voz, ter vez, lugar. Comungar é tornar-se um perigo, viemos pra incomodar, com a fé e a união nossos passos um dia vão chegar.

O Espírito é vento incessante que nada há de prender. Ele sopra até no absurdo, que a gente não quer ver. Muito tempo não dura a verdade, nestas margens estreitas demais, Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais.

No banquete da festa de uns poucos, só rico se sentou. Nosso Deus fica ao lado dos pobres, colhendo o que sobrou. Muito tempo não dura a verdade, nestas margens estreitas demais, Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais.

O poder tem raízes na areia, o tempo faz cair. União é a rocha que o povo usou pra construir. Muito tempo não dura a verdade, nestas margens estreitas demais, Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais.

(MÚSICA SE CALAREM A VOZ DOS PROFETAS – CECÍLIA CASTILHO)¹⁴

¹⁴ Fazendo Justiça, Cantando a Profecia. Livro de Canto 13º Intereclesial das CEBs. Juazeiro do Norte-CE, 2014.

É desde seu título que a música de Cecília Castilho manifesta perfeita identificação com as CEBs. As correspondências estão por toda a parte: “a luta sofrida de um povo que quer ter voz, ter vez, lugar”, “Nosso Deus fica ao lado dos pobres, colhendo o que sobrou”, “União é a rocha que o povo usou pra construir”, além dos versos considerados subversivos “Comungar é tornar-se um perigo, viemos pra incomodar”. Outro fator de forte identidade resiste em seu verso introdutório “Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão”, construído em torno de duas importantes referências; a primeira, de procedência bíblica, é encontrada em Lucas (19, 40): “Jesus respondeu: ‘Eu digo a vocês: se eles [discípulos] se calarem as pedras gritarão’”; a segunda, corresponde ao eixo freireano de denúncia e anúncio, onde “somente podem ser proféticos os que anunciam e denunciam, comprometidos permanentemente num processo radical de transformação do mundo, para que os homens possam ser mais” (FREIRE, 2005, p. 27-28).

A figura do profeta é então atualizada pelas CEBs, assim como o sentido da profecia. O dom de prever o futuro que é ditado por Deus, agora é capacidade para compreender as determinações da realidade, suscitada por uma curiosidade epistemológica. Por isso, a frase constantemente retomada nas CEBs é tão cheia de significado: profeta é aquele que anuncia e denuncia. Aquele que anuncia uma vida nova e denuncia o que causa dor e sofrimento. Essa dupla tarefa, por sua vez, traz consigo a emergência de um quefazer político e também utópico. É preciso assumir a mudança das estruturas sociais, não mais como uma perspectiva ideal e irrealizável, mas potencial, por revelar aquilo que ainda não é e pode ser.

Para mim, ao repensar nos dados concretos da realidade, sendo vivida, o pensamento profético, que é também utópico, implica a *denúncia* de como estamos vivendo e o *anúncio* de como poderíamos viver. É um pensamento esperançoso, por isso mesmo. É neste sentido que, como o entendo, o pensamento profético não apenas fala do que pode vir, mas, falando de como está sendo a realidade, *denunciando-a*, *anuncia* um mundo melhor. Para mim, uma das bonitezas do anúncio profético está em que não anuncia o que virá necessariamente, mas o que pode vir, ou não. O seu não é um anúncio fatalista ou determinista. Na real profecia, o futuro não é inexorável, é problemático. Há diferentes possibilidades de futuro. Reinsisto em não ser possível *anúncio* sem *denúncia* e ambos sem o ensaio de uma certa posição em face do que *está* ou *vem sendo* o ser humano (FREIRE, 2000, p. 54, grifos do autor).

A profecia parte, portanto, da dor do que o profeta vê, experimenta e sente. Mas, há outras dimensões reconhecidas sob o signo dos novos profetas: a “presença nova daqueles que de fato estavam “ausentes” de nossa sociedade e da Igreja. Ausentes porque de nenhum ou irrelevante significado e sem a possibilidade de manifestar seus sofrimentos, solidariedades, projetos, esperanças” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 15). Todos podem ser profetas quando se encontram implicados na realidade ou em sintonia com as condições de vida dos que mais

sofrem. Trabalhadores, índios, negros, mulheres, jovens e crianças, ao se fazerem profetas, se convertem também em sujeitos ativos, capazes de mudar os rumos da própria história e contribuir com a construção de uma sociedade diferente. O sentido de uma “gente nova” povoa o imaginário das CEBs, especialmente através de suas músicas.

Somos gente nova vivendo a união, somos povo semente de uma nova nação ê, ê. Somos gente nova vivendo o amor, somos comunidade, povo do senhor, ê, ê.

Vou convidar os meus irmãos trabalhadores, operários, lavradores, biscateiros e outros mais. E juntos vamos celebrar a confiança, nossa luta na esperança de ter terra, pão e paz, ê, ê.

Vamos chamar os índios que ainda resistem, as tribos que ainda insistem no direito de viver. E juntos vamos reunidos na memória, celebrar uma vitória que vai ter que acontecer, ê, ê.

Convido os negros, irmãos no sangue e na sina, seu gingado nos ensina a dança da redenção. De braços dados, no terreiro da irmandade, vamos sambar de verdade enquanto chega a razão, ê, ê.

Vamos chamar Oneide, Rosa, Ana e Maria, a mulher que noite e dia luta e faz nascer o amor. E reunidas no altar da liberdade vamos cantar de verdade, vamos pisar sobre a dor, ê, ê.

(MÚSICA BENDITO DOS ROMEIROS – ZÉ VICENTE)¹⁵

Sob a irrupção dessa gente nova é que chegamos aos profetas da atualidade. Pessoas que labutam, mas que também cultivam a esperança de dias melhores em seus corações. No imaginário das CEBs, particularmente, os profetas são aqueles que assumem a causa dos pobres como causa de vida e que, por ela, tendem a ser mortos. Eles se tornam mártires da caminhada e as pedras falarão por ele. Como situa Dona Maria José, da Comunidade Santa Luzia, Vila Riod, a respeito da música que abre este capítulo: “alguém pode querer calar alguém, quando mata uma pessoa das CEBs, a pessoa da vida, lutador, mas alguém depois continua a história, né”. E a continuidade dessa história depende de outras pessoas da vida, outros lutadores e lutadoras que, dentro de suas possibilidades, também assumem a profecia. Talvez eles não tenham o apelo popular dos outros profetas do povo, não assumam papéis de liderança, nem sejam reconhecidos dentro de sua própria terra (MARCOS 6,4), mas carregam consigo a capacidade profética que pode estar sobrepujada pelas condições reais de vida. Por isso, nos referimos aos participantes desta pesquisa como profetas. E quem são nossos profetas? Suas vozes serão mais frequentes a partir de agora, onde começam a partilhar um pouco de suas vidas, de suas histórias, seus anúncios e denúncias. Estamos prontos para escutá-los...

¹⁵ Cantando a Vida e a Esperança. Livro de Canto 9º Intereclesial das CEBs. São Luís-MA, 1997.

2.1 ELES VIVIAM TUDO EM COMUM

Todos os que abraçaram a fé eram unidos e colocavam em comum todas as coisas. Diariamente, todos juntos frequentavam o Templo e nas casas partiam o pão, tomando alimento com alegria e simplicidade de coração (ATOS DOS APÓSTOLOS 2, 44. 46).

Há muitos aspectos que aproximam nossos profetas, além da fé em comum que compartilham com e nas CEBs. Primeiramente, cabe lembrar: eles compõem a equipe de articulação das CEBs em São Luís, exceto Dona Maria José e Dona Remédios. Atualmente Dona Maria José integra a equipe de articulação regional, a Ampliada das CEBs do Nordeste 5, e “difícilmente tem tempo de tá nos encontros na diocese”, segundo relata Dona Deusa, por conta de suas responsabilizações, igualmente ampliadas. Dona Remédios, por sua vez, confessa que “nunca caminhou muito com as CEBs”, apesar de ser catequista e participar das atividades da Igreja em sua comunidade, como muitos de nossos profetas fazem desde sua infância. Foi ajudando na catequese ou nas desobrigas pelo interior que Dona Deusa e Dona Maria José iniciaram sua caminhada na Igreja e, de modo embrionário, nas CEBs. Em suas apresentações iniciais já comparecem alguns elementos que nos permitem estabelecer uma primeira demarcação em relação ao contexto de desenvolvimento destas comunidades, de onde se destaca a leitura e reflexão da Palavra e a presença de padres estrangeiros.

Meu nome é Aldeci Rodrigues Ferreira, popularmente chamada de Deusa, a maioria das pessoas me conheci por Deusa e eu me entendo mais por Deusa mesmo! *Ah, é Deusa [som do “e” aberto]? E eu chamei a senhora foi de Deusa [som do “e” fechado]!* O pessoal geralmente confunde Deusa [é] com Deusa [ê], com Elza... [ri] Então, eu venho de uma família de oito irmãos. E aí, a gente ia todos os domingos à igreja, participávamos, né, quando a gente já entrou na adolescência, eles já botavam pra gente participar mais ativamente, fazendo leituras, botavam pra gente fazer encenação, a gente ia nas comunidades vizinhas, aí eles botavam tipo pra gente fazer é, a reflexão da Palavra, aí a gente ia e estudava bastante a leitura, né, aí quando chegava na celebração a gente fazia o que tinha que fazer, o que tinha preparado e era muito gostoso. Aí, eu acho que por volta dos 12 anos talvez, eu já me interessei a trabalhar mais assim, mais sistematicamente com grupinhos de crianças, né, eu pegava as crianças pequenas, tipo oito a dez anos, e me juntava, tipo um grupo de catequese, não era catequese exatamente que a gente dava o nome, mas eu lia, refletia com elas, animava com elas, ensaiávamos cantos e eles gostavam muito. Era como se eu já fosse uma catequista adolescente, né, participava, isso ia me empolgando cada vez mais, me deixando cada vez mais interessada pelas atividades da igreja e quando jovem também eu continuei participando da comunidade, ajudando sempre nas liturgias, nas celebrações... (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Meu nome é Maria José da Luz Queiroz Carvalho, hoje eu tenho 52 anos e venho de uma família que, de 11 filhos, né, pai e mãe assim com uma dificuldade muito grande na época, vamos dizer assim, lá pelos anos 60 quando eles se encontraram, meu pai vindo do Ceará, minha mãe vindo do Piauí e eles se encontraram no Maranhão, naquela história lá da seca de 58 e foi esse encontro deles aqui no Maranhão e lá pelos anos 59, eles se encontraram por aí, tudo muito jovens, as famílias vindo desses lugares, naquele tempo foi uma loucura, então daí saiu.

Resultado de tudo isso, depois de uma cidadezinha do interior de Vargem Grande viemos pra Vargem Grande, eu ainda bebê. Lá em Vargem Grande foi então a nossa vida. Fiquei morando lá, até vinte e poucos anos, depois já de casada, né, mas lá em Vargem Grande eu tinha uma participação... Lá tem um festejo muito grande que é São Raimundo Nonato dos Mulunduns, né, então eu via aqueles jovens com o padre, os padres que vinham de fora, lá da Alemanha, não sei de onde, participavam lá e levava as pessoas pra tá na igreja, os jovens, alguns adolescentes, então nessa perspectiva eu entrei em um grupo que chamava tipo perseverança, que hoje aqui perseverança é após a crisma ou após a primeira comunhão, mas lá na época eu participava desse grupo chamado tipo perseverança, esse grupo era assim um meio de trazer os jovens pra participar, pra não ficar solto por aí, então eu entrei nesse grupo depois da primeira comunhão que era uma forma de conquistar, de trazer jovens masculinos e femininos pra igreja. Então aí eu comecei andar nas comunidades, sem nem saber direito o que era CEBs, eu num tinha nem noção, então a freira dizia “nós vamos tal dia para desobriga na Vila Isabel, perto de São Benedito do Rio Preto num interior muito longe” então a minha preocupação era como o meu pai e minha mãe iam deixar, né, então, mas aí eu fiquei indo, de vez enquanto a gente ia pruma comunidade, lá ajudava a freira, ela dizia assim se a gente tinha que ver alguma coisa, tava sempre ali inserido, conversava com o povo lá e tal, sempre assim, se precisasse, a gente não sabia o quê, mas tava ali pra ajudar, né, nós que chegávamos era bem recebido lá naquele local, né, onde as festividades aconteciam muito de tempos em tempos, vamos dizer assim. Então, aí eu fiquei nesse grupo por um tempo e depois eu participava, por aí eu fui para o grupo de jovens da comunidade (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

Hoje nossos profetas vivem em áreas urbanas periféricas, principal espaço para o surgimento e resistência das CEBs dentro de cidades como São Luís, é o que reflete Seu Nequin da Comunidade Nossa Senhora do Rosário, no João de Deus: “como é que a gente vai pregar CEBs num condomínio de luxo, se lá nem as pessoas das CEBs num moram lá, como é que é que o condomínio de luxo vai pruma reunião das CEBs lá longe, na Estiva? Num vai! Então nós temos essa dificuldade de difundir as CEBs dentro da cidade”. É diante de uma realidade cheia de contrastes que a vivência comunitária ganha forma e sentido. Nas invasões e assentamentos, que é como se efetiva o processo de ocupação na maioria dessas regiões, os sujeitos também sentem necessidade de apoio mútuo e de prática da fé, como apontam Seu Lucivaldo e Dona Remédios, moradores do Parque Jair na cidade de São José de Ribamar.

Meu nome é Lucivaldo Cruz Silva, nasci num povoado chamado Rosário, município do Maranhão, é cheguei aqui em São Luís do Maranhão, procurei conhecer a nossa igreja católica... A minha chegada em São Luís foi assim: eu vim, eu viajei de Bacuri pra um lugar chamado São Lucas, que é uma praia, aí eu soube que eu estava com um irmão doente aqui em São Luís, aí eu sai de São Lucas e voltei pra Bacuri, de Bacuri eu viajei pra São Luís, na mesma semana, e eu vim morar no Anjo da Guarda, que eu tenho uma tia lá, que mora e tem casa, eu morei no Anjo da Guarda, mais ou menos três meses e de lá do Anjo da Guarda eu mudei pra Vila Palmeira, só que quando a gente saiu do Anjo da Guarda para a Vila Palmeira, a gente foi morar numa área que era palafita, posso dizer assim, em cima da lama, né, a casinha de *taubua* e feita em cima da lama e vinha maré passava por debaixo da casa, a gente viu que não era bom pra gente. Então ali, nesse local da Vila Palmeira a gente não se sentia bem, a gente achava que não era um lugar é, adequado pra gente ter a casa da gente e quando é, eu vi falar sobre o assentamento no parque Jair, eu me dirigi até a Sol e Mar, a Luizão, ali onde eu me encontrei com os líderes que eram responsáveis

pelo assentamento e aí eles me trouxeram até aqui no Parque Jair e daí eu iniciei. Eu cheguei no terceiro dia do assentamento. Eu trabalhava com um pequeno depósito vendendo palha, pau, é, estaca para acertar os terrenos, ajudei muito, inclusive eu era, é, tinha um pouco proteção deles também, porque eu era um dos que ajudavam. Ajudava a fazer as casinhas, ajudava aqueles que não tinha condição de comprar o material, eu vendia pra eles me pagassem o dia que pudessem e, enfim, ajudei da forma melhor que eu pude (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Eu sou de Cajapió, baixada maranhense e lá eu fazia parte da comunidade Nossa Senhora Aparecida que faz parte da paróquia Nossa Senhora das Mercês e lá a gente tinha uns movimentos bons, catequéticos, depois foi crescendo surgindo a juventude, aí depois eu casei, conseqüentemente a gente vai se afastando, devido o tempo vai encurtando, tem que cuidar de menino, tive logo uma filha, aí depois a gente mudou pra cá, a gente veio pro Coroadinho, a gente morou no Coroadinho uns dois anos, foi quando surgiu aqui essa invasão, a gente ficou sabendo que eles tavam vendendo terreno barato, né, logo assim, depois da invasão, eu não vim na época da invasão, vim depois da invasão. A gente veio, conseguiu um terreno aqui, aí até então não existia comunidade, sempre que ia pras reuniões do conselho lá na União de Moradores que na época tinha, eu sempre solicitava ao Carlinhos, né, que na época era o presidente da União de Moradores, falava pra ele a questão de uma igreja católica, porque eu sentia falta. Aí graças a Deus surgiu essa comunidade, ela foi nascendo. A gente tem nossas falhas, lógico né, às vezes não dá pra vim, às vezes, até porque eu moro bem longe da igreja, é uma caminhada lá de casa pra cá, as questões de saúde que às vezes afeta o nosso deslocamento, mas sempre que eu posso tô participando. Eu acho que de toda essa caminhada o ano que eu fiquei mais ausente foi o ano passado, devido problemas mesmo familiares, porque ano passado foi um ano bem turbulento pra mim, aí eu fiquei quase o ano todo afastado da igreja, mas por motivo de força maior, mas eu sempre participei (REMÉDIOS – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

De um lado, a fuga da realidade concreta de pobreza. Do outro, as obrigações e problemas familiares. Em todos eles, a busca por um lugar acessível e digno para se viver dentro da cidade e, também, pela religião, em face das necessidades e falhas assumidas. Mas, a vida de nossos profetas está atravessada por inúmeras outras situações-limites. Para Martín-Baró (2000) o conceito de situação-limite¹⁶ refere-se a uma situação objetiva e histórica, com a qual o sujeito se relaciona dialeticamente, construindo a partir dela uma resolução sintética que pode ter resultados positivos ou negativos. Martín-Baró menciona especificamente a guerra¹⁷ como situação-limite para dar conta de uma situação objetiva que, além de provocar efeitos traumáticos nos sujeitos, também possibilita o desenvolvimento de outras relações ou mesmo de virtudes que, em outras circunstâncias, não teriam surgido:

¹⁶ Analisando as obras de Martín-Baró, encontramos este conceito em dois de seus textos: Guerra y Trauma Psicosocial del Niño Salvadoreño e Guerra y Salud Mental, publicados no livro Psicología social de la guerra: trauma y terapia (MARTÍN-BARÓ, 2000). O contato com a produção de Paulo Freire e sua Pedagogia do Oprimido foi determinante nesse sentido.

¹⁷ O arcabouço teórico construído por Martín-Baró toma forma e se evidencia a partir da sua vivência de situação de guerra. De origem espanhola, ele chega a América Latina e se estabelece em El Salvador, participando ativamente da longa guerra civil que atingiu o país durante 12 anos.

É certo que as situações geradas pela guerra proporcionam oportunidades para que as pessoas deem o melhor de si mesmas com comportamentos altruístas para com os outros, ou que desenvolvam virtudes de solidariedade, tão pouco estimuladas pelos valores do sistema dominante em tempos paz (MARTÍN-BARÓ, 2000, p. 239, tradução nossa).

No contexto das CEBs, a situação-limite com a qual os sujeitos se deparam é a pobreza. Mas não só a pobreza enquanto ausência material. Entre o povo simples, que também é aquele que compõe a maioria nas CEBs, o sofrimento ético-político (SAWAIA, 2001) que surge da situação social de ser tratado como inferior e inútil é marca igualmente profunda. Exploração infantil, discriminação racial, violência doméstica e assédio moral são apenas algumas das tentativas de desumanização que comparecem na trajetória de Dona Aparecida e Seu Negin, por exemplo. Seus depoimentos, tão intensos e carregados de memórias de uma vida dura, flertam com as perspectivas de resignação e submissão.

Eu nasci na cidade de Buriti Bravo, né, uma cidade... Um povoadozinho que era município já de Buriti Bravo que chamava Viçosa. Então lá, a gente tinha uma vida normal, né, brincava, tranquilo, depois papai foi indo mais pra cidade, aí foi morar num terreno, num lugar chamado Jacaré, né, lá papai botava roça e dividia o legume com o dono da terra, então lá papai morou treze ano e eu, quando eu me entendi, eu dizia pra papai “papai eu num vou morar aqui, nem vou criar minha filha aqui!” eu sempre disse isso pra papai “porque eu num vou trabalhar pros outros, num vou trabalhar pra pegar todo o legume e toda lavoura e dá pros outros!”. A gente dividia no meio, as lavouras, era dividido no meio, se fosse farinha, se fosse arroz, se fosse feijão, tudo era dividido no meio, já no ponto ensacado e dava pro dono. Aí depois resolveram botar eu na escola, aí lá eu me zinguei com a professora que a professora me chamou de nigrinha. Eu xinguei a professora também [ri], eu chamei ela de sem vergonha, esculhambei ela, acabei saindo da escola. Só que tinha um fundamento. Por que ela chamou de nigrinha? Porque nós era muito pobre, meu pai era deficiente e sempre teve essa questão de exclusão, sempre teve, né. E por que que eu esculhambei ela? Porque era assim, me chamavam de bruxinha, a gente não tinha uma roupa adequada, num tinha um calçado e então ela deixava avulso as meninas dizer coisa com a gente e quando eu falei, ela num queria, assim, olhar, prestar atenção, né, pra não acontecer esse tipo de coisa. Aí saí do colégio, aí depois fui pra roça com papai, depois da roça, eu panhava arroz com papai, então eu sempre gostei de trabalhar e sempre morei nas casas. Morava lá em casa, mas sempre eu passava dia numa casa, dia na outra, que o pessoal me chamava “ê, dona Zefa”, o nome da minha mãe era Josefa, o pessoal tratava ela como Redonda, “num dá pra tu dá aquela menina magrinha pra ir comigo?”, aí com dez ano eu vim pra cá pra São Luís. Morei ali na Cohama, perto da caixa d’água, aquela caixa d’água grande e estudei um pouco naquele colégio Maria Firmina. A velha sempre botou pra mim trabalhar bastante, o mais triste de tudo, Adriana, é que quando eu cheguei aqui em São Luís, a primeira coisa que ela disse pra mim é que eu não ia estudar, que eu ia era trabalhar, que eu era uma negra muito da preguiçosa. De lá pra cá ela me tratou assim até no dia que eu decidi acabar com aquilo. Então, eu cheguei em Brasília, eu tinha 14 ano, aí eu conheci lá um senhor, lá no condomínio que eu morava lá no Cruzeiro, Cruzeiro Novo que eu morava lá em Brasília, aí ele foi e disse “menina, eu vou te ajudar!”, perguntaram se eu estudava, eu disse não, aí contei porque. Eu sempre gostei de conversar, aí ele disse assim, “pois eu vou te ajudar!”. A prima dele era diretora de uma escola lá no Cruzeiro Novo, aí me colocaram durante o dia. “Olha, eu vou te botar pra ti passar pelo menos esse primeiro período, esse primeiro ano, mas tu tem que passar no final do ano, no final do ano tem que passar” eu entrei no meio do ano e tinha que passar no final do ano pra passar pra segunda série pra eu estudar de noite e assim eu fiz. Fui pro colégio, estudei com todo o sacrifício,

sem poder pegar no caderno porque a mulher não deixava, aí ela dizia que negro não tinha que estudar, aquela coisa, toda aquela exclusão que a gente tinha. Meu cabelo era muito bonito, ela tinha inveja do meu cabelo, não sabia como uma nega tinha um cabelo bonito daquele jeito. Era um monte de coisa assim que me deixava chateada. Quando foi um dia, o velhinho descobriu que ela me batia, aí que quando eu descí, eles me botavam apelido no prédio de 200 km/h porque quando ela dizia assim “vai lá no comércio” eu ia correndo, eu tinha que ir correndo, se eu demorasse eu pegava cascudo, aí tava uma multidão de gente, aí quando eles disse assim “é ela!” aí eu voltei correndo, aí outro correu e disse “não, pêra, para minha filha, a gente não vai fazer mal pra você não, a gente só queremos saber se a senhora te bate”, aí eu já sabia que no Conselho Tutelar, seu saísse de lá pra ir pra uma instituição, eu só ia sair com 18 anos e meu sonho era vir me embora, aí eu disse “não, ela não me bate mais”, aí ele disse “é, mas se ela te bater eu quero saber, porque eu vou botar ela na cadeia”, “não gente, ela não me bate mais” e por isso eu não aceitei a ajuda do pessoal, com medo, mais só que as pessoas me davam roupa, me davam xampu, toda coisa eles iam me dando. Ela olhava e dizia que eu roubava, aí foi quando eu vim me embora, quando eu completei meus 15 ano, já quase 16 ano, aí, ela chamou pra voltar pra São Luís, aí nós voltamo. Quando eu cheguei aqui em São Luís que eu ia comprar peixe, aí, a velha botava pra eu voltar com o peixe ou com a carne, que a carne num prestava, o peixe tava ruim, tinha que voltar pra trocar aquele pedaço de carne que ela não queria. Eu não sei se tu conhece ali da igreja da Cohama até a caixa [d’água] fica longe que só. Aí eu ia, assim sim. Aí eu dizia “mas quando eu completar dezesseis anos eu vou me embora”. Eu já estudava no colégio, já tava estudando, aí eu conheci mais uns amigo, conheci inclusive esse que era o pai da minha filha, era o pai de Kelly Cristina, aí eu tinha mais fortalecimento, porque eu tinha medo de sair. Do momento em diante que eu perdi o medo, aí eu comecei me fortalecer e daí em diante minha vida foi assim. Minha madrinha veio aí me mandou pro interior. Quando eu cheguei lá eu fui contar toda a história pra papai, tudo, era eu contando e papai e mamãe chorando, né, pela situação que eu tinha passado e tudo isso, papai mandava de tudo pra mim, mandava do arroz ao sabão e num aparecia e eu ainda *cumia* humilhada, ela dizia que o trabalho que eu fazia num pagava o sal que eu *cumia*. Aí tudo bem, mas entreguei pra Deus. Adriana, Deus encaminha a gente, por isso que diz assim, Deus escreve certo por linhas tortas, as coisas assim, tantos exames da minha vida, experiências, que eu sei que Deus ele é mais do que tudo pra gente. Aí continuei minha vida pra frente, continuei estudando, aí conheci o pai de Keyla, aí larguei logo de trabalhar. Aí ele prometeu que a gente ia ser feliz, só que a gente só foi feliz até os dois ano de idade, depois ele começou a beber, a querer me maltratar. Adriana, porque eu não aceito ninguém me maltratar. Eu não aceito! Aí quando eu vi que ele tava querendo me maltratar, aí eu partir pra ignorância. Mas eu sempre pedindo a Deus, eu pegava minhas filhas levava pra igreja lá de Santana, lá no São Francisco aí eu levava. Eu morava também em casa de favor, né, isso é uma das coisas, Adriana, que eu sempre tive sorte, sempre encontrei alguém que sempre me ajudou, sempre encontrei alguém que disse “vem cá que eu quero te ajudar”. Aí eu conheci um espírita e ele era louco por mim. Esse pessoal tem um chama pra mim! Aí ele veio e tirou os terrenos aqui da Vila Luizão que foi organizado. Ele pediu pra eu vim aqui que ele disse que queria me dar o terreno. Eu dormia aqui só coberta de papelão. Eu fui buscar papelão lá na curva do noventa de carrinho de mão, aonde vendia carro, onde vende peça de carro, de papelão, nós saímos daqui mais ele sete horas da manhã e voltamo meio-dia, empurrando o carro de mão, ele vinha com um e eu com outro, pra nós *rudiar* a casa, pra não gastar madeira pra não ser derrubada, aí foi o tempo que a Roseana declarou que a Vila Luizão não ia ser mais derrubada. Aí assim eu comecei fazer minha casa. Depois conheci essa pessoa que também participa das CEBs, né, uma pessoa muito ativa nas CEBs, só que depois ela saiu. Ela me disse assim “Aparecida, eu tenho um amigo que é um gerente de um motel e tá precisando de pessoas, vai lá amanhã” Aí eu fui cheguei lá e ele pediu meu currículo. Aí eu disse “Eu posso trazer meu currículo cheio de coisa que eu fiz aqui, mas será que eu fiz isso que eu disse que fiz? Eu quero que se você me quiser que você me aceite assim e eu vou mostrar pra você o que eu sei fazer, aí é o meu currículo!” Eu e mais três entramos lá. Levaram o currículo cheio de coisa, mas não sabia era nada “ah, eu vim aqui pra aprender contigo!”, elas dizia. Adriana,

eu acho, eu sou uma coisa, eu sou uma pessoa, eu sou um cristão e eu tenho o dever de lhe tratar bem e você de me tratar bem, eu acho que você pode ter rios de dinheiro, mas se você não me tratar bem você não fez nada na vida, você pode ser lindo do jeito que for, linda, mas se você for mau educada, pra mim você não é nada! Aí quando chegou um dia ela [a gerente] me gritou, aí eu disse pra ela “baixa meu amor o facho, porque eu joga água nele pra mim apagar, porque esse incêndio teu, comigo não funciona” ela ó, e eu “tu pode ser a dona daqui, tu não tem a obrigação, nem o direito de me tratar mal, fala baixo que eu não sou tua negra, não sou teu macho, nem sou filho teu, fala baixo!” ela baixou o tom, quando ela baixou o tom ela ficou fungando, porque eu não aceitei que ela gritasse, aí quando o dono chegou, elas fizeram a *cavera* de mim pra ele e como sempre você vai com a mentira, eu vou com a verdade. Aí ele chegou com as bochechinhas vermelhas e eu disse “é hoje!”, num tenho medo de cara feia. Aí ele perguntou “Aparecida o que é que tá acontecendo contigo?”, “Comigo? Não tá acontecendo nada, por que você não pergunta o que tá acontecendo com todo aqui? “Por que tu deu pra brigar, agora?”, “Eu, brigar? Eu só respondo as pessoas do jeito que elas merece ser respondido, o senhor que ser respondido bem, com educação?”, “Quero!”, “Pois o senhor me trate com educação, que eu sei lhe responder com educação. Se você me trata com *mau* educação, eu vou lhe responder com mau educação, porque se você pisar no meu calo, eu vou gritar porque vai doer” (APARECIDA, COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Meu nome é Antonio Alves de Souza, sou piauiense nascido numa cidade bonita chamada Piracuruca, no estado do Piauí. Saí de Piracuruca, logo eu saí, fui pro interior num lugar chamado São José do Divino, no Piauí também. Morei uma temporada lá e perdi a minha mãe aos sete anos de idade, aí fui morar com a minha vó. E depois eu... Porque menino de interior era como cachorro, era dado pras pessoas, né, e me deram a algumas famílias até mais ou menos aos treze anos eu vivia aos emboléu nas casas das pessoas, né, praticamente eu fui escravo mesmo. Porque é o seguinte, quando a gente é entregue a uma família, principalmente naquela época e lá no estado em que a gente morava, a gente era mesmo pra fazer tudo, era um escravo mesmo, pilava arroz no pilão, lavava um prato, pegava água num lugar distante, pegava porrada se não fizesse direito, até que um belo dia eu fugi, eu fugi mesmo da casa, saí pela roça que era o quintal da casa, saí num lugar mais ou menos distante e fui atrás do meu pai que também vivia sozinho, morava numa casa de favor, e nesse período tinha umas famílias que morava lá perto, uma fazenda, eu sempre gostei de gado, a gente era pobre, num tinha, mas a gente morava em fazenda, né, e eu fui morar nessa casa, ele num me aproveitou como escravo, mas eu já me identificava, já fazia as coisas tudo que era pra fazer naquela casa, por causa da alimentação, por causa do leite, pra conviver melhor. E naquela época tava em 64, tava as pessoas, desde 58 pra cá, o pessoal do Piauí vinha todo pro Maranhão, até porque o Maranhão era um lugar fértil, era na época, as pessoas iam pro Maranhão, inclusive famílias inteiras naqueles caminhão pau de arara e então um rapaz me perguntou se eu queria vir pro Maranhão, eu disse “eu vou, vumbora!” e simplesmente botei as trouxas na... nem tinha, né, botei minhas roupinhas lá na sacolinha e vim, acompanhei ele. Então eu saí de São José do Divino no dia 22 de setembro de 64, aí cheguei no Maranhão no dia 24 de setembro de 64 e morei uns dias com essa família e lá onde a gente foi morar no Alto Alegre, interior de Bacabal e lá tinha uma família, que tinha uma casa de engenho e eu rapidamente fui pra casa de engenho pra carregar bagaço, pra ajudar encher e aparar a garapa e também pra tomar uma garapinha de graça, né e por lá essa família me adotou, eu me identifiquei com a família e terminei ficando por lá e passou esse período todo, depois vieram me buscar, mas não conseguiram mas me achar e essa família que me trouxe do Piauí não a vi mais, não tenho notícias, também não voltei mais a minha cidade de origem e de lá a gente foi embora pra um lugar chamado Lago Verde no Maranhão, que é perto de Lago Açu, que hoje é Conceição do Lago Açu, lá passamos um tempo, eu já pensava sozinho, andava sozinho, saí de lá prum lugar chamado São José da Verdade e já mais ou menos em 67 eu fui embora pra Bacabal. Daí eu ainda era de menor, 17 anos, fui embora pra Bacabal, lembrando que minha data de nascimento foi 13 de junho de 1950 as cinco horas da manhã. Minha mãe

sentiu as dores de mim, a parteira passou três dias lá me esperando pra nascer e quando a parteira saiu pra atender o outro parto, aí eu nasci. Aí, já em Bacabal, fui trabalhar empregado numa casa, numa sorveteria, pra ter meu primeiro vínculo empregatício e durante o dia eu trabalhava num sítio como jardineiro, pra tomar conta do sítio lá e essa vida passou toda por lá e até que eu sai dessa casa, fui pra casa dos parentes dos meus pais mesmo, lá em Bacabal, eles moravam lá. Eu passei muito tempo trabalhando, saí da sorveteria, saí do sítio, cheguei a ser gerente de uma churrascaria gaúcho que chamava em Bacabal, foi que passou esse tempo todo e em 73-74 eu vim embora pra São Luís e aqui eu arrumei um emprego. Dei sorte, arrumei um emprego em uma sorveteria, onde começou a minha vida dentro da cidade e de lá eu passei por vários empregos e hoje eu tô me aposentando, se Deus quiser, esse ano no mês de junho, julho. Essa foi mais ou menos minha trajetória de vida até hoje (SEU NEGUIN – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, JOÃO DE DEUS).

Para tanto, como retrata o próprio Martin-Baró (1998), amplos setores da população latina, sobretudo os setores socioeconômicos mais baixos, mantêm uma atitude fatalista diante da vida. O fatalismo, conforme situa, “é aquela compreensão da existência humana segundo a qual o destino de todos já está predeterminado e todo fato ocorre de modo inevitável” (Ibid., p. 76). Diante de uma realidade de impotência, a resolução sintética da situação-limite será sempre negativa e, neste caso, ela não poderá ser superada. Resta então resignar-se. Nesse momento, a religião surge como uma possibilidade de consolo diante da imutabilidade do destino. Não é a toa que expressões como “Deus é quem sabe!” ou “Deus quis assim!” são tão comuns. Tais experiências de resignação e submissão, contudo, não reinam absolutas em todas as pessoas, como nos fazem crer Dona Aparecida e Seu Neguin. Mesmo que em determinados pontos de seus depoimentos, a referência à divindade ou mesmo à sorte se façam presentes na ordenação de suas vidas, eles assumem a superação dos limites impostos pela desigualdade estrutural. Deus não mais comparece como àquele que determina a existência humana, mas como quem simplesmente encaminha. Assim, dão conta da opressão que perpassa à realidade “e sempre teve essa questão de exclusão, sempre teve, né”, reconhecem gradativamente seu valor “eu sou uma coisa, eu sou uma pessoa, eu sou um cristão” e tomam as rédeas de sua própria vida “até no dia que eu decidi acabar com aquilo”, em uma mostra de que a identidade de pobre, oprimido e explorado não configura toda sua identidade enquanto pessoa. Esta é também potência de vida onde se manifesta a força do sujeito histórico, capaz de agir e influir no mundo.

Por último, há outro detalhe comum já refletido entre nossos profetas e que constitui um importante ponto de reflexão: o reconhecimento por terem nascido e sido criados em cidades do interior do Maranhão ou do Piauí, de onde Seu Neguin é o único natural. É um caminho possível para se compreender a resistência das CEBs, hoje, em São Luís e São José de Ribamar. Suas vivências de comunidade no interior ajudaram a assumir as vivências de

CEBs na cidade e “fazer o todo” aqui. Dom Xavier Gilles já apontara: “E veja que as comunidades surgidas nos bairros de São Luís eram urbanas só de nome. Praticamente todos os membros das primeiras CEBs tinham chegado à cidade grande há muito pouco tempo” (MÔNACO, 2012, p. 78). É esse movimento de inserção na comunidade, do interior à cidade grande, que procuramos refletir a partir de agora, retratando como aspectos da vida social e religiosa em contextos tão distintos confluíram para a afirmação de nossos profetas nas CEBs.

Um determinado dia, a gente tava numa reunião e nós fomos perguntar, falando nessa coisa de comunidade, lá na Bíblia que era em Atos dos Apóstolos que era “eles viviam tudo em comum e partilhavam tudo e tal”, a gente tava falando “vamo ver aqui de onde que veio cada um” e olha, todo mundo tinha vindo de uma cidade do Maranhão, todo mundo tinha vindo de lá dos interiores pra cá, então eu e Cleomar dizia “isso é que é comunidade, a gente veio de lá e viemos fazer o todo, participar nesse meio aqui” (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

2.2 NO INTERIOR, DIA DE DOMINGO É DIA DE MISSA!

Recebi o catolicismo por herança familiar, como outrora receberam meus pais e os pais de seus pais. A observância da fé entre gerações reflete outra dimensão do religioso em nossa história: o catolicismo enquanto herança cultural e, portanto, parte indissociável desta latinidade que nos identifica socialmente. Apesar da imposição “civilizatória”, realizada sob o signo da cruz e da espada, a colonização religiosa sempre encontrou resistências por aqui. A adoção do catolicismo pelo “Novo Mundo” se apresenta então como “uma encarnação diversa daquela oficial romana” (BOFF, 1994, p. 150) ajustada às tradições vividas pelos povos indígenas, muito antes do “descobrimento”. É desta mescla entre imposição e recusa que se forja a religiosidade popular entre os “conquistados” e é nela também que se encontra sua centelha de rebeldia e independência em relação aos projetos dominantes.

Uma boa parte dos conquistadores ibéricos se sentia portadora de uma missão religiosa: impor a fé cristã, evangelizar na verdadeira fé os povos pagãos do novo mundo. Seria ingênuo pensar que a evangelização constituiu o principal motivo da conquista; mas seria errôneo também ignorar o papel crucial que a expansão religiosa teve, não apenas como justificativa para a conquista de terras e povos, mas também como objetivo socialmente significativo, mobilizador de vontades e energias. De fato, as sociedades que surgiram da colônia ibérica estão fortemente marcadas pelo elemento religioso, tanto pela força social da Igreja institucional como pelo particular dinamismo derivado da religiosidade dos povos (MARTÍN-BARÓ, 1998, 245, tradução nossa).

Assim como eu, outros brasileiros e latino-americanos receberam o catolicismo, sobretudo de suas figuras maternas, presenças substantivas dessa religiosidade. Por interesse de minha mãe, católica fervorosa, fui batizada logo nos primeiros anos de vida e recebi a primeira eucaristia, ainda bem nova. Além de frequentar a igreja nos dias de missa, minha mãe participava de um grupo de oração mariano, bastante tradicional na cidade e formado exclusivamente por mulheres, o Rosário de Maria. Por vezes tive de acompanhá-la e, desde então, a lembrança daquelas senhoras vestidas de branco e apetrechadas com seus terços, entre rezas, ladainhas e cânticos bem antigos, me é muito persistente. Assim como ela, muitas outras mães fizeram: se iam à igreja, levavam junto seus filhos.

A minha mãe sempre foi muito católica e desde pequeno ela nos acostumou a levar pra igreja, a ir pra igreja com ela e a gente já tinha esse hábito. A gente já gostava quando chegava o domingo, porque a gente só ia aos domingos mesmo que tinha celebração da Palavra, e a gente se acostumou e gostava de participar, né, minhas irmãs, meus irmãos nem tanto, porque geralmente os homens são mais difíceis. Meu pai ia, talvez, uma vez por ano na missa, dificilmente ele ia na igreja, mas a minha mãe era assim de carteirinha mesmo, todo domingo a gente ia... (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO)

As lembranças de Dona Deusa, também persistentes, trazem essa referência e acabam por refletir como a transmissão da catolicidade e suas observâncias subsistem enquanto características marcadamente femininas. Responsáveis por famílias numerosas e pelo cuidado e educação dos filhos, o papel da mulher encontrava-se limitado ao exercício da maternidade e o cuidado com o lar. Sem força de expressão no espaço público, elas encontraram na religião um prolongamento de seu espaço doméstico. As próprias representações da fragilidade e sensibilidade femininas aliaram-se perfeitamente às exigências da doutrina religiosa – a oração, a contrição, a abnegação – ao mesmo tempo em que a religião servia como ponto de consolo e restauração para as aflições da vida familiar e conjugal.

Na história da constituição e desenvolvimento da forma feminina de viver a vida religiosa, desde os tempos coloniais até épocas recentes, subjaz a ideia, nem sempre evidente, de que mulheres e homens vivem diferentemente seu apego à religião porque a sociedade e as Igrejas tratam-nos de forma diferenciada e esperam deles e delas comportamentos distintos (PRIORE, 2004, p.482).

Por essa razão, as mulheres foram estrategicamente utilizadas pela Igreja para que, em sua obediência ao casamento e ao discurso católico, fossem as primeiras a desenvolver e fortificar os dogmas da doutrina. “Cabia-lhe ensinar aos filhos a educação do espírito: rezar, pronunciar o santo nome de Deus, confessar-se com regularidade, participar de missas e festejos (Ibid., 2013, p. 13). De uma forma ou de outra, não é raro que as mães tornem-se as

principais figuras de iniciação para os filhos no mundo religioso. Quando não elas, aparecem as filhas, irmãs mais velhas, responsabilizadas igualmente pelo cuidado com os irmãos.

A minha mãe não tinha muito tempo de ir pra igreja, porque nesse tempo com muita criança, tinha que ficar cuidando dos filhos e quando meu pai chegava, então tinha que ter feito a comida, essa coisa toda e tudo muito simples, mas eles eram católicos né, católicos de ir nas festas, nos batizados, nos casamentos e nos interiores. Quando eu tinha 10 anos eu comecei ver a necessidade de... Eu via aqueles meninos indo pra igreja, chamava o nome catecismo né, e eu um dia fiquei querendo saber o que era que eu queria participar... um monte de menino, eu já tinha dez anos, quando eu cheguei lá em Vargem Grande, então fui participar da catequese com as freiras, ela que era catequista e também eu tinha muita vontade de ir pra missa e minha mãe dizia “pra ir tem que levar os meninos tudinho”, então se o problema for esse, arrumava os irmãos e eu ia pra missa com os meninos e lá eu me interessei de ir também pra catequese, fiz primeira comunhão, depois incentivei meus outros irmãos também participarem da primeira comunhão. O meu pai e minha mãe não implicavam que a gente fosse, mas a responsabilidade era minha de ter que levar os meninos, os menores, e cuidar deles e não deixar nada acontecer com eles, eu era responsável [ri] deles. (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD)

Sem poder ser levada pela mãe, comprometida com o cuidado com os filhos e os afazeres da casa e o cuidado com o marido, Dona Maria José chegou à igreja muito mais movida pela sua curiosidade infantil: “então eu participei da catequese, fui pra igreja por esse interesse, essa curiosidade, vontade de ir porque eu achava bonito também, principalmente nas festas assim grande”. O desejo desperto por situações cotidianas simples, “os meninos indo à igreja” e “os festejos bonitos” marcou o acesso de Dona Maria José e seus irmãos à comunidade de fé, dada inicialmente através dos sacramentos do batismo e da primeira comunhão, considerados elementos básicos na vida da Igreja.

Aí então foi assim que eu fui adentrando na vida de comunidade, na participação da igreja, que o primeiro convite foi lá no tempo do batizado, né, mas aí, eu acho que inseriu bem a história do batismo, comecei participar da comunidade, ia pra igreja, participava da catequese, depois fiz a primeira comunhão, já com doze anos, aí depois sempre vindo na igreja domingo (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD).

Outro elemento considerado essencial para a vida da Igreja é a participação na liturgia, especialmente através da missa, onde a presença de Cristo se revela ao crente e o convida a fazer parte da vida plena com Ele, segundo os dogmas cristãos. Dona Maria José expressa esse adentrar na vida da comunidade “sempre vindo na igreja domingo”. O depoimento anterior de Dona Deusa também deixa escapar certas nuances acerca da liturgia católica do tempo de seus pais e como essas vivências marcaram o princípio de sua vida dentro da religião católica: “a gente só ia aos domingos mesmo que tinha celebração da Palavra e a gente se acostumou e gostava de participar, né”. Dona Remédios também confirma essa

catolicidade dos dias de missa vivida no interior do estado, sempre acompanhada dos pais e a dinâmica da catequese que ela tenta efetivar até hoje, como catequista no Parque Jair.

A mamãe e o meu pai, eles só iam na igreja no dia de missa, mas sempre que eles iam, eles não iam e deixavam a gente em casa, eles levavam a gente. Eu sei que era difícil porque também era longe, mas eles iam e levavam tudinho, aquela fileira... Todas as famílias lá eram assim. Lá a gente começou a participar da catequese, então a mamãe se ela não ia pros cultos, mas ela sempre mandava a gente pra participar da catequese, então hoje, até hoje eu tenho essa metodologia aqui, eu sempre falo “olha gente, vamo fazer a catequese num horário que coincida junto com a celebração, para que as crianças da catequese participem da celebração, a celebração é a melhor catequese, né”. Acho que eu trago isso aí de lá, porque lá eu lembro que a gente participava da celebração, logo após a gente ia pra catequese, então era um momento bom, logo era os mesmos colegas da escola, que a escola era lá pertinho, os mesmos colegas da catequese, então era uma coisa a mais na semana né, que preenchia. A gente selava a semana com o domingo, aí de tarde era outra vida, mas de manhã aquilo era sagrado (REMÉDIOS – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

As condições materiais e culturais restritivas da época, as distâncias, privações e demais dificuldades enfrentadas pelos moradores do interior impediam a contiguidade da prática católica no dia a dia; nem sempre a igreja se fazia presente pelas proximidades para alavancar uma participação mais ativa dos fiéis. Ainda assim, o sentimento de ser católico prevalecia. Mesmo sem seguir as orientações da Igreja, conforme reza a cartilha doutrinária, e em muitos casos, sem nem mesmo entender o significado dos sacramentos, a população pelo interior fazia questão de ir à igreja, batizar suas crianças e casar diante do padre, sempre que possível. A religiosidade era vivida como um hábito, mais repetido do que propriamente refletido e, nem por isso, disperso de sentido. Ir à missa aos domingos ou no dia das festas dos santos e padroeiros tornara-se sagrado, em sua forma literal e figurativa, por representar uma demonstração de fé e compromisso inviolável com os santos, com Deus e, principalmente com a Igreja, onde a ligação com o divino se concretiza.

Uma vez ao ano, em nome da fé e do respeito que tinham pela religião instituída, faziam o sacrifício: andavam a pé até a igreja mais próxima para assistir a missa, batizar os meninos, casar ou só mesmo ouvir o padre. “Antes, – descreve Boff (1994, p. 2010) – o povo se encontrava, no interior de nossos países latino-americanos, uma ou duas vezes no ano, quando vinha o padre batizar, fazer os casamentos e anunciar o Evangelho. Sentia-se Igreja só nestes momentos”. A missa uma vez ao ano ganhava ares de atração exclusiva nos povoados onde “não tem muito o que fazer”, capaz de mobilizar moradores, adultos e crianças, e mudar a rotina fleumática do interior. A palavra celebração, recorrente na pragmática católica, não poderia fazer mais sentido nesse contexto: tudo aquilo era uma festa.

Nesses interiores onde eles moravam pra ter uma missa por ano eles tinham que andar um dia, dois dias, pra vim pruma outra cidade, um pouquinho mais próxima, onde ia ter a missa, pra puder lá ter o batizado, o casamento, os sacramentos, que eles na verdade num entendiam muito, mas então tinha um dia de preparação pra fazer tudo isso. O casamento, a pessoa ia pra mais perto ou então dava nome, essa coisa toda, tinha que ter todo um comprometimento né, mas acontecia também, mas era tudo mais dispendioso do que hoje. Agora para a primeira comunhão e para o batismo era desse jeito, eles vinham, tinha um responsável que em outra linguagem nós chamamos dirigente, mas na verdade, como lá ainda não tinha a organização de CEBs, então vamo dizer que era o Seu João ou então a D. Maria, o Seu Paulo, o Seu Pedro, esse era uma pessoa responsável que ia dizer “olha, no dia tal vai ter missa lá no Santa Maria”, vamo dizer assim. Então lá eles faziam uma casa grande tipo um alpendre assim, derrubavam palhas lá e faziam uma casa pra abrigar esse povo pra esse período. Então, a família lá acolhia as pessoas que vinha de mais longe pra preparar. Ia a freira, ia os catequistas, os catequistas na época eram mais senhora, aquelas senhoras que participavam da igreja, então eram escolhidas pra ser a catequista, num tinha muito catequista homem, era mais catequista mulher e a gente vê que até hoje é mais mulheres na vida da igreja... Então as freiras dizia assim, vamo dizer “D. Joana, a gente precisa de uma pessoa pra cuidar, orientar na comunidade tal pra fazer a catequese, nós vamos viajar daqui a um mês, dois meses, três meses, então precisa”. Ia aquela senhora ou aquela jovem ou aquele jovem, porque às vezes os jovens eram mais destemidos, então ia sem muito medo, ia participar e todo mundo colaborava pra acontecer o batismo, então era uma festa, um dia de festa, então quando era no final do dia todo mundo ia embora e uma coisa muito, que isso ficou até hoje, os donos daquela localidade, vamo dizer assim, os moradores, eles preparavam os leitões, as galinhas, os frangos e faziam uma grande comida, uma mesa grande, pro pessoal lá da cidade que vieram pra cá, pra organizar, pra fazer a catequese, batizar os meninos né, pra fazer a primeira comunhão, pra passar um dia diferente com esse povo lá. Então era uma festa... (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD).

Quando era dia de missa era uma festa, todo mundo naquelas ruas de terra. Quando tinha missa era uma animação “ê, a gente vai pra missa hoje!” (REMÉDIOS – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Além da gente gostar [de ir à igreja], era como se fosse uma diversão, a gente tava indo passear, a gente tava indo sair, porque cidade do interior, aliás, povoado de interior que não tem muito o que fazer, então era o motivo da gente sair, passear, de se divertir um pouquinho (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Essa presença forte das mulheres na vida da Igreja, conforme remonta o depoimento de Dona Maria José, ainda é indiscutivelmente significativa, apesar do aumento da participação masculina para além dos cargos eclesiais. Hoje, eles ocupam lugares importantes no laicato e assumem cada vez mais as tarefas da vida religiosa, antes referidas como “coisas de mulher”. São catequistas, se dedicam à oração do terço¹⁸, vão à missa e também auxiliam os filhos na inserção e seguimento do catolicismo, como é caso do pai de Dona Zilda, sua principal referência religiosa no seio familiar.

¹⁸ Um exemplo é o Terço dos Homens, movimento mariano cujo principal objetivo é resgatar a presença masculina na Igreja. Seu Lucivaldo da Comunidade Santa Luzia no Parque Jair relata sua experiência: “o grupo que faz o terço, a gente pensava que não íamos conseguir bastante e hoje a gente tem o grupo do Terço dos Homens aqui na igreja, nós já temos uns doze... Treze homens participam do Terço dos Homens”.

Meu pai ele era muito católico, então com isso eu fui dos filhos, eu fui a única que seguiu meu pai, né. O meu pai ele era tão católico que ele não chamava nem o nome do inimigo, ele chamava pé de pato, bosta de galinha choca... Ele nunca chamava de maneira nenhuma e quem fosse amigo dele num chamasse o nome do inimigo perto dele, de jeito nenhum e com isso eu fui me entendendo com ele e participando da comunidade... (ZILDA – COMUNIDADE FÉ EM DEUS, MONTE CASTELO)

As crenças em torno do que Deus e o diabo representam são traços marcantes desse catolicismo popular desenvolvido com maior propriedade nas regiões rurais do país e absorvido mais timidamente nas periferias e favelas das cidades, não mais com o mesmo vigor de outrora e nem com o mesmo alcance, mas ainda presente, principalmente entre as velhas gerações. O contexto histórico de mudanças no país, atingindo ao seu ritmo os meios rurais e urbanos, impactaria também o campo religioso. Tomemos como exemplo o aumento das construções católicas e a proliferação dos templos de igrejas protestantes tradicionais e renovadas, convivendo lado a lado nesses espaços e que ampliaram substancialmente os “mercados de bens de salvação”, conforme explicita Montes (2012, p. 13), onde os indivíduos “seriam julgados em condição de escolher livremente sua própria religião, diante de um mercado em expansão”. Seu Lucivaldo é o primeiro que aponta essa diversidade a partir de uma breve reflexão sobre o crescimento de outras igrejas, não católicas, em seu bairro.

E hoje a gente se encontra aqui no bairro com muitas outras religiões e o que eu vejo é que as outras religiões, elas se preocupam de construir, os empresários, os irmãos, eu não sei nem o que eu estou falando, se estou falando corretamente, mas o certo é que eles constroem um templo rápido, né, e aí eles se preocupam sempre de buscar os irmãos para aquele templo (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Dona Remédios explicita também as condições dessas construções católicas com base na vida do interior e sua iniciação na cidade: “depois chegou um padre lá, um padre que ele é de Natal, padre Cícero, ele até deixou a batina, ele chegou lá na paróquia de Cajapió e construiu várias capelas nas comunidades mais distante, inclusive nós fomos beneficiados com uma, que essa ainda existe lá até hoje”. Capelas simples e pequenas começaram a ser erguidas pelos interiores a fora, mediadas pelos padres, enquanto o crescimento de algumas comunidades nas zonas urbanas exigiu o estabelecimento de novas capelas, improvisadas de taipa e palha, a partir da mobilização dos moradores.

Hoje pra gente tá bem melhor, porque antes era mais difícil, quando eu comecei aqui, na época, eu lembro que a gente ia andando porque não tinha ônibus, a gente ia pro Parque Vitória, os meninos tudo pequenininho, Seu Lucivaldo na época também caminhava com a gente, com os dele ainda pequeno, a gente ia andando daqui pro Parque Vitória, pras reuniões, pros encontros, porque a gente não tinha transporte e hoje não, hoje, graças a Deus, não temos aquela linha de ônibus que a gente queria, mas a gente já tem uma melhor locomoção. Aí graças a Deus surgiu essa comunidade, ela foi nascendo. As primeiras reuniões eram lá perto da minha casa,

eu participei umas duas ou três vezes só, depois não sei mais pra onde já tinha ido. Aí perdi o contato com as irmãs, que na época a gente não tinha celular, né, aí depois já de um bom tempo foi que eu fui começar de novo aqui. Aí a nossa igreja era de taipa, bem humilde mesmo. Você tá vendo humildade hoje, mas naquele tempo que era humildade! (REMÉDIOS – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Se, por um lado, a dimensão da liturgia e dos sacramentos ganha uma nova configuração no contexto paroquial, como aponta Dona Maria José “hoje já tem, em cada paróquia tem o seu setor maior, depois tem as comunidades, tem preparação pra tudo, faz uma parte, depois o outro vai terminar de finalizar na matriz, mas é tudo muito mais fácil”, em alguns povoados e lugares mais afastados da zona urbana as missas ainda prevalecem sendo realizadas uma vez ao ano, como acontecimento extraordinário, e a religião nesse meio ainda pode ser vivida como um acontecimento temporal.

É como muitas cidades pequenas, até hoje ainda é assim, a missa é de uma vez no ano, duas vezes por ano, nos festejos grande e lá também era assim [na cidade do interior de Vargem Grande], apesar de ser a cinquenta anos atrás, cinquenta e poucos, era desse jeito. A evolução em alguma coisa foi bom, em outros ainda continuou porque nas cidades, inclusive aqui no Maranhão, pra cá perto aqui de nós mesmo, aqui em São Luís tem lugar que a missa é duas vezes por ano, nessas redondezas mais longe aí, então a gente vê que alguma coisa teve avanço, alguma coisa ficou estagnada, né. (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD).

A referência aos pais na transmissão da catolicidade, muito conformada ao hábito de ir à igreja, as vivências da infância e juventude no interior, cujas memórias encontram-se perpassadas pela igreja e também pelo contexto rígido de criação, caracterizado pela pouca liberdade e exigências quanto à obediência dos filhos, são algumas das representações trazidas por nossos profetas na construção de suas marcas subjetivas e no modo como refletem o desenvolvimento da prática católica hoje, no contexto da cidade. Esses resíduos, conforme relatam nossos profetas, referenciam também sua identidade pessoal e social, assim como sua permanência e continuidade na caminhada da comunidade e da igreja.

Porque lá na cidade, o meu pai tinha muito aquela... Que Deus o tenha, né! Tá falecido hoje, até agradeço as orientações muito dele, não tenho nada que reclamar, porque ele era um pouco rude de um lado, mas me ajudou muito a ser hoje a mãe de família, a esposa, a pessoa da comunidade que eu sou, na vida, né, eu agradeço muito a ele... (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD).

Eu acho que meus pais, todos nós aqui tivemos pais mais rígidos, meus pais eram assim. Filha caçula de onze irmãos, então meus pais eram bem rígidos, a gente não tinha essa liberdade toda que tem hoje... Então minha vida hoje, eu acredito que se eu não tivesse tido essa infância, essa juventude eu acho que talvez eu não daria valor (REMÉDIOS – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Por outro lado não se pode esquecer que a presença da Igreja legitimada através de seus padres, freis e freiras também desempenharam função importante na transmissão da catolicidade pelos interiores. Um de nossos profetas, Seu Neugin, estabeleceu esse vínculo com a Igreja quando recrutado para auxiliar os clérigos como sacristão.

Quando criança, sabe que no interior tem aqueles padres, é mais fácil igreja católica do que igreja evangélica, né, e naquele período tinha lá em Piracuruca, um padre, eu não sei bem a congregação deles, até porque eu não me ligava nessas coisas, mas nós tínhamos o Monsenhor Benedito, tínhamos o frei Olavo e o frei Ximenes, hoje pensando assim, imagino que eles eram capuchinhos, né, e eles viviam constantemente celebrando lá no São José, que eles faziam desobriga, né, nesse povoado e eu me adaptei muito com eles, passei a ser ajudante da igreja, quase fui sacristão, naquela época não era coroinha, era sacristão mesmo, às vezes ajudava a tocar o sininho lá, ajudava ir pra igreja carregar aquele negocinho que o padre bebe o vinho dele lá e a gente se entrosou e lá morava uma família muito rica e era comum naquela época as famílias ricas, quando morria alguém da sua família chamar o padre pra missa de corpo presente e ele chamou lá o frei Olavo e foi rezar a missa e lá no cemitério foi enterrado esse cidadão, foi enterrado o dono da cidade, Manoel Divino, e lá ao lado tava a cova da minha mãe, né. Aí eu disse “olha isso aqui é onde tá enterrada minha mãe”, hoje eu não acerto mais onde é, mudou-se tudo, e ali eu criei um vínculo maior com ele e aí depois veio umas freiras pra ministrar o catecismo, fui pro catecismo também, passei um ano no catecismo, depois eu fui obrigado a sair de lá que eu tive que ir me embora pro interior, aí eu perdi meu catecismo e de lá pra cá eu sempre fiquei vinculado a igreja, ia à missa todo o tempo, sou católico praticante, graças a Deus, sempre fui à missa. Aí aqui já em São Luís, eu morava na Vila Passos, morei algum tempo no João Paulo, ia às missas, mas nenhum vínculo ligado direto, né. Quando a gente chegou aqui na comunidade João de Deus em 84, por aí assim, aí eu me aproximei mais da igreja. Dona Regina que é minha esposa, ela era envolvida com a igreja bastante e eu nem tanto, mas aí ela passou a ser membro dirigente da igreja e eu terminei me aproximando, né, da igreja (SEU NEGUIN – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, JOÃO DE DEUS).

Para dar continuidade a essa história, rememoramos o início desta seção para retomar a perspectiva do catolicismo herdado. Os filhos de nossos profetas, assim como eu, também receberam o catolicismo de seus pais, que buscaram transmitir-lhes a fé católica inserindo-os na vida da comunidade desde pequenos, através do recebimento dos sacramentos básicos e da participação nas missas. A história que parece se repetir, na verdade, se dá sob um novo contexto e novos pretextos: as mães que convidam seus filhos para a igreja e que lá os catequizam e batizam, apontam os esforços do cotidiano para preservar a fé que agora é desafiada pela cidade grande. Aqui, já não é preciso esperar um ano para assistir a missa, nem andar quilômetros para ver o padre. Aqui, onde o domingo de missa não é mais dia de festa.

Meus filhos graças a Deus, tenho quatro filhos, a minha mais velha já fez dezoito anos, todos já fizeram primeira eucaristia aqui [refere-se à capela de Santa Terezinha], os dois mais novos se batizaram aqui, a minha velha já se crismou, inclusive nós se crismamos juntas e agora tá se preparando aí pro matrimônio, eu espero também que seja aqui (REMÉDIOS – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Então inserimos os filhos na catequese, no batismo primeiro, todo mundo se batizou, depois todo mundo veio pra ter esse acompanhamento, não se perder o foco, então todo mundo fez o processo aí, acompanhando o tempo também na igreja, nós não éramos de dizer “menino, vão pra igreja, vão pra lá”, mas a gente ia com eles, nós convidávamos os meninos pra ir junto, isso foi um pouquinho diferente da minha infância porque minha mãe e meu pai não eram muito de ir e eu que ia levando os meninos, né, já comigo, nós já levávamos os filhos, convidava e levava junto. (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD).

Por isso, é preciso demarcar essa transição na vida de nossos profetas entre o interior e a cidade grande, trajetória seguida por muitos outros homens e mulheres na busca por novas perspectivas de vida, inclusive pelos meus pais que também pensavam em um lugar onde os filhos pudessem estudar. “Fazer parte desse contexto” de enchimento da cidade traria novos horizontes para os nossos profetas até mesmo no campo religioso, como veremos a seguir.

Anos mais tarde eu casei, consegui conhecer o meu esposo Cleomar, filho também de Vargem Grande, de uma família de nove irmãos e estava pra São Paulo, trabalhou muito tempo pra lá e na chegada dele, a gente se encontrou lá em 81 em Vargem Grande, namoramos uns cinco anos, depois casamos e quando nós casamos, mais tarde devido a situação financeira e muita dificuldade, quando ele chegou de São Paulo ele disse, essa altura já tínhamos os quatro filhos, “nós vamos morar num lugar onde favoreça, onde os nossos filhos possam estudar e ter uma visão maior, mais ampla, um conhecimento que assim a gente não pôde ter”, eu e ele, aí ele disse “vou pensar pra São Luís”, aí vem aquele contexto, a gente vem lá da nossa cidade embora pra cidade maior, cidade grande, a cidade grande vai inchando, né, e eu disse “pronto, vim fazer parte desse contexto!” porque eu também vim de lá pra cá, né (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

2.3 NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM

Então, o tentador se aproximou e disse a Jesus: “Se tu és Filho de Deus, manda que essas pedras se tornem pães!” Mas Jesus respondeu: “A Escritura diz: ‘Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus’” (MATEUS 4, 3-4).

Nossos profetas chegam à cidade grande, decididos por assegurarem a seus filhos e famílias uma vida diferente daquela que tiveram em sua infância e juventude. Em suas falas é persistente a ambivalência da vida no interior: “A gente tinha uma vida bem pobre”, “não tinha grande coisa, mas o necessário a gente tinha”, “não tinha muitos presentes, muitos brinquedos, mas tinha o pai, a mãe, os irmãos, os vizinhos”. Em resumo, a expressão para qual converge suas falas a respeito do interior é que “as condições lá era mais difícil”.

A gente tinha uma vida bem pobre e que ele cultivava o alimento, que ele fazia plantação pra trazer o alimento pra casa, era na roça, né, então ele trazia o arroz, o feijão, a farinha, abóbora, melancia, tudo isso a gente tinha com fartura, mas era o próprio pai que plantava, né, e era comida mais saudável, porque a gente tem tudo fresquinho, aí no tempo de colheita a gente tinha isso, quando não era no tempo

deixava, esperava de uma colheita pra outra, então o básico da sustentação da vida da alimentação diária, a gente não tinha muitos presentes, muitos brinquedos, mas tinha o pai, a mãe, os irmãos, os vizinhos, a gente podia brincar de roda no interior, brincava de ciranda, as brincadeiras de criança que tinha de cinquenta e dois anos atrás, onde os pais confiavam ainda nos vizinhos, os vizinhos eram confiáveis, os vizinhos que era como se fossem parente, famílias, *cumpadres*, *cumadres*, era sempre uma família que tava por perto, sempre alguém que protegia e cuidava do outro. Foi uma infância assim, difícil porque a gente não tinha grande coisa, mas o necessário a gente tinha que era o pai, que era esse carinho, o jeito de ser dos nossos pais, nossa família, acolher os seus filhos do jeito que foi, mas era o que eles podiam dar pra nós (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

A nossa família é uma família carente, né, vamo dizer pobre, e quando eu vim do interior pra cá, é, além de ser pra ver o meu irmão que estava doente, é, logo depois a gente decidiu ficar, porque no interior as condições lá era mais difícil, né, aí ficou a minha mãe aqui comigo e aí a gente decidiu de morar aqui mesmo na cidade (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

A cidade aparece como alternativa para a conquista de uma vida melhor. Ela representa a possibilidade de estabilização financeira, através de vínculos empregatícios formais, e cria nos sujeitos a sensação de pertencimento a uma engrenagem maior, antes limitada territorialmente pela comunidade do interior. O horizonte na cidade se amplia em vários setores: trabalho, consumo, cultura, ascensão social. Mas, ao provocar o fascínio por um bem-estar que não pode oferecer a todos, segrega muitas pessoas em rincões urbanos, onde a luta pela sobrevivência torna-se o principal objetivo. O lugar da fantasia, dos sonhos e do desejo passa a ser, também, o lugar do cansaço, pela rotina puxada de trabalho diário que culmina na volta para casa em um transporte público lotado e o lugar da violência, fruto do tráfico de drogas e de muitas outras questões sociais... O espaço na cidade grande, ao mesmo tempo em que se esgarça, também se acumula. As distâncias entre os bairros crescem, enquanto nos edifícios e blocos populacionais milhares de pessoas convivem em espaços reduzidos. A proximidade física comparece, mas os distanciamentos aumentam. A vida urbana acelera a vida das pessoas e o tempo começa a ser um problema (LIBÂNIO, 2001).

Hoje, uma coisa que falta é o tempo pra gente ir conversando, olha pra gente poder tá aqui conversando um pouquinho sobre esse assunto a gente já marcou, já desmarcou e tudo mais, né. Então o tempo é o que é um fator muito delicado, mas o restante a gente vai pensando e inserindo e fazendo terreno (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD).

Apesar de tudo, a cidade não deixa de ser um ambiente tentador. Há muitos outros elementos convidativos que desafiam a prática religiosa nesse contexto: o lazer dos shoppings, o entretenimento da TV e da internet... Para o trabalhador, na labuta de segunda a sábado, o dia livre na semana, o domingo, reconhecido como dia de ir à missa, retoma agora sua função original de dia do descanso, como Deus fez quando terminou o trabalho de criação do mundo: “e no sétimo dia, ele descansou de todo o seu trabalho” (GÊNESIS 2, 2). E mesmo

com todas as transformações profundas vividas na cidade, nossos profetas resistiram as “tentações” e buscaram dar continuidade a sua vida religiosa, ainda que diante das possibilidades de escolhas de uma nova crença.

Quando nós chegamos aqui, a gente começou saber da necessidade de ter uma igreja pra gente poder participar, ia pro Anil, mas ficava muito longe, “rapaz, passando no ônibus tem uma igreja lá” então era fácil a gente descer do ônibus, atravessar a avenida e participar da missa lá, aí depois eu disse “é muito longe!” isso eu tava bem com um mês morando aqui, aí depois “vamos ver ali mais na cidade Operária” aí conversando com um com outro, disseram “olha, ali perto do Jardim América, *praculá* pra cima, você tem que ir de ônibus, tem uma igreja bem na avenida e vão se informando” mas o povo não informava direito assim pra dizer na rua tal, lugar tal, aí então descobrimos a matriz que era bem simples ainda, não era no jeito que tá agora, o patamar dela era diferente, era tipo um galpão pro lado de cá e a gente começou ir pra lá, ia só pras missas no domingo, os meninos eram menores, isso em 93, 94, aí depois a gente foi vendo por aqui, eu perguntando pra um e pra outro, onde tinha uma igreja por aqui, “igreja de crente?”, disse “não, igreja católica!”, “olha, lá naquela rua ali, lá pra cima tem uma casinha lá que diz que é uma igreja, mas lá é uma casinha de palha, é uma palhocinha ainda, mas é lá que eu já vi o padre vindo pra lá”, então a gente foi se interagindo, então era mesmo uma casinha de palha, uma casinha bem pequena, um terreno praticamente, onde foi os moradores da parte do fundo que dá acesso aqui com a avenida, o senhor ainda era vivo, né, que doou junto com a filha dele esse terreno pra igreja, vendo a luta que foi pra conseguir o terreno (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

Eu já, é, visitava nossa igreja católica, aí eu procurei saber se existia igreja aqui no Parque Jair. Um dia eu fui numa panificadora e antes de chegar na panificadora, saiu uma Kombi. E antes da Kombi sair, entrou duas freiras dentro da Kombi, na avenida principal do Parque Jair que aconteceu isso, e elas estavam saindo de uma panificadora onde eu ia comprar o pão. Aí quando eu cheguei lá, elas já tinham saído numa Kombi e eu perguntei pro senhor que tava atendendo se tinha igreja católica aqui no bairro, aí a pessoa disse pra mim assim, que era uma casinha de palha, mas que eles celebravam [ri] e aí eu disse “não, não, isso pra mim, não tem isso não”. Eu queria ir pra igreja e naquela época era pra ser esse assim, um dos irmãos assim, que pratica a palavra de Deus, simplesmente querendo assistir a missa e ir pra casa, mas os missionários dessa época, principalmente a Dona Neide, que me convidou, né, conseguiu me convencer e me deixar na igreja, graças a Deus estou até hoje. Porque assim, eu queria vim na igreja só mesmo participar da missa, de ouvir a missa e ir pra casa. É assim que eu achava bom. Ah, eu gostava muito de Deus assim! [ri] Mas aí quando me chamaram pra participar mesmo, ali, ser um membro da igreja, aí eu não queria não, ‘ah, eu num tenho tempo, eu num posso’ e foi muito difícil! (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Ao chegar a São Luís, Dona Aparecida logo sentiu necessidade, junto ao seu esposo, de “ter uma igreja pra poder participar”. Frequentavam a missa em outras localidades até descobrirem a matriz de seu bairro e desde então foram “se interagindo” com a comunidade. Seu Lucivaldo também queria ir à igreja. O episódio da padaria atualiza bem o sentido do “nem só de pão vive o homem”, mas ao procurar saber da existência de uma igreja no Parque Jair, ele só queria cumprir sua obrigação de cristão de “ouvir a missa e ir pra casa” e era assim que ele “gostava de Deus”. Como ele mesmo reflete, era bom gostar de Deus sem ter de

assumir responsabilidades. Enquanto Seu Lucivaldo resistia ao convite da missionária em “ser um membro da igreja”, pois “não tinha tempo, e não podia”, Dona Deusa esperava ansiosamente por recebê-lo porque ela “realmente queria participar da vida da comunidade”.

Eu vim já pra cá pra São Luís, a partir dos 15 anos, né. Vim pra cá e participava das missas, assim, sem nenhum compromisso, digamos assim, só de ir mesmo lá na missa, assistir a missa e voltar e vim, mas isso me deixava assim muito inquieta, né, ia na missa só ouvia, ouvia, num participava, num tinha nenhuma atividade fixa, aí sempre quando eu voltava pro interior, aí sim eu me encontrava de novo na comunidade, que era uma comunidade sempre acolhedora, sempre gostosa, que a gente ia, ajudava na celebração, na liturgia e aí eu me sentia em casa de novo, né, porque aqui eu só ia de passeio, visita, etcetera e por último eu vim, já casada, né, me casei, e fui morar no Sá Viana e comecei a participar da comunidade do Sá Viana, da igreja de lá, mas também me sentia meia deslocada, eu ia só participar, participar, mas não tinha nenhuma ligação mais forte, num tinha nenhuma atividade assim que eu pudesse participar, então eu me sentia assim, ainda meia alheia, meia deslocada mesmo, porque eu ia lá quase todos os domingos ou praticamente todos os domingos, mas ninguém me convidava pra participar de um grupo, de uma pastoral, de uma catequese e num sei, eu queria era ser ativa ali, num queria só ir pra missa aos domingos, participar da missa e pronto, eu queria realmente participar da vida da comunidade. Mas nunca tinha esse convite, nunca ninguém parece que me olhava, nunca ninguém me convidava [ri] e aí chegaram as Irmãs da Congregação Nossa Senhora da Piedade que foram morar na minha rua, graças a Deus, e aí elas começaram a me convidar “Vamos pra missa, Deusa”, aí eu ia com elas, digo “Oh, graças a Deus chegaram umas irmãs na minha rua!” [sorri] aí depois elas me convidaram pra participar da catequese, pra mim ser catequista de rua, eu digo “eita, catequista de rua?”. Eu já exercia isso desde a adolescência, mas não era exatamente como catequese, aí eu sentia assim o peso, digo “eita, ser catequista, será que eu vou dá conta?” aí a Irmã disse “não, a gente tem uma preparação, tem uns estudos, a gente se prepara e tal”, digo “tudo bem, tranquilo!” Aí começamos a participar da catequese de rua, né, nas famílias, juntava as crianças da rua e fazia nas famílias, cada semana em uma casa e aí fomos continuando. Depois a gente é, formou um grupo de rua na nossa rua, era um dos grupos mais animados. Eita mais era bom demais! Fazíamos celebração na rua, fazíamos o arraial na época de São João, era, acho que o arraial mais animado do bairro, que a gente fazia toda aquela festança muito boa, aí pronto, eu fui passar a ser conhecida na comunidade a partir daí e a comunidade Sá Viana “não, tem uma novata agora que participando” [fala com outra entonação], digo “é, sou novata, sete anos que eu participo sem ninguém me olhar, me enxergar e etcetera e agora eu sou novata, tudo bem, não tem problema não” [ri], aí comecei a ser mais vista na comunidade, mais chamada, mais solicitada. Aí me solicitaram pra ser catequista mesmo na igreja, né, na catequese normal mesmo, formal, como eles dizem, aí tudo bem. Fui, comecei a participar desse grupo lá da igreja, de catequistas, era muito bom, muito gostoso, tinha muitos catequistas e pra mim tudo era uma animação, aí quando a gente tava bem firmada no grupo de catequistas do Sá Viana, pediram que eu fosse catequista do Jambreiro, que estava iniciando, precisava mais de gente pra trabalhar nessa área e como eu já estava lá envolvida como catequista, aí me convidaram pra mim ir pra lá e aí nós continuamos. Eu gostava realmente era disso, de participar, de tá engajada, envolvida, fazendo alguma coisa, me sendo útil, né, e fazíamos encontros nas famílias e às vezes nas ruas, né, essas orações de família mesmo, de casa, e depois a gente construiu a nossa igreja, o nosso rancho [ri], né e fomos evoluindo, a nossa comunidade foi melhorando e quando foi em 2000, a Irmã que coordenava, que ajudava chegou para mim e disse “Deusa, tô te entregando a bola, toma conta da comunidade”, eu digo “minha Irmã, como é que a senhora faz um negócio desse comigo? [ri] Eu ainda não estou preparada para isso!”, “Não, Deusa, estou saindo, toma conta!” Foi assim como se ela jogasse uma pedra na cabeça, né, eu me senti muito desafiada, muito mesmo, que tinha hora que eu dizia “não, eu vou desistir que eu não dou conta, tá muito pesado, eu não tava preparada...” [ri]. Mas graças a Deus,

nós tínhamos os seminaristas da diocese de Balsas que nos acompanhavam, então eles era como se fosse assim o esteio pra mim, tá sempre me apoiando neles, pra mim não cair, pra mim não desistir, pra mim não desanimar, então eu tava sempre pedindo ajuda pra eles mesmos, sempre foi muito bom contar com a ajuda deles, eles nos ajudavam nas pastorais, na preparação dos festejos, nas visitas das famílias e nas celebrações mesmo, então eles animavam e nos ajudavam mesmo. Então foi muito bom contar com a ajuda deles, com essa parceria e depois a gente teve que realmente arregaçar a manga sozinha e fazer acontecer, foram assim, anos muito difíceis, teve ano que eu sentia assim o peso mesmo da comunidade, porque uma comunidade pequena, então a gente conta com poucas pessoas pra tá ali junto contigo mesmo na luta, às vezes vem as pessoas mais pra celebração, pra participar, pra assistir, como eles dizem, a celebração, mas não assume ali mesmo o compromisso, né, então a gente contava com poucas pessoas assim pra tá ali no dia a dia, na luta, resolvendo os problemas da comunidade, lutando pra conseguir aquilo que precisava, mas tinha aquelas pessoas fieis mesmo, aquele grupos que tu diz assim, aquelas pessoas que tu diz assim “não, eu posso contar com fulano porque eu sei que ela não me abandona, pode tá pesado o que tiver mais tu tá ali com alguém que tá segurando a tua mão, que tá te ajudando, que tá te dando apoio”, então a gente tinha sempre esse pequeno grupo que ajudava a gente, que tava com a gente, ali no dia a dia dando força e ajudando no que era necessário. E então a gente continuou na coordenação, depois a gente elegeu uma outra coordenação, né, que passou dois anos coordenando que depois não deu muito certo, aí disseram “não, Deusa, tu vai ter que voltar de novo pra coordenação”, então a gente voltou, arrumou uma vice-coordenadora que trabalha também com a gente, que a gente não pode trabalhar sozinha, nem deve, né, na comunidade a gente sempre deve tá junto, a gente tem sempre que trabalhar em grupo, com equipes e aí a gente continuou, né, com a coordenação e trabalhávamos muito, graças a Deus, eu tinha também muito apoio de alguns padres, né, da nossa paróquia, lembro que tinha padre que sempre quando a gente pedia e precisava de alguma coisa, precisava de alguma ajuda, eles estavam ali, né, pra nos ajudar, que era necessário a gente pedir pra eles, eles tavam sempre dispostos a ajudar, então isso também nos ajudou muito nessa caminhada (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

O depoimento de Dona Deusa traz maiores detalhes acerca desse movimento de inclusão na igreja, já no contexto da cidade, marcado por um longo processo de reconhecimento dentro da nova comunidade: “sete anos que eu participo sem ninguém me olhar”. Dona Deusa não queria apenas ir à missa nos dias de domingo, ela queria fazer parte da comunidade; queria sim, participar. Para Góis (2008), a participação requer que o indivíduo se assuma como alguém que se reconhece capaz de estar presente num processo coletivo de discutir, de debater e mudar uma dada realidade. O desejo de “estar engajada” e “ser útil” conferem sentido à necessidade de participação de Dona Deusa, mas sua concretização passa antes pelo reconhecimento da comunidade. Dona Deusa precisava sentir-se acolhida, ser convidada e chamada pelo nome: “Vamos pra missa, Deusa”. Sua participação na vida da comunidade só pôde se realizar diante dessa abertura. Por isso, as diferenças entre as comunidades pesam como primeiras impressões: de um lado, a comunidade sempre “acolhedora” e “gostosa” do interior e, do outro, a comunidade urbana de onde ela nunca tinha recebido um “convite” e ninguém a “olhava”. Do lado de lá, uma comunidade onde ela se sentia em “casa” e, do lado de cá, outra comunidade onde ela se

sentia “alheia”. Quando finalmente foi “vista” pelas Irmãs, passou a desempenhar funções dentro da nova comunidade, a partir daquilo que ela já sabia e gostava de fazer, ainda que o fizesse de forma embrionária no interior: a catequese.

Nesse sentido, a inserção de Dona Deusa abre espaço para se pensar o significado do carisma, aquele mesmo referido por Paulo em sua epístola¹⁹, e que dentro das CEBs se atualiza como serviço. Ele é igualmente dom do Espírito Santo e como todos, sem exceção, são portadores do Espírito, o serviço implica também a participação de todos. Em outras palavras, todos podem contribuir para o desenvolvimento da comunidade, de forma que cada um oferece aquilo que sabe e consegue fazer. Por mais simples que pareça, todo serviço é importante, pois é a partir dele que os sujeitos tornam-se partícipes.

Todos são efetivamente irmãos, todos participam, todos assumem seus serviços. Este é o primeiro momento. Depois vem a incipiente estrutura de condução e coordenação. Se todos são, fundamentalmente, iguais, nem todos fazem todas as coisas. Assim existem os coordenadores, muitas vezes mulheres, que são responsáveis pela ordem, pela presidência das celebrações e pelo aspecto sacramental da comunidade [...] Todos os serviços são entendidos como dons do Espírito Santo. Há quem sabe visitar e consolar os doentes. Este recebe o encargo de recolher as informações e visitá-los. Outros alfabetizam, outros conscientizam sobre os direitos humanos, as leis trabalhistas, outros preparam as crianças para os sacramentos, outros cuidam dos problemas familiares etc. Todas estas funções são respeitadas, incentivadas e coordenadas pelo responsável para que tudo cresça em função de toda a comunidade (BOFF, 1998, p. 213-214).

Além disso, como retrata Góis (2008), a participação também é condição para a potenciação pessoal, marca explícita da trajetória de Dona Deusa. Por seu trabalho na catequese de rua e depois na “catequese normal”, ela foi designada para a formação de uma nova comunidade na vizinhança, amparada também pela coordenação das Irmãs. Nessa caminhada, contribuiu com o desenvolvimento de outros serviços até receber das mãos das Irmãs a responsabilidade por coordenar esta comunidade. Apesar do medo de não conseguir dar conta do peso da comunidade e de não se sentir preparada para ocupar uma coordenação, ela aceita o desafio. Não foi fácil. Em muitos momentos ela relata sua vontade de desistir, mas o apoio de seminaristas de outra diocese, alguns padres da paróquia e algumas pessoas da comunidade, não lhe faltaram. Mais uma vez volta à tona o sentido da participação. Nem todos da comunidade sentem a mesma necessidade. Nem todos reconhecem que podem contribuir ou mesmo são valorizados naquilo que podem oferecer. Nem todos querem assumir mais um compromisso, diante de todos os que já assumiram no espaço relacional da cidade. Tal como queria Seu Lucivaldo inicialmente, muitos preferem apenas assistir a missa.

¹⁹ Cf. I CORÍNTIOS 12, 7-11.

De toda forma, é preciso destacar o caráter simbólico envolvido na entrega da coordenação da comunidade. “Deusa, tô te entregando a bola, toma conta da comunidade” é tomada como uma responsabilização pessoal para Dona Deusa, mas também indica o sentido de uma responsabilização coletiva. A comunidade agora toma conta de si, se representa e se gesta, sem a necessidade de um representante vinculado à estrutura oficial da Igreja. A dimensão democrática também se fortalece, a partir do momento em que os sujeitos da comunidade passam a escolher sua própria coordenação. Nesse movimento de saída e retorno à função de coordenadora, Dona Deusa parece ter encontrado aquilo que procurava desde a primeira vez que chegou a São Luís. Na comunidade do Jambeiro ela foi acolhida e se sente em casa. Recebe dela o apoio em grandes dificuldades e é, para ela, uma grande referência.

Digamos assim, o que a gente tinha mais de bom era que era uma comunidade bem pobre, mas a gente se sentia uma comunidade muito acolhedora, que a gente se sentia em família, né, aquele apoiando o outro, aquele ajudando o outro, né, tanto é que quando a gente passava grandes dificuldades, né, pessoais e familiares era na comunidade que a gente sentia apoio, as pessoas tá ali nos apoiando, nos ajudando, nos dando força assim, pra seguir em frente e acho que eu, na comunidade Jambeiro, me sinto em casa, em família, é uma comunidade que sempre me acolheu e que me tem como referência muito forte, hoje a gente tá saindo da coordenação, mas eu acho que a gente trabalhou bastante, a gente deu aquilo que estava no nosso alcance, né, como líder de comunidade, a gente lutou muito, a gente não deixou a comunidade enfraquecer, embora com a saída da irmã, que às vezes a gente diz “ah, quando sai uma irmã, sai uma liderança muito forte, a igreja, a comunidade morre” e a gente não deixou que nossa comunidade morresse, mas a gente sempre esteve ali, firme, né, lutando (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Para os nossos profetas, a participação efetiva em suas novas comunidades, seja através da catequese ou no exercício de coordenação, acabou por se apresentar como uma via de entrada para o reconhecimento das CEBs e seu posterior engajamento na equipe de articulação. Inicialmente, Dona Zilda também participava da Igreja sem ter vínculo com nenhuma pastoral ou movimento, por carregar um certo descrédito em relação aos encontros “ah, esse negócio de reunião, isso aí não dá em nada não, reunir, reunir, o negócio é agir!”. Na coordenação de rua ela encontrou um lugar dentro da Igreja condizente com sua postura “crítica” e, nas CEBs, fez a opção pelo engajamento após receber um convite da coordenadora da comunidade para participar do movimento que, até então ela só ouvia “falar, falar, falar”.

Nunca tinha participado de uma pastoral, nem movimento. Colaborava sempre, participava dos festejos, mas depois ia pra casa e quando foi um determinado dia... Na minha comunidade tem uma senhora chamada Judite, é a catequista mais antiga da comunidade, e ela todo 1º de dezembro, ela fazia um café e oferecia pra comunidade, chamava o padre, chamava o pastor pra fazer oração, tudo, e nesse dia eu fui convidada, passaram convidando que a gente participasse do café e tudo e tal e eu fui uma das que fui participar. Levei a minha contribuição e num café da manhã do dia primeiro é, eu fiquei assim retraída lá no meu localzinho e veio uma pessoa, chegou pra mim e disse assim “olha, amanhã vai ter uma reunião lá na capela e eu

quero sua presença” porque disseram pra ele que eu era uma pessoa que ajudava muito na comunidade, mas não participava de nenhum movimento da igreja e nenhuma pastoral e eu como sou muito crítica disse assim “ah, esse negócio de reunião, isso aí não dá em nada não, reunir, reunir, o negócio é agir!” e disse “não, mas você vá! Vamos ver como é que a gente vai fazer o trabalho”. Eu fui, quando cheguei lá na reunião eu vi dizendo que eles iam colocar pra comunidade, formando uma outra coordenação, iam fazer um coordenador de rua, que as ruas precisava ter um representante para que levasse tudo, os acontecimentos que ia ter na igreja e eu fiquei. Aí fiz parte, fui coordenadora de rua, fui vice-coordenadora de rua, a minha vizinha foi a coordenadora e nós fundamos a coordenação de rua e participando dessa coordenação de rua. Aí a Silvia [atual coordenadora da equipe de articulação das CEBs em São Luís] me convidou que tinha um movimento das CEBs, né, Comunidade Eclesial de Base, e eu não tinha conhecimento só via falar, falar, falar, mas não participava e ela me levou na reunião e eu fui e disse que eu poderia me engajar, aí eu fui chamada e me engajei, né, que hoje inclusive, as pessoas que me levaram para fazer parte das pastorais, do movimento, são meus padrinhos de Crisma, que é o José de Ribamar Lessa e a Dona Judite (ZILDA – COMUNIDADE FÉ EM DEUS, MONTE CASTELO).

Mas, o conhecimento das CEBs por parte de nossos profetas nem sempre se realizou expressamente através de convites. Seu Lucivaldo, por exemplo, soube de um encontro na matriz de sua paróquia e decidiu participar porque estava insatisfeito com a forma que a Igreja caminhava. “Eu ainda não tinha me sentido bem” é uma fala marcante de seu depoimento, cujo alcance é extremamente significativo. Em vez de simplesmente se conformar com as circunstâncias ou, em uma resolução mais comum, mudar de religião, ele preferiu buscar outras oportunidades até encontrar a forma de igreja que esperava, uma igreja que pudesse “servir os irmãos”. A quem serviria essa outra forma de ser Igreja com a qual Seu Lucivaldo não se identificava? Encontramos uma resposta subentendida em sua fala, “uma igreja que desse espaço para o irmão, mas que fosse um espaço de verdade, de coração, um espaço de paz”. Esse espaço ele encontrou nas CEBs. Nesse sentido, não é demais compreendê-las por seu viés inclusivo em relação a uma ordem religiosa e social excludente.

As CEBs eu conheci assim, é, eu ouvi falar um dia que, no dia seguinte, ia acontecer é, um encontro das CEBs na nossa matriz que é na paróquia Santo Antonio, parque Vitória, e eu achei que deveria participar e no dia seguinte eu me dirigi até a igreja matriz e aí eu conheci as CEBs, junto com meus irmãos que é, somos da Igreja Santa Terezinha, Parque Jair, São José de Ribamar e foi dessa forma que eu conheci as CEBs. *Mas porque que o senhor achou que devia participar dessa reunião? É porque, na verdade, eu já estava caminhando, participando da igreja, mas eu ainda não tinha me sentido bem, é, da forma que eu via a igreja, que eu estava vendo a igreja caminhar, é, eu posso até dizer assim, é, do comportamento que a igreja se apresentava e, como seu sempre via falar de Deus, e sempre era uma boa informação que eu tinha de Deus, eu achei que eu tinha que buscar conhecimento e outros setores, talvez eu ia me encontrar com a igreja que eu esperava, de obedecer a palavra de Deus corretamente e servir os irmãos. E qual era a igreja que o senhor esperava? É, a forma de igreja que eu falo é uma igreja que pudesse é, receber o irmão, dá o espaço para o irmão, mas que fosse um espaço de verdade, de coração, um espaço de paz, que ali tivesse paz, é, junto com todos né, então essa era a forma de igreja que eu esperava de encontrar e me encontrei com as CEBs e aí comecei a caminhar, estou até hoje (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).*

A determinação da diocese logo após a realização do Intereclesial em São Luís foi outro meio de acesso às CEBs para alguns de nossos profetas. Apesar da decisão horizontal, induzida pelo sabor do momento, e da indicação inusitada de seu nome, Dona Aparecida torna-se representante de sua comunidade, “aí de lá pra cá a gente veio, começamos *participar afetivamente* das CEBs. Por esses termos, Dona Aparecida parece querer desdobrar o sentido da participação efetiva nas CEBs, onde a capacidade de afetar e ser afetado também se torna referência. Diante dessas afetações, Dona Aparecida nunca mais deixou as CEBs.

Eu que trabalhava, eu que sustentava minhas filhas, mas essa altura eu já participava da igreja, comecei a participar das CEBs em 97 no 9º Intereclesial. Não participei do 9º Intereclesial mesmo, aí eu só fiz a acolhida, ajudei a fazer a acolhida, as pessoas que vinha visitar as comunidades, aí vieram visitar um pessoal da Bahia, visitar aqui a comunidade, eu participei da acolhida, mas não participei do encontro Intereclesial não, disseram que foi muito bom. Depois do 9º Intereclesial veio uma carta pras comunidades, buscando dois representantes de cada comunidade. Era obrigação de mandar pra diocese, e aí o Valmir, que era Conselheiro Tutelar, praticamente ele se criou dentro da comunidade, cresceu dentro da comunidade, faz parte do grupo de jovens, eu também fazia parte do grupo de jovens que eu sempre tava atentando em tudo quanto era lugar e ele disse “Aparecida, a única pessoa que vai ocupar esse lugar é a senhora” “Por que eu?” “Por que, não! É a senhora!”. Aí eu costumei dizer que ele me jogou assim dentro das CEBs, ele me rebolou assim, de rebolo, aí de lá pra cá a gente veio, começamos *participar afetivamente* das CEBs, né, porque através dessa carta foi que veio pra participar, aí eu fui, gostei e tô até hoje participando da articulação das CEBs (APARECIDA – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

CAPÍTULO 3

RELIGIÃO E LIBERTAÇÃO

É por causa do meu povo machucado que acredito em religião libertadora! É por causa de Jesus ressuscitado que acredito em religião libertadora!

É por causa dos profetas que anunciam, que batizam, que organizam, denunciam. É por causa de quem sofre a dor do povo. É por causa de quem morre sem matar.

É por causa dos pequenos e oprimidos, dos seus sonhos, dos seus ais, dos seus gemidos. É por causa do meu povo injustiçado, das ovelhas sem rebanho e sem pastor.

É por causa do profeta que se cala, mas até com seu silêncio grita e fala. É por causa de um Jesus que anunciava, mas também gritava aos grandes: “ai de vós!”

(MÚSICA RELIGIÃO LIBERTADORA – PE. ZEZINHO)²⁰

²⁰ Fazendo Justiça, Cantando a Profecia. Livro de Canto 13º Intereclesial das CEBs. Juazeiro do Norte-CE, 2014.

Noite de celebração em frente à igreja matriz de Arari, por ocasião da ordenação episcopal do então pároco da cidade. Gente de todo lado ocupava a praça: paroquianos locais, da sede e das zonas rurais do município, visitantes de outras paróquias e representantes de todas as dioceses do estado do Maranhão. Entre os ritos exigidos para a ordenação, o eleito deita-se pela última vez como padre, em mais um sinal de comprometimento com a Igreja, para então levantar-se bispo, diante de seu povo. Em meio à tradicionalidade da consagração emergem pequenos detalhes, grandes em significação. O tapete do presbitério para o gesto de deitar-se fora substituído por uma mençaba, típica estrutura artesanal confeccionada a partir da folha de babaçu trançada e que é comumente utilizada nos povoados maranhenses como portas e janelas de casas. O cajado pastoral de metal e, por vezes, banhado a ouro, deu lugar ao de madeira, assim como a cruz peitoral e o anel episcopal. Este último, o conhecido anel de tucum, é tido como um sinal de aliança com as causas populares. Foi assim que Dom Valdeci levantou-se diante da Igreja, em sinal de comprometimento com o seu povo.

As referências ao povo, consoantes ao segmento de sua linha pastoral, em muito me fazem recapitular a essência do verso “É por causa do meu povo machucado que acredito em religião libertadora!”. O refrão impressiona pelo seu poder de contestação. A libertação que a religião costuma pregar é propriamente pessoal, um tipo de resgate frente às perversões do mundo, do pecado e das forças malignas. Mas, a aceitação das lutas concretas contra a pobreza e a opressão que também “machucam o povo” exige que se pense a libertação por outra via, a histórica, na qual a Igreja pode e deve se empenhar. Por isso, a frase de Dom Pedro Casaldáliga “Igreja é Povo que se organiza, gente oprimida buscando a libertação, em Jesus Cristo, a ressurreição” coube tão bem enquanto refrão disparador para as CEBs:

Igreja é povo que se organiza, gente oprimida buscando a libertação em Jesus Cristo a ressurreição.

O operário lutando pelo direito de reaver a direção do sindicato; o pescador vendo a morte de seus rios, já se levanta contra esse desacato.

O seringueiro com sua faca de seringa se libertando das garras do patrão; a lavadeira, mulher forte e destemida, lava a sujeira da injustiça e opressão.

Posseiro unido que fica na sua terra e desafia a força do invasor, índio poeta que pega a sua viola e canta a vida, a saudade e a dor.

É gente humilde, é gente pobre, mas é forte, dizendo a Cristo: meu irmão muito obrigado, pelo caminho que você nos indicou pra ser um povo feliz e libertado.

(MÚSICA IGREJA É POVO QUE SE ORGANIZA – PE. LEONCIO)²¹

²¹ Cantando a Vida e a Esperança. Livro de Canto 9º Intereclesial das CEBs. São Luís-MA, 1997.

Muitos outros cantos de luta que embalam a caminhada das CEBs reforçam a concepção de Igreja construída entre seus participantes, sob os quais ainda se atualiza a crença em uma “religião libertadora”. Os versos do padre Zezinho, que eu escuto desde menina e que sustentam essa ligação entre religião e libertação, ganharam ainda mais amplitude quando as CEBs se tornaram campo para esta pesquisa. Nesse exercício de construção, inevitável não rememorar Marx (2010) em sua afirmação mais célebre, de que a religião é o ópio do povo. Para ele, a religião é uma ilusão na medida em que impede os sujeitos de viverem a realidade em sua concretude e enfrentarem suas mazelas. A música, no entanto, vem coroar essa realidade de injustiça “dos pequenos e oprimidos, dos seus sonhos, dos seus ais, dos seus gemidos”, a partir de onde, inclusive, Marx ambienta sua sociedade de classes. A religião é o suspiro dos oprimidos, o alento para as pessoas que vivem em um mundo despedaçado – complementa o autor. Nesse sentido, ele também aponta a dualidade do fenômeno religioso e de alguma forma avaliza sua necessidade, ainda que considere que a crítica à religião deve ser feita, justamente para que o homem se desfaça dessa ilusão e passe a construir sua vida em volta de si mesmo e não dela. Diante de todas as perspectivas trazidas pelo autor, como podemos então acreditar em uma religião libertadora?

A música referida remonta duas figuras que sintonizam a perspectiva de uma religião libertadora: povo machucado e Jesus ressuscitado. “É por causa do meu povo injustiçado”, de “gente oprimida” e também “por causa de quem sofre a dor do povo” que a busca pela libertação se faz necessária. “É por causa de Jesus ressuscitado” e “em Jesus Cristo a ressurreição” e não tanto em um Jesus morto e crucificado, principal símbolo cristão, que se instaura o ânimo para a caminhada. É a certeza da vitória, sob o signo da ressurreição, que a resignação frente às dores e o sofrimento da vida dá lugar a luta. É assim que o sentido da religião libertadora também comparece para nossos profetas.

Pedimos ajuda, né, ajuda pra um e pra outro e aí a gente começou a construir também no sentido de mutirão a nossa igreja, nossa capelinha e aí terminamos de construir e pensamos em fazer um horto comunitário onde a gente ia plantar ervas medicinais, né, porque como o índice de doenças era muito grande por conta de que a comunidade era muito precária, não tinha saneamento básico, num tinha um monte de coisa, né, a gente pensou “O que fazer, né, pra melhorar a saúde desse povo? Vamos fazer um horto com plantas medicinais e lá a gente vai produzir o xarope, é, remédio pra verminose, pra gripe, etcetera, alguns medicamentos mais fáceis da gente produzir e aí a gente começou fazendo o fundo da nossa igreja, é, os canteiros. E a gente plantou nossas ervas, começamos a produzir o remédio de verme, de xarope, pomadas, tinturas e etcetera e a gente distribuía para aqueles que a gente via que realmente precisava. A Dra. Terezinha Rego deu a formação pra nós, né, nós participamos desse curso, aprendemos a fazer as pomadas, as tinturas, os xaropes, as pílulas, aí a gente começou a produzir esses remédios e a gente foi distribuindo pro povo, a medida que fosse necessário, de acordo com cada um, né (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Nós fazemos a nossa parte. Nós estamos aqui exatamente pra fazer esse trabalho, isto é a base, isto é a comunidade e o eclesial. Nós como Igreja, nós temos por direito, dever e obrigação orientar aquelas pessoas “olha, o seu direito, você tem direito à saúde, você tem direito à água encanada e a infra-estrutura, então, nós vamos levar praquelas pessoas que eles saibam como reivindicar, não denegrindo o patrimônio, não destruindo e nem matando ninguém, mas sim com educação, com discernimento “olha, isso aí tá errado, isso aqui é o certo, isso aqui que é o certo”. Então, por isso que nós temos que orientar essas pessoas, exatamente pra isso, juntamente com os movimentos (ZILDA – COMUNIDADE FÉ EM DEUS, MONTE CASTELO).

As pessoas diz assim “Ah, como é que você vive a questão da igreja? Eu acho Adriana, que a questão da igreja amadurece no sofrimento, naquela vida sofrida, naquela que você busca Ele, que diz assim se você não busca por amor, mas vai pelo sofrimento, vai pela dor. Se não for pelo amor, mas vai pela dor. Até que eu não fui pela dor, eu num escolhi Deus, não foi pela dor, mas sim pelo um gesto de agradecimento, assim, porque eu sempre fui uma pessoa que eu lutei, mas eu sempre busquei Deus assim, numa maneira de agradecimento (APARECIDA – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Martin-Baró (1998) sinaliza duas tendências da religião na América Latina²²: a religião da ordem ou, conforme qualificação de Marx (2010), a religião como o ópio do povo, correspondente a todas as formas que cumprem uma função social alienante, e a religião subversiva que são as formas que fazem as pessoas questionarem qualquer ordenamento sócio-político violador de direitos humanos e a buscarem sua transformação como exigência prática de fé. A partir dos depoimentos de nossos profetas é possível visualizar onde as CEBs se encontram. Uma Igreja comprometida com o bem-estar do seu povo e não apenas com a salvação de sua alma (Dona Deusa), que assume o papel de orientá-lo na garantia de seus direitos, em mediação com outros movimentos sociais e populares (Dona Zilda), para não cair em uma concepção cristã de corte milenarista, onde a religião toma o lugar de tábua de salvação sobre todas as realidades humanas. Ainda segundo Martín-Baró (1998), a religião como evasão milenarista²³ consiste em uma das principais formas de religião da ordem, sobretudo entre as majorias marginais dos setores urbanos, composta por mulheres e homens vindos do interior. Ao chegarem à cidade, eles se deparam com uma confusão de seitas religiosas, teorias científicas e normas de conduta que se confrontam às normas de conduta originárias de suas comunidades. Como o movimento fundamentalista tende a reforçar o sentido daquilo que é verdadeiro e correto, é nele que os sujeitos encontram segurança para sobreviver no caos da cidade.

²² A hipótese de Martín-Baró (1998, p. 254, tradução nossa) “é que estas duas dimensões da religiosidade estão ligadas a distintas representações, práticas e vínculos religiosos e que, no caso concreto dos povos latino-americanos, servem de veículos a distintos interesses sociais e políticos”.

²³ Martín-Baró (1998) identifica que, aliado ao milenarismo (crença de que Deus, muito em breve, intervirá diretamente sobre a vida dos homens para estabelecer seu reino definitivo), esta forma de religião também pode promover um tipo de fé fundamentalista.

Nesse sentido, afirma Martín-Baró (1998), o fundamentalismo mantém claras intenções políticas, na medida em que condena qualquer tipo de contestação ao que já está estabelecido, contribuindo assim com a manutenção do *status quo* vigente. Cabe situar o posicionamento oposto de nossos profetas quando falam de sua religiosidade ou se referem à igreja, como mostra a percepção de Dona Zilda: “Nós como Igreja”. Eles não falam da igreja instituição ou da igreja templo, mas da Igreja que cada um é. É nesse reconhecimento de ser Igreja que se realiza a participação dos cristãos nos serviços e na missão para o mundo ou, como bem reflete a música do Pe. Leôncio, “Igreja é povo que se organiza”. Freire (1981) também aponta esse dimensionamento da Igreja como uma entidade concreta e educativa:

As Igrejas, de fato, não existem, como entidades abstratas. Elas são constituídas por mulheres e homens ‘situados’, condicionados por uma realidade concreta, econômica, política, social e cultural. São instituições inseridas na história, onde a educação também se dá. Da mesma forma, o quefazer educativo das Igrejas não pode ser compreendido fora do condicionamento da realidade concreta em que se acham (FREIRE, 1981, p. 105).

Chama especial atenção, também, o depoimento de Dona Aparecida, que contesta à visão comum da religião como reparadora do sofrimento, em conformação aos desígnios de Deus. Ela rejeita o papel passivo diante de sua história “porque eu sempre fui uma pessoa que lutei” e a vitimização diante dos sofrimentos de sua vida, que não foram poucos²⁴, ao escolher a religião “sim pelo um gesto de agradecimento” e não como uma compensação para suas dores. Para Dona Aparecida, portanto, a religião não serve como um ópio; ela não é uma religião da ordem. É nesse sentido que Martín-Baró (1998) retrata a dupla possibilidade social da religião cristã:

Nossa hipótese é que a religião por si mesma não é necessariamente conservadora nem progressista, alienante ou conscientizadora, mas que contém ambas potencialidades. Por isso sua influência social e política dependerá, por um lado, do contexto histórico em que se encontre e, por outro, do tipo concreto de religiosidade que promova. Dois elementos nos parecem fundamentais neste sentido: a) a ênfase na verticalidade ou horizontalidade das relações entre Deus e os homens; b) a concepção de salvação religiosa como parte do quefazer humano ou como ação imediatamente divina, estranha às leis da história. À medida que em uma forma religiosa se sobressai mais a horizontalidade do vínculo religioso e o caráter intramundano da salvação, mais tenderá o cristão a envolver-se nos processos sócio-políticos como uma exigência própria de sua fé, e mais favorável se mostrará às mudanças sociais, inclusive revolucionárias (MARTÍN-BARÓ, 1998, p. 220).

De todo modo, é difícil conceber a proposta de uma religião que liberta quando se está conformado e, ao mesmo tempo, confortável com a ordem estabelecida, não havendo assim, necessidade de revertê-la. Não por menos, a libertação tornou-se o horizonte primordial de uma psicologia, pedagogia e teologia voltada para os povos latino-americanos, extrapolados

²⁴ A história de vida de Dona Aparecida foi retratada no anterior, no subcapítulo 2.1

pela marginalização econômica e social e, as CEBs, espaço concreto para a vivência de uma religiosidade libertadora. Foi o que Seu Neguin me alertou ao falar sobre as CEBs: “só fica nas CEBs quem se identifica mesmo. Tem que gostar, senão cai fora!”. Em nenhum outro lugar, dentro da igreja, cabe o recurso à palavra libertação, em seu sentido histórico, que não seja nos movimentos de base. São eles que a perpetraram em grande parte de suas produções e convicções, entre os fossos de um espiritualismo exacerbado, onde a única relação pertinente é aquela entre Deus e o crente. É lá onde a opressão se faz presente com maior força que a religiosidade libertadora pode emergir com maior capacidade.

É claro que em muitos aspectos essa libertação remete a uma transformação radical da realidade, no sentido mesmo de uma libertação integral, conforme sinaliza Boff (1994), que se concretiza principalmente através das libertações sócio-históricas dos marginalizados. Na mesma linha de pensamento, Martin-Baró (1998, p. 319) fala da libertação dos povos latino-americanos: “uma libertação da exploração econômica, da miséria social e da opressão política, mas uma libertação para construir uma nova sociedade baseada na justiça e na solidariedade”. Busca-se um “novo êxodo” (Ibid.) e é nessa busca que se alimenta a esperança por uma sociedade mais justa e fraterna. Neste caso, a sociedade utópica de Thomas Morus, o ideal do comunismo originário e a cosmovisão do comunitarismo solidário²⁵, defendida por Guareschi (2004) representam bem essa sede pelo leite e mel da nova Canaã, a terra prometida por Deus, segundo as escrituras. Para as CEBs, no entanto, o socialismo em ascensão representava a possibilidade mais concreta de superação do capitalismo desumano. A Revista Serviço de Documentação (SEDOC), por exemplo, explicita essa referência:

A sociedade que se deseja construir é socialista, democrática, sem divisão de classes, sem exploradores e explorados, organizada a partir do dominado [...] Uma sociedade socialista, onde o povo participa, sem medo, da sua construção, sendo o agente de sua história, com confiança em si mesmo, com consciência... (SEDOC, 1983, p. 371)

Com o decreto de morte do socialismo real e “apesar dos horizontes desfavoráveis permanece ainda vivo, ainda que de forma difusa ‘o desejo de uma sociedade distinta, independente do nome que venha a ter: socialista, libertária ou qualquer outro’. É o desafio da busca de uma nova utopia” (TEIXEIRA, 1996, p. 106). O êxodo vivido outrora por Moisés e seu povo precisa ser reajustado à necessidade de uma Nova Aliança, construída entre os homens, na cultura e na história de hoje, pois a escravização resiste, sob novas formas,

²⁵ Nessa cosmovisão o ser humano não é um “indivíduo” separado da sociedade e tampouco uma peça da máquina, determinado por um sistema fechado. O ser humano é “pessoa”, alguém que necessita de outros. Desta forma, ele é visto como relação, pois, ainda que singular, não pode ser sem os outros, constituindo-se a partir das relações que estabelece ao longo da vida (GUARESCHI, 2004).

subjugando corpos e mentes, como também arrancando do homem sua vocação para a liberdade e sua ação para a libertação. É nesse sentido que Seu Lucivaldo reconhece os faraós do Maranhão atual:

E assim, a gente sofre muito, não é fácil, a gente vai pra esses setores [política], querendo ajudar, mas não é fácil porque isso é um trabalho deles [políticos] que vem ao longo dos tempos, aí vem passando da mão de um pra mão de outro, do mesmo jeitinho que eu posso dizer assim, eram os faraós, né, que eles faziam com aquele povo, né, não deixava o povo fugir porque se não a produção dele parava, né não? [ri] E assim nós tamos aqui no Maranhão como se fosse no deserto dos faraós. *Como escravos?* É assim que a gente vive aqui, muitos não percebe, mas é. Eu digo porque eu luto lá, eu vejo, eu falo (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

A par das contradições do capitalismo realizam-se importantes conquistas de base, expressa na luta por espaços mais democráticos e garantias de direitos. Estas também são libertações, pequenas em face da grandiosidade do sistema, mas de impacto certo sobre a vida de muitas pessoas. Impactante também é a construção de relações comunitárias, pautadas no amor, na amizade e na solidariedade, pois como sugere Brandão (1999, p. 118) “a única possibilidade de libertação que aparece hoje não se faz mediante a criação de modelos sociais ideais, mas na concretização de relações que desafiam a estrutura do *establishment* através do reconhecimento e da necessidade do outro”. Além do componente afetivo, Guareschi (2007) entende que as relações comunitárias se caracterizam como relações igualitárias, onde as pessoas possuem iguais direitos e deveres, ao mesmo tempo em que são reconhecidas em sua singularidade e respeitadas em suas diferenças.

De todo modo, é preciso também valorizar as libertações do cotidiano, do medo de estar, de falar, de participar da vida da comunidade e de ter perspectivas em relação à vida e ao futuro. É nesses pequenos movimentos de transformação que a religião atinge sua importância para nossos profetas.

Essa [música] aqui “É por causa do meu povo machucado que acredito em religião libertadora!”, hoje a religião tem que ser libertadora, né, tem que evitar oprimir a gente, pra gente não ficar intimidado e a religião, na minha vida, me ajudou a perder um pouquinho de medo de estar, de falar e de participar da comunidade e dessa igreja, me ajudou a ver assim um pouco com perspectivas, mesmo apesar desse contexto da globalização e às vezes a situação financeira não acompanha muitas coisas que devia, mas a religião me ajudou e me ajuda como mãe, como família, como senhora, como esposa, como uma pessoa da comunidade, a gente a viver em comunidade, viver o batismo, né, viver na comunidade. Esse Jesus que a gente vive, que vivencia nas CEBs, na igreja, nesse contexto, nos faz ter essa segurança, vamos dizer assim, não estou nenhuma formada, preparada na vida cristã, mas a gente tem um pouquinho de conhecimento que isso dá o nosso respaldo pra essa vivência na igreja, essa vivência com o povo da comunidade, esse jeito de ir e de vim, de conversar com o outro, esse ser cristão mesmo, que tem uma responsabilidade com a família, com o povo, com a igreja, com esse povo nosso, aqui de onde a gente vive,

lá de onde nós viemos, lá do interior de Vargem Grande, as nossas raízes, então a religião a gente nunca pode fugir dela por isso, e eu, a Maria José, nunca vou deixar de ser a Maria José católica, nunca! (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

Oh, a religião na minha vida ela representa, na verdade, a salvação porque antes de eu conhecer eu já me sentia feliz, depois que eu passei a conhecer eu me sinto muito mais feliz, eu me sinto, na verdade, uma pessoa completa de felicidade, dentro da nossa religião. Até porque, eu digo assim, porque eu já fui chamado pra outra religião, mas comportamento, a forma que eles celebram ou vivenciam eu não me sinto bem, só de ver já não me sinto bem e sempre me senti bem, desde criança, na Igreja Católica, então por isso eu me sinto completamente feliz mesmo na nossa religião. Antes de conhecer a Palavra de Deus eu sentia um pouco de dificuldade, mas depois que conheci, que passei a vivenciar, cheguei hoje, nessa posição de hoje com muita felicidade. Senti dificuldade no início, sentia nervoso, sentia medo [ri] porque não é fácil, mas depois Deus começou a agir, na verdade, eu acredito que ele agiu desde o início, faltava eu ser preparado, Ele me preparar. Ele me preparou e a gente venceu algumas dificuldades, eu posso dizer que nós vencemos e eu me sinto muito feliz hoje, sou 80% realizado em busca da paz, da salvação, né (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Outro ponto em comum destacado por nossos profetas em seus depoimentos é a dimensão do conhecimento. É ele que “dá o nosso respaldo pra essa vivência na igreja, essa vivência com o povo da comunidade” (Maria José) e para chegar “nessa posição de hoje com muita felicidade” já que “antes de conhecer a Palavra de Deus eu sentia um pouco de dificuldade (Seu Lucivaldo). Diferente da interpretação proposta pela Hierarquia, os sujeitos das CEBs desenvolveram uma forma particular de entender o livro sagrado, tomando como ponto de partida suas situações de vida. Nesse sentido, o acesso à Bíblia, longe de proclamar a dogmatização e revitalizar o sentido de uma religião do ópio, transformou-se em instrumento de libertação. A nova interpretação deu impulso ao desenvolvimento da consciência, reflexo vivo da história onde se defrontam a própria vida e a vida dos pobres nos tempos bíblicos.

Porque a Bíblia, ela nos ensina a vencer as dificuldades, né, e o melhor livro que tem no mundo é a Bíblia, sabe tudo, tudo, tudo. É, nos ensina a viver, em geral mesmo, é a Palavra de Deus. Agora, é um livro que ele tem várias passagens, né, pra gente entender tudo isso, tem que estudar bastante a Palavra de Deus, estudar o Êxodo, que nós temos a passagem do Êxodo que é muito importante pra nós, as pessoas carentes. Na verdade, as CEBs elas vem de pessoas que sofre, né, e pequenas comunidades que já sofreram muito e das pequenas comunidades que ainda sofre hoje e a escritura do Êxodo está nos declarando que eram famílias que sofriam também, que viviam no deserto, que não tinham o que comer, não tinham o que beber, mas de acordo com as orientações de Deus, eles iam sobrevivendo, buscando um pouquinho ali, um pouquinho aqui e ali nessa passagem do Êxodo, a gente quando estuda, aprofunda nosso conhecimento, a gente vê que ali, a gente vê o sofrimento, mas também vê que há solução pra aquele sofrimento, tem como a gente conseguir meios pra sair daquele sofrimento (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

3.1 E A IGREJA SE FEZ POVO E NASCEU ENTRE NÓS²⁶

Ou: Gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, conseguem mudanças extraordinárias!

Martin-Baró (1998, p. 205) entende que “Junto a esta linha que poderíamos qualificar como ‘a religião da ordem’, se tem dado também nos países latino-americanos outra orientação religiosa, não por menos carente de significação social: a religião contestadora, a religião do oprimido”. Sob este aspecto a Igreja deixa de ser definida unicamente por sua institucionalidade, hierarquia, liturgia e cânones e, ainda, por sua história de comprometimento com a legitimação da ordem estabelecida, para conceber-se primordialmente como Igreja-Povo. Uma Igreja que tem um jeito próprio de viver a fé e celebrar a vida, de acolher o próximo e de resistir à dominação cultural.

A este conjunto denominamos Igreja Popular. Chama-se popular pelo fato de o povo (sociologicamente considerado) deter a hegemonia potencial de constituição deste processo. Basta participar em alguma manifestação da Igreja Popular para dar-se conta da presença maciça do povo, geralmente pobres e mestiços. A fé cristã se encarna na cultura popular, marcada pela disquisição, com forte sentido para a festa, a solidariedade, a união entre evangelho e vida, a mística do cotidiano, a dramatização dos mistérios da fé. Os bispos e agentes de pastoral que se incorporam a esta caminhada do povo que pela fé vivida na comunidade se transforma em Povo de Deus, assumem esta versão popular da Igreja. Eles mesmos se despem dos títulos e signos que os distanciavam do povo. Sob a presença criativa do povo, muda o estilo de atuação da hierarquia sem renunciar a sua indeclinável função de animação e de unidade; da mesma forma se redefine das expressões de fé popular e que pensa a fé junto com as experiências e desafios da comunidade (BOFF, 1986, p. 54-55).

As CEBs são expressão viva desta Igreja Popular, na qual o povo ascende. É certo que a acepção da palavra povo, carrega suas ambiguidades. Como reflete Boff (1986), a palavra é comumente empregada para designar o conjunto de homens simples, mas ela também tem sido apropriada por ideologias totalitárias como o fascismo, o nazismo ou mesmo o populismo latino-americano. Ademais, outros correlatos podem ser identificados nas CEBs: pequenos, classes populares, massas, oprimidos, pobres. Todas elas compõem o repertório musical e ideológico das comunidades. A identificação das CEBs com o termo “povo”, por vezes carente de um rigor conceitual, tende a sublinhar o sentido de uma Igreja que acontece na base, onde o encontro entre as pessoas gira mais em torno da necessidade de viver e celebrar a fé em comunidade, do que em torno de uma instituição estruturalmente definida.

²⁶ “E a Palavra se fez homem e habitou entre nós” (JOÃO 1, 14).

Nesse sentido, as CEBs se assumem enquanto Igreja-Povo de Deus. Nela, os sujeitos tomam a palavra e se sentem, também, parte da comunidade sacerdotal, isto porque “A missão não é confiada a alguns, mas a todos; portadores do poder sagrado são inicialmente todos e só secundariamente os ministros sacros” (Ibid., 1998, p.252). É essa dimensão de que todos pertencem ao povo que vitaliza o sentido da Igreja toda, ainda que nem sempre o sentido de uma Igreja Popular possa ser vivido em plenitude, pois nem todos os bispos, padres e agentes se despem de seus títulos e signos. Desta forma, a monopolização do poder sagrado instaura uma cisão profunda que destitui os fiéis de seu exercício, tornando-os espectadores do sagrado em vez de partícipes. É nesse contraponto que se reverbera a dimensão de uma Igreja que nasce do povo.

Para designá-la Boff (1994) emprega o termo *eclesiogênese*, remontado por vários outros autores dentro da literatura teológica. Mas, o que significa *eclesiogênese*? Em termos práticos, ela indica o nascimento de uma nova experiência eclesial, mais participativa e dinâmica e que precisa ser valorizada com todo seu vigor por representar a forma original com que o povo busca se vincular a Deus e que, nesse sentido, não se afasta do entendimento que temos de religião (do latim *religare*). *Eclesiogênese* é a “gênese de uma nova Igreja, mas não diferente daquela dos Apóstolos e da Tradição, que se realiza nas bases da Igreja e nas bases da sociedade, vale dizer, nas classes subalternas, depotenciadas religiosamente (sem poder religioso) e socialmente (sem poder social)” (BOFF, 1994, p. 196).

Uma máxima difundida entre as CEBs que ilustra bem a dimensão dessa nova experiência eclesial é: “Gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, conseguem mudanças extraordinárias!”. Resgatada da cultura africana por Dom Moacyr Grechi, arcebispo da Arquidiocese de Porto Velho, durante a abertura do 12º Intereclesial, ela sobrevive como uma espécie de lema para as CEBs desde então, por demarcar uma reviravolta socialmente importante que extravasa o contexto das comunidades de base: a noção de um “sujeito histórico e comunitário”, no sentido psicológico (GÓIS, 2005) ou, em sentido teológico, da “irrupção dos pobres” (GUTIÉRREZ, 2000) como povo organizado capaz de efetivar transformações substanciais em sua realidade. Reduzido as suas carências materiais e de direitos, sua força histórica também foi invalidada. Agora, efetiva-se o resgate do sujeito portador das mudanças e, portanto, protagonista de seu destino. Na Psicologia Comunitária, essas marcações refletem o sentido do que Góis (2008) chama de poder pessoal, um sentimento-sentido que se manifesta quando as pessoas acreditam na sua capacidade de conviver, realizar trabalho, criar e transformar seu espaço social. É o poder

pessoal que impulsiona a pessoa para fora dela mesma na forma de uma ação que busca a superação de conflitos e dificuldades.

Mesmo que em lugares desfavoráveis, distantes dos olhos do mundo, cada ação, por menor que seja, tem sua valia e validade. É em lugares como a comunidade, a exemplo das CEBs, que coisas importantes podem acontecer. Como retrata Boff (1986, p. 98) “para além de seu significado religioso, [a comunidade de base] possui este eminente significado: o de lugar onde a massa pode ser povo. Pouco importa o que discutem, o importante é que falem e se sintam donos de seu discurso sempre desprezado como ignorante ou difamado como mitológico”. Nesse sentido, a música de Zé Vicente é precisa:

De repente nossa vista clareou. Clareou! Clareou! E descobrimos que o pobre tem valor. Tem valor! Tem valor!

Nós descobrimos o valor da união. Que é arma poderosa. E derruba até dragão. E já sabemos que a riqueza do patrão. E o poder dos governantes. Passa pela nossa mão.

Nós descobrimos que a seca no Nordeste, que a fome e que a peste, não é culpa de Deus Pai, a grande culpa é de quem manda no País, fazendo o povo infeliz, deste jeito é que não vai.

O que nós vemos é deputado e senador, militar e jogador, recebendo milhões. Enquanto isso o povo trabalhador, derramando seu suor, tem que viver de tostões.

Temos certeza que Deus Pai libertador, lá na Bíblia nos deixou, o caminho pra seguir. Uniu seu povo que era escravo no Egito, faraó ficou aflito, e Moisés pode partir.

(MÚSICA NOSSA VISTA CLAREOU – ZÉ VICENTE)²⁷

A valorização dos pobres enquanto sujeitos cuja visão se “clareia” e passam a enxergar “seu valor” é uma marca potente das CEBs. Nesse sentido, Góis (2008) também fala do valor pessoal como um sentimento-sentido que se manifesta quando as pessoas entram em contato com sua própria afetividade e se descobrem estimadas e queridas. É o valor pessoal que impulsiona a pessoa para dentro dela mesma, num mirar-se amoroso. O poder pessoal e o valor pessoal constituem o núcleo da existência humana e são expressões da própria identidade pessoal, onde nossos profetas se reconhecem.

Mas, é preciso refletir sobre o alcance dessa proposta sobre os demais cristãos. Oliveira (1997) retrata que na década de 1990, as CEBs mantiveram um número de participantes equivalente a 70.000 pessoas. Comparada aos milhões de católicos, composta em sua maioria por não-praticantes, esses dados refletem a existência de uma contradição entre as CEBs e as outras formas populares de catolicismo. Assim, a gente simples atraída

²⁷ Cantando a Vida e a Esperança. Livro de Canto 9º Intereclesial das CEBs. São Luís-MA, 1997.

pelas CEBs compõe, na verdade, uma elite religiosa popular que participa efetivamente da igreja, enquanto a massa de católicos parece não aderir a elas. O autor ainda aponta que, mesmo nas dioceses onde a pastoral de comunidades é incentivada, caso da Igreja de Vitória-ES que é considerada um dos principais berços das CEBs no Brasil, elas apresentam um ponto de saturação. Na Grande São Luís o cenário não é diferente. Os esforços na busca por representantes das comunidades para a articulação das CEBs nem sempre são efetivos.

Aí eu fui, gostei e tô até hoje participando da articulação das CEBs, só que a gente tem esse trabalho todinho dentro da comunidade... Eles acham frescura, eu continuei porque eu gosto, só que por enquanto só tem eu aqui dentro da Vila Luizão. Tem as comunidades, já fui pedir representante, mas nunca aparece. As pessoas não tem coragem de sair de sua comunidade pra ir pra outro lugar, parece que eles tem medo, num sabe por que num vai... (APARECIDA, COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Quando conversava com Seu Lucivaldo sobre o futuro das CEBs, seu prognóstico não me pareceu, inicialmente, muito animador: “Acho que não vai crescer mais não, vai ficar assim”. Não vi pessimismo ou descrédito pelas CEBs em sua afirmação, apenas uma compreensão realista de que o trabalho de base, de fato, não tem condições de alcançar a massa. Esta foi uma das reflexões propostas pelo 9º Intereclesial de CEBs realizado em São Luís, no ano de 1997: criar ou reforçar o laço de identidade entre as CEBs e a massa de católicos não-praticantes, onde seja possível despertar o sentimento de pertencimento à comunidade, ainda que a participação efetiva na igreja seja inexistente, “assim poderá dizer: ‘Esta é a minha igreja, a minha comunidade; eu não participo dela, porque não sou mesmo praticante, mas gosto de vê-la movimentada e ativa’” (Ibid., p. 31). Para isso, sinalizam nossos profetas, é preciso ir ao encontro do povo e resgatar o sentido original de Igreja:

Eu já falei várias vezes também na nossa comunidade, digo “olha a nossa comunidade tem que sair de quatro paredes, nós temos que ir ao encontro do povo, ver lá onde o povo tá sofrendo, onde o povo tá precisando, vamos parar com essa história de estar entre quatro paredes, igreja não é isso, igreja tem que sair, tem que ir lá onde o povo tá”. Até na nossa programação deste ano a gente já botou que a gente vai fazer algumas atividades, fora. Aí, por exemplo, as legionárias, que é exatamente a missão delas ir às famílias, eu vejo elas se prendendo muito a quatro paredes, digo “gente, legionária é pra tá na família, fazendo oração com as famílias, rezando o terço nas famílias, vendo aquelas famílias que tão doente, aquelas famílias que tão passando por necessidade e aí a gente colocou que nesse mês mariano deste ano, a gente vai fazer nossas orações todas na rua, nas famílias, fora de quatro paredes, porque se o povo não vem pra quatro paredes, a gente tem que ir lá onde o povo está, orar junto com a família, com o povo da comunidade (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

As comunidades eclesiais de base é também pra envolver o povo no contexto, na realidade que cada um vive, de cada grupo, de cada setor, com o conhecimento e

então a gente vê que de certa forma o documento 100²⁸, eu li ele uma boa parte mais ou menos e nos enfoca muito, nos informa nisso, em ir ao encontro do outro, sair para o encontro do outro, a igreja num todo agora vai ter que aprender a fazer isso, né, muitas igrejas já fazem, a nossa faz essa questão dos eventos, tipo formação, aí vai de dois em dois meses, três e três meses pra algum lugar assim, mas assim geralmente ficava mais centrado na igreja, mas agora com a campanha da fraternidade também que vai levar a tudo isso, que é “Eu vim para servir”, a pessoa vai ter que sair daqui, pra vim pra cá pra poder servir também, servir lá na família da Dona Teresa, vê o quê que ela tá precisando lá, levar a Palavra, levar esse anúncio da Boa Nova, né (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD).

A questão: reúne só naquela casa que já vai à igreja “ah, eu vou pra casa da D. Aparecida, D. Tereza, pra casa da D. Creusa”, gente, num adianta a gente se reunir na casa das pessoas que vão à igreja, nós não tamo fazendo nada, num tamo saindo do lugar! Eu disse “nós temos que sair da casa da Tereza e ir pra casa de uma pessoa que num tem nada a ver com a igreja”. O que eu disse pra eles é isso que eu queria que a gente fosse em busca de pessoas fora, de pessoas que não tivesse na igreja, porque na igreja, eles já vão pra igreja. Ele pode até num ter um grande conhecimento, mas ele já sabe que a obrigação dele é ir pra igreja, é participar das pastorais, participar do grupo. Então eu quero que as pessoas que nunca participaram da igreja, agora eu acho que vai funcionar as CEBs mesmo, porque eu tenho essa comunidade lá da minha irmã e que as pessoas tão querendo participar e eu vou com meu jeito de CEBs, a maneira de viver, a maneira de celebrar (APARECIDA – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Sair de quatro paredes (Dona Deusa), envolver o povo no contexto e servir lá na família da Dona Teresa (Dona Maria José), ir em busca de pessoas de fora, que não estão na igreja (Dona Aparecida), todas as interlocuções expressam a extensão de ser Igreja, para além de seus templos, a partir das casas, da rua e, principalmente, do povo. Na medida em que a Igreja alcança o povo, lá onde ele está, ela alcança também a realidade que ele vive e todas as suas necessidades. Assim, para os nossos profetas, ser Igreja é cobrir todas as coisas, porque Jesus está em tudo e em todos.

Então o que é ser Igreja? Ser igreja é cobrir todas as coisas, tudo, todas as necessidades que a gente tem, é poder chegar ali “ê, vumbora ali”, porque eu quero criar esse grupo é assim, “ê, ali tem uma pessoa, nós vamo lá naquele grupo ali, vamo ver o que precisamos fazer por aquela família, isso é o que é CEBs, é mais ou menos esse sentido (APARECIDA, COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Aí às vezes a gente esquece disso e num se dá conta que ele [Jesus] tá em tudo, tá em todos, que tá aqui na nossa casa, está lá na tua, na tua comunidade, na minha, mas que tá muito necessário, ele tá esperando lá naquela comunidade da periferia, onde as crianças anda parte do dia descalça, só de calcinha, os meninozinhos de cuequinha, se alimentando só uma vez por dia, a mãe sai porque é o jeito que tem que saí, deixar os meninos sozinho com a irmã mais velha ou o irmão mais velho, que essa irmã não tem a tarefa só de levar pra igreja, mas ela tem a tarefa de fazer o mingau dos meninos, de ter que fazer o café, de varrer a casa, fazer tudo, porque a mãe, que ela é pai e mãe tudo, ela tem que trabalhar, porque se não esses meninos vai ficar na rua, pedindo e muitas vezes acontece, a mãe não consegue com a

²⁸ O Documento 100 da CNBB, “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia” propõe uma análise da realidade paroquial, a partir da reflexão histórica e teológica de seu funcionamento, organização e manutenção, e sua conversão pastoral em uma rede de comunidades.

estrutura sozinha, não tem algumas ajudas que é necessário e aí às vezes esse menino envereda por outro lado, porque faltou uma ajuda bem aí, eu não sei direito a palavra que a gente deveria dizer agora, mas faltou alguém pra ajudar aquela mãe, que é pai que é mãe que é avô e tudo, né (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD)

Esse ser Igreja é, portanto, a fecundidade expressa por outro jeito de viver a mesma fé dos apóstolos, naquilo que ela é e deve ser para o mundo e para as pessoas. E é esse jeito de ser Igreja que as CEBs e aqueles que vivem sua espiritualidade se preocuparam em cultivar.

3.2 UM JEITO DE SER IGREJA: OS PÉS NO CHÃO E O ROSTO DESFIGURADO

Diante das experiências de renovação provocadas no contexto eclesial, a CNBB (1982) reconheceu nas CEBs um novo modo de ser Igreja. A expressão foi tão bem apropriada que resiste até hoje, cinquenta anos – ou mais – após o surgimento das primeiras comunidades. Ao mesmo tempo, elas também se consagram como um antigo modo de ser Igreja, pela volta às fontes das primeiras comunidades cristãs que, tem aí, seus mais de dois mil anos de história. Mas, há outro antigo modo de ser Igreja, não tão antigo quanto o das comunidades de Corinto, com o qual as CEBs mantêm profunda relação histórica: o catolicismo popular do Brasil Colônia, construído em meio às profundas modificações do catolicismo romano, imposto pela colonização ibérica.

Para Ruiz (1997), o protagonismo dos leigos, uma das características mais proeminentes das CEBs, foi se desenvolvendo durante o processo de implantação do catolicismo no Brasil e, assim, construindo no imaginário popular formas próprias de religiosidade, de culto e cultura. Na falta da presença clerical no nível popular, a influência dos leigos tornou-se muito forte. O caráter leigo e devocional desse catolicismo foi visto pelo clero romano como um problema muito mais perigoso do que uma heresia e, por essa razão, começou a ser combatido duramente a partir do século XIX, através do processo de romanização instaurado com o Concílio Vaticano I. A exigência era deslegitimar as práticas e crenças tradicionais, culto aos santos, folias, danças e festas, para retomar o modelo romano de catolicismo, considerado o único autenticamente católico.

Apesar dos esforços de romanização, a grande massa de católicos não aderiu à catequese doutrinária da Igreja e sua prática regular dos sacramentos. Mais uma vez, houve apenas uma reinterpretação de determinados elementos, resultando em outra forma de

catolicismo, agora mais privatizado e menos autônomo. Com o Concílio Vaticano II, a visão de Igreja centrada na distribuição de sacramentos passa a ser questionada e, nesse contexto de *aggiornamento*, as CEBs aparecem como alternativa pastoral ao propor uma nova forma de evangelização. Dentro dessa perspectiva, o mais importante não é o conhecimento da doutrina da Igreja, como julgava a catequese tradicional, mas o anúncio do Evangelho. Este, por sua vez, não se esgota na Bíblia, mas deve ser inserido no coração do mundo. Essa relação entre o novo e o antigo jeito de ser Igreja é muito bem apresentada por nossos profetas e reiterada prontamente na fala do teólogo Libânio:

Como eu falei também que as CEBs ela se preocupa muito com a organização da nossa igreja, é, que cada vez nós tenhamos uma igreja evangelizadora, uma igreja que sempre lembra daquele antigo jeito de ser igreja, inclusive nós temos até um tema que diz assim, é, as CEBs é um novo e o antigo jeito de ser igreja (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

O quê que eu tô fazendo, qual o tipo de ação que eu tô fazendo. Será que eu tô fazendo o outro chorar ou sorrir? Será que eu tô fazendo alguém se sentir bem ou se sentir mal? Então eu tenho que ser diferente e diferente é as CEBs, o novo [jeito] de ser igreja, o novo e velho, né, porque esse velho jeito de ser igreja foi o que trouxe até hoje, em gerações e gerações, desde quando eu me entendi... (APARECIDA, COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO.

As CEBs recuperam, de certa forma, aquela liberdade que os fiéis gozavam no interior da Igreja antes do processo de romanização. Não surgem do nada. Reencontram as fontes tradicionais e profundas de um catolicismo tradicional naquilo que tinha de original, popular, autônomo, livre. Sob formas novas, respondendo a outras exigências e condições sócio-culturais, assistimos ao aparecimento de leigos líderes que assumem papel relevante na vida eclesial popular (LIBÂNIO apud TEIXEIRA, 1988, p. 30-31).

Hoje, sob as novas exigências e condições sócio-culturais, elevam-se movimentos mais contemporâneos como, por exemplo, a Renovação Carismática Católica (RCC), forte expressão do catolicismo na atualidade. É na emergência destes novos movimentos que Dona Deusa revela a face desfigurada das CEBs em sua paróquia, anteriormente reconhecida por ter os pés no chão. Esta percepção revela a própria dinâmica da comunidade em seu processo contínuo de construção e desconstrução. Novas pessoas chegam, com formações e necessidades diversas daquelas que configuraram inicialmente a comunidade e as mais antigas também vão se renovando, assimilando outras perspectivas dentro do conjunto de possibilidades que se figuram a partir de então.

Pois é, é uma preocupação muito grande nossa, enquanto participante das CEBs, com essa desfiguração que as CEBs vêm sofrendo na nossa comunidade, por exemplo, eu já sinto uma grande diferença nesse sentido, porque as pessoas vão se renovando, vão chegando outras pessoas e aí vão trazendo outras características, vão modificando o rosto da comunidade. Eu vi a nossa comunidade muito CEBs no início, no princípio da caminhada, hoje infelizmente, né, o nosso rosto tá um tanto quanto desfigurado, porque pessoas que começam participar, por exemplo, do

movimento carismático, que a gente sabe que é um movimento muito bom, muito espiritualizado, muito de oração, mas fica muito só na oração, muito só no louvor e vai se esquecendo de por os pés no chão, outro dia mesmo eu estava falando com um grupinho, né, que tá muito voltado pra esse movimento carismático, “não, que a gente tem que copiar...”, eu digo “não, tudo bem, eu posso pegar uma coisa boa que eu vejo lá no movimento carismático, sem problema nenhum, se é uma coisa que vai me enriquecer, tem problema nenhum, eu posso também pegar um elemento, uma simbologia lá das comunidades africanas, sem problema nenhum, mas o que eu não posso esquecer é que eu tenho que ter o pé no chão, que eu sirvo a Cristo e é por ele e com ele que eu estou aqui” (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

A forma como Dona Deusa finaliza sua fala demonstra uma ajustada compreensão das CEBs enquanto jeito de ser Igreja: os movimentos são agregadores e sua conformação na realidade da comunidade não implica em uma anulação ou, como ela própria aponta, um esquecimento em “por os pés no chão”. É por intermédio dessa maneira de ser, assumida como princípio fundante e também valorativo, que outras experiências se tornam possíveis dentro da comunidade, conforme analisa Dona Maria Aparecida da Comunidade Santa Terezinha: “não deixo de ficar lembrando, falando, que nós temos que usar o nome CEBs, porque é a comunidade eclesial de base que é a base que dá suporte para o dízimo, pra familiar, pra catequese e pra liturgia, pra acolhida, pra Legião de Maria...”. Ainda assim, “parece que as nossas CEBs tá se partindo, se desmanchando, mudando a cara que ela deveria ter e que ela tinha”, complementa Dona Deusa ao referir-se ao modo como os cantos de luta foram substituídos na Romaria do Trabalhador²⁹:

Depois a gente viu meio que se esfacelando, o rosto das CEBs se desaparecendo, assim com o tempo, ela foi mudando de rosto, eu dizia “parece que as nossas CEBs tá se partindo, se desmanchando, mudando a cara que ela deveria ter e que ela tinha”, mas hoje a gente ainda caminha como paróquia, né, a paróquia Daniel Comboni, a gente ainda trabalha na linha das CEBs, embora com um rosto já bem desfigurado, que já não tem mais o mesmo rosto, né, tínhamos padres que era muito CEBs, muito pé no chão, hoje a gente já tem uns padres que são com uma linha diferente, né, uns pensamentos, umas ideias diferentes, já não são tão pé no chão [ri], então a gente sente essa falta, às vezes eu fico triste das nossas Romarias, que a gente sempre fez a nossa Romaria do Trabalhador e que essas Romarias realmente tinham o rosto de CEBs, as pessoas ali lutando por um objetivo, lutando pelas conquistas da nossa área, da nossa paróquia, né, então a gente via essa coisa muito forte de CEBs e aí, foi até dois anos atrás, que eu fiquei assim escandalizada de ver a nossa Romaria com um rosto totalmente diferente, que até na avaliação eu digo “gente, vocês tiraram o rosto das CEBs da Romaria!” [ri] Eu fiquei triste quando eu ouvi aquelas músicas, totalmente desconexas das CEBs, aqueles cânticos que a gente sabe são cantos de luta, cantos de reivindicação, né, e botaram outros cantos de oba-oba, de sei lá o quê, que não tinha quase nada a ver, aí na avaliação eu digo “gente, mas pelo amor de Deus, o quê que vocês fizeram com as nossas CEBs? cês desfiguraram mesmo!”. Já no último ano, o ano passado, aí já tiraram, graças a Deus, aquele grupo que não tinha nada a ver com CEBs, que distorcia, né, os nossos cantos e já botaram um grupo que é mais voltado pras CEBs, que já tem os cantos

²⁹ A Romaria do Trabalhador é um evento político-religioso realizado anualmente no dia 1 de Maio em várias partes do país. Desde 1990 ela acontece em São Luís do Maranhão no Itaqui-Bacanga, região que abrange entre outros bairros, o Jambreiro de Dona Deusa. Seu objetivo é cobrar melhorias de vida para a população local.

mais de luta, de reivindicação mesmo, já voltou um pouquinho, não tanto como era né, mas voltou um pouquinho, melhorou um pouquinho (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

O rosto desfigurado das CEBs apresentado por Dona Deusa é um retrato condizente com a realidade vivida pela maioria das comunidades. Sua feição atual não é fruto isolado da ascensão do movimento carismático e seus cantos de “oba-oba”, ela também reflete a inserção dos novos padres, cada vez mais formados para retomarem o lugar de chefia nas paróquias e “que são com uma linha diferente, né, uns pensamentos, umas ideias diferentes, já não são tão pé no chão” (Dona Deusa). Tais aspectos respondem também a uma nova onda de romanização marcada pela volta da grande disciplina³⁰. De toda forma, a eleição do papa Francisco e, mais recentemente, a mensagem que ele enviou às CEBs em razão do 13º Intereclesial reacendem uma esperança de retomá-las, agora, não mais como um jeito novo e antigo de ser Igreja, mas como um jeito normal da Igreja ser, conforme sinalizou o bispo de Crato, Dom Fernando Panico, na abertura do 13º, em Juazeiro do Norte. Seu Lucivaldo já pôde sentir algumas dessas reverberações em sua comunidade.

Hoje nós já estamos com uma nova evangelização, é, vamos dizer assim, as decisões CEBs é, estão sendo mais aceitas, o papa, o nosso papa também, ele até citou sobre as CEBs no 13º Intereclesial que aconteceu no Juazeiro do Norte, onde foi o nosso bispo [Dom Belisário] que relatou a carta, que toda nossa igreja precisa é, seguir o ritmo CEBs, pra gente poder evangelizar muito mais e, graças a Deus, que nós estamos sendo agora mais recebidos (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

É pela necessidade de trazer a Igreja toda (clero e leigos) para o chão e aproximá-la da realidade do povo que as CEBs encontram caminho para terem seu rosto renovado e se tornarem um jeito normal de responder à proposta de Jesus no presente: ser comunidade a serviço da vida, a serviço do bem-viver e na luta pela vida. Nos termos de Dona Deusa:

Acho que CEBs é isso mesmo, não é uma vida cheia de rosas, ninguém que vai pra CEBs pensando que vai ah, só ser alegria, só ser, né... Mas é isso mesmo, é ter o pé no chão e acreditar que a luta é difícil, mas que a gente tem que lutar, a gente tem que ter o pé no chão, não é só de oba-oba, né, foi até mesmo lá nessa assembléia, lá em Pinheiro que tinha um painel onde a igreja tava lá no alto e várias cordas puxando a igreja pro chão, querendo dizer que CEBs é isso, a gente tem que trazer a igreja pro chão, a gente deve estar com o pé no chão, não uma igreja lá no alto, uma igreja que tá só no oba-oba, né, mas que não sente as dificuldades do povo, que não luta junto com o povo, que está sempre lá em cima em seu gabinete, em seu coisa, né, nossa CEBs é isso, é estar sempre com o pé no chão (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

³⁰ Cf. LIBÂNIO, João Batista. A volta à grande disciplina: reflexão teológico-pastoral sobre a atual conjuntura da Igreja. Edições Loyola, 1983.

Os pés no chão e o rosto desfigurado, marcas da atualidade das CEBs que atravessam a constituição de sua identidade dentro do contexto urbano, nosso *locus* de estudo, e que servem de ponto de partida para a compreensão dos aspectos desse jeito de ser Igreja que comparecem aos nossos profetas em suas vivências de comunidade.

3.2.1 Construir a igreja-templo e a Igreja-Povo

Ao apontar o rearranjo global do campo religioso no Brasil à entrada do terceiro milênio, Montes (2012) deixa claro que a religiosidade brasileira já não pode mais ser medida em razão do número de católicos. A ascensão de outras igrejas cristãs, do espiritismo e dos cultos afro-brasileiros, assim como a implantação do Estado laico, tiraram a Igreja Católica do centro da religiosidade do país. Mas, durante muito tempo, além de figurar-se como o centro da religiosidade do país, a igreja também representou o centro da vida social de muitos lugares, onde a religiosidade tornou-se parte indissociável da vida cotidiana e os dias de missa eram vistos como dias de festa³¹.

Uma composição sempre me intrigara no contexto das cidades, principalmente do interior: toda igreja tem sua praça, rodeada de banquinhos e toda capela, por mais simples que seja, ostenta um espaço aberto a sua frente, mesmo nas cidades e povoados à beira de rodovias movimentadas. Questionei-me várias vezes sobre a existência desse espaço conjugado até chegar às razões de seu fundamento histórico. Após a missa, como era costume nos tempos coloniais, as pessoas reuniam-se à porta da igreja. Ali mesmo davam-se os reencontros entre famílias, amigos, vizinhos, namorados. A praça da igreja tornara-se, pouco a pouco, a principal referência pública, talvez a única possível em determinados lugares. Outros elementos sócio-culturais também refletem a ligação do povo com a religião instituída e sua instituição representante. A visão das casas dispostas no entorno da igreja ressalta um dos panoramas mais comuns nos processos de formação urbana no país: os povoados e cidades que se desenvolvem a partir da fundação de uma capela e cujas casas se erguem a sua volta, em sincronia, não só porque obedecem ao mesmo movimento, mas porque através dele explicitam uma relação de significado, a centralidade da religião na vida da comunidade.

³¹ Trouxemos essas referências no capítulo anterior, onde falamos sobre a religiosidade vivida no interior.

No meio rural existe um sistema de sociedade mais integrado. As dimensões básicas da sociedade são: a família, a educação, a economia, a política, o lazer e a religião. Essas dimensões estão muito articuladas entre si. As instituições que prevalecem no mundo rural são a família, a escola e a igreja. Em não poucos lugares do Maranhão, a torre da igreja está no centro do povoado, ladeada da escola e das residências familiares. Com razão esta sociedade foi chamada de sacral, devido à predominância da instituição religiosa sobre as demais. [...] No contexto urbano, são as instituições da economia e da política que prevalecem sobre as demais. Culturalmente a cidade é pluralista. Não existe só uma tradição ou um costume estabelecido e isso, inclusive, no domínio religioso (MÔNACO, 2012, p. 62).

O depoimento de Dom Affonso Gregory, falecido bispo de Imperatriz, diz muito a respeito dessa dinamicidade peculiar às cidades do interior e seus povoados. Faz-me lembrar de outra música do padre Zezinho, cujos versos iniciais apontam essa força ordenadora da religião: “Eu vim de lá do interior, aonde a religião ainda é importante. Lá se alguém passa em frente da matriz, se benze e pensa em Deus e não sente vergonha de ter fé”³². Lembra-me também de minhas incursões pelo interior do estado, antes de definir as CEBs urbanas como campo desta pesquisa. Em meados de 2013, viajei a Brejo de Areia para participar de uma Romaria na cidade e a primeira indicação de que nos aproximávamos da sede do município era a visão da ponteira da igreja, avistada desde a estrada. No horizonte, a torre erguia-se como o ponto mais alto da cidade, refletindo a simbologia tradicional da proximidade com o céu e com o divino e o ponto de re-ligação com a terra e os homens. Lá também as casas encontram-se dispostas ao redor da igreja, conforme a perspectiva apresentada por Dom Affonso, ainda que as sociedades sacrais lembradas em seu depoimento – onde a religião constitui a principal fonte de sentido – não tenham mais plausibilidade diante da atual sociedade sacralizada: esta em que vigora a moderna sacralização da ordem estabelecida, da individualidade, do consumo, do mercado de trabalho... Volto mais uma vez à canção do padre Zezinho e seus versos igualmente representativos: “Eu vim de lá do interior e sei que a religião já não influi mais tanto nas pessoas. Sei que a televisão, o rádio e o jornal convencem mais cabeças do que o padre lá no altar”.

Assim, a frequência à missa dominical ou a participação nas grandes celebrações do calendário litúrgico católico, que desde os tempos coloniais sempre foram ocasião de exibição de prestígio social, riqueza e poder, e que conservaram ainda no meio rural uma importante função de sociabilidade, oferecendo a pessoas isoladas em núcleos familiares distantes a oportunidade do encontro, facilitando negócios e trocas, e criando para os jovens a possibilidade do flerte, do namoro e de um futuro casamento, perdem progressivamente sua importância, à medida que avança o processo de urbanização e modernização da sociedade brasileira (MONTES, 2012, p. 99).

³² Música “De lá do interior”, CD Sol Nascente Sol Poente (1999).

Desta forma, as cidades grandes, imersas em sua cultura pluralista, trazem um panorama ainda mais desafiador para a dimensão religiosa, a exemplo da comunidade Santa Terezinha de Seu Lucivaldo e Dona Remédios. É possível andar pelas principais avenidas do Parque Jair e não encontrar qualquer sinal que indique a existência de uma igreja católica por ali. A capela do bairro fica localizada atrás das paredes gigantescas de um depósito de construção e, por isso, praticamente imperceptível. Como reporta Libânio (2002, p. 64): “A parte arquitetônica das cidades maiores termina também por ocultar a visibilidade das construções das igrejas. Antes elas gozavam de imensa visibilidade, ocupando os outeiros das pequenas cidades. [...] Nas grandes cidades, já não se distingue a presença das igrejas”. Elas já não mais ocupam o lugar central de antes, quando as casas eram construídas a sua volta, quando o bairro e a cidade cresciam em torno dela. Nos espaços urbanos mais densos ela vai, pouco a pouco, dividindo espaço com outros monumentos e movimentos, ao mesmo passo em que tenta acompanhar o ritmo de desenvolvimento da cidade e as demandas emergentes da comunidade. Aquele casebre de taipa, coberto de palha, erguido inicialmente para receber as celebrações periódicas presididas pelo padre, deixa de corresponder às expectativas da comunidade em crescimento. Comunidade que cresce não apenas em contingente, mas também no oferecimento de serviços e pastorais. Essa é uma característica pontualmente apresentada pelos nossos profetas em seus depoimentos.

A comunidade era pequenininha, a gente começou participar, indo pra lá, aí foi pensado como ter um templo, aí a gente se reuniu numa quarta-feira, as donas de casas, os senhores levavam as crianças, que eles não podia deixar as crianças só, os meus eram pequenos, iam também, então eles ficavam lá, enquanto tava pensando no processo de como fazer, pra como fazer a comunidade crescer, os meninos dormiam lá pelos bancos, né, assim como os filhos dos outros moradores que participavam, sempre dormiram por lá tudo, enquanto a gente tava resolvendo. Então as comunidades eclesiais de base também surge com esse encontro, encontro das famílias com o objetivo e o objetivo na época era erguer um templo, porque na hora da chuva num podia ter a missa, no domingo, porque a chuva vinha molhava tudo, né. Teve uma vez um batizado de uns quatro adolescentes, de uma família só, tinha três na época e na hora da missa lá, do batizado, o padre se molhou todo, apagou a vela, que era tudo mesmo palhinha, era o começo da história. Então de certa forma, nós temos um certo, num digo orgulho, mas grandeza, alegria de poder ter começado participar desde o começo, do erguimento, das paredes. Assim, a gente ainda chegou ver quando foi feito as primeiras carradas de pedra, de areia, lá no local onde hoje é a igreja, então pra erguer foi em mutirão, aí deixou a igrejinha do lado de palha e aí onde é a nave grande de hoje, era feitos os mutirões, onde todo mundo, as mulheres iam pra fazer a comida, levar água gelada, levar suco, o pão, alguma coisa mesmo e os homens entravam com o trabalho, é certo também que tinha alguma coisa de dinheiro para os pedreiros, mas a maior parte era o mutirão, braço forte dos homens, do povo da comunidade, dos moradores, então pra isso, tinha que ser nos finais de semana, então praticamente todo sábado e todo domingo era feito assim esse mutirão e foi feitas as primeiras paredes, depois botado aqueles negócios lá pra botar o aterro, aí depois foi erguendo, erguendo e como que a gente fazia pra comprar os tijolos, pra comprar terra, comprar pedras? Uma vez a gente juntou, já tinha catequese, dois catequistas já pra colocar a semente, né, da Palavra,

então os catequistas dizia “olha, estamos começando no pensamento de fazer a igreja e nós não temos nada, quem tem em casa um tijolo ou o pai fez a obra, sobrou lá um pouco de tijolo, de brita, de pedra, de pau pra fazer andaime, o que tiver pode pedir pro pai, pra mãe dizer que é pra trazer pra igreja pra gente começar a fazer a obra, pra ajudar, cada um vai poder dizer ‘eu coloquei aqui também um tijolo’” e aí também de vez em quando os meninos chegavam e diziam, os nossos tavam na catequese já nesse tempo, e dizia que o Seu Cito, Seu Cito também é um cara desses do começo que tá até hoje por aí, tá um pouquinho afastado agora, mas aí os meninos eram catequizando, então “Seu Cito disse que é pra gente levar tijolo, ou pedra, o que tiver sobrado em casa de alguma obra, tá estragando, tá aí parado” aí na época a gente tava construindo também a nossa, aí “olha, a gente tem alguns tijolos por aqui”, os meninos no carro de mão, daqui a pouco tinha várias pessoas com o carro de mão levando pra igreja né, então ia levando, então uma coisa construída a muitas mãos né, tem um livro das CEBs que diz que ele é escrito a mil mãos e a nossa igreja comunidade foi construída por muitas mãos, né, e a gente ainda pode dizer por muitas famílias, ou então por que não dizer por todos os moradores dessa área, porque assim quem não contribuiu com o tijolo mesmo, deu um tijolo, deu um carro de mão de tijolo, foi de areia, doou um dia de trabalho, doou um saco de cimento ou às vezes meio saco de cimento, o que tinha em casa e alguns senhores não podia ir pro trabalho, pagavam um dia de trabalho e com isso a igreja foi crescendo, foi se organizando, aí já veio pastorais, já veio movimentos, já veio serviços e a participação dos jovens, das famílias, hoje nós temos na comunidade praticamente todas as pastorais, movimento e serviços (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD).

Dona Maria José relata o começo da história. A comunidade pequenininha animada pela catequese e o desejo de fazê-la crescer mediante a construção de um templo. A demanda imediata contempla outro movimento ainda mais significativo e de onde as CEBs nascem, segundo sua perspectiva: do encontro de famílias em torno de um mesmo objetivo específico que, neste caso, é erguer uma nova capela. Mas, a dimensão participativa vivida pelas CEBs não se limita ao encontro em que se decide pela construção da igreja, ela também envolve a própria ação de construção, realizada em mutirão. Nesse sentido, a atividade conjunta dos moradores da Vila Riod representa uma atividade socialmente significativa não só porque atende as demandas da comunidade de fiéis, mas também porque responde aos seus motivos individuais. Ela é, portanto, uma atividade comunitária, isto é, uma

atividade prática e coletiva realizada por meio da cooperação e do diálogo em uma comunidade, sendo orientada por ela mesma e pelo significado (sentido coletivo) e sentido (significado pessoal) que a própria atividade e a vida comunitária têm para os moradores da comunidade. Ela é uma rede de interações sociais, instrumental e comunicativa, direcionada para a autonomia do morador e da própria comunidade, na perspectiva do fortalecimento de uma identidade social de comunitário, do desenvolvimento da consciência social e pessoal, e da construção da responsabilidade comunitária. Assim, o uso de instrumentos e a comunicação fundam e desenvolvem a vida comunitária (GÓIS, 2005, p. 89).

Importa destacar a interação entre a dimensão instrumental e comunicativa, a partir das várias perspectivas da ação de seus agentes – “as mulheres iam pra fazer a comida, levar água gelada, levar suco, o pão, alguma coisa mesmo e os homens entravam com o trabalho, é certo também que tinha alguma coisa de dinheiro para os pedreiros, mas a maior parte era o

mutirão, braço forte dos homens, do povo da comunidade, dos moradores, então pra isso, tinha que ser nos finais de semana, então praticamente todo sábado e todo domingo era feito assim” – os sentimentos que circulam entre as pessoas envolvidas – “de certa forma, nós temos um certo, num digo orgulho, mas grandeza, alegria de poder ter começado participar desde o começo, do erguimento, das paredes” – e as emoções que são despertadas quando na execução do projeto – “cada um vai poder dizer ‘eu coloquei aqui também um tijolo’”. Em outras palavras, a construção da igreja não reflete apenas um sentido de identidade cristã, compartilhada entre fieis que vivem a mesma fé, como também, em sentido mais amplo, o exercício da experiência comunitária, onde os sujeitos compartilham a vida. O mutirão expressa tão bem o sentido da atividade comunitária e o seu alcance que, conforme analisa Dona Deusa, os homens, geralmente ausentes da vida da igreja, as crianças e os jovens, cada um dentro de suas possibilidades, buscam implicar-se na realização da tarefa, que é trabalhosa, mas que por envolver a comunidade, torna-se prazerosa e vira festa.

A gente também começou nas ruas, que não tínhamos uma igreja lá [no Jambreiro], aí fazíamos celebrações nas ruas, nas famílias, nas casas e a catequese foi assim nesse mesmo sentido, trabalhando com as crianças nos finais de semana e aí depois a gente foi aumentando mais o número de catequistas também lá, fomos formando, aí resolvemos que tínhamos que ter um lugar fixo, não dava pra ficar o tempo todo como nômade, né [ri], aí fomos, pensamos pedir ajuda pra paróquia pra construirmos um espaço, uma igreja, uma capelinha pra gente fazer as nossas atividades e aí a gente ganhou o terreno e fomos construindo, em mutirão mesmo, né, as mulheres, os homens, as crianças, os jovens, um tapava, outro cobria, outro fazia alguma coisa, cada um fazia uma coisa diferente e a gente foi, fizemos o nosso casebre, era uma casebre, que era de taipa, de barro, num tínhamos dinheiro pra fazer maior, nem melhor [ri] e começamos a fazer essas nossas atividades nesse lugar fixo e continuamos com as outras pastorais, né, batismo, liturgia, dízimo ainda não tínhamos porque era muito recente e a comunidade era muito carente também, né, mas a gente fazia as outras atividades da igreja, as celebrações sempre aos domingos, as catequese sábado e domingo e a comunidade foi se animando nesse sentido de pastoral, de igreja mesmo e fomos crescendo nesse sentido. E depois a gente viu que a nossa igreja já estava muito, muito pobrezinha, digamos assim, a gente queria fazer um lugar melhor, de alvenaria, de tijolo e etcetera porque a gente já tinha melhorado um pouquinho no sentido de igreja. Aí resolvemos derrubar o nosso casebre pra construir um outro salão maior onde coubesse mais pessoas e fosse melhor estruturado. Tudo a gente fazia em mutirão, né, a comunidade se juntava assim e carregava terra, carregava água, que não tinha água na época encanada, como até hoje é precário, né, a distribuição de água, mas foi um trabalho assim, muito árduo, né, mais muito gostoso também, porque quando a gente trabalha em grupo, em comunidade, em conjunto com as outras, com o mesmo objetivo é sempre gostoso. Hoje, graças a Deus, passamos pelo casebre de taipa e palha, passamos prum salão maior de alvenaria e hoje, graças a Deus, nós já construímos a nossa igreja mesmo, hoje nós temos uma igreja grande, feita de muito esforço, muito trabalho. Trabalhamos muito em mutirão, eu acho que cada tijolinho, cada pedrinha que tem ali, a gente sentiu o peso, né, então a gente gostava também dos mutirões, porque nas celebrações nas outras atividades da comunidade, a gente não via muito a presença assim dos homens, a presença masculina é muito fraca, mas quando a gente fazia mutirão, até hoje quando a gente faz um mutirão, a gente vê tanto homem que a gente não sabe nem de onde sai tanto homem pra ajudar, né, então isso é muito bom e sempre foi uma coisa muito forte na nossa comunidade, quando a gente fazia

mutirão, era como se fosse festa, né, era aquela alegria, aquela animação, aquele calor, que a gente trabalhava, a gente brincava, a gente sorria, a gente se animava e, por último a gente partilhava. Sempre os nossos mutirões terminava com a partilha, com feijoada, almoço, sei lá, aquela coisa gostosa de comunidade mesmo, então assim, isso me marcou muito, que era essa questão de mutirão e essa questão de apoio das pessoas, dessas pessoas que tavam ali no dia a dia da comunidade. (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Pude sentir esse mesmo clima de colaboração quando participei da Romaria em Brejo de Areia. O evento receberia romeiros de estradas bem distantes que ficariam ali para uma noite inteira de vigília. Era preciso dispor de um lugar limpo e acolhedor. De manhã cedo, a equipe do catecismo já estava posta, munida de vassouras e esponjas para limpeza do chão e lavagem das cadeiras. Mais tarde, os homens assumiriam o trabalho de ornamentação. Sim, a eles coube a tarefa de deixar o espaço mais bonito. Quem diria! Cavaram buracos, assentaram estacas e nelas improvisaram arranjos generosos. Nem todos os homens que estavam ali, participariam da Romaria, ainda assim, eles estavam lá, em pleno domingo. Desta forma, o mutirão aparece como uma prática comum e, ao mesmo tempo, original das CEBs. Ele se faz presente no começo da comunidade, para prover a construção da igreja e, também, sua manutenção, como afirma Seu Lucivaldo.

Olha é assim, acontecia assim, sempre a gente vinha nos final de semana, a gente celebrava, logo após a celebração, a gente ia é, tratar do mutirão, ou era pra cobrir a igreja que era de palha, ou então, era pra limpar o terreno, é dessa forma, alguma coisa a gente se unia e colocava em prática (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Da mesma forma, o mutirão aparece como alternativa atualizada para retomar o envolvimento da comunidade, agora não mais propriamente em torno da construção da igreja, mas de seu entorno, o bairro, como explicita Dona Aparecida:

Isso o padre tá querendo, porque como ele quer formar os grupo no setor, então setor tem que ter a coordenação, secretário, não sei o quê mais, ele quer criar um coordenador de cidadania, isso traz a questão das CEBs, né. Quê que é a cidadania? Cidadania é uma pastoral que você vai, por exemplo, hoje é a rua da Adriana, então Adriana, hoje nós vamo se sentar, por exemplo, nós somos seis pessoa, seis coordenador, pegar esses seis setor ou sete e se sentar os coordenador de cidadania e dizer “hoje nós vamos trabalhar na rua de fulano de tal”, então, fazer aquela limpeza, envolver a família, envolver o povo, até as crianças, num tem *problema* de dizer assim “ah, num pode trabalhar”, mas tudo, vamo limpar essa rua todinha até chegar embaixo. E os outros setor também vão tá lá em mutirão, pra trabalhar nesse setor, pra fazer a limpeza dessa rua, porque a gente quer ver se a gente consegue fazer a Vila Luizão funcionar limpa, sem lixo, sem sujeira (APARECIDA, COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Diante do exemplo trazido por Dona Aparecida importa refletir: até que ponto a prática do mutirão se faz presente hoje na vida das comunidades, especialmente no contexto urbano, em certos termos mais facilitador que outrora? Quem pode oferecer um dia de

trabalho para erguer as paredes de uma igreja de alvenaria, com o corre-corre do dia a dia? Ou ainda: quem pode se comprometer com a limpeza de seu bairro, quando cabe à prefeitura a execução desse e de outros serviços públicos? A cidade vai terceirizando, pouco a pouco, as responsabilidades e, nesse sentido, a construção da igreja acabou também terceirizada. Os esforços, hoje, envolvem outras ações da comunidade, como aponta Seu Lucivaldo.

A gente luta vendendo mingau, vendendo jantar, vendendo também é, algumas roupas usadas que a gente chama bazar e a gente tá com essa grande luta com a ajuda de irmãos que faz algumas doações, um cimento, uma pedra brita e aos pouquinhos nós estamos lutando pra construir a nossa capela principal (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Entre as comunidades de nossos profetas, não há mais nenhuma capela de taipa, erguida ao sabor do improviso. Todas são de alvenaria e, algumas delas, já passaram por reformas, desde a construção inaugural. Com o crescimento do bairro, a necessidade de ampliação torna-se emergente e esta parece ser a atual situação da capela do Parque Jair. Quando fui visitar a comunidade pela primeira vez, era dia de batizado e a pequena capela estava relativamente cheia. Notei um baldrame no terreno ao lado, em uma área bem maior comparada à da capela atual e ali, me explicara depois Seu Lucivaldo, seria erguida a nova capela de Santa Terezinha. Em um canto, um pouco de terra e mais um pouco de brita. No fim da missa, uma moça da comunidade ofereceu-me uma rifa, cujo objetivo era arrecadar fundos para a construção da nova capela. Quando finalmente pude conversar com Seu Lucivaldo sobre a importância da construção do templo, como ele mesmo se referiu em alguns momentos, o sentido desse jeito de ser Igreja veio à tona.

Eu posso assim falar sobre hoje, que a gente tá aí numa grande dificuldade, querendo construir a nossa principal capela aqui ao lado, né, nossas condições são poucas, né. O mais importante é a Igreja-Povo, porque assim, nós precisamos do templo, estamos precisando muito, porque às vezes nós estamos aqui celebrando e fica pessoas do lado de fora da igreja, porque a igreja não cabe mais o total de pessoas que nós temos, assim um dia de domingo, porque assim, os irmãos católicos os dias que eles vem mais na igreja é o dia de missa, né, final de semana, então nesses dias a igreja, a maioria das vezes, a igreja não suporta o total de pessoas que nós temos para participar da celebração. Então, por esse motivo nós precisamos mais rápido possível dum templo, que é esse que nós estamos construindo aqui ao lado. É, mas eu foco muito mesmo é Igreja-Povo. E hoje a gente sente muita dificuldade, por esse motivo, porque às vezes, é, eles vejam as outras igrejas de outras religiões pronta, que eles fazem rápido, então eles acham que a nossa também tem que ser feita rápida também, né, e pra mim, não. Quando eles buscam os irmãos eles já estão com aquele trabalho deles de construção pronta, de construção do templo e a gente busca os irmãos para poder construir o templo, a gente vê hoje uma grande dificuldade nessa relação porque os leigos de hoje, que poucos conhece a palavra de Deus, eles não querem mais assim ajudar, construir para participar ou construir e participar, muitos deles buscam as igrejas de outras religiões que já estão prontas, né, correndo um pouquinho do trabalho e da mão de obra e a gente sente muita dificuldade na construção de hoje por esse motivo e, mesmo assim, a gente tá lutando, com a esperança aí de construir. Pra mim, o importante é evangelizar, o

importante é ter uma Igreja-Povo, né, mas para muitos que conhece pouco a palavra de Deus, acha que o templo que é importante, né, então, por isso eu sinto muita dificuldade aqui na nossa comunidade, que eu não posso aprofundar muito essa área, senão, pode ficar mais difícil... *Difícil por quê?* Porque assim, o que eu digo que não poderia me aprofundar muito, porque assim, eu sempre penso de construir uma evangelização, de tá sempre evangelizando e fazendo todos se sentir bem, até mesmo aqueles que pensa diferente, que pensa nas coisas mais fácil ou querem, quando a igreja já está pronta, eu sempre quero que todas as pessoas se sintam bem, porque assim, eu acho que dessa forma que eu penso, fica mais fácil de fazer a igreja crescer, a Igreja-Povo crescer, então, por isso eu falei que não podia me aprofundar muito sobre, é, esses relatos do que acontece diferente que eu não apoio. Pensando bem, você pode até dizer assim, mas é, você achou ruim esse templo, passar esse tempo todo e a igreja não foi construída? Eu digo assim, você poderia até me fazer essa pergunta, né? É, na verdade, 50% eu achei ruim, 50 % eu achei bom não ser construída até agora. *E por que o senhor achou bom não ser construída?* Porque é, nós tínhamos mais *percas* de irmãos dentro da igreja se caso ela tivesse sido construída. *Por que o senhor pensa que teria mais perdas?* Aí já é a parte negativa e eu não gosto... *O senhor não gosta de falar sobre isso, não é?* Não, porque assim, é uma parte minha e de Deus, eu converso muito com Deus e, por isso é só eu e ele mesmo. Por que é muito difícil, porque assim, as dificuldades que eu vejo em cada irmão, eu vejo que aquele irmão precisa de ajuda. Para esses que Deus veio, então quando eu começo a fazer debate, falar sobre eles, eu acredito que não estou ajudando eles e, ajudar essas pessoas, que eu acho, é mostrar o caminho da paz, como Deus diz que ele apanhou de um lado do rosto, virou do outro lado pra apanhar, perdoou, né, então é isso. E lutar para construir uma igreja bem grande, uma Igreja-Povo bem grande, mas também lutar para construir o nosso templo que estamos precisando, sem ter condição, né (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Em seu depoimento, Seu Lucivaldo deixa claro que a igreja se define primeiramente como comunidade ou, no melhor jeito CEBs, como povo. É a formação da comunidade que determinará a elevação de um alpendre para abrigar os encontros e celebrações inicialmente, assim como a conseqüente iniciação de uma capela no bairro. É o povo que se reúne através de mutirões para que o templo seja construído e, nesse sentido, o templo representa também a materialidade das relações estabelecidas entre os sujeitos que comungam de uma mesma fé. Por mais que as Igrejas particulares – diocese e paróquias – sejam sustentáveis e possam oferecer apoio às igrejas locais, inclusive no projeto de suas edificações, para o cristão católico contribuir com a construção do templo carrega o sentido de uma participação mais direta. Mas no atual contexto os dois processos parecem não estar mais perfeitamente imbricados, pois “eles não querem mais assim ajudar construir para participar ou construir e participar”, conforme revela Seu Lucivaldo ao apontar as dificuldades enfrentadas pela comunidade na construção da nova capela.

Nesse sentido, ao usar a referência das outras religiões que erguem um templo e só depois buscam quem possa frequentá-lo, Seu Lucivaldo tenta retomar o sentido de que “o mais importante é a Igreja-Povo” e que o tempo demandado para a construção da nova capela foi importante para que a igreja-templo não sofresse com “mais percas de irmãos”. Por mais

que os motivos não tenham sido abertamente explicitados – o apego aos valores cristãos, onde ajudar e perdoar as pessoas importa mais que julgá-las, prevalece de forma recorrente ao longo de seu depoimento – é manifesta as divergências de ideias entre os participantes da comunidade, no que diz respeito à construção do templo. Enquanto alguns “pensam nas coisas mais fáceis ou querem, quando a igreja já está pronta” e outros “correm um pouquinho do trabalho e da mão de obra”, Seu Lucivaldo empreende esforços em uma luta dupla: a construção da igreja-templo e o crescimento da Igreja-Povo. Essa perspectiva é contemplada também pelas músicas das CEBs que retratam o verdadeiro sentido da Igreja. Em uma delas, o verso introdutório : “A verdadeira Igreja é onde está o povo reunido”. Em síntese, a Igreja está, onde está a comunidade, seja no campo, no terreiro ou na praça.

A verdadeira Igreja é onde está o povo reunido. O que Jesus deseja nem opressor, nem oprimido.

Igreja de cal e pedra, que por nós foi construída, é casa de oração, e não foi obra perdida. Mas a verdadeira Igreja é dar um sentido à vida.

Grande parte desse povo não aceita esta meta: viver em comunidade que é vida bem concreta. Dentro da realidade cada irmão é um profeta.

Vejam as comunidades que viviam antigamente, olhem a Bíblia Sagrada, que encontra esta semente. Assim é que deve ser esta Igreja da gente.

Não adianta ter Igreja sem vivermos como irmãos, sem praticar a justiça, sem repartir o seu pão. Viver o contrário disto não é ser Igreja, não.

A Igreja é no campo, a Igreja é no terreiro, a Igreja é na praça junto com os companheiros reunindo em Jesus Cristo, nosso irmão verdadeiro.

(MÚSICA A VERDADEIRA IGREJA – AUTORIA DESCONHECIDA)³³

Em conformidade à expressão da música – a verdadeira igreja – e à expressão de Seu Lucivaldo – igreja-templo e Igreja-Povo – Boff (1994) também entende a Igreja muito mais como acontecimento do que como instituição:

Ekklesia-ecclesia-Igreja significa em grego profano a reunião dos cidadãos (homens livres), convocados por um arauto com o fim de se discutirem em praça pública as questões da comunidade. *Ekklesia* significava também o evento e o momento da reunião que, de si, não implicava continuidade. Em sentido teológico podemos dizer que a Igreja é o encontro da comunidade dos fiéis, encontro provocado por Cristo e pelo Espírito para celebrar, aprofundar sua fé e discutir seus problemas à luz do Evangelho. Igreja, neste sentido primitivo, é mais *acontecimento* que pode ocorrer debaixo de uma mangueira, na casa de um coordenador ou mesmo dentro do edifício da Igreja do que a *instituição* com todos os seus bens, serviços, leis, doutrinas e ministérios, com continuidade histórica (Ibid., 1994, p. 252).

³³ Cantando a Vida e a Esperança. Livro de Canto 9º Intereclesial das CEBs. São Luís-MA, 1997.

3.2.2 É festa, é celebração! É música, é dança!

Além de exercer influência sobre a vida pública por conta de sua vinculação com o Estado, Montes (2012) retrata que a Igreja desenvolveu uma peculiar capacidade de se acomodar ao etos da sociedade em que se inseria, conforme já reconheceram outros estudiosos da religião. É desde os tempos coloniais que o catolicismo brasileiro traz a marca de um etos festivo, em que tudo dá lugar à celebração. O conhecido catolicismo barroco perdurou tanto tempo como modelo hegemônico da cultura brasileira, para além até dos referenciais europeus, justamente porque foi capaz de congrega em uma mesma totalidade, através de sua marca festiva, o público e o privado, o profano e o sagrado, o colonizado e o colonizador, os senhores e seus escravos. Mais tarde, com o processo de romanização e o nascimento da República, de onde um novo projeto político e cultural fora desenhado para as elites brasileiras, a festa acabou por ser rejeitada, tanto pelo clero, quanto pela burguesia, restringindo-se daí em diante aos segmentos populares.

É desta forma que a pedagogia da festa sobrevive nos dias de hoje. De um lado, em meio às Folias de Reis ou do Divino Espírito Santo contempladas pelo catolicismo popular tradicional e, do outro, no contexto das CEBs, a forma mais moderna de catolicismo popular, onde a festa é ressignificada ao lado da luta. Como retrata Carlos Mesters, conhecido biblista das CEBs: “Luta sem festa, derrota na certa. Festa sem luta, vitória falsa”. Nesse sentido, os cânticos das CEBs traduzem com propriedade esse etos festivo das comunidades: são cantos de exaltação e também de exultação, de luta e também de glória. Ao mesmo passo em que animam as celebrações, eles dão ânimo à caminhada e alimentam a utopia por dias melhores.

Quando o dia da paz renascer, quando o sol da esperança brilhar, eu vou cantar.
Quando o povo nas ruas sorrir, e a roseira de novo florir, eu vou cantar. Quando as cercas caírem no chão, quando as mesas se encherem de pão, eu vou cantar. Quando os muros que cercam os jardins, destruídos, então os jasmims, vão perfumar.

Vai ser tão bonito se ouvir a canção, cantada, de novo. No olhar do homem a certeza do irmão. Reinado, do povo.

Quando as armas da destruição, destruídas em cada nação, eu vou sonhar. E o decreto que encerra a opressão, assinado só no coração, vai triunfar. Quando a voz da verdade se ouvir, e a mentira não mais existir, será enfim, tempo novo de eterna justiça, sem mais ódio, sem sangue ou cobiça, vai ser assim.

(MÚSICA UTOPIA – ZÉ VICENTE)³⁴

³⁴ Fazendo Justiça, Cantando a Profecia. Livro de Canto 13º Intereclesial das CEBs. Juazeiro do Norte-CE, 2014.

Quando visitei a comunidade de Seu Lucivaldo no Parque Jair, essa música foi cantada durante a missa, no rito da comunhão. Guardei bem a parte do “reinado do povo” porque via especialmente nesse verso uma profunda identificação com as CEBs. Para além dela, há o sentido perene, que corre toda a canção, que é a anunciação do próprio canto, “eu vou cantar”, face o prenúncio do “tempo novo de eterna justiça”. Outro forte indicativo do etos festivo das CEBs é o ritmo característico dos cânticos, cadenciado por instrumentos musicais populares. Em uma das assembléias de CEBs da diocese de Bacabal que tive a oportunidade de participar em 2013, estava lá o pandeiro e o tamborzinho disputando espaço com o violão. Essa inserção da musicalidade popular nas CEBs é vista positivamente pelo Monsenhor Hélio Maranhão:

Muito positiva, também, foi a introdução de novos instrumentos musicais na liturgia: o violão, o pandeiro, a sanfona, o cavaquinho, o maracá, a cabacinha, o reco-reco, o tambor. Fui questionado pelo meu bispo a respeito disso e, eu respondi: o senhor não lê Salmos? Lá, está escrito que todos os instrumentos devem louvar a Deus e nossos instrumentos são estes. Não se louva a Deus só com órgão importado da Alemanha. Será que o nosso Deus tem ouvido estrangeiro? (MÔNACO, 2012, p. 116).

Partindo de uma perspectiva psicossocial, Martín-Baró (1998) destaca que a corporalização dos ritos é uma das características da religiosidade popular constitutivas da identidade coletiva dos povos latino-americanos, animando movimentos de rebeldia e revolução. Aqui no Brasil, como já pudemos notar, o povo também gosta de celebrar com a inteireza do seu ser, do seu corpo, dos seus gestos e não apenas com seu espírito, e essa é a diferença da maneira de celebrar das CEBs, como aponta Dona Aparecida:

Você vai bem aí na Cohama, no Cohafuma, a maneira de celebrar. No Cohafuma é a coisa mais triste que tem é uma celebração, num vai jovem, num vai criança, só vai aqueles pessoal idoso, aí a missa todinha o povo tá lá sentado, só levanta o braço pra dizer em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, então donde eles vem é assim. Quando eles chega numa comunidade dessa em que o povo bate palma, que o povo grita, o povo levanta os braços, ele acha que é diferente. Então, as CEBs celebra diferente como antigamente, a cultura é dançando, é ritmo, é balanço pra celebrar, então eles acha isso diferente e vem essa questão de ele dizer que parece macumba, eu num sei que diferença faz de macumba pra uma celebração... Gente, eu acho que tudo, o ritual, isso aí tudo, eu acho que num tem nada de diferente. Na nossa celebração do Dia Internacional da Consciência Negra lá na Vila Palmeira, olha, foi convidado um pastor, uma mãe de santo, um pai de santo, um padre e uma caixeira [do Divino Espírito Santo], quando terminou toda a celebração, cada qual foi fazer sua oração na sua religião e nenhuma vez eles saíram da vida de Cristo, todas o mesmo sentido foi Cristo, isso são mente das pessoas que bota na cabeça que acha que é diferente. A discriminação porque fulano é isso... Olha lá na igreja mesmo eu não posso ficar parada, vem uma musiquinha, tantan raran [canta], eu dançando, aí as mulher chega lá diz “hum, Aparecida, vai pegar um terço e rezar” eu olhei pra elas eu disse assim “rezar? Eu fiz mal a alguém? Não fiz! Conheço muita gente que não dança, que veste a roupa lá no pé e num levanta a cabeça porque vai olhar o mundo e o mundo é pecado, então se olhar pro mundo tá pecando e faz coisas muito ruins com os outros. Pelo menos, meu amor, eu tô aqui cuidando da minha saúde, tô sacudindo o meu corpo e tô tirando as dor que tem por aqui e fazendo algo bom pra

mim” aí elas “não, eu tô brincando!”, “tu sabe que eu falo mesmo”, “eu tô brincando!” e aí eu tô no setor e eu disse pra elas essa semana “gente, nós precisamos sair do comodismo, “ah eu vou fazer reunião na minha casa, todo mundo vai pra minha casa fazer reunião, porque eu não posso sair de casa, eu num posso fazer nada porque eu sou velha’, cadê a velha? Velho é o mundo, meu amor, e nós já chegamo, já encontramos” e a gente tem que sair, a gente tem que dançar, a gente tem que rebolar, a gente tem que cantar, a gente tem que sorrir, até chorar na hora que é preciso, né, num é que eu tô na igreja eu vou ficar *serinha*, por quê? (APARECIDA, COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

As CEBs celebram como antigamente, referenciando-se ao antigo jeito de ser Igreja, onde tudo dá lugar à celebração. Dançar, como Dona Aparecida argumenta, faz bem ao corpo e, em extensão, também ao espírito. As CEBs também ajudam a desmistificar a ideia de uma participação apática na igreja: “a gente tem que sair, a gente tem que dançar, a gente tem que rebolar, a gente tem que cantar, a gente tem que sorrir, até chorar na hora que é preciso”. E é exatamente por esse viés diferenciado, marcado por uma maneira de celebrar descontraída e uma acolhida movimentada, meios através dos quais se vive a espiritualidade nas CEBs, que se busca uma aproximação com a massa de católicos que não possuem laços com nenhum grupo ou movimento da Igreja. Partindo desta perspectiva, nossos profetas buscam “pescar” mais algumas pessoas para o trabalho das CEBs, transformando-se, no mais perfeito sentido, em verdadeiros “pescadores de homens” (MATEUS 4, 19).

Inclusive até na nossa maneira de celebrar, é uma maneira assim espontânea, não é aquele ritual só do amém e tudo bem. Não, você tem aquela espontaneidade de se movimentar, de se descontrair a comunidade e por isso, nós incomodamos porque que a gente siga tudo aquilo certinho, todo aquele ritual da missa, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e a gente que é CEBs não é assim. Você dança, num é uma renovação [carismática], mas você dança, você faz com que a população se chegue, a população participe, é uma nova maneira assim de celebrar, um Jesus Cristo descontraído, não aquele Jesus carrancudo, só certinho ali de paletó e gravata, não. Você tem uma acolhida, uma acolhida assim, movimentada, então essa é a maneira de celebrar, é acolher o irmão, trazer aquele irmão que tá triste, convidar. Se aquele irmão disse que não tá se sentindo bem, você vai lá, conversa com ele, você pergunta o que é que ele tem, não fecha as portas pra ele, você abre as portas (ZILDA – COMUNIDADE FÉ EM DEUS, MONTE CASTELO).

Teve um encontro aqui e eles viram como a gente participamos, como nós trabalhamos, que espiritualidade nós vive dentro das CEBs, eu acredito que depois desse encontro aqui eu vou pescar algumas pessoas pra esse trabalho das CEBs, que eles viram o tamanho da diferença, a maneira de celebrar, a maneira de celebrar é completamente diferente (APARECIDA, COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Contudo, a presença da música e da dança nas CEBs nem sempre conta com a receptividade dos demais cristãos católicos, diferente do que acontece com a Renovação Carismática Católica (RCC), movimento reconhecido pelo caráter dinâmico de suas celebrações. Dona Maria José reflete o sentido dessa parca permissividade: “porque as comunidades eclesiais de base que muita gente pensa que é só folha seca, que é tambor, que é

terecô³⁵, que é música alta...”. Cabe então o recurso à rotulação, “as CEBs parecem macumba”, em cujo sentido se encerra também a desqualificação dos cultos de matriz africana. Dentro de uma análise dialógica, Dona Aparecida reitera que “num tem nada de diferente” e que nas celebrações em que participou, “o pastor, a mãe de santo, o pai de santo, o padre e a caixeira”, cada qual fazendo “sua oração na sua religião e nenhuma vez eles saíram da vida de Cristo, todas o mesmo sentido foi Cristo”.

Mas a visão acolhedora de Dona Aparecida não é uma unanimidade, nem mesmo dentro das CEBs, onde o discurso ecumênico apresenta suas ressalvas e o diálogo inter-religioso nem sempre se efetiva como um diálogo (interação entre dois ou mais elementos), de fato. Um exemplo é o Intereclesial das CEBs. Nele, a presença de evangélicos, pajés, mães de santo e outras representatividades religiosas já não é nenhuma novidade, mas um episódio ocorrido no encerramento do último Intereclesial, onde me fiz presente, provoca os sentidos quanto ao alcance dessa abertura ao pluralismo religioso. Ao serem convidadas para a oração final do encontro, as mães de santo levantaram-se em protesto. Até mesmo no momento de encerramento, a palavra lhes fora tomada, cabendo à pastora a preleção. O desabafo veio em seguida: “Nós não somos folclore, somos uma religião!”. Entre os participantes que lotavam o ginásio, um misto de surpresa, palmas e inquietações.

Resguardada a complexidade dos temas em questão – ecumenismo e diálogo inter-religioso – que não serão aprofundados aqui, fica a sensação da resistência, ainda muito velada, e de um olhar mais mítico do que místico sobre religiosidade dos povos indígenas e africanos, que só reforçam a não legitimidade de suas práticas. No entanto, o início de nossa formação social encontra-se marcada pela introjeção das formas simbólicas das culturas africanas e indígenas, com o qual se construiu o etos católico vigente em nosso país (MONTES, 2012). Negado pelas elites ou pela Hierarquia da Igreja, essa religiosidade ainda encontra respiro em alguns poucos espaços, como nos conta Dona Aparecida:

Lá em São Paulo teve um encontro do ecumenismo, um encontro onde teve participantes de todas as representações da Igreja Católica, onde teve lá, tinha índios, tinha pessoas da religião afro, tinha das cinco representações do CONIC [Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil], tinha da Presbiteriana, da Luterana, da Ortodoxa, eu sei que tinha as representações do CONIC, todas, seus representantes maiores e os bispos, tanto os bispos da igreja deles quanto os nossos bispos que estiveram lá na noite cultural, nas celebrações, cada um fez sua parte na celebração, todo mundo junto, onde uma pastora celebrou junto com o bispo, junto com os padres e foi tudo muito agradável aos olhos de se ver, de todo mundo que tava lá. Então lá em Juçaral dos Pretos teve a mãe de santo e o padre, aqui na comunidade,

³⁵ O Tambor da mata ou terecô é uma religião afro-brasileira tradicional da cidade de Codó, região do cerrado maranhense, muito confundida com o Tambor de Mina e a Umbanda.

no setor urbano, se vier o padre celebrar ao lado da mãe de santo ou do pai de santo eles vão dizer: “o padre trouxe um macumbeiro pra igreja” (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD).

A diferença entre os setores urbanos e rurais comparece mais uma vez com grande força e, por mais que a cidade seja marcada pelo pluralismo religioso, a fé vivida nesse contexto não tem sido capaz de dialogar prontamente com outras denominações religiosas. O que se vê são tentativas externas, tomadas por coordenadores e lideranças religiosas, quando na base, entre o povo mesmo, até o ecumenismo encontra dificuldades: “na nossa diocese, sobretudo, os membros da Assembleia de Deus, só caceteavam. O tempo todo eles falavam contra o papa, contra os bispos, os padres e, as freiras³⁶” (MÔNACO, 2012, p. 134). Assim, “as CEBs não podiam dialogar com qualquer tipo de Igreja. Como é que você pode dialogar com os membros da Igreja Universal?³⁷” (Ibid. p. 135) e “ainda é muito difícil dialogar com os protestantes, sobretudo com os pentecostais³⁸” (Ibid. p. 136). Mais difícil ainda é o diálogo entre religiões cristãs e não-cristãs, como bem explicita Dona Aparecida, uma mãe de santo ou um pai de santo na missa é como se “o padre trouxesse um macumbeiro pra igreja”.

Enquanto Libânio (2002) alerta para a presença dominadora do clero no meio rural a vigiar os comportamentos do povo e marcar os limites de qualquer desvio, nossos profetas trazem uma visão contrária: a experiência de liberdade é mais clara nesse contexto. No interior, é o povo quem organiza e dinamiza suas celebrações de acordo com suas tradições e necessidades. Na cidade, as exigências litúrgicas convêm ao olhar do padre e os fiéis permanecem submetidos à obediência das regras.

Lá a juventude do interior é mais quente, lá tem mais encontros, os encontros são mais animados, porque aqui tem muito a questão da disciplina pelo fato da gente ser, acho que até mesmo por ter mais conhecimento, a gente não quer quebrar as regras e no interior não, as regras são mais um pouco quebradas, então as reuniões dos jovens são mais animadas, é uma festa na verdade, né, e com isso é mais chamativo, a gente sabe que juventude gosta de barulho, juventude não gosta de sentar e rezar né, juventude gosta de barulho, é reza da maneira deles (REMÉDIOS – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

No que eu posso observar, por exemplo, lá em Vargem Grande que, lá é chamado tipo setor, tem setor urbano e setor rural. No setor urbano a diferença de, vamo dizer assim, de impregnar a história, o ser das CEBs, a mística das CEBs, a espiritualidade das CEBs, o povo no setor rural eles tem essa liberdade, vamo dizer assim, a palavra certa é liberdade, apropriar-se, por exemplo, se vai ter uma missa de rua, uma missa no bairro, uma missa lá no lugarejo, as pessoas que moram lá, elas tem mais liberdade de fazer acontecer dentro da linguagem das CEBs (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD).

³⁶ Depoimento de Dom Carlos Ellena, bispo emérito de Zé Doca.

³⁷ Depoimento do Senhor Manoem Abreu Everton, leigo de São João Batista, diocese de Viana.

³⁸ Depoimento de Marta Bispo, freira em Riachão na diocese de Balsas.

Desta forma, no meio onde “as regras são mais um pouco quebradas” (Dona Remédios) é mais fácil “fazer acontecer dentro da linguagem das CEBs” (Dona Maria José), deixar valer seu jeito de ser, sua mística e espiritualidade. Nesse mesmo contexto do interior, se destaca também com mais propriedade o sentido da inculturação. Quando estive em Juçaral dos Pretos para participar de uma programação organizada pela equipe de articulação de CEBs de São Luís, alguns elementos representativos da cultura negra marcaram presença, especialmente durante a missa. O padre vestia um kufi³⁹ junto de sua tradicional veste litúrgica e a equipe de liturgia, as conhecidas batas africanas, com suas estampas geométricas cheias de cor. Estávamos em uma comunidade quilombola do município de Presidente Juscelino para celebrar o Dia Internacional da Consciência Negra, para tanto, a identidade negra se constituía o tema central, alvo de todas as menções e atenções. Até mesmo o padre fora escolhido cuidadosamente para a celebração por reconhecer e valorizar também sua ancestralidade africana. Dentro da cidade, nem mesmo o Dia da Consciência Negra recebe atenção das Igrejas. Mas, lá em Juçaral, as CEBs puderam ser CEBs, junto com o quilombo.

Lá, o nosso último trabalho lá em Juscelino, Juçaral dos Pretos, lá a gente pôde colocar aquele altar daquele jeito com os panos colorido, um pouco de capembas com aqueles frutos da terra, lá mesmo, tudo daquele jeito lá bonito, de se ver, de se apreciar e de se viver e aqui não, tem que ter uma bacia, vamo dizer, de inox, ou então, pra na hora de entrar os frutos tem que ter as uvas que você tem que comprar no supermercado, porque se às vezes eu tenho manga em casa, banana em casa, eu às vezes tenho acerola, tem quintal que tem acerola, que tem manga, tem banana, tem tudo isso e a gente podia ofertar isso, então na linguagem das CEBs a gente oferta isso tudo que é fruto do nosso suor e nas comunidades urbanas, não sei em outras, mas na nossa, tem que ir lá no supermercado comprar o melão, comprar a maçã, comprar a pêra, que a realidade nossa não é o melão, a pêra e a maçã e a uva, a realidade da gente mais é a banana, é a manga, é a goiaba que tem em muitos quintais, é as coisas que tem nos quintais da gente, a gente pode levar pra oferecer, então é um pequeno detalhe. A gente pode ir lá no interior, quando a gente vê, a gente leva num balaio assim, né, bota lá um pano colorido ou então folhas verdes e leva pra ofertar, aqui tem que ser uma bandeja, na cidade maior, na cidade urbana, no lado urbano, uma bandeja, não sei porque, tem que ser a melhor bandeja, não sei e é a de inox se é a de esmalte, o que é, mas por que a gente não pode apropriar, porque a gente não pode entrar com a nossa peneira, com o nosso balaio, com o cesto feito daquele material que é o que faz o balaio, que faz a peneira, artesanatos, né, então porque a gente não pode fazer isso? Na hora de fazer o presépio no dia do Natal, no período de Natal, no interior a gente pode pegar folhas, assim um tronco de madeira, uma coisa dessa pra fazer, a gente lá também pode pegar folhas secas e na cidade a gente tem que ir, comprar uma estopa cara lá no supermercado, tem que comprar não sei o que mais caro, tudo tem que ser da parte do consumismo, então porque a gente não pode usar coisa nossa, que a gente tem no nosso convívio, no dia a dia, então eu vejo por aí, na hora da celebração em si, a outra dificuldade é que, tudo bem da veste litúrgica, acho muito legal, tem o fator de uma vez eu tá indo pra fazer uma leitura, ser o porta-voz de Deus e eu tô lá com um vestido muito decotado, muito visível, aparecendo as mamas, aparecendo toda a costa, um short muito curto, então a liturgia veio pra favorecer por esse lado, porque a gente tem que respeitar um pouco, porque é o corpo de Jesus que está ali, mas podíamos colocar um

³⁹ Chapéu masculino arredondado e sem abas, tradicional da África.

colorido nas vestes, não só uma veste toda branca ou uma veste toda só no dourado, nas aureolas lá tem que ser tudo dourado, mas uma coisa que fosse a realidade do povo, vamos colocar uma veste litúrgica mas com alguma coisa das CEBs, uma coisa colorida, um pouco nas laterais aqueles estampadinhos das CEBs, que as CEBs é uma coisa estampada, alegre, cor viva, né, então bota só branco, ou então coloca só vermelho, só verde, só o lilás, então não acompanha esse padrão, essa mística. Na hora tem que ser muito só, no setor cidade, urbano, vamo dizer, tem que ser tudo muito alinhado, no setor rural, a gente tem mais liberdade de fazer, liberdade de viver e num tem tanta cobrança, nós podemos até usar o verde do período, do tempo da igreja, do tempo comum, tempo isso, tempo aquilo, nós pudemos até usá-lo, mas não deixando prevalecer só aquela cor, a gente pode botar o colorido também na hora de ler, tem muita coisa que a liturgia de hoje tira um pouquinho essa mística, não porque a liturgia não é a coisa boa, não é coisa sagrada, tem alguma coisa litúrgica que é feita assim muito padre, muito freira, muito tem que ser só daquele jeitinho ali, pronto, se não é anti-litúrgico, então tem coisa que por isso aí vai afastando um pouquinho, tira a espiritualidade nossa, o nosso jeito. O nosso jeito é mais simples, mas é muito mais alegre, então é essa que é (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD).

Dona Maria José traz muitas reflexões interessantes ao longo de sua fala acerca desse ajuste de realidade entre o interior e a cidade. Começa por retomar o sentido do ofertório dentro da liturgia, de oferecer aquilo que se tem e que é fruto do suor de cada um. Mas, o pano de fundo do contexto urbano é outro. A cultura de massa, tão diversa quanto descartável, não possibilita aos sujeitos desenvolverem um processo sólido de identificação social e cultural. No meio rural, a terra é esse vínculo de identificação. Na cidade não se planta, nem se colhe, mas resta o poder de compra. Substitui-se o balaio feito artesanalmente pela bandeja de aço inox produzida industrialmente. O ofertório da cidade, nesse sentido, não simboliza a identidade de quem oferta. Quando ela então se refere ao presépio natalino e sua relação com o consumismo, logo me vem à mente o presépio da capela de Santa Terezinha no Parque Jair: todo feito de papel e à mão. Nele se revela, por um lado, a simplicidade da comunidade, como também a ausência de recursos para comprar a “estopa cara lá no supermercado”.

Na comunidade se dá o lugar para a criatividade litúrgica. Evidentemente o povo aprecia a liturgia canônica e oficial; mas também cria ritos, encena a Palavra de Deus com grande espontaneidade, sabe organizar grandes celebrações, usando a Bíblia e os objetos que são significativos da região, ou as comidas típicas. É nestes momentos que a fé ganha sua melhor expressão. Um povo que sabe celebrar é um povo resgatável; nem tudo está oprimido nele; é um povo em marcha para sua libertação (BOFF, 1994, p. 217).

Em outro momento, ela denuncia a “coisa litúrgica que é feita assim muito padre”, ou nos termos de Boff (Ibid.), liturgia canônica e oficial, principalmente no setor urbano que “tem que ser tudo muito alinhado”. O autor, assim como Dona Maria José, esclarece que não é porque o povo não aprecia a liturgia, “não porque a liturgia não é a coisa boa, não é coisa sagrada”, mas certas imposições acabam tolhendo aquilo que existe de mais representativo nas CEBs, a exuberância de seus ritos, sua mística e alegria, apesar do seu jeito de ser Igreja

mais simples. Deixo a palavra mais uma vez com Dona Maria José, pois ninguém melhor do que ela para captar perfeitamente os desafios persistentes de “viver essa liturgia presencial e alegre” dentro da cidade:

Essa questão aí é um dos desafios no clima cultural não é, na vivência do hoje, na vivência daquele conhecimento que a gente tem, o povo querem fazer só assim, nós entrar de veste litúrgica, todo mundo certinho ali, um atrás do outro ou do lado do outro e a gente tem que se sentar daquele jeitinho, ninguém pode se virar nem nada, e as CEBs quer que você seja um pouco mais livre, mais ativo, mais vivo, que você atenda assim a perspectiva desse povo simples, a modernização é boa, mas até certo ponto, às vezes inibe o outro, porque “ah, mas aquela igreja tá muito cheia de coisa, num vou mais nem poder ir lá, num me sinto mais bem indo lá”, porque as CEBs é uma coisa mais simples, um jeito de viver que chama a atenção que, vamo dizer assim, faz as pessoas gostar de participar e se sentir CEBs, mas às vezes, tem uns ritos aí que fica muito certinho demais, a leitura não, a leitura da bíblia é sempre legal, você pode ler, você pode dançar e na liturgia de hoje não pode muito entrar dançando com a palavra no balaio, só se for no dia da Consciência Negra, porque é o jeito eles aceitarem nesse dia, ou então no dia 13 de maio que de certa forma, foca um pouquinho da escravidão, que continua essa escravidão até agora, até hoje, mas é muito contado os dias que a gente pode viver essa liturgia presencial e alegre, é meio assim que roubado, tirado de você, “você não pode fazer isso, ah na missa assim não pode não, né”, então essa dificuldade, eu não sei porque mais tem, não sei se é em todo lugar, mas aqui na nossa tem (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD)

A par destas reflexões, trago o depoimento revelador de Seu Lucivaldo: sua paixão total pela celebração das CEBs. Ele também assinala que elas não se prontificam apenas por meio da música ou da dança, mas na “forma da humildade e das grandes lutas”, pois tal qual sintonizou o próprio Boff (Ibid., p. 217) anteriormente: “Um povo que sabe celebrar é um povo resgatável; nem tudo está oprimido nele; é um povo em marcha para sua libertação”.

Eu sou mais apaixonado pela celebração CEBs, porque me chama muita atenção, mexe com meu espírito e eu me sinto bem feliz mais com a celebração das CEBs. *E qual o diferencial das celebrações que faz o senhor se sentir bem?* A forma da humildade, é a forma das grandes lutas, dos irmãos que luta pela ajuda dos que mais precisa, é a música que durante a celebração a gente fica escutando, mexe com o meu coração, então é a minha paixão total mesmo a celebração das CEBs (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

3.3 NÓS PREGAMOS ESSE JEITO DE SER IGREJA, ESCÂNDALO PARA OS PADRES

Por mais que o título desta seção queira indicar a existência de um antagonismo do clero em relação às CEBs ou vice-versa, não podemos incorrer na mesma impostura que abastece o embate entre a hierarquia da Igreja e o laicato. A visão desta polarização depositou

sobre as CEBs, especialmente em suas origens, o sentido de uma nova iconoclastia, destruidora da ordem e da tradição. Ao assumirem a radicalidade de sua opção, sob a qual se desdobraria também a adoção de um papel contestador, as CEBs queriam que a Igreja, dentro de sua oficialidade, também fizesse sua opção radical. Não há, nesse sentido, uma relação dicotômica entre sacerdotes e leigos, ainda que uma tensão real se estabeleça entre preferências ideológicas, nas quais se encontram mutuamente implicados, sacerdotes e leigos.

No caso das CEBs, os atritos se dão com as autoridades religiosas que não se identificam com a *caminhada*, trajetória seguida pelos membros dessas comunidades envolvendo valores, gestos, práticas tidos como distintivos delas em relação aos demais. Desse modo, separam-se em campos distintos bispos, padres e religiosos que se afinam com os que estão na caminhada e os que não se identificam com ela (WANDERLEY, 2007, p. 67, grifos do autor).

Com a inserção das CEBs no atual contexto das paróquias, a dimensão dessas tensões é mais propriamente sentida a nível local. Deste modo, as menções trazidas por nossos profetas são imediatamente direcionadas aos padres, figuras cotidianas de representação da Igreja nas comunidades. O depoimento de Dona Aparecida é um exemplo claro de como as CEBs são distintamente percebidas e recebidas pelos padres: sua paróquia conta com três párocos e entre eles o nível de implicação com as CEBs vai da completa resistência ao simples descaso, até chegar ao apoio manifesto.

Olha Adriana, a primeira resistência que a gente tem é dos padres, inclusive são as CEBs e a Pastoral da Criança, são duas coisas assim que ele deixam de lateral. Eles falam muito na missão, mas quando diz assim CEBs, uns acha que CEBs é um grupo separado da igreja, outros, o padre Gino diz que não gosta das CEBs porque as CEBs parece macumba, o padre Jucinei gosta e até que ele quer apoiar, mas num tem muito aquele tempo, num sei, pode ser tempo, pode ser menos preocupação, “ah, num é uma coisa importante”. Já o padre Carlos, ele abraça tudo, porque o padre Carlos, por ele ser uma pessoa mais velha, ele acha que tudo pode acontecer dentro da comunidade, importante que seja em função desse Cristo vivo, né, dessa busca de missão, dessa busca de trabalho em conjunto, isso o padre Carlos ele é completamente diferente, e a resistência é por causa disso. Do jeito que ele diz assim “vocês tem que ir participar da missão” se ele dissesse “vocês tem que participar das CEBs com Aparecida” todo mundo ia. O padre tem influência. No momento que o padre “vocês estão aqui, vocês tem que fazer” o pessoal diz “ih, o padre chamou” “ah, o padre disse que é importante” como eu disse pro padre Carlos “padre Carlos isso não acontece, porque vocês num tão nem aí, vocês acha que a Pastoral da Criança e as CEBs são coisas separadas. Você num bota isso numa coisa boa”. Só que o padre Carlos, por onde ele vai, ele diz que eu sou o representante das CEBs, da Comunidade Eclesial de Base dentro da paróquia. Eu sou conhecida por toda comunidade que eu sou representante da Comunidade Eclesial de Base dentro da paróquia. Então quando eu chego nessas comunidades eu sou bem recebida. Já vou recebida porque o padre Carlos já falou de mim, aí quando eu chego assim que eu vou com eles, aí eles diz assim “puxa, eu tava com vontade de te conhecer porque padre Carlos falou de ti, num sei o quê”, quer dizer que ele tá me fortalecendo nessa questão de CEBs dentro da comunidade (APARECIDA, COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Há ainda outras considerações complementares fornecidas por Dona Aparecida a respeito dos padres de sua paróquia: “Aí tem o padre Carlos, ele já tem mais de oitenta anos, ele é o pivô da nossa comunidade e é uma pessoa muito legal e outro padre é italiano, num sou muito chegada nele não, mas... [contorce a face em sinal de reprovação] Aí, outro é o padre Jucinei, de Santa Catarina, onde a gente puxa ele, ele vai [ri]”. O sentimento do padre italiano em relação às CEBs tem sua reciprocidade, pelo menos da parte de Dona Aparecida: ele “não gosta das CEBs porque as CEBs parece macumba” e eu “num sou muito chegada nele não”. Por sua origem, ele reflete o tipo ideal de sacerdote romanizado, inclinado às práticas determinadas pela Cúria Romana e, nesse sentido, qualquer manifestação que fuja ao estilo neoclássico das celebrações é, a seu ver, extravagante. A título de explicação, Dona Aparecida, ao contrário do que afirma inicialmente, mostra compreender bem a razão desse posicionamento: “Olha Adriana, eu não entendo muito essa questão, eu digo que é pessoas que não conhece cultura, falta do conhecimento de cultura. Ele veio de lá da Itália, aí depois ele passou pela Bahia, passou pelo Rio Grande do Sul, veio com outra maneira de celebrar”.

Por outro lado, o padre mais velho é considerado o suporte da comunidade e tem total apreço de Dona Aparecida. A relação entre eles é narrada dentro de um clima de liberdade expressiva, acompanhada também de certa amistosidade: “Como eu disse outro dia, padre Carlos falou de ovelha e eu disse ‘padre Carlos, o senhor é um pastor pra acompanhar suas ovelhas, num adianta culpar um e outro, o culpado é o senhor, seu careca!’[ri]. Nessa, ele me dá um murro e diz que eu sou saliente”. É este padre que, em razão de sua experiência com o povo, “acha que tudo pode acontecer dentro da comunidade, importante que seja em função desse Cristo vivo, né”. Mas, ao mesmo tempo em que “abraça tudo” e referencia Dona Aparecida como representante das CEBs dentro da Vila Luizão, ele não faz uso de sua influência para promovê-las e nem assume as CEBs como uma missão: “Ele quer que eu caso a questão da missão, né, com questão das CEBs. Só que as CEBs é uma missão. Foi o que eu disse pra ele, ‘padre Carlos, CEBs é uma missão!’”. A perspectiva apontada por Dona Aparecida reforça sua fala anterior de que “uns acha que as CEBs é um grupo separado da igreja” e que, nesses termos, elas precisariam se adequar às suas ações e objetivos.

Segundo os nossos profetas, os padres também são responsáveis pela afirmação da identidade das CEBs em suas paróquias, em vista de sua autoridade culturalmente estabelecida e ainda forte entre os fiéis. Se o padre não fala a mesma língua das CEBs ou nem mesmo fala das CEBs em seus sermões, fortifica-se no imaginário dos cristãos uma rachadura profunda entre a vida de comunidade e a vivência de CEBs. Nesse sentido, o jeito de ser

Igreja que as CEBs assumem não corresponderia a um jeito “correto” de ser Igreja e qualquer tentativa de fazer valer essa identidade por parte de alguns leigos recai como rebeldia.

Porque a gente vive, a gente sabe o que é e como é, mas tem gente que pensa que “não, não pode ser desse jeito aí”, aí você vai ser polêmico, brigador, briguento dentro da comunidade e às vezes a gente é isso. Às vezes eu faço isso “ah, Dona Maria José é contra”, não é porque é contra, é porque as coisas tem que avançar e tem que avançar num jeito que é pra todo mundo, né. Aonde a gente for, na hora de assinar como pastoral a gente também quer assinar CEBs e ainda não assinamos como CEBs, por exemplo, você diz assim, Maria José e na frente coloca, vamos dizer assim, Batismo, significa que é a Maria José do Batismo, então tem que dizer Maria José das CEBs e vem as outras coisas, se ela participar, se ela tem contribuição, então tá faltando deixar valer a identidade, isso ainda tá difícil porque tem um fator que os companheiros dizem que não, mas é, enquanto nosso chefe maior da terra, da igreja, que na comunidade é o pároco, enquanto ele não tiver falando junto a língua das CEBs como a gente vê na zona rural, o pessoal da comunidade, os participantes, vamos dizer as ovelhas não falam também, porque acham que tá errado e que estão sendo rebeldes, por exemplo, Maria José é rebelde porque de vez enquanto vai lá pra participar desses encontros de CEBs por aí, eu fico uma semana fora daqui, eu fico um final de semana, estava prum encontro das CEBs, mas na hora que chega não é aberto um momento pra passar o que foi feito lá, então a gente vai falando de pouco a pouco isso que se viveu lá (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

Dois pontuações chamam especial atenção no depoimento de Dona Maria José: o padre como chefe da igreja e da comunidade e a língua das CEBs falada pelos padres no interior. Mesmo com o trabalho de valorização dos sujeitos desenvolvido pelas CEBs, em cujo esforço se insere a autonomia da comunidade, o padre ainda é colocado em uma posição hierarquicamente superior e absorvido como chefe da comunidade. Nessa perspectiva, o que se pode observar é que ainda prevalece o modelo de gestão centralizada na paróquia, onde o padre é a figura ordenadora, e não de uma rede de comunidades⁴⁰ na qual o laicato assume maior espaço na construção de suas decisões. São questões ideológicas que ainda legitimam o exercício do poder dentro da Igreja e que nem mesmo as CEBs conseguiram desconstruir. Dona Aparecida aponta também os pontos extremos entre os padres da cidade e do interior em relação às CEBs. No interior, especialmente em Vargem Grande, onde ela cresceu, as CEBs são faladas e reconhecidas abertamente pelos padres, cenário bem diferente do que se apresenta em São Luís, particularmente em sua paróquia.

Lá [em Vargem Grande] o que eu acho bonito é que lá os párocos, os padres usam o nome comunidades eclesiais de base. *Todos eles?* Praticamente, por exemplo, agora eu fui no festejo de São Sebastião, porque lá tem muito assim, lá tem dois padroeiros, São Sebastião é o padroeiro da paróquia, paróquia de São Raimundo Nonato que ele é o padroeiro e São Raimundo Nonato dos Mulundus⁴¹ é o padroeiro

⁴⁰ Cf. o documento n°100 da CNBB: Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia.

⁴¹ O festejo de São Raimundo Nonato dos Mulundus é forte expressão da religiosidade popular maranhense. Conta a história que um jovem vaqueiro da fazenda Santa Maria, onde se localiza o povoado de Mulundus, a 30

universal, o padroeiro central. A festa é duas festa grande, só que uma em agosto e uma em janeiro, mas eles sempre se encontram, nas romarias um vai ao encontro do outro, quando é na de São Sebastião, São Raimundo Nonato vai deixar, vai encontrar em tal lugar, quando é na de São Raimundo, São Sebastião vai deixar e vai encontrar também, então achei muito bonito isso, né, dos povos mais antigos foram trazendo isso pra uma cultura que não morreu, né, ficou assim... E agora, o padre Cordeiro e o padre Antonio lá frisavam muito, as comunidades eclesiais de base nos ajudaram fazer essa grande festa e eu fiquei contente com aquilo quando eu ouvi, porque aqui em São Luís, nós não ouvimos os padres, eu num sei lá do Cohatrac, mas por aqui parece... Se estuda, se sabe dos documentos, tudo que tem, mas eles não falam, eu não sei se isso vai me complicar, não vejo o padre falando assim comunidades eclesiais de base e eu acredito que os nossos padres tinham muito que ajudar nisso, porque, por exemplo, de quatro em quatro anos a gente consegue mobilizar todo o povo da igreja [no Intereclesial], desde os bispos e nesse último até o papa, porque o papa mandou uma carta lá, e aí quando é depois na vida, no dia a dia, na participação, é batismo, é catequese, é dízimo, é isso, aquilo outro, num fala o nome que, na verdade, essas mini partículas são o fator que leva às comunidades (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

Conforme argumenta Dona Maria José, as CEBs só são efetivamente lembradas e assumidas no intercurso dos Intereclesiais. Nesse período, mobiliza-se toda a Igreja, desde leigos, padres, bispos e até mesmo o papa⁴² e “Quando termina os Intereclesiais – esclarece Dona Aparecida da Comunidade Nossa Senhora de Fátima – a gente tem ali todo aquele trabalho, criação de pastoral, questão de missão, questão de todas essa coisa, porque o Intereclesial acontece, só que o que acontece mesmo de bom é após, que a gente vai fazer o que a gente discutiu lá no Intereclesial”. Mas, de fato, até mesmo os repasses pós-encontro ficam comprometidos dentro da paróquia. O relato anterior de Dona Maria José exemplifica bem essa situação: “na hora que chega não é aberto um momento pra passar o que foi feito lá, então a gente vai falando de pouco a pouco isso que se viveu lá”. Da mesma forma, as dificuldades comparecem na preparação para os encontros e o depoimento de Dona Aparecida precisa bem a estratégia de sensibilização aplicada aos grupos e pastorais de sua comunidade.

Quando eu fiz meus encontros [de preparação para o Intereclesial], que eu fiz nas pastorais, engraçado é que eu tava tão sufocada, tão em cima do encontro e eu sem consegui fazer meu trabalho, meu estudo que eu fui lá peguei o microfone e lancei o desafio pra comunidade [ri]. Eu desafiei as pastorais, desafiei o próprio padre,

km da sede do município de Vargem Grande, quebrou o pescoço quando campeava o gado e o cavalo chocou-se com uma palmeira de babaçu. Três dias depois, o corpo de Raimundo Nonato foi encontrado intacto e um inexplicável perfume recendia no ar. O peão foi transformado em santo e venerado pelos escravos e moradores, após o milagre que salvou a vida do dono da fazenda. Quando a imagem do vaqueiro doada pela sinhazinha para a capela erguida no local desapareceu, Dona Luiza Nina Rodrigues (mãe do etnólogo maranhense Nina Rodrigues) mandou vir outra de Portugal, mas para a surpresa dela e do povo, veio a de São Raimundo Nonato da Espanha, libertador dos escravos da Ordem dos Mercedários. Desde então o santo é venerado e a memória do vaqueiro lembrada por sua profunda identificação com a vida do povo. Cf. MARTINS. Histórias & Estórias da Minha Cidade, 2002.

⁴² É a primeira vez na história das CEBs que o Intereclesial recebe uma carta de apoio de um papa. A carta de Francisco, apesar de aclamada entre as CEBs, foi rebatida por Leonardo Boff, especialmente neste trecho que ele considera destoante do projeto originário das CEBs: “é preciso que elas ‘não percam o contato com esta realidade muito rica da paróquia local e que se integrem de bom grado na pastoral orgânica da Igreja particular’”.

“padre é um desafio com vocês, que eu preciso viver isso, eu não posso viver sozinha, eu posso pegar esse livro e ler sozinha, mas eu quero viver a comunidade, eu quero que vocês vive comigo isso”, então eu joguei. Eu sei que quando eu disse assim “gente não é possível que eu vou viajar, chegar lá eu vou dizer que simplesmente eu não tive a ajuda da comunidade de me preparar”, eu digo “eu poderia pegar meu livro e ler sozinha, mas não é isso que eu quero, eu quero que você partilhe comigo”, foi quando o padre se levantou e todo mundo se levantou “pode ir pro meu setor tal dia, o meu setor tal dia” aí a pastoral e a Legião de Maria “eu quero um encontro”, então quer dizer que quando chegou no fim eu num tinha mais nem encontro pra fazer, porque não tinha mais (APARECIDA, COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Passado o clima do Intereclesial e de volta à rotina da comunidade, novamente as CEBs vão perdendo espaço no contexto paroquial. Ali mesmo onde se estruturam e acontecem, nem sempre são bem quistas e favorecidas e, mais uma vez, os padres compõem como principal figura de obstaculização. Nesse sentido, Seu Lucivaldo remonta a questão dos padres: “muitos, às vezes, não apóiam as CEBs, que é a palavra x correta, né, e por esse motivo, é, nós às vezes sentimos dificuldades de evoluir é, bastante os nossos conhecimentos, o nosso jeito de ser Igreja”. Ele exemplifica essa dificuldade de evolução através do seguinte relato:

Teve uma jovem que ela dá aula na catequese e ela me falou um dia na procissão, lá no Parque Vitória, que ela gostaria de conhecer as CEBs, inclusive eu tava com outra blusa minha CEBs, uma preta, ela disse “ah, você caminha nas CEBs?”, eu disse “é”, ela disse “ah, eu quero conhecer as CEBs!” Aí ela me passou o telefone dela e tudo pra gente se comunicar, só que eu tinha que pedir permissão pro padre [ri], aí eu pedi permissão pro padre, não saiu não [ri novamente] ela não conseguiu conhecer as CEBs. *Ele não permitiu? Ele não permitiu. O senhor teve que pedir autorização pro padre, por quê? Isso me deixou muito curiosa. Por acaso o senhor teve que pedir autorização pra eu poder fazer essa entrevista também?* Por que assim ó, você, como é uma entrevista assim, eu posso dizer assim, que não vai mexer com a igreja, aí não tem problema nenhum não, porque assim ela [a catequista], faz parte da matriz, então com certeza, ela é uma ótima professora da catequese, é inteligente, é um pouco pequena, mas é inteligente, então eu acredito que ele viu que seria uma arranque muito grande pras CEBs, assim, seria um desenvolvimento muito grande pras CEBs, se ela fosse pras CEBs, se ela gostasse das CEBs e começasse a ser CEBs. Por isso que nós estamos assim. Não é que as pessoas não queiram. *Mas o senhor não poderia convidá-la de qualquer modo, porque é o senhor quem faz parte da comunidade, não é?* Não pode não! Vamos dizer assim, que ela pode, pode. Se ela decidir participar, ela pode participar, mas ela vai contrariar ele, cê entendeu? Aí pra não iniciar, eles buscam logo um recurso que não deixa. *E o quê que o senhor acha dessa posição?* Essa posição é o seguinte, eu tive conversando com a irmã, eu disse “irmã, eu tive estudando essa questão aí nossa com as outras congregação, o que eu vi é só o medo das CEBs crescer, simplesmente. Não é outra coisa não, eles não são contra as CEBs, dizendo que as CEBs não tá certo, é o medo das CEBs crescer (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

O medo de ver as CEBs crescerem, por parte do padre, e o medo de contrariar o padre, por parte dos fiéis, embates que reforçam o grau da autoridade eclesiástica dentro da comunidade e de seu controle, ainda vigente, sob as Igrejas locais. Outra dimensão que

determina essa relação “estremecida” entre determinados padres e as CEBs é o processo de formação dos novos sacerdotes. Ao sofrerem um violento processo de doutrinação e praticamente desconhecem a caminhada das CEBs, muitos padres acabam contribuindo com o enfraquecimento das comunidades dentro de suas paróquias, como reflete Dona Deusa.

Mudaram-se os padres, vieram outros padres diocesanos que não eram CEBs, que também não apoiavam muito as CEBs, os nossos combonianos sempre foram CEBs, mas também depois vai chegando outros que já vem com uma linha meio diferente, né, aí nossas CEBs foi meio que enfraquecendo e a gente sempre sentiu assim é, essa diferença do que a gente trabalhava quando a gente chegou, né, naquela força de CEBs, naqueles encontros maravilhosos, onde as três paróquias se encontravam e a gente tinha aquela vivência de CEBs, aquela troca de experiências (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Além disso, pesa o fato dos padres não terem uma vivência de comunidade que os encoraje a assumir um projeto popular de pastoral em suas paróquias, onde as CEBs possam ser devidamente reconhecidas e valorizadas. Como retrata Seu Negin no depoimento abaixo, cabe ao laicato levar as CEBs adiante, tal como faz a equipe diocesana de articulação das CEBs, formada por uma coordenação pequena, conforme explicitada no primeiro capítulo desta dissertação. De uma forma geral, o que se vê é que o apoio dos padres e bispos se resume em “não se opor às CEBs”, o que inclui dar plena liberdade aos leigos em troca de não terem que comprometer-se com o projeto.

Eu ouvi na coletiva de imprensa lá em Juazeiro [no Intereclesial] um bispo dizendo que lá na diocese dele, pro padre chegar padre ele tem que passar dois anos lá na comunidade pra ver se é aquilo mesmo que ele quer, ser padre, que ele diz que padre tem que ser dentro da comunidade, ele disse, o cara terminou o seminário lá “quando é que eu vou receber minha ordenação”, “se acalma, agora você vai fazer sua ordenação principal, você vai lá pra dentro da comunidade, daqui a dois anos cê aparece, aí você diz se é isso mesmo que você quer”, aí faz o acompanhamento. Já aqui em São Luís tem poucos padres, nós tínhamos uns bons e tantos outros que fugiram e os bons vão cooptando pra outros cantos. Os outros tão aí. Tão interessado? Tão, mas nem tanto, não tem aquele compromisso, o próprio bispo não tá nenhum pouco ligando, ainda bem que ele diz assim “olha, eu num vou fazer nada, se você quer fazer, faça, eu apoio!” se tiver quem faça ele não faz. O laicato é que tá mexendo com as CEBs, por isso que a gente tem uma coordenação pequena, pouca gente. Mas ainda tem quem acredite e eu sou uma das pessoas que acredito nas CEBs, já disse que até os 75 anos eu estarei nas CEBs, aí depois eu me aposento, depois vou ficar só olhando [ri], mas os outros vão continuar (SEU NEGUIN – COMUNIDADE NOSSA SEHORA DO ROSÁRIO, JOÃO DE DEUS).

Apesar da indiferença proveniente do clero, Seu Negin afirma acreditar nas CEBs. Dona Zilda também aponta essa falta de identificação entre certos religiosos e as comunidades. Para defender as CEBs, ela mesma enfrentou um religioso, ante sua indisposição em acompanhar o povo em procissão.

A dificuldade que a gente encontra é o seguinte, nós temos um apoio do nosso padre, mas tem muitos padres que não aceitam, inclusive ano passado no dia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro eu tive um atrito com um frei, porque eu sou convidada todos os anos a participar da procissão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro lá do Jaracati que faz parte da Igreja de São Francisco de Assis lá no São Francisco, o que aconteceu, todo ano o andor, a santa fica na casa de uma determinada pessoa, a pessoa que tá doente, uma pessoa que necessita, então, aquela pessoa se sente muito feliz quando aquela imagem sai em procissão da casa dele lá pra capela e eu fui acostumada com isso, né, quando foi ano passado, eram 19:30h, aí o frei *inda* não tinha chegado, aí demorou, demorou, demorou, aí eu e a minha colega nós fomos pra igreja, quando chegamos lá o frei foi chegando, aí eu disse assim “Frei, cadê o povo?” Eu disse: “Frei o senhor não vai vim em procissão com o povo?” “ah não, eu vou ficar aqui!”, eu disse “não, frei, mas a imagem, o andor tá na casa de uma pessoa que está se convalescendo”, ele disse “ah, mas tem que vim pra cá” eu disse “não, o senhor não vai com a gente pra vim em procissão?” ele disse “ah, não, não vai dá não, eu vou ficar aqui”, eu disse “não!” “ah se eu soubesse eu num tinha colocado nem minha casula”, eu digo “epa, epa, epa, o senhor não está a serviço de Jesus Cristo?” e aí ele disse “Estou!” eu digo “não, o senhor não está!” ele disse “é, está havendo uma ordenação eu deveria estar lá!” eu digo “e porque que o senhor não foi pra lá? Se o senhor não se acha apto pra acompanhar o povo pra vim em procissão diga que nós vamos pra lá e trazemos” Eu disse: “Olha, padre, nós aqui, essa comunidade aqui é pé no chão, o senhor não sabe o que é CEBs, o que é comunidade eclesial de base?” “Ah, nem me fale em CEBs?”, eu disse: Por que? Então o senhor não deve ser da ordem de São Francisco, que São Francisco foi pobre e largou tudo e foi viver CEBs, foi viver comunidade, então ele deu a vida dele pela comunidade, então o senhor não devia tá aqui não, então vá se embora e deixe a gente aqui, que eu tenho certeza que tem pessoas aqui capaz de fazer a celebração!”, ele disse “ah, eu já vivi o que é CEBs, num quero nem que fale em CEBs, eu já vivi CEBs, já fui CEBs...”, “então o senhor não foi nada! O senhor não é, não foi e não é nada, porque quem é CEBs nunca deixa de ser CEBs”, quer dizer, eu tive um atrito com esse frei, aí ele foi, acompanhou o povo *tudinho*, eu disse pra minha colega “eu não vou nem entrar na igreja se não esse templo vai cair do jeito que eu tô pecando aqui!”, aí minha colega disse: “não, não, vamos!, aí nós fomos pra lá, ele veio em procissão e eu fiquei lá no final, nem fiquei perto dele, aí viemos em procissão, *tudinho*, entrei e tal, entrei, pedi perdão a Deus pelo que eu fiz, se tava errada e que ele me perdoasse, mas aí na hora da homilia, aí ele se regenerou, aí ele fez como se tivesse pedindo desculpas do que ele tinha feito, a comunidade nem sabia, depois foi que a coordenadora foi saber o que era, foi saber o que tinha acontecido e ela disse que gostou da minha posição, eu saí da minha comunidade e fui brigar em outra comunidade, mas eu defendi, então exatamente, se ele não se achasse apto pra acompanhar o povo, eu disse: “então Moisés deixava o povo pelo meio do caminho, num ia tirar o povo do Egito” e aí ele ficou me olhando assim, mas aí como ele tava lá no meio do povo, não pode dizer mais nada e eu fui lá para trás que minha língua é muito grande, ainda ia arrumar mais confusão ainda, então esse foi um dos meus atritos (ZILDA – COMUNIDADE FÉ EM DEUS, MONTE CASTELO).

O depoimento de Dona Zilda pode ser interpretado como uma afronta ao exercício sacerdotal: “então o senhor não devia tá aqui não, então vá se embora e deixe a gente aqui, que eu tenho certeza que tem pessoas aqui capaz de fazer a celebração!”, mas, ele capta com profundidade a essência das CEBs de estar com o povo e em comunidade ou “então Moisés deixava o povo pelo meio do caminho, num ia tirar o povo do Egito”. Nesse sentido, o padre João Maria Van Damme é preciso em sua reflexão:

As CEBs foram criticadas pela autonomia e por um suposto anticlericalismo. Mas nunca houve nada contra o clero nas CEBs. Para as CEBs os padres são

importantíssimos. O que as CEBs rejeitam não são os padres, mas a postura clerical deles. Quando o padre é respeitoso, quando ele é comprometido, as CEBs o reconhecem e o apreciam (MÔNACO, 2012, p. 122-123).

De certo, as CEBs não se aproximam de uma postura anticlerical, ainda que em muitos aspectos o clericalismo seja motivo de muitas disjunções. Entender que o padre é importante para a comunidade, não quer dizer que sua função e missão estejam acima dos leigos. Essa tendência elitista do clero desperta críticas por parte de nossos profetas, principalmente no que se refere à possibilidade de favorecer o desenvolvimento das CEBs dentro da paróquia.

Então, a gente vê a igreja, do clero, que em outra palavra chama clericalismo, que predomina, me perdoe os nossos padres, mas às vezes predomina, mas tem padre ainda bom, né, nós temos um que não passa muito essa fala, mas ele é das CEBs, mas ele não briga se a gente for para o evento das CEBs, mas na comunidade falta ele dar essa fala “olha, nós temos referência na Comunidade Eclesial de Base Santa Luzia que é a Dona Maria José, o Seu Cleomar, o Seu Cito, o Seu Cito tá afastado, mas quando eles falarem de CEBs não é bicho de sete cabeças, CEBs é o que a gente vive aqui hoje, agora, é isso aqui, essa celebração é CEBs” (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

CAPÍTULO 4

COMUNIDADE E FELICIDADE

Eu sou feliz é na comunidade, na comunidade eu sou feliz!

A comunidade do Nordeste luta pela libertação, pra formar uma corrente, pra quebrar a opressão.

O trabalhador unido, as coisas vão melhorar, lutando pela Reforma Agrária para na terra plantar.

Tanta terra em poucas mãos, isso não dá certo não. Nós também queremos terra, pra plantar milho e feijão.

Tantos pobres sem a terra, sem ter casa para morar, lutar pelos seus direitos para a vida melhorar.

A nossa comunidade se reúne todo dia. A nossa comunidade se transforma em alegria.

(MÚSICA EU SOU FELIZ É NA COMUNIDADE - MARIA BATISTA)⁴³

⁴³ Cantando a Vida e a Esperança. Livro de Canto 9º Intereclesial das CEBs. São Luís-MA, 1997.

Missa campal em frente à matriz e a praça lotada de fiéis para o festejo de Nossa Senhora da Graça, padroeira da cidade de Arari. Na entrada da igreja, o palco elevado fora transformado em altar e no momento da consagração, aos olhos dos espectadores crentes, a hóstia elevada transformada em corpo de Cristo. Ao fim da missa um homem sobe ao palco. O mesmo palco que minutos antes fora altar do sacrifício divino. Com o microfone firme em mãos e acompanhado da banda de animação, ele canta. Sua voz não é suave e ele não tem pronúncias perfeitas. Não ser um padre-cantor-famoso não o tornava menos conhecido. Todos ali sabiam quem era Seu Diquinho. Os olhares tortos também denunciavam. Havia pouco reconhecimento de sua figura. Ao cantar músicas populares, muitas delas escritas de seu próprio punho, ele narrava o cotidiano difícil, falava da religião e cantava seus louvores, tudo de forma muito simples, feito sua voz e seu português. Mas Seu Diquinho não cantava apenas a música de seu punho. Ao subir no palco ele carregava para o altar a Igreja Popular, ainda subestimada diante da liturgia clássica. Tornava-o mais uma vez um lugar de sacrifício. Agora, o sacrifício humano, do povo.

Em suas apresentações era comum ouvir o refrão “Eu sou feliz é na comunidade, na comunidade eu sou feliz!”. O verso, aparentemente despretensioso, me tomou de uma forma inesperada. Estamos acostumados a ver a felicidade dentro de um espectro muito particular! Desde então, a beleza singular do verso e a proporção de seu sentido me emocionam. Foi esta mesma emoção que me carregou quando soube que a música era cantada pelas CEBs e, ao que parece, o verso funciona como um verdadeiro mote. Cada comunidade acrescenta um verso, como em um poema coletivo, retirando de sua vida a inspiração para construí-lo, numa linguagem que lhe é muito própria. Foi assim que em uma breve pesquisa pelos sites de busca me deparei com outras tantas versões disponíveis:

Eu sou feliz é na comunidade, na comunidade eu sou feliz!

Nós cantamos um bendito, depois um pelo-sinal, uma lê o evangelho e todos vamos comentar.

A terra dá com fartura porque é a nossa mãe: dá batata, dá inhame, fruta, legume e feijão.

A Igreja de Jesus é uma comunidade, onde todos nós vivemos na maior fraternidade.

Onde há comunidade, lá não há miséria não, pois aquele que tem mais vai partir com seu irmão.

E assim todos unidos: pobre, rico, homem, mulher, como uma só família; isto é o que Deus quer.

(MÚSICA EU SOU FELIZ É NA COMUNIDADE – VÁRIOS AUTORES)

Todas as versões culminam com o mesmo refrão, este imutável. Por isso, atrevo-me a dizer que a beleza do verso está na força de sua expressão: “Eu sou feliz é na comunidade!”. Quando cheguei ao mestrado, motivada pela ideia de escrever sobre comunidade e tão logo as CEBs tornaram-se minha intenção de pesquisa, o verso ressurgiu com todo seu vigor. De imediato somos levados a lembrar Bauman (2003) e a nossa atual busca pela comunidade ou mesmo a ânsia pelo seu retorno, em virtude de tudo aquilo que ela representa. A palavra comunidade guarda sensações, diz o autor. E a música retrata essa sensação de felicidade, porque dentre outras considerações: “onde há comunidade lá não há miséria” e “todos se reúnem e estão unidos”. Tudo que ela evoca é bom, por conta de seus significados – ele continua. Comunidade é aquele porto seguro, confortável e aconchegante, onde vivemos ao lado de quem podemos confiar, certo de que seremos abraçados em nossas alegrias e acolhidos em nossas faltas e privações. Mas – completa – essa comunidade, perfeitamente identificada com um paraíso, é apenas ideal. Nós a queremos, mas não a possuímos e tudo indica que ela seja irrealizável conforme os nossos sonhos. Então, como alguém pode assegurar-se da felicidade em uma comunidade *real*, àquela que está ao seu alcance e que nem sempre pode lhe oferecer a segurança de que necessita?

A música que anuncia a felicidade delata também a situação concreta de opressão vivida no campo: “Tanta terra em poucas mãos” e “Tantos pobres sem a terra, sem ter casa pra morar”. Busco o mesmo caminho nas vozes consoantes de nossos profetas que também denunciam a realidade das cidades, a partir de suas vivências:

A nossa área a gente sabe que é uma área muito carente, infelizmente muito violenta, né. A cada dia que passa a gente vê os nossos jovens cada vez mais violentados, né, morrendo por causa da violência, são assassinados brutalmente. Nossa frota de ônibus, meu Deus do Céu, é um sofrimento, apesar de já ter melhorado um pouquinho, mas ô que sofrimento é vim pra cá ou sair do bairro de manhã cedo, a gente vê os ônibus tudo lotado... (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Nós aqui do Parque Jair ou qualquer outro bairro que tenha comportamento igual ao Parque Jair, tem os traficantes, né, e o traficante ele sempre cria um grupo de companheiros, dez, quinze pessoas, até mais e eles tão tanto confiante neles mesmo ou talvez na justiça, num sei, parece que é isso também, que eles fica no meio da rua. Às vezes eles usam a droga no meio da rua, a gente passa, eles num tão nem aí pra gente e se a gente falar, pior pra gente, porque eles ficam visando a gente, ficam assim, querendo fazer o mal pra gente, se caso a gente falar, né, agora se a gente não fala, aí também eles não mexe. Na rua mesmo a polícia vê o traficante fumando e parece que o traficante hoje é a justiça. Eu até tava conversando de manhã com o policial ali, né, eu disse assim “rapaz, me diz uma coisa, esse pessoal que anda botando aí na parede da gente um tal de bonde dos 40”, ele disse assim “não, rapaz, isso não tem jeito, isso daí”. Então ele sabe de tudo e às vezes eles prende o traficante, aí o advogado vai e manda soltar, o juiz manda soltar, então é uma situação muito difícil. Por isso que eu falei que eles tão igual a justiça, né, eles

mandam, os traficante (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Eu fico satisfeita de minhas filha não morar aqui, Vila Luizão tá ficando tão cheia de jovem com droga, tão perigoso, tão difícil. Você vê nessas esquinas, é um cheirando cola, aqui mesmo no meu quintal como é aberto, manhece aí cheio de vidro de loló que eles ficam cheirando aí perto dessas paredes. É triste! A gente num tem um objetivo de vida pra esses jovens pra sair dessa droga (APARECIDA, COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Violência, morte de jovens, drogas e problemas com transporte são alguns dos temas que ganham profundidade no contexto urbano, especificamente nas periferias e favelas das grandes cidades, onde as manchetes policiais gozam de grande destaque. Em São Luís, o Itaquí-Bacanga, área da qual faz parte o Jambeiro, bairro de Dona Deusa, é um exemplo. O jornal impresso que cobre as notícias da região exhibe a matéria principal da capa com corpos ensanguentados em fotos coloridas e sem quaisquer restrições. Diante dos olhos, nenhum espanto visível para quem já convive com uma realidade crua e visível a olho nu cotidianamente. Persiste a anestesia e nasce uma convivência forçada, como forma de garantir a sobrevivência, conforme relata Seu Lucivaldo. Ali onde a droga é um mundo próximo, escancarado e também naturalizador de sua própria ética, Dona Aparecida externa contentamento em não ter mais suas filhas morando no bairro. E são esses mesmo lugares, marginalizados pelo poder público e com suas estatísticas trágicas, que recebem comumente o nome de comunidades. Aqui, a palavra comunidade tende a evocar outro sentido, o ligado à vulnerabilidade social.

Desta forma, parece difícil conceber que em uma área nobre da cidade, na parte onde emergem os edifícios, exista uma comunidade ou que alguém ali se identifique com a palavra. Não raro, seu uso demagógico torna-se recorrente nos discursos políticos e ela se transforma em matéria-prima perfeita de investigações e intervenções acadêmico-científicas. Como exemplo, retomo uma das declarações de Dona Aparecida. Ela me falava das eleições passadas e da tentativa de um candidato em angariar votos pelo bairro: “Ele veio pedir a ajuda da comunidade e eu disse pra ele ‘é por isso mesmo que eu não vou votar em ti, porque tu falou comunidade!’”. Por outro lado, nos arredores dos edifícios, onde se concentram as favelas ou mesmo nas invasões, produtos de nossa realidade local, o recurso à palavra comunidade se faz necessário, por tornar o significado, significante. A palavra comunidade passa a evocar aquilo é bom em meio às carências e privações e retoma o sentido das relações imediatas, primárias, cada vez mais recortadas pela individualização. Ali, onde resta um pouco de solidariedade, um tanto de harmonia e unidade. Não por menos as CEBs assumem a dimensão comunitária como parte imprescindível de seu projeto. Como retrata Wanderley

(2007, p. 89): “As CEBs seriam uma tentativa de fazer reviver o sentido da comunidade, tanto na sociedade quanto na Igreja”.

Nesses termos, a comunidade reaparece como utopia de final do século e o principal meio de combate à globalização em seus efeitos contraditórios: a supressão das fronteiras que, na teoria, permitiria a aproximação dos povos e que, na realidade, gera novas formas de segregação. A grande questão, como aponta Sawaia (2007), é que essa utopia remete ao passado, ao arquétipo ideal de vida comum que o homem perdeu com o tempo. Queremos um “paraíso perdido” (BAUMAN, 2003) e é esse lamento pelas comunidades primitivas que nos impede de pensar a comunidade como utopia para o futuro. São muitos os exemplos: a Nova Jerusalém dos povos judeus e cristãos, a Terra Sem Males da mística guarani, os sonhos de Palmares e Canudos, todas, representações deste paraíso, assim como as outras tantas versões do Éden que encontramos em todas as religiões. No caso específico das CEBs, o principal referenciamento vem das primeiras comunidades cristãs apresentadas por Lucas:

A multidão de fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava propriedade particular as coisas que possuía, mas tudo era posto em comum entre eles. (...) Entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casa as vendiam, traziam o dinheiro e o colocavam aos pés dos apóstolos; depois, ele era distribuído a cada um conforme sua necessidade (ATOS DOS APÓSTOLOS 4, 32. 34-35).

Quanto a isso, Buber (1987, p. 52) é categórico: “Nós não podemos retornar a totalidade primordial; podemos, no entanto, avançar para outra totalidade, produtiva, que não se desenvolveu como a primeira, mas que é, sem dúvida, feita com material espiritual verdadeiro e que, portanto, não é menos autêntica”. Como o Paraíso do Éden ficou no passado e a ele não podemos retornar, agora o que prevalece é a construção do Reino desde a terra. Mundo e Reino, nesse sentido, não aparecem como dados opostos: “O *Reino* – categoria empregada por Jesus para expressar sua *ipsissima intentio*⁴⁴ — constitui a utopia realizada no mundo (escatologia); [e] O *mundo* é o lugar da realização histórica do Reino” (BOFF, 1994, p. 20). E, se Bauman (2013) fala de um paraíso perdido, Dona Aparecida, por sua vez, mostra o seu paraíso possível.

Outras pessoas vem na minha casa “oh, Aparecida, eu vim aqui” aí vem me pedir algum auxílio, algum conselho, pra mim ouvir, pessoas que passam por certa situação “oh, Aparecida, eu tô tão sufocada” aí fica, porque tem na palavra de Deus que a gente precisa ouvir, saber ouvir, eu acho que eu gosto muito de ouvir as pessoas, ouvir o que as pessoas tem pra dizer, ouvir essas lamentação, porque às vezes você tá tão deprimido que não tem ninguém pra conversar, aí você “poxa, se tivesse alguém aqui pra mim falar, seria tão bom!” Tanto que esse local que nós

⁴⁴ Intenção originária.

estamos aqui [o quintal de sua casa] eles chamam de paraíso. É porque eles dizem assim, às vezes tem festinha aqui “ei, quem é que vai no paraíso do Valdeci e da Aparecida? Ah, eu vou, eu vou!”, todo mundo aqui. Eu posso ligar agora, por exemplo, se eu ligasse agora, pra meus amigos, pessoal da igreja assim “gente, à noite tem isso assim, assim aqui em casa, se vocês viessem...”, minha irmã, aqui dá gente que pensa que eu convidei assim uns dias atrás. (APARECIDA, COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Enquanto esperamos, sonhamos ou lamentamos pela ideia original de paraíso, esquecemos que, de modo mais genuíno, o lugar do encontro e do acolhimento, onde a abertura ao outro se faz imediatamente presente é também, em sua medida, um paraíso. E assim é o paraíso de Dona Aparecida, um espaço que recebe o outro em suas necessidades e que convida toda a gente para a festa. É desse compromisso assumido com o bem e a alegria do outro, experienciado como bem e alegria de si, que desponta o sentido da felicidade e o modo como ela pode ser vivida dentro da comunidade. Na percepção de Sawaia (2009, p.105-106) “a felicidade ético-política é sentida quando se ultrapassa a prática do individualismo e do corporativismo para abrir-se à humanidade” [...] Os homens realizam-se com os outros e não sozinhos, portanto, os benefícios de uma coletividade organizada são relevantes a todos.

O sentido do paraíso real, contudo, não pressupõe um ideal de perfeição e ser feliz não mascara a aspereza da realidade. Na comunidade, como relatam nossos profetas, existe conflitos, impasses e dificuldades. Há abertura para a potencialização de sujeitos, através do estabelecimento de relações mais solidárias, mas há também resquícios de uma ideologia fatalista, oficializada em grande parte pela religião da ordem, afinal “Deus quer assim” ou “é melhor pra Deus assim” (Seu Lucivaldo).

Sou feliz na comunidade como diz a música, “Eu sou feliz é na comunidade, na comunidade eu sou feliz” [canta], é lógico que a gente tem alguns impasses, de vez enquanto umas entrelinhas, mas isso é do cristão mesmo, né, tem hora que a gente não pode ficar lá e dizer sim pra tudo, aí na hora que você diz um não, aí você já não é mais a Maria José boa, a Maria José compreensiva e tal, mas isso é uma vez ou outra e faz parte do contexto, mas eu me sinto feliz na comunidade Santa Luzia, Vila Riod da Paróquia São João Calábria (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

Ah, eu sou muito feliz [ri], muito feliz até porque foi aqui que eu me encontrei com Deus ou Deus se encontrou comigo, tudo o que eu precisava de Deus, ele me mostrou, até hoje ainda me mostra e eu espero que ele me mostre até o último dia da minha vida, algumas coisas que eu faço que eu chego a declarar que já são tudo determinada por ele, na verdade, tudo que eu faço é determinado por Deus, ninguém faz alguma coisa se Deus não determinar... Sou feliz, tudo o que eu preciso, Deus vem me dando e falei antes até que nós deveríamos estar bem desenvolvidos aqui na comunidade, por causa de algumas dificuldades nós não estamos, principalmente condição financeira, mas talvez está assim porque Deus quer assim, é melhor pra Deus assim, então a gente, só isso que eu me assusto um pouco mais, mas tá bom demais, eu me sinto bem (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

4.1 ONDE DOIS OU TRÊS ESTIVEREM REUNIDOS E FOREM CHAMADOS PELO NOME, AÍ ESTÁ A COMUNIDADE⁴⁵

Ou: Seja como um sorrisal na água!

Como se constitui uma comunidade? Buber (1987, p. 39) apresenta uma via de formação da nova comunidade que “diferentemente da primeira, não terá mais como base laços de sangue, mas laços de escolha”. É dessa perspectiva que partimos, por compreender que a constituição de um grupo vai muito além da caracterização comum de duas ou mais pessoas reunidas em um determinado espaço. A presença do outro e a proximidade física não se constituem elementos determinantes de um grupo. Para que um grupo exista, reflete Guareschi (2004) é preciso que exista relação. E a relação é esse novo laço, caracterizado principalmente pelo sentido de pertinência. A própria palavra relação (do latim *relatione*) tem esse dimensionamento: ação de levar uma coisa em direção à outra.

Como elemento definidor dos grupos, a relação exige esse direcionamento a *outro ser* para que *um seja*. Em outras palavras, relação “existe sempre que uma coisa não pode, sozinha, dar conta de sua existência, de seu ser. [...] A percepção da relação é, pois, uma percepção dialética, percepção de que algumas coisas “necessitam” de outras para serem elas mesmas” (Ibid., 2007, p. 83). Diante da necessidade de um “outro”, as pessoas vivem uma variedade de relações com as quais constroem sua subjetividade e “dentro um universo de milhões de relações que eles estabelecem no decorrer de suas vidas, eles recortam sua figura única, singular, mas plena de ‘outros’” (Ibid., p. 84). Contudo, o “necessitar do outro” não significa que a relação possa ser caracterizada como uma “ligação” entre duas coisas. Nas relações que estabelecemos também podemos excluir ou ser excluídos, assumir o lugar do opressor ou ser oprimido. A exclusão e a opressão, fontes de segregação, também são relações. Precisamente, é do outro lado dessa proposta que nos deparamos com a comunidade.

Em suas publicações, Guareschi retoma uma referência comumente atribuída a Marx de que a comunidade é um tipo de vida em sociedade onde todos são chamados pelo nome. E o que significa ser chamado pelo nome? Que já não se trata mais de um indivíduo em meio à multidão, habitando no estranhamento. Ser chamado pelo nome é ter um rosto próprio, definido, ou melhor, uma identidade. E mais uma vez retomamos o sentido da relação, que nos direciona ao outro. Esse outro que nos chama pelo nome, afirma quem somos e também

⁴⁵ “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles” (MATEUS 18, 20).

que somos valorizados nessa relação, com direito a voz e vez. Ser chamado pelo nome significa que “além de possuir um nome próprio, isto é, além de manter sua identidade e singularidade, [a pessoa] tem possibilidade de participar, de dizer sua opinião, de manifestar seu pensamento, de ser alguém” (GUARESCHI, 2007, p. 95).

Essa perspectiva relacional é muito bem ilustrada por uma metáfora bastante reconhecida no meio cristão, que me foi recomendada por uma Irmã, logo em minhas primeiras incursões de pesquisa sobre as CEBs. Sua validade, é claro, escapa ao horizonte doutrinal: “Seja como um sonrisal na água! Dentro do envelope fechado, o sonrisal não faz efeito, mas se você abre o envelope e coloca dentro d’água, ele vira remédio. Depois que você toma, não demora muito para que a sensação de bem-estar apareça. É assim que a gente deve ser em comunidade, como um sonrisal na água!”. Mas o que significa deixar-se dissolver? Isso pode representar um desaparecimento do sujeito, já que misturado à água o sonrisal se dissolve e deixa de ser visto. Por outro lado, estar em um envelope fechado, mesmo que mergulhado dentro da água, não permite que o sonrisal realize seu potencial curativo. Só dissolvido em água ele pode ser o que é. Por isso, o sonrisal necessita da água para realizar-se. Deixar-se dissolver na comunidade não significa anular a subjetividade de modo que as necessidades pessoais deixam de ter importância, representa apenas o modo como os sujeitos se realizam: através da relação. O sonrisal modifica a água, lhe dá nova aparência, lhe faz solução. Solução aqui poderia até ter o seu sentido usual, representar a saída para o problema do individualismo exacerbado de um lado, e da massificação perversa do outro. Como aponta Guareschi (Ibid., p. 96): “Vivendo em comunidade, as pessoas tem possibilidade de superar esses extremos, mantendo sua singularidade, mas necessitando dos outros para sua plena realização”. Por isso as CEBs cantam tão abertamente a relação felicidade e comunidade, como se uma realidade não pudesse existir sem a outra:

Ser feliz, viver bem de verdade, aprender ensinando, crescer partilhando na comunidade.

Não tem necessitado, ninguém é coitado, não tem ambição, se o salário é minguado tem pão partilhado na mesa do irmão. A virtude maior é viver o amor na mais pura franqueza, tem um novo sabor, este humano calor é a mais pura beleza.

Na festança, na dança, ninguém mais se cansa, tem muita união, no trabalho e na missa não tem mais preguiça tudo é mutirão. Se existe um clamor ou algum dissabor tudo é selecionado, e só vendo pra crer tá faltando você e está tudo arranjado.

É palavra de ordem: aquele que mais pode mais deve ajudar, a razão sempre move, o coração comove este eterno doar. Tem mais gente, é melhor, não existe pior do que estar isolado. O jeito que Deus quer é que homem e mulher não sejam separados.

(MÚSICA SER FELIZ NA COMUNIDADE – AEROLINO)

Esse é o ponto de partida de nossas reflexões sobre o modo como os nossos profetas se deixam dissolver pelas CEBs, assegurando também suas subjetividades. Antes de tudo, é preciso dar conta da realidade que atravessa essas comunidades. Boff (1994) assinalava em pleno período de fermentação das CEBs, que as comunidades eclesiais de base se constituíam geralmente por grupos de 15 a 20 famílias, um contingente relativamente baixo quando consideramos a massa de católicos vigente nesse período. Essa situação aponta para uma realidade paradoxal das CEBs: como forma de catolicismo popular, elas sempre estiveram longe de representar a maioria da população católica. É preciso reconhecer que as CEBs sempre envolveram um número bastante limitado de cristãos (MÔNACO, 2012) e hoje, após 50 anos de seu surgimento, o número de pessoas envolvidas com a proposta continua limitado. A persistência das CEBs urbanas na Grande São Luís, por exemplo, concentra-se nas mãos de poucos representantes distribuídos entre alguns bairros da região metropolitana.

Cada paróquia, ou então eu posso dizer assim, algumas paróquias, algumas matriz, existe uma ou duas pessoas que faz parte do movimento CEBs e onde essas pessoas estão, com certeza, a igreja consegue se organizar pelo menos 50%. O importante que seria ser uma igreja organizada 100%, mas a gente não consegue, né, mas pelo menos 50% a gente consegue organizar, onde existe uma ou duas pessoas que faz parte do movimento CEBs. Então, você me perguntou aqui, se o grupo CEBs dentro do Parque Jair, da comunidade Santa Terezinha, se é muito forte. Eu posso dizer pra você que é muito forte, porque é a igreja em movimento, mas na verdade nós temos duas pessoas mesmo que participa das CEBs aqui na comunidade nossa (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Ainda assim, nem todas as paróquias possuem representantes e muitas delas nem mesmo se identificam com as CEBs. Quando perguntei a um dos participantes da equipe de articulação da Arquidiocese de São Luís que reside no Cohatrac, bairro de classe média da cidade, sobre as CEBs do bairro, ele declarou: “No Cohatrac não existe CEBs!” No contraponto, entram as falas de Seu Lucivaldo do Parque Jair, bairro periférico de São José de Ribamar e Dona Zilda do Monte Castelo, bairro central de São Luís. Apesar de suas diferenças sociodemográficas, ambos se constituem bairros populares, habitados em sua maioria por uma população de renda mais baixa.

A nossa igreja aqui no Parque Jair se identifica toda como uma igreja CEBs. Aqui graças a Deus, que eles adora as CEBs [ri], a comunidade Santa Terezinha adora as CEBs. Hoje nós já estamos com uma nova evangelização, vamos dizer assim, as decisões CEBs é, estão sendo mais aceitas, o nosso papa também, ele até citou sobre as CEBs no 13º Intereclesial que aconteceu no Juazeiro do Norte, onde foi o nosso bispo [Dom Belisário] que relatou a carta, que toda nossa igreja precisa é, seguir o ritmo CEBs, pra gente poder evangelizar muito mais e graças a Deus que nós estamos sendo agora mais recebidos e na comunidade Santa Terezinha tem CEBs” (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

A minha comunidade Fé em Deus, de todas as outras comunidades que fazem parte do Monte Castelo, é a comunidade que continua CEBs, por quê? Porque a nossa

comunidade ela é muito pé no chão e nós agora estamos fazendo um trabalho de inclusão das outras comunidades para que comungue igual a nossa comunidade (ZILDA – COMUNIDADE FÉ EM DEUS, MONTE CASTELO).

É deste modo que conseguimos identificar as CEBs como Igreja Popular. Elas são comunidades formadas por empobrecidos e também por pessoas que se colocam a serviços destes, quer sejam leigos ou mesmo padres, bispos, freiras e demais religiosos. Aqui, a palavra “base” que compõe o nome CEBs ganha em sentido. Mas, há também outro modo indispensável de se pensar a base nas CEBs. Vejamos o que a palavra base evoca, seguindo o mesmo exercício proposto por Bauman (2003). A base é o suporte, aquilo que dá sustentação e, conseqüentemente, segurança. Alguém, por acaso, pode se sentir seguro em uma casa que não tenha uma base bem alicerçada? É como a parábola da casa edificada sobre a areia, “Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, e a casa caiu, e a sua ruína foi completa!” (MATEUS 7, 27). É uma perspectiva desafiadora, já que costumamos pensar a organização da Igreja a partir do clero e sua estrutura hierárquica, quando, na verdade, sua base é o povo.

Do mesmo modo, a Igreja que se sustenta a partir da comunidade-povo ganha movimento e espaço dentro da comunidade, também enquanto territorialidade. O princípio é simples: o processo de ocupação de determinada região que mobiliza moradores na criação de suas associações de bairro parece convergir com a busca pela assistência religiosa e a fundação de um casebre que servirá de capelinha para rezas e demais celebrações. Nesse sentido, as referências territoriais do bairro e da igreja se interpenetram e a comunidade aparece como lugar de moradia, de debate de ideias, de desenvolvimento e consciência de grupo, como também de prática e vivência religiosa.

O início da comunidade pra mim é um pequeno grupo de pessoas que se reúne, começam a fazer as palestras para planejamento do que tem que ser feito para desenvolver aquela área onde eles estão reunidos, ou então aquele assentamento que eles conseguiram para fazer as residências. Assim, é um pequeno grupo de pessoas que se reúne para fazer os debates de algum desenvolvimento que precisa ser feito para aqueles setores que eles vão viver, conviver um com o outro e em termos de evangelização, esse mesmo grupo se une, busca o conhecimento da Palavra de Deus, que é uma forma de ser educado e para que eles possa também ficar conscientes do que estão fazendo, de acordo com suas determinações, o desenvolvimento que eles querem alcançar, né (SEU LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Usa o nome comunidade porque na cidade grande tem uma divisão por setores, onde setores são chamados é, paróquias, comunidades e tem também os setores que são as foranias, essas coisas aí, mas assim, então comunidade é o nome que é dado pra aquele lugarejo menor que faz parte de uma sub-regional, pra igreja chamamos comunidades, na linguagem da cidade se chama bairro, mas pra igreja é comunidade, então a comunidade Santa Luzia fica no bairro da Vila Riód, então para o povo que não é da igreja, pra chegar aqui, vem pro Bairro Vila Riode, mas se falar

em termos da igreja é a comunidade Santa Luzia, então o nome comunidade parece que é tipo necessário, por isso que tem o nome comunidade, mas o povo nosso não insere, parece que vive uma coisa diferente, então eu digo pro nosso povo, é, o pessoal da igreja, que comunidade de base, CEBs, é tudo isso que nós vivemos e fazemos na comunidade, desde batismo, as romarias, as procissões do padroeiro que parece que o povo vive, mas não sabe ou não quer ou tem medo de usar o nome CEBs e não entenderam a mística das CEBs, a história, né. O pessoal não frisa, não fala o nome CEBs, porque as romarias, as procissões dos grandes padroeiros vem também daí, o dízimo vem também daí, eu tava lendo não sei o que ontem, um livro do papa, um livrinho pequeno do papa, já do papa Francisco e ele falava nessas questões das comunidades eclesiais de base, dessa vida do povo que muita coisa tem que ser resgatada [...] As coisas que ele fala, que ele prega é o que a igreja necessita e precisa de viver hoje, né, começando por esse hoje e aí que vai melhorando o amanhã e pra de um passado que foi mesmo do jeito que foi, mas o hoje, daqui pra lá é que é a história (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

O contexto de urbanização e a própria paroquialização das comunidades tem contribuído com a perda progressiva da vivência comunitária da fé. Como relata Dona Maria José: “tem o nome comunidade, mas o povo nosso não insere”. E quando o povo não se insere fica difícil construir ou sustentar uma identidade. Neste sentido, as CEBs tornam-se um vocabulário estranho e parecem uma realidade distante. Nossos profetas tratam de desmistificar as CEBs e aproximá-la da realidade local, porque “CEBs é a base, é aonde acontece tudo isso, então nosso povo às vezes esquece disso” (Dona Aparecida).

Que o povo tem o negócio de dizer que o povo que reza, só reza e eu digo “não!”, aí eu bato de frente, eu ajudo, levo as senhoras idosas lá pra igreja, pra rezar, mas nós vamos pras famílias, visitar os doentes, levar a Palavra, quando eles chegam do hospital, quando eles vão para o hospital, quando alguém passa no vestibular, quando alguém faz aniversário e diz assim “vamo na casa de fulano visitar, porque ele tá doente, porque o filho tá doente, o filho dói acidentado, porque nasceu um bebê”, então na alegria, na tristeza, na dor, um casamento, então as CEBs é esse casamento, mas o povo que num participa como a gente participa, acha que CEBs é outra coisa e eu tô lá na familiar, mas essa pastoral familiar, mas não entende ainda que a pastoral familiar existe porque tem essa base e que a base se chama a comunidade eclesial e que a comunidade eclesial da Santa Luzia com a comunidade eclesial da Santa Efigênea, com a comunidade eclesial da São Benedito, comunidade eclesial Nossa Senhora do Rosário, comunidade eclesial São José da Sagrada Família, comunidade eclesial da São Francisco Recanto dos Pássaros, a comunidade eclesial Ilhéus, então todas essas junto, complementam e dá-se o nome de comunidades eclesiais de base e que forma junto a casa-mãe que é a paróquia, a matriz, a São João Calábria, a comunidade eclesial de base mãe, setor maior que é a paróquia, ela que é a mãe no caso dessas outras todas que eu falei, né, que são as comunidades da matriz, que formam a paróquia toda, então, aí o pessoal não entende que essas divisões na verdade, são apenas pequenos grupos ou núcleos, mas que o objetivo central deve e tem que ser Jesus, o trabalho dele, a dimensão dele, a perspectiva, a conversão do povo, tudo isso mais e que é referido tudo isso por causa do setor CEBs, que CEBs é a base, é aonde acontece tudo isso, então nosso povo às vezes esquece disso (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

Desta forma, a ligação fé e vida expressa pelas CEBs é que norteia desde sua origem o agir das comunidades. De uma forma ou de outra, ela sempre se faz presente.

4.2 LIGAÇÃO FÉ E VIDA: A EVANGELIZAÇÃO, A SOPA E O ARTESANATO

A partir da utilização do método Ver, Julgar e Agir da Ação Católica, referendado anteriormente pelo papa João XXIII em sua Encíclica “Mater et Magistra” – Sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã, as CEBs acabaram desenvolvendo uma relação motora entre fé e vida. Foi a partir da reflexão bíblica, originada de uma hermenêutica própria do povo, que as primeiras comunidades de base emergiram, em tornos dos círculos bíblicos e grupos de reflexão. A página da bíblia confrontada com a página da vida se instaurou como traço congênito das CEBs e acompanhou a trajetória de desenvolvimento destas comunidades por todo país. Essa relação demarca o contexto de renovação religiosa do catolicismo ou, mais apropriadamente, uma nova configuração dentro do catolicismo popular que foie estabelecida entre o catolicismo tradicional, o catolicismo da libertação⁴⁶ e o catolicismo de massa privatizado.

Como reporta Oliveira (1997), tanto o catolicismo tradicional como o da libertação dão destaque para os leigos. De um lado, as rezadeiras e beatos, do outro, os agentes de pastoral, e todos, de fato, assumem o papel de animadores das suas comunidades. A diferença está no modo como eles desempenham suas funções. Enquanto os primeiros voltam-se para o culto dos santos, os segundos embrenham-se na evangelização a partir da Bíblia. Mas, é na relação catolicismo da libertação e de massa que a antagonia comparece. Ao contrário do catolicismo tradicional, ele tem caráter conformista e privatizado e, nesse sentido, é incapaz de contestar qualquer sistema já que sua relação com o sagrado não passa nem pela mediação da Igreja, nem da comunidade. É mediante a involução do catolicismo tradicional que surge a necessidade de recriar o catolicismo popular a partir de uma ótica libertadora, onde a forma de devoção destinada aos santos privatizados se reestrutura em torno dos homens e mulheres concretos, companheiros de caminhada, sofredores e lutadores.

Para tanto, o catolicismo de libertação começa a ser construído em articulação com uma rede social ampla que se estendeu muito além da Igreja institucional, de onde podemos destacar a prática política de militantes cristãos, a teologia da libertação e o conjunto de comunidades e pastorais que tem as CEBs como um de seus principais portadores. No contexto da chamada “esquerda cristã”, a Ação Católica Especializada representada pela JUC,

⁴⁶ Lowy (2000) utiliza a categoria cristianismo da libertação para indicar a história da esquerda cristã e sua importância na constituição dos movimentos sociais no Brasil e na América Latina.

JEC e JOC contribuiu com o desenvolvimento de outra linha pastoral dentro da Igreja, mais humanista e crítica, ainda que integrada por grupos sociais muito específicos (jovens, estudantes e operários) e, por isso, distante das classes populares e de suas práticas religiosas, consideradas pelo movimento como arcaicas e alienantes. Apesar da ruptura com a instituição católica por conta de sua adesão a ação revolucionária, a reconfigurada Ação Popular deixou uma lacuna a ser preenchida pelos movimentos e pastorais de caráter orgânico em relação à Igreja, constituídas agora pelas camadas populares que traziam em seu bojo a necessidade de vivência da fé voltada para os problemas do mundo, em uma forte conexão com as perspectivas assumidas pela Teologia da Libertação. É nesse movimento que as CEBs se afirmam e afirmam sua relação Fé e Vida, tal como refletem nossos profetas e o teólogo Libânio.

Eu não posso só orar, orar, ou só louvar, louvar, louvar e esquecer dos problemas sociais, esquecer que tem alguém que sofre aqui do meu lado, que tem muitos excluídos, que tem uma sociedade muito discriminada, então a gente não pode se esquecer disso, jamais! Não é só louvando, louvando, louvando que eu vou resolver esses problemas sociais. Louvar é bom? É. Orar é bom? Claro que temos que orar, porque o senhor vai saber o que precisamos através da oração, é através da oração que nós nos aproximamos mais de Cristo, mas a gente tem que orar e tem que agir, tem que haver a ligação entre fé e vida, eu não posso orar e esquecer de quem sofre do meu lado (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

É isso que o social e o religioso não podem andar separados de jeito nenhum. Por isso que diz oração, orar e ação, você vai, faz a sua espiritualidade, mas tem que ter a ação, mostrar pra essa pessoa que ele tem que ter educação, que educação é que vai fazer com que o Estado, o município e o país se desenvolva, você tem que tirar essa venda dos olhos e isso a igreja também faz, é o trabalho da igreja, é o nosso trabalho, fazer esse trabalho com a comunidade, que você não tem que ficar só como troira balançando a cabeça para os políticos que vem corromper, que vem usufruir o que é seu e na hora não dar o retorno (ZILDA – COMUNIDADE FÉ EM DEUS, MONTE CASTELO).

A ligação fé e vida, por sua vez, é a mola espiritual das CEBs. A sua originalidade decorre precisamente por ter superado os dois extremos: um populismo religioso alienante e um elitismo engajado secularista. De um lado, tínhamos as camadas populares piedosas, religiosas, mas descoladas dos reais problemas de sua situação social. Doutro lado, havia grupos conscientes, de estrato social médio, que se engajavam seriamente no processo de transformação da sociedade, mas cada vez mais secularizados (LIBÂNIO, 1988, p. 108).

A recusa da separação entre as esferas política e religiosa absorvida pelas CEBs e o entendimento de que o trabalho da Igreja é “tirar essa venda dos olhos” e “fazer esse trabalho com a comunidade” (Dona Zilda) desperta questionamentos até hoje. Em 1980, durante viagem apostólica ao Brasil, o Papa João Paulo II deixou uma mensagem aos líderes das comunidades de base, alertando sobre o perigo de atenuação da dimensão da eclesialidade e o risco de intromissão do político nas comunidades. A manipulação política de determinadas comunidades para a obtenção de cargos públicos é citada como uma das principais

problemáticas das CEBs, ainda que se considere que as CEBs, de fato, nunca conseguiram eleger por conta própria os candidatos que apoiaram. De toda forma, é perigoso reduzir a política das CEBs ao viés partidário. Nossos profetas apontam exatamente o sentido da política expressa pela ligação fé e vida, porque “eu não posso orar e esquecer de quem sofre do meu lado (Dona Deusa). Nesse sentido, não há atenuação da dimensão da eclesialidade, apenas a dimensão da experiência de uma nova eclesialidade (Teixeira, 1988), sintonizada pelo compromisso com os mais pobres e marginalizados. É nesse sentido que Dona Aparecida entende as CEBs, também, como missão dentro da Igreja.

Porque a questão do padre, ele quer que eu forme grupo, nas ruas, em questão das CEBs. Ele quer que eu caso a questão da missão, né, com questão das CEBs. Só que as CEBs é uma missão. Foi o que eu disse pra ele, “padre Carlos, CEBs é uma missão!” e o que eu tô buscando: eu tô nos setor justamente isso, durante a preparação do 13º [Intereclesial] eu fui me preparando dentro dos setor, por exemplo, eu tinha a cartilha, cada dia eu tinha um encontro, nove encontro, aí eu entrava naquele dia do encontro no setor, eu ia e a gente falava sobre aquela questão daquele espaço, daquele momento que ia viver lá no Ceará, dentro da cartilha. Assim que eu tô querendo envolver e agora eu tô em uma comunidade nova que nasceu prali, que minha irmã mora, numa invasão, essa também eu vou lá *infiltrar*, vou me *infiltrar* lá dentro pra gente trabalhar em cima da questão das CEBs. Lá eu vou trabalhar mesmo a questão das CEBs viva lá, que a gente vai começar com mutirão, começar com escolinha, com reforço escolar, inclusive eu tava separando já uns livros pra mim levar pra lá e quero também levar um artesanato, sendo que esse artesanato é só um pretexto de eu levar a evangelização, tá entendendo? Assim, quando eu trabalho com o meu artesanato eu já levo a evangelização, usando todo esse percurso que as CEBs me ensinou, que nem só por oração a gente leva o povo, mas por trabalho, trabalho feito, então como eu sei fazer artesanato, eu quero fazer um trabalho de artesanato. Primeiro, antes da gente começar, a gente faz uma oração, lê a Bíblia e trabalha essa questão da Bíblia (APARECIDA – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

A constatação de Dona Aparecida de que “nem só por oração a gente leva o povo, mas por trabalho, trabalho feito” é muito significativa. Ela expressa a dificuldade do engajamento religioso, diante das inúmeras alternativas do contexto urbano e moderno, tanto mais atraentes que os ritos litúrgicos, ao mesmo tempo em que apresenta uma via de solução, ou nas palavras de Dona Aparecida, um “pretexto para a evangelização”. Nesse sentido, a extensão da Igreja vai muito além de seus muros e de seus métodos tradicionais de catequese e doutrinação. Mais uma vez, ela volta-se para o povo. Sobreleva-se aí a essência das CEBs, a começar pelo mutirão que reflete, conforme já visto no capítulo anterior, o sentido de uma atividade comunitária. Junto com ele, a ideia do reforço escolar e a importância da aprendizagem para o desenvolvimento humano, reconhecida prontamente pelos nossos profetas. Por fim, o artesanato, onde Dona Aparecida busca conjugar a experiência de um novo ofício com a oportunidade de reflexão sobre a Bíblia e oração. Outra vez o conhecimento torna-se ponto de partida. Em outros termos, Seu Lucivaldo fala da perspectiva de uma educação na fé. É assim

que ele se refere ao projeto da sopa, uma forma de dar mais assistência às crianças da comunidade, não apenas em termos caritativos, mas na aproximação com os valores cristãos e da Igreja, onde os pais também possam estar inseridos.

Eu acho que com um trabalho dentro da igreja, aí quando eu falo dentro da igreja, não é dentro, dentro, que seja na área da igreja, que seja um trabalho de oficina, que faça as pessoas participar, ir ali, levar a palavra de Deus com a continuidade, com certeza nós vamos ter mais pessoas evangelizadas. *E o projeto da sopa se encaixa aí?* Da sopa, é assim, quando a pessoa chegou aqui e anunciou que queria doar a sopa eu disse “opa, tá bom demais, porque nós vamos conquistar muitas crianças e aproveitar uma hora antes da sopa, pra gente ter uma palestra bíblica com eles, vê se consegue ali alguns filmes educativos de Jesus Cristo é, que chega a altura das crianças, né, que seja adequado pras crianças e fazer com que eles é, assista é e depois tomar uma sopa, ser convidado pro próximo domingo pra missa, né não?” E aí a gente já começa a chamar a atenção das famílias e depois com certeza a gente vai ter os pais junto com a gente, né não? Agora vai depender também da educação nossa, não é só dar a sopa e encher a barriga e deixa ir embora, porque só pra dar comida, eu acho errado. “Ah, eu vou pra igreja só por causa da comida, eu acho errado!” Porque tem uma passagenzinha na Bíblia, não sei se você já viu, assim, que Jesus Cristo disse “ah, vocês tão aqui, porque vocês pensa que acho que gostam de mim, vocês tão por causa disso!” [ri] Não sei se você já viu, já? Então é assim, só dar comida não é o suficiente, tem que educar na fé! (SEU LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

O destaque que Seu Lucivaldo dá ao sentido do trabalho dentro da igreja também merece atenção. Dentro da igreja e não só na missa, mas no desenvolvimento de um projeto de formação contínuo dos sujeitos dentro da comunidade. No começo, as CEBs contavam com círculos bíblicos e grupos de reflexão, base de formação para cristãos e cidadãos; hoje, essa realidade é bem diferente, como Seu Lucivaldo retrata. Muitos precisam de cuidados, mas nem todos são verdadeiramente cuidados. Se já é difícil a Igreja oferecer uma formação bíblica, mas difícil ainda é aliar a esta formação um projeto integral.

Às vezes, na rua, a gente sai pra evangelizar só final de semana e, porque às vezes nós tamos aqui no mutirão da igreja, às vezes, nós tamos na missa e durante a semana a gente trabalha, né, então esse tempo se torna muito pouco pra gente ajudar as famílias que precisa. Porque eu vejo assim, uma carência muito grande, que é um trabalho feito muito rápido também, então, é por isso que eu sempre digo, se a gente tivesse um projeto na igreja pra chamar atenção das famílias... Porque assim, a palavra de Deus, a pessoa, ela não vai seguir de um dia pro outro, eles não segue de um dia pro outro não, porque eu... Foi muito difícil eu aceitar... Eu gostava da igreja, eu gostava de ir pra missa, mas conhecer a palavra de Deus foi muito difícil e o bom é conhecer a palavra de Deus. Nós temos muitas crianças, nós temos muitos irmãos que precisam, assim, de cuidados, né, um projeto pra que a gente possa fazer eles participar daquele projeto pra aprender algumas coisas, tanto a palavra de Deus como alguma formação de trabalho, de emprego, né, falta muito. (SEU LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Agora, é hora de refletir sobre os aspectos da ligação fé e vida que emergem hoje da vivência de CEBs e o modo como nossos profetas assumem esse compromisso profético em suas comunidades.

4.2.1 Amor Político e Social

Jesus respondeu: “Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda sua alma, e com todo o seu entendimento. Esse é o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Ame ao seu próximo como a si mesmo. Toda Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos.” (MATEUS 22, 37-39).

O amor enquanto máxima cristã se estrutura em torno de um triplo alcance: o amor a Deus, ao próximo e a si mesmo. Entre eles, o amor ao próximo comparece como mediação entre a forma pura do amor a Deus, por vezes absolutizado dentro do contexto cristão, e a condensação fechada do amor a si próprio, administrada pelo narcisismo moderno. Nesse sentido, o amor que anima a fé cristã se realiza no próximo e para amar o próximo não basta apenas “saber” que se deve amá-lo, conforme sinaliza o mandamento; é preciso “fazer” com que o amor de dê em gestos concretos, no tecido das relações entre os homens. Seu Lucivaldo aponta bem essa insistência do amor, repetida por vezes ao longo de seu depoimento:

E é isto, e eu acredito que Deus é amor, Deus é paz, amar a Deus sobre todas as coisas é, amar o seu próximo como a ti mesmo, então essas passagens aí que faz nós se concretizar em Deus e ter um grande respeito pelo nosso próximo, saber ajudar o nosso próximo que estão precisando. Amar a Deus sobre todas as coisas, perdoar o seu próximo, amar o seu próximo como a ti mesmo, então eu busco todas essas passagens pra que eu fique do jeito que eu sou, orai pelo seu amigo e amar o seu inimigo, não tem essa passagem na Bíblia? E eu sempre tô aí obedecendo e querendo obedecer, dessa forma, nosso Senhor. Amar a Deus sobre todas as coisas, né, porque assim, se eu amo Deus sobre todas as coisas, eu não vou julgar nenhuma pessoa, eu não vou julgar uma imagem, eu não vou julgar nenhum irmão, nenhuma religião, porque tudo isso quem fez foi Deus, nós somos imagem de Cristo, então já começa da gente mesmo a questão da imagem, né. Então é isto, é amar a Deus sobre todas as coisas, amar o nosso próximo como a nós mesmos e ter misericórdia do nosso próximo também, vê sofrendo ali e ajudar ele, pra sair daquele sofrimento. Sei que não é fácil, até porque, às vezes a gente faz uma coisa importante, depois... A gente não tem que ligar pra decisões negativas, a gente tem que tá sempre ligando praquelas decisões que são construtivas, que nos dá futuro, que é a paz e essas passagens que me faz seguir da forma que eu sou (SEU LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Mas, para Seu Lucivaldo, o amor não se revela apenas como insistência. Antes disso ele é essência: a própria essência humana – “e essas passagens que me faz seguir da forma que eu sou” – como também a essência de Deus – “eu acredito que Deus é amor”. E por mais que a essência de Deus nos leve a pensar a caridade como algo sublime demais para ser alcançado dentro de nossas possibilidades humanas, o amor está aí, encarnado em nossa vontade de criar um mundo mais fraterno e justo. Brandão (1999, p. 112) sustenta a tese de que “o amor e a amizade são incompatíveis com a servidão e que a possibilidade de construção de uma nova sociedade é impossível sem o apelo a estas emoções fundamentais”. No contexto das CEBs, onde a exortação a um novo mundo ganha expressão, a exegese do

amor se configura preferencialmente na opção pelos pobres, como bem aponta Dona Maria José em uma de suas falas:

Eu acho que ela [CEBs] entrava nesse bem aqui: “Seu Nome é Jesus Cristo⁴⁷”, o canto, porque Jesus Cristo ele tá inserido em todo esse contexto, do menor ao maior, do lavrador da terra pra poder tirar o alimento até lá naquele da elite, no elitizado, embora às vezes não se lembre de Deus, mas Deus está em todos, então “Seu Nome é Jesus Cristo” em todos os setores, ele está em todos os lugares, então as CEBs eu acredito que ela contempla isso aqui e Ele entre nós está e não o conhecemos, às vezes passamos despercebido, não ligamos, não fazemos nada e Ele tá ali esperando a todo momento, é a criança que o pai tá desempregado, é o menino de rua, é a mãe abandonada, é a mulher solteira, é o homem desempregado, é a pessoa no todo. É a prática do dia a dia, de muitas famílias, de muitas pessoas, que vão e vem. Ontem aconteceu um caso bem aqui desse Jesus abandonado, nós fomos no hospital e um homem foi pego porque estava roubando, então uma multidão partiram atrás dele, batendo, mutilando, batendo mesmo com facão e de repente uma pessoa trouxe ele e colocou lá no posto de saúde, no UPA (Unidade de Pronto-Atendimento), mas num veio documento, num veio ninguém pra dizer vamos fazer um procedimento e aí chamaram a médica lá e a médica foi lá e disse “não, tem que chamar o SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência)”, aí se ele já tava lá na unidade mista de saúde era pra ser atendido lá, ele já tá tava com a cabeça toda sangrando, muito corte, muita coisa e sujo, homem de rua, um Jesus abandonado aqui ó, porque ele está entre nós e não o conhecemos e ele tava naquele homem lá, e aí esse homem ficou lá caído e vinha um e outro e outro, ninguém fazia nada, mas “ninguém vai atender esse homem?”, o homem da SAMU chegou, ele deu uma bronca no pessoal, “olha, não se pode ficar rolando a vida de um paciente, ele veio pra cá, ele tem que ser feito o procedimento aqui, agora quando não tem o procedimento nessa unidade, a unidade pede reforço pra outra, mas só porque não o querem atender?”, então muita gente que tava lá com o telefone gravou na hora, não sei se já botaram no lugar e o SAMU pediu que pelo menos arrumassem alguma coisa lá pra ele e fizeram uma atadura e tiraram algum sangue que tava escorrendo muito e levaram para, acredito que o Socorrão II, então a pessoa humana, a vida foi negligenciada mais uma vez, não foi levada em conta mais uma vez a vida humana, isso foi ontem, lá bem ali no posto de saúde, então esse Jesus está entre nós e nós não o conhecemos disso (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

Deus está em *todos*, é o que observa Dona Maria José. Está “lá naquele da elite, no elitizado”, assim como também “é a criança que o pai tá desempregado, é o menino de rua, é a mãe abandonada, é a mulher solteira, é o homem desempregado”. Nesse contexto, *todos* estão

⁴⁷ Seu nome é Jesus Cristo e tem um rosto de indígena, de afro-americano, que sofre em condições desumanas, vivendo pobre e marginalizado. Seu nome é Jesus Cristo: homem do campo, sem-terra, sem recursos, sem futuro. Em tudo dependente e submetido Por um mercado injusto e explorado.

Entre nós está, e não O conhecemos. Entre nós está, e nós O desprezamos.

Seu nome é Jesus Cristo: é operário, sem voz nem vez e mal remunerado. Dificultado para organizar-se, e sem defesa justa e sem seu direito. Seu nome é Jesus Cristo e está vivendo lá no aglomerado suburbano, curtindo fome e sede, na miséria, de cara com a riqueza e com esbanjo.

Seu nome é Jesus Cristo: é condenado ao desemprego ou ao subemprego. Vítima do desenvolvimento, do cálculo econômico esmagado. Seu nome é Jesus Cristo: é um jovem, sem rumo e formação, desorientado, sem capacitação, desocupado. Frustrado, entregue à droga, viciado.

MÚSICA “SEU NOME É JESUS CRISTO” – PE. ANDRÉ LUNA. In: Fazendo Justiça, Cantando a Profecia. Livro de Canto 13º Intereclesial das CEBs. Juazeiro do Norte-CE, 2014.

implicados em relações de dominação, isto é, relações assimétricas, desiguais, injustas, onde uma parte se expropria e se apodera do poder da outra parte (GUARESCHI, 2007). Eis aí o Jesus Cristo indígena e afro-americano, operário, sem voz, nem vez e mal remunerado, jovem, sem rumo e formação. Entre nós está e nós o conhecemos? Para Guareschi (1999), num mundo em que o sujeito se coloca como indivíduo único, como o centro dos acontecimentos, tal como está estruturada a ideologia do sistema capitalista, baseada na competição e individualização dos seres e que resulta num narcisismo desenfreado, o “outro” não interessa ou está em segundo plano.

[...] o outro não significa ou pouco significa para nós. Pois ele não faz parte de nós, é um estranho, um alienígena. Ele é o índio, o negro, a mulher, o excluído. Eu o explico, eu o domino, eu o exploro. E mais: sou eu que decido quando há dominação, quando há compreensão, quando há exploração (Ibid., p.159-160).

Quando esta representação do outro é configurada, legitima-se o preconceito e a desigualdade. No entanto, se olharmos o outro, não mais como um estranho e distante, mas como “próximo”, é possível que relações mais igualitárias sejam construídas e, nesse caso, o exercício do amor é a sua via de legitimação. Em muitos aspectos, nossos profetas relatam esse movimento de percepção, conhecimento e reconhecimento do outro, como uma aprendizagem pertinente à caminhada comunitária, onde a empatia, o colocar-se no lugar do outro, também é uma forma verdadeira de amor a ser valorizada nas relações humanas.

Acho que eu aprendi muita coisa boa, mas as coisas que eu acho que eu aprendi muito foi a me colocar no lugar dos outros, isso é que eu aprendi muito e que talvez eu tivesse muita dificuldade, que às vezes a gente pensa muito só na gente, é muito egocêntrico e eu aprendi a me colocar muito no lugar dos outros, e às vezes eu penso que isso ajuda muito na caminhada comunitária, porque quando você vê o outro ali de uma maneira ou de outra e se você não se coloca no lugar dele, quando tem um atrito ou quando tem um, sei lá, um desafio a enfrentar, você não sabe como lidar e quando você se coloca no lugar de cada um, aí talvez é mais fácil você amenizar os conflitos né, os problemas (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Mas, quando a busca pela obediência a Deus torna a experiência do amor ao próximo uma obrigação – “e eu sempre tô aí obedecendo e querendo obedecer, dessa forma, nosso Senhor” (Seu Lucivaldo) – fazer tudo por dever é não amar o próximo realmente com amor humano (GUTIÉRREZ, 2000). O próprio autor reflete com maior profundidade o sentido do amor ao próximo e quem é esse próximo.

O próximo não é, contudo, uma ocasião, um instrumento para a aproximação de Deus. O que há é autêntico amor ao homem pelo próprio homem e não, como diz a bem-intencionada porém ambígua e maltratada expressão, “pelo amor de Deus”. Ambígua e maltratada porque muitos parecem interpretá-la num sentido que esquece que o amor a Deus se expressa em verdadeiro amor ao próprio homem. Só assim poderá haver real encontro com Deus. Que meu gesto seja para o outro ao mesmo

tempo gesto para Deus não apenas é verdadeiro e concreto, mas o torna muito mais rico de significado e repercussões. Cumpre evitar, além disso, cair em uma caridade de tipo individualista. Como foi insistentemente observado nos últimos anos, o próximo não é apenas o ser humano tomado individualmente. É muito mais o ser humano na trama de suas relações econômicas, sociais, culturais, raciais. É igualmente a classe social explorada, o povo dominado, a raça marginalizada. As massas são também nosso próximo, como diz M.-D. Chenu⁴⁸. Isto nos leva para longe da linguagem privatizante do encontro eu-tu. A caridade é, hoje, uma “caridade política”, segundo a expressão de Pio XII. De fato, dar de comer ou de beber é, em nossos dias, um ato político: significa a transformação de uma sociedade estruturada em benefício de uns poucos que se apropriam da mais-valia do trabalho de muitos (Ibid., p. 257-258).

Ao se distanciar da linguagem privatizante do encontro, as CEBs buscam promover a dimensão da vivência comunitária construída em torno não só das relações políticas e de participação, como também de relações afetivas e de solidariedade. Conforme Martín-Baró:

Em comunidade há que se refletir sobre a palavra de Deus, em comunidade há que se orar, em comunidade organizada há que se trabalhar por justiça. Deus salva as pessoas, sim, mas a Deus há que encontrá-lo nos seres humanos, no serviço aos demais, sobretudo aos mais pobres e oprimidos. Porque “como dizes que amas a Deus, a quem não vês, se não amas a teu próximo, a quem vês?” (MARTÍN-BARÓ, 1998, p. 273).

Dentro da perspectiva comunitária assumida pelas CEBs e pelos nossos profetas não é possível conceber o amor a Deus como algo estritamente espiritual. Para eles, a tendência do amor é concretizar-se no próximo, em sua forma social e política, justamente porque é a partir delas que a proposta de construção de uma sociedade mais fraterna se realiza. Não é possível separar o amor do político e nem o político do amor ao próximo, como reflete Dona Zilda, porque o amor é um ato político que transforma.

E hoje, o que é CEBs pra mim? É você ter amor ao próximo, politicamente e social, saber que aquele irmão está precisando do seu trabalho, que está precisando da sua doação, pra mim é CEBs. Esse irmão, ele tem que viver bem, ele tem que ter uma casa pra morar, ele tem que ter um trabalho pra viver, ele tem que ter educação, saúde, habitação, infraestrutura. Então, tudo isso tem que vir justamente desse lado religioso, mas pena que muitos usam a politicalha, a política partidária dos 31 partidos, que deveria ter apenas um partido, o partido de Jesus Cristo, o partido do amor, o partido da união, o partido da partilha, assim como Jesus partiu o seu corpo dando aos seus doze apóstolos, os nossos políticos são esses doze apóstolos, justamente para nos dar um direcionamento do que a gente tem que fazer. Mas como muitas pessoas separam o político do amor, o político do amor ao próximo; o político do amor ao dinheiro, da ganância, não é assim. O dinheiro tem sua importância porque você tem que comprar o tijolo, você tem que comprar o cimento pra você construir a sua casa, mas não é aquele dinheiro da ganância de você tomar o que é do outro (ZILDA – COMUNIDADE FÉ EM DEUS, MONTE CASTELO).

⁴⁸ Marie-Dominique Chenu foi um teólogo progressista francês com grande influência no Concílio Vaticano II. Ele assumiu a tarefa de ampliar o saber teológico em algumas direções ainda inexploradas, mas de capital importância, dada a situação em que se debatia a sociedade no século XX. Seus principais temas de estudo envolviam o valor da matéria, o trabalho, a socialização, as tarefas do laicato e a natureza da teologia. E foi nesses pontos que sua contribuição ao desenvolvimento da teologia tornou-se determinante.

4.2.2 Política e bandeira... Partido e movimentos sociais...

Meus irmãos, se alguém diz que tem fé, mas não tem obras, que adianta isso? Por acaso a fé poderá salvá-lo? Por exemplo: um irmão ou irmã não tem o que vestir e lhes falta o pão de cada dia. Então alguém de vocês diz para eles: “Vão em paz, se aqueçam e comam bastante”; no entanto, não lhes dá o necessário para o corpo. Que adianta isso? Assim também é a fé: sem as obras, ela está completamente morta (TIAGO 2, 15-17).

A proposta das CEBs em que se presentifica a relação fé e vida não é de todo distante da expressa relação entre fé e obras, tão conhecida e debatida no meio cristão. O conceito de relação trazido por Guareschi (2004) ganha aí mais uma extensão, na medida em que a fé mantém um direcionamento intrínseco em direção às obras e a própria vida, já que sem as obras, a fé está completamente morta. Entre outros aspectos, o reconhecimento da materialidade não serve apenas como recurso analógico, mas enquanto expressão de fé. O corpo precisa de sustento para viver da mesma forma que é preciso sustentar a fé. Sustenta-se o corpo vestindo-o e o alimentando e a fé, através das obras. E são as obras que fornecem ao corpo que precisa, aquilo de que ele necessita. Dentro da perspectiva cristã, são as obras que refletem a vivência da caridade. Esta, por sua vez, guarda outras possibilidades de alcance para além do “dar de vestir e comer” que é “dar condições de vida”, o que implica um agir sobre o mundo que não apenas o conserva, mas o transforma.

Nesse sentido, a relação fé e vida representa bem a dialética do subjetivo e do objetivo, viés pelo qual a Psicologia Comunitária e da Libertação compreendem a realidade. Para tanto, a subjetividade religiosa não se anula frente à objetivação do mundo. Ela também é subjetividade objetivada, transformada em ato no contato dos sujeitos com o mundo. Preciso retomar aqui a perspectiva da natureza ideológica da religião oferecida por Martín-Baró (1998) para situar o ato religioso também como um ato político. E o que torna um ato político, sinaliza Montero (2006, p. 166), é “sua capacidade para influenciar na estrutura social, nas relações de poder e na ordem estabelecida, modificando-as, subvertendo-as, impondo-as”. Quer seja apoiando o regime estabelecido ou questionando-o, a religião desempenha de fato um importante papel político. Na proposta das CEBs, por exemplo, a ação dos sujeitos transcende o espaço físico da Igreja, suas mediações assistenciais, pastorais e missionárias, abrindo-se para a participação nos mais variados movimentos.

Em diferentes dioceses, analisadas no livro *As Comunidades de base em questão*, confirmam a presença das CEBs em múltiplos movimentos, sindicatos, partidos, associações, mobilizações. Atuam, ainda, em projetos alternativos (cooperativas, produção sem agrotóxico, artesanato, etc.), em saúde alternativa a partir da medicina popular, nas pastorais sociais, nas Semanas Sociais, no Grito dos Excluídos, nos

acampamentos dos trabalhadores sem-terra. Há uma presença, mais limitada, nos Conselhos Municipais, na linha de valorizar a participação da sociedade civil (WANDERLEY, 2007, p. 140)

Não se pode negar que o nascimento das CEBs e sua correlação com os movimentos sociais tenham contribuído com essa perspectiva e de uma forma geral, este é seu ponto nevrálgico. Para religiosos como monsenhor Hélio Maranhão, “a política estragou as CEBs. As comunidades se tornaram tripé de candidatos políticos e instrumentos nas mãos dos candidatos de esquerda” (MÔNACO, 2012, p. 121). De certa forma, esta é a sensação refletida por um de nossos profetas ao retratar a atualidade das CEBs no interior do estado, tal como fez Dom Xavier Gilles ao mencionar as CEBs como um grupo de pessoas que se organiza para receber o padre: “isso acontece, bastante, no Maranhão todo, ainda hoje. Essa comunidade é uma CEB? Sim é uma CEB. Não é uma CEB no verdadeiro sentido. Não pode existir CEB sem engajamento no social” (Ibid., p. 66).

Então não tem mais essa formação, essa galera toda nas CEBs quando a gente começou, fazia gosto a gente sair daqui, mas se você chegar no interior do estado, qualquer interior desses aqui com o nome de CEBs, a comunidade tá lá inteira, faz eventos das CEBs parecidos, mas as CEBs não tem mais hoje uma bandeira, você vai prum movimento, pruma luta dessa aí de rua, as CEBs não tem uma bandeira lá, aí o cara “Negin tu não é das CEBs?”, “sou das CEBs”, mas as CEBs não tá lá, um grupo das CEBs com uma bandeira “defendo isso!” num tá nos partidos políticos... Tem das CEBs, o Seu Lula foi eleito com as CEBs, o seu Bira do Pindaré, Dona Eliziane Gama, seu Flávio Dino, foram militantes das CEBs e tantos outros que tem por aí, foram, porque não são mais, nem serão, porque não precisam mais das CEBs, serviu enquanto era o caminho pra eles, o caminho tá feito, agora não tão mais, então é isso que as CEBs precisa, ter sua referência, ter sua bandeira... (SEU NEGUIN – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, JOÃO DE DEUS).

A deficiência na formação de base e a ausência de bandeiras de luta são problemáticas recorrentes no atual contexto das CEBs, comprometendo de modo decisivo até mesmo sua identidade, no que diz respeito à implicação com o social. A presença das CEBs em múltiplos movimentos retratada por Clodovis Boff em seu livro “As Comunidades de base em questão” já não é tão marcante e nossos profetas conhecem bem as motivações que desafiam o compromisso político das CEBs, a começar pelas cidades do interior.

O Maranhão tinha muita necessidade muito grande de um movimento que tivesse ligado aos outros e as CEBs era essa, primeiro o homem lá da roça, o homem do campo que tem suas necessidades lá. Porque que as CEBs não tem mais essa força toda? Primeiro que naquele tempo a gente lutava por água, a gente lutava por uma estrada, a gente lutava por uma escola, por uma ponte e hoje a gente tem tudo isso, então aquele comunidade que lutava por essas coisas, que ganhou essas coisas, ela não teve mais nenhum interesse e a comunidade por mais distante que seja ela tem luz e uma antena parabólica e lá você recebe a imagem em tempo real, então eles não vão se ligar aqui, por exemplo, o cara que tá lá em Juçaral dos Pretos eles não vão se ligar nas notícias de São Luís, eles vão se ligar pelo que tá saindo pela

renovação carismática, pela canção nova, por aí, que são as redes católicas, aí aparece um padre Marcelo da vida, um padre Reginaldo Manzotti, tal, tal, tal e tão influenciando a galera, compreende? Aí o padre Zezinho foi esquecido, porque não tá na mídia, Zé Vicente não é um cara de mídia e aí, Reginaldo Manzotti e padre Marcelo fazem a festa. Legal! É legal isso aí, mas tem que ter o outro lado. Então imagina só lá, principalmente na região do Munim, o pessoal passava três dias de barco pra chegar em determinada localidade, hoje você gasta 15 minutos na estrada asfaltada. A gente ouve depoimentos quando vai fazer assembleias no interior, de pessoas que andavam bastante, caminhavam muito, hoje não, almoça aqui, vai tomar café lá, rápido. Então essas pessoas não tem mais aquela vontade de trabalhar, vão mais lá pela história, pela coisa, pela questão da religiosidade, não pela uma ação e nós aqui na cidade? (SEU NEGUIN – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, JOÃO DE DEUS).

Para contextualizar a situação da cidade é Dona Maria José quem oferece a resposta:

A gente sabe que alguém tá doente no hospital, a gente convida, vai lá visitar fazer a nossa irmandade, a nossa solidariedade, o nosso povo aqui ainda não se inseriu muito é, naquela coisa do lado social, isso é uma decadência ainda, o nosso povo ainda não descobriu que comunidades eclesiais, que igreja, que vivência de igreja também é lutar pela água, também é lutar pela iluminação, também é lutar pelo posto de saúde, também é lutar por uma escola no bairro e quando a gente vai convidar, articular, eles pensam que é outra coisa, não, “nós temos uma reunião dia tal, na hora tal, assim, assim na igreja”, mas a igreja não pode viver sem essa outra parte todinha, porque num pode viver só da reza, né, então é preciso que a gente também como comunidade lute e vá buscar a escola, o posto de saúde, uma pracinha para as crianças brincar pra num ter que ir tão longe, a segurança, reivindicar a segurança no bairro e de vez em quando a gente fica fazendo apelo coloca na Rádio Realidade [rádio comunitária], fica pedindo uma coisa e outra, mas não é a mesma coisa do povo que tem um jeito de se encontrar, se organizar pra ir ver isso, ou então vai uma ou duas vezes e aí para, larga de mão, né, num tem aquela mesma, vamo dizer, aquela mesma perspectiva que tem de ir para a igreja, para essas outras coisas, né, então nós participamos aqui uma vez de um movimento chamado Plan de um serviço, uma organização chamada Plan, que era pra cuidar dos jovens, dos adolescentes pra não deixar eles soltos pó aí à deriva, então gente fazia, convidava pra encontros e algumas mães dizia “não, mas isso a gente já viu com uma reunião lá na escola”, mas é diferente lá na escola, porque lá é no colégio, aqui é no bairro onde a gente mora, então tendo uma organização que cuidava desse setor, de segurança de ir e vim, 10 horas da noite você pode ir e vim com mais tranquilidade, pra isso tendo organização ia ter viaturas fazendo ronda, o posto de saúde ia ser melhorado, a canalização ia ser melhorada, mas aí num entendem, então não foi muito pra frente, mas a gente luta em todos esses setores, ficamos mais ou menos uns dois anos lutando, indo e vindo e ia pra comunidade lá mais longe, íamos pro Santana que é bem mais longe, é uma periferia já lá perto de São José de Ribamar, fomos pra Santana, fomos prum outro lugar chamado São Paulo, Tajaçuba, esses lugar tudo, pra lá tá funcionando, tá funcionando um pouco, mas aqui, já um pouquinho mais na sede, entre aspas porque a sede é lá no centro, mas aqui a gente tem já como sede que já é uma base um pouco mais articulada, mais coordenada, então o povo daqui não valoriza isso mais não, eles acham que esse lado é da escola, dos professores, do prefeito, desse povo aí, eles, o povo, num é que tem correr atrás disso não e, na verdade, o povo da igreja também tem que tá organizado nisso aí, isso é que faz uma boa vivência, né, uma comunicação, uma parceria bem legal, então inda falta um pouco nosso povo se interagir disso aí (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

As reflexões de Seu Neugin e Dona Maria José são muito contundentes, pois situam as grandes transformações culturais e seu impacto direto sobre a vida das pessoas, até mesmo daquelas que vivem nas cidadezinhas mais distantes do interior. Chega a eletricidade no

povoado e com ela a televisão e a antena parabólica. A cultura *mediada* então institui aquilo que é real e o que não é, pois as coisas só existem se passam na mídia (GUARESCHI, 2004). Nesse sentido, o padre Zezinho é esquecido, porque não tá na mídia, Zé Vicente não é um cara de mídia e aí, Reginaldo Manzotti e padre Marcelo fazem a festa (Seu Neguin). No bairro chega o posto de saúde e a escola. De alguma forma, as pessoas, mesmo os pobres, sentem que na cidade já gozam automaticamente de seus benefícios e perdem o fôlego para a luta (LIBÂNIO, 2004). Desta forma, elas acham que esse lado do social é responsabilidade da escola, dos professores, do prefeito, desse povo aí (Dona Maria José). Essa perspectiva de participação dos benefícios oferecida pela cidade constitui desafio maior para as CEBs, pois de alguma forma, as injustiças aparecem de forma mais escandalosa nos contextos mais rurais (Ibid.), o que desperta as pessoas para a tomada de ações. O depoimento de Dona Maria José ilustra bem essa situação: “São Paulo, Tajaçubá, esses lugar tudo, pra lá tá funcionando, tá funcionando um pouco, mas aqui, já um pouquinho mais na sede, [...] que já é uma base um pouco mais articulada, mais coordenada, então o povo daqui não valoriza isso mais não”.

Outra reflexão do teólogo Libânio (Ibid.) que se articula apropriadamente à vivência de Dona Maria José e suas experiências no contexto da cidade é a capacidade de mobilização dos líderes em décadas anteriores e sua luta atual para chegar até as pessoas por causa dos entraves cada vez maiores da cidade e pela influência da cultura pós-moderna presentista e paralisadora: “de vez em quando a gente fica fazendo apelo coloca na Rádio Realidade [rádio comunitária], fica pedindo uma coisa e outra, mas não é a mesma coisa do povo que tem um jeito de se encontrar, se organizar pra ir ver isso, ou então vai uma ou duas vezes e aí para, larga de mão”. Com o crescente desinteresse pela participação em assuntos políticos a comprometer a originalidade das CEBs, a sobrevivência das comunidades passa a se organizar em torno da prática religiosa e de seus ritos, isso quando a cidade, com sua vida acelerada e habitada por outras opções, do trabalho ao lazer, não arrefece também o exercício dos atos religiosos: “Então essas pessoas não tem mais aquela vontade de trabalhar, vão mais lá pela história, pela coisa, pela questão da religiosidade, não pela uma ação num tem aquela mesma” (Seu Neguin), “num tem aquela mesma, vamo dizer, aquela mesma perspectiva que tem de ir para a igreja, para essas outras coisas, né” (Dona Maria José).

Mesmo sem a presença oficial das CEBs entre os movimentos e manifestações, nossos profetas preferem não manter os “braços cruzados”. A ânsia pela ocupação dos mais variados espaços, dentro e fora da Igreja, é acompanhada pela compreensão de que as comunidades de bairro e de vida (tal como se compreendem as CEBs em sua extensão territorial e

psicossocial) integram uma trama maior de relações sociais. Montero (2006, p. 175, tradução nossa) destaca que a borrosidade é uma das primeiras características da rede, pois “o espectro assim coberto é muito amplo e à primeira vista os extremos já se veem borrosos”. É o que acontece com as redes de apoio das CEBs que se encontram ligadas aos movimentos sociais. Eles complementam ou fortalecem a proposta original das CEBs de impacto sobre as realidades, na tentativa de promover nelas, mudanças significativas. Nesse sentido, ressalta ainda Montero (Ibid.) a presença de modos de relação em rede favorecem os processos de organização e, muitas vezes, os próprios membros da comunidade não são conscientes de sua potência, de tão naturalizados que estão.

Eu não, eu num tenho medo, eu gosto mesmo é de sair, Adriana, de sair, eu gosto de tá lá, eu num gosto de tá de braços cruzados não, eu faço parte da Igreja Nossa Senhora de Fátima, mas eu não quero ficar só aqui não. Eu quero participar de outras coisas, quero conhecer outras coisas, às vezes eu vou lá pro encontro lá do movimento popular, porque CEBs busca muito isso, né, essa questão de movimento popular, grito dos excluídos, outros trabalhos, comemoração do Dia Internacional da Consciência Negra, eu acho assim muito importante... A gente vai buscando todo esse percurso de vida de igreja, agora eu ficar dentro da minha comunidade eu não vou conhecer nada, eu vou conhecer só a minha comunidade, então sair é um objetivo de você conhecer outras comunidades (APARECIDA – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Desta maneira, é possível perceber que os processos organizativos nas comunidades não chegam a envolver todos os seus membros. Apesar disso,

As comunidades frequentemente geram diversos grupos organizados, e contam também com pessoas que assumem a direção de certas atividades ou processos, imprimindo-lhes seu estilo pessoal e às vezes também suas inclinações individuais ou suas motivações (religiosas, locais, acadêmicas, idiossincráticas, partidárias, entre outras), assim como seu estilo de liderança para abordar o trabalho comunitário (paternalista, participativo, autogestor) (Ibid., p. 180, tradução nossa).

Nas CEBs do contexto urbano de São Luís e São José de Ribamar, esse grupo é formado pela equipe diocesana de articulação de CEBs. Em suas paróquias, portanto, cada um dos participantes da equipe assume trabalhos de referência e neles procura estabelecer um ponto de encontro com as CEBs. É o caso de Dona Aparecida e da sua indicação para a coordenação de cidadania da paróquia que frequenta, como também da sua intenção de criar uma comunidade onde a irmã mora, partindo da perspectiva de envolvimento dos sujeitos em tarefas que podem contribuir simultaneamente com o seu desenvolvimento pessoal e o fortalecimento coletivo.

Por que que ele [o padre] quer eu como representante da paróquia? Porque ele acha que eu sou um ponto de vista, de referência de coordenação de cidadania pra trabalhar nessas questões. E as CEBs entra justamente nessa questão do trabalho, que a gente trabalha em torno de tudo isso, né, cabe a gente ter pessoas que nos

ajude. Então o que que eu tenho que fazer? Tenho que buscar parceria com associação, parceria com outros órgãos dentro da comunidade pra poder nos fortalecer, até mesmo a questão de material, de ferramentas, essas coisas assim. Por isso tô tentando, né, uma andorinha só não pode fazer verão, mas... Faz como a história da beija-flor, tô fazendo a minha parte! Já viu essa história da beija-flor? Que teve um incêndio? *A que ele foi colocando água no bico...* Pois é, exatamente! Então eu sou como a beija-flor. Então eu tenho minha irmã que já tá me ajudando, inclusive ela tá sendo vice de uma associação de morador lá de onde ela mora, já é um passo pra mim, né. Aí eu quero fazer uma biblioteca lá na associação, aí quero levar esse artesanato pra lá, né, pra ajudar ela lá, pra ela se fortalecer mais. Inclusive eu já falei pra ela pra gente criar uma comunidadezinha lá. (APARECIDA – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

A busca de parceria com associação de bairro e parceria com outros órgãos dentro da comunidade, como relata Dona Aparecida, é o princípio de desenvolvimento de uma rede comunitária para as CEBs. A fábula do beija-flor ilustra bem essa dinâmica e a importância do estabelecimento de redes. O beija-flor faz a sua parte para tentar apagar o fogo ao mesmo tempo em que desperta nos outros a vontade de participação. É assim que se dá o desfecho da história. Para tanto, as redes comunitárias “fortalecem o poder local e cidadão, além de gerar modos tradicionais e alternativos de ocupar o espaço público, que são também modos alternativos de ação política” (Ibid., p. 198) E já que estamos falando de modos tradicionais e alternativos de ocupar os espaços públicos, é preciso falar como nossos profetas atuam neles.

Eu mesmo [ri] luto muito, né, por essa questão aí da melhoria da nossa comunidade, do nosso bairro que é o Parque Jair. É, participei ano passado de uma eleição, concorrendo aí a União de Moradores, é, eu sendo vice, na verdade eu não queria, mas como eles não encontraram uma outra pessoa que poderia ajudar o grupo da forma que eles viram que eu possa ajudar, eles acabaram é, vamos dizer assim, eu posso dizer, eles acabaram me vencendo, me fizeram eu aceitar ser o vice na União de Moradores, onde nós temos uma amiga que é a presidente, e sentimos muita dificuldade até porque, o Parque Jair, ele vem de grandes problemas. No início do assentamento do Parque Jair, logo uns dois anos depois, nós perdemos as lideranças é, e aí ficou um bairro praticamente sem liderança, logo após apareceu outras lideranças que sempre decidiram as coisas da forma deles, não de uma forma que era bom para toda nossa comunidade, mas as igrejas, a maioria das pessoas que queria o bem do bairro, acabaram ficando, é, eu posso dizer assim, recuados, com medo de agir pela melhoria, até porque existia muita violência, inclusive nós tivemos aqui no Parque Jair uma manifestação que foi organizada pela irmã Brígida e o padre Edmilson na época e, eles foram ameaçados não puderam continuar com a manifestação, que era para a melhoria da comunidade, do bairro e pararam por aí. E nós ficamos morando por aqui e só no início deste ano, nós conseguimos é, conseguimos organizar e colocar para funcionar a União dos Moradores que é a união legítima de nosso bairro. Mas até hoje a gente ainda não conseguimos fazer um grande movimento, até porque encontramos muitas dificuldades, questão de outras pessoas que impede é, porque sempre quer mandar na comunidade da forma que acha melhor pra ele mesmo, enquanto isso fica as famílias sofrendo, o bairro todo cheio de buracos, as ruas não pode nem andar, cheias de lixos e buracos e, enfim, a gente tá aí na luta, na esperança de próximo ano, a gente possa fazer *algos* melhores para a comunidade, mas sabemos que nós vamos encontrar muitas dificuldades, né, mas a esperança está aí com a gente, espero que se desenvolva o que é bom pro bairro (SEU LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

De modo tradicional, entre as possibilidades de ação política na qual se engajam nossos profetas destacamos o exercício da democracia representativa, por exemplo, através da associação de moradores, experiência trazida por Seu Lucivaldo. Outra forma, ainda mais convencional de democracia representativa é o pleito de cargo público, no qual Seu Lucivaldo também já esteve implicado.

É assim, antes de eu me manifestar com as políticas partidária, a comunidade me via simplesmente como igreja, né, a igreja evangelizadora e eles me recebiam muito bem, sempre me receberam bem, me vejam sempre como uma boa pessoa, uma pessoa que pode futuramente trazer um bom resultado pra comunidade e logo depois eu me manifestei com a política partidária não por minha vontade, foi por ver a necessidade da nossa comunidade em geral, né, uma grande necessidade, os exploradores vivendo junto com a gente no bairro, destruindo o que poderia ser bom pra todas as pessoas, se gozando ali do que poderia ser pra todos, uma só pessoa conseguindo pra si mesmo e isso daí mexeu comigo e eu acabei me aproximando dos políticos e passei a participar da política partidária. Eu passei a primeira eleição pra prefeito e vereador. Fiz uma eleição humilde, eu fui pra política, mas pra conhecer mesmo como era a política, a gente sabe que os humilde dificilmente ganha a eleição, mas eu fui pra política não foi tanto pensando em vencer, ganhar a eleição para vereador, foi pra conhecer e graças a Deus que eu conheci bastante, eu até me arrependi depois [ri], fiquei com um trauma imenso que eu vi muitas coisas que não é bom para a comunidade e fiquei com trauma, foi muito difícil de eu perder esse trauma, até falei que não voltaria mais (SEU LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Os dois depoimentos de Seu Lucivaldo refletem as críticas vigentes em torno da democracia representativa tradicional: as falhas presentes na representatividade e o uso abusivo do poder em que podem ocorrer alguns de seus representantes, como “lideranças que sempre decidiram as coisas da forma deles, não de uma forma que era bom para toda nossa comunidade” e “os exploradores vivendo junto com a gente no bairro, destruindo o que poderia ser bom pra todas as pessoas, se gozando ali do que poderia ser pra todos, uma só pessoa conseguindo pra si mesmo”. Assim, Seu Lucivaldo entra na política partidária por querer representar bem a comunidade, da mesma forma que a comunidade acolhe sua representação. O próprio resgate histórico das CEBs em sua relação com a temática partidária aponta para esta intencionalidade: não há primordialmente uma correspondência ideológica, mas a necessidade de que os cargos públicos também sejam ocupados por pessoas que lutam pelos interesses do povo, isto é, a necessidade de uma representação que corresponda aos anseios da maioria. Seu Lucivaldo acredita ainda que as CEBs podem agir sobre a própria estrutura política e fornecer outras possibilidades, mais justas, de seu cumprimento.

É importante porque dentro da política que todos os direitos são decididos, né, se caso os políticos fossem todos direito, trabalhassem corretamente e atendessem as comunidade honestamente não seria preciso, não seria importante as CEBs se manifestar, mas como nós temos várias irregularidades dentro da política, então se o justo não participar, não procurar agir para melhorar, tirar as irregularidades, não

tem como a gente chegar numa posição correta, um denominador correto, né, então é muito importante as CEBs participar dos movimentos partidários. Eu tive vindo no passado, uns quatro anos atrás que seria necessário a gente participar ou algum de nós participar das política partidária porque é uma forma que a gente fica mais próximo deles, a gente tem mais possibilidade de fazer as cobranças, né. Então essa questão de se manifestar com a política partidária nas CEBs, porque isso nos indica que fica mais fácil da gente ter a proximidade deles, de conversar com eles, né, esse que é a importância que eu vejo, mas por trás, pensando bem não é muito bom, não é muito fácil porque a política é sempre complicada (SEU LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Mas, nem sempre as ações políticas dentro da comunidade são vistas com bons olhos por outros membros. Ao contrário de Seu Lucivaldo, visto como uma boa pessoa que pode trazer um bom resultado para a comunidade, Dona Zilda é tida como polêmica, uma pessoa que não fica calada. A sensação de oportunismo, outrora vivenciada pelas CEBs, ainda se faz presente, confirmando o descrédito com os rumos atuais da política.

Olha, a minha comunidade é uma comunidade grande, né, a comunidade Fé em Deus, tem uns atritos, porque quando você começa a participar de movimentos, né, aí você chama a comunidade para participar daquela reunião e você começa a colocar os anseios, o que você deseja praquela comunidade, muitas pessoas aceitam, mas outros não aceitam, a pessoa logo é visto “Qual é o cargo que ela tem? Ela tá desejando ser candidata!”, né, pensa logo que você quer tá pleiteando um pleito político partidário e não é um pleito político, é para a comunidade, para beneficiar a comunidade, então é uma faca de dois gumes, um pensa de um jeito aí fica logo a partilha, né, um grupo pensa que você tá pleiteando um pleito político partidário e o outro vai comungar com você, vai dizer que você está querendo o bem daquela comunidade, no meu caso eu sou tida como polêmica, eu sou tida uma pessoa que não fica calada e realmente eu não fico viu? Se é uma coisa que tá me angustiando eu falo mesmo, doa a quem doer. Eu digo todo tempo, se eu fizer parte de uma reunião, se eu fizer parte de uma comunidade e eu não puder opinar, eu não vou, porque não adianta eu estar lá e tá só engolindo como tá botando farinha dentro do saco, não! Eu participo, se as coisas não está como eu penso, eu falo, eu me manifesto, então por isso sou conhecida como polêmica e muitas pessoas já até me quiseram levar pra fazer parte de um pleito político e eu sempre digo “eu não vou, porque se eu for, se eu me candidatar a um pleito político eu entro pelo uma porta e vocês me jogam pela janela, porque eu vou reclamar do que tá errado, porque eu não vou comungar e aí vocês vão me jogar lá na baía de São Marcos e o tubarão vai me comer [ri], tá entendendo? Vocês vão querer logo me calar, então para que isso não aconteça eu prefiro ficar na minha, como comunidade e não fazer parte de pleito político”, eu faço parte de pleito comunitário da minha igreja e das reuniões que eu participo, opinando, o que eu concordo e o que eu não concordo, eu sou desse jeito (ZILDA – COMUNIDADE FÉ EM DEUS, MONTE CASTELO).

No pleito político ou comunitário, a democracia representativa é a via mais convencional de ação, mas não é a única. Conforme indica Montero (Ibid.) existem outros modos de ação política de caráter alternativo, de uso conhecido e que não são convencionais como marchas, boicotes, greves, aos quais podem agregar-se novas formas de participação organizada que vão muito além da militância partidarista ou da mobilização de protesto. A essas formas dá-se o nome de democracia participativa que, segundo a mesma autora, aparece como corretora dos erros e debilidades da democracia representativa. Para ela:

A democracia participativa é proposta, então, como uma forma alternativa de comunicação, como um resgate da voz popular que expressa e torna pública a consciência, a opinião, e busca a execução da vontade de grupos que se consideram não representados. A expansão do conceito de democracia em direção à conquista do objetivo apresentado em sua definição: governo do povo, reconhecendo o caráter protagonista e ativo do dito povo. Essas opiniões e essas ações expressam forma de ruptura com a passividade e com a atividade dirigida por instâncias partidárias ou por organizações estatais (Ibid., p. 154).

Essa ruptura, como forma de expressão popular, também integra as vivências de nossos profetas, na Romaria do Trabalhador da área Itaqui-Bacanga ou na manifestação por água do Parque Jair. De certo, as formas de democracia participativa aparecem para contestar a ideia de identificação política exclusiva das CEBs com a política partidária, ao mesmo tempo em que ousa manifestar a ideia de que participar significa também comprometer-se e, assim, renunciar a posição de simples espectador para assumir o serviço de uma causa.

É claro que através da nossa romaria [do Trabalhador] a gente já conseguiu muita coisa né, eu lembro que foram romarias muito sofridas, as primeiras romarias que a gente fez foram muito sofridas, mas que a gente conseguiu reivindicar muita coisa pra nossa área né, pra nossa forania, conseguimos escolas do ensino médio que nós não tínhamos, conseguimos hospitais, conseguimos área pro pessoal do Itaim que vivia na briga, na luta pelas suas terras e a gente conseguiu que eles conquistassem a certificação das terras deles né, então foram muitas conquistas que a gente conseguiu né, através da Romaria, porque nós fazíamos baixo-assinados, a gente encaminhava para as autoridades e aí a gente tinha um retorno né, dessa nossa luta, então claro que não foi em vão, tudo que a gente fez ao longo desses vinte e cinco anos foi uma luta boa, conseguimos muitas conquistas, conseguimos bastante coisas pra nossa área, mas também inda precisa muita coisa melhorar, né (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

O Parque Jair, nós temos água aqui há uns doze anos, né, dez a doze anos e uma situação muito triste, porque a pessoa que diz que é responsável pelo abastecimento de água daqui, ele só deixa dá água pro setor que ele quer e bota tapes nos canos pra num ir pra onde ele não quer e, muitos tem água e muitos também não tem, nós temos três poços aqui cavados que a prefeitura fez, né, ou então perfurado e, aí nós queremos que a prefeitura mande organizar essa água, deixar que dê água pra todas as pessoas, então é isso que nós estamos aguardando... E aí hoje nós tamos lutando, vamos esperar até o dia 20 [de janeiro] se não vierem, aí nós vamos se manifestar de outra forma. A previsão é depois de dia 20 de janeiro, se eles não vierem trabalhar aqui, a gente quer a organização da água, aí nós vamos fazer essa manifestação desse jeito, aí eu vou ter que tá no meio (SEU LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

4.3 ENTRA NA RODA COM A GENTE, TAMBÉM. VOCÊ É MUITO IMPORTANTE!

Chegou a hora de falar das reverberações subjetivas provocadas pela participação nas CEBs. A palavra participação já dá um primeiro dimensionamento, à medida que nela se aprofunda o sentido de uma dupla transformação. Como destaca Montero (2004) a

participação é marcada por uma relação dialética, onde o sujeito constrói e modifica o processo do qual participa, ao mesmo tempo em que é também transformado. No contexto religioso, o sentido da participação também se faz presente. Minha mãe, por exemplo, sempre reagira ao convite de assistir a missa: “Eu vou à missa pra participar, não pra assistir”. Desde já ela sabia o dimensionamento implicado no ato da participação, substancialmente diferente do comportamento de espectadores que muitos católicos assumem diante da liturgia. Para ela, a participação indicava um mergulho íntimo no mistério celebrado, o que supõe uma participação ainda passiva e pouco implicada. Com as CEBs reivindicou-se um novo tipo de participação dos leigos na Igreja, especialmente no uso da palavra na liturgia, onde eles também assumem o papel de celebrantes e se tornam partícipes do poder sagrado. A incursão nos espaços litúrgicos, em todas as suas formas, constitui ânimo para os cristãos das CEBs.

No final da última missa campal que era a missa já de envio [do Intereclesial], que quando a gente tá lá, eu e minha colega Aparecida, que nós íamos participar da Romaria, aí a Maria José que é da Ampliada disse, encontrou a gente e disse “tá faltando duas pessoas pra participarem da celebração da liturgia, vocês não querem?” digo “tamos aqui!”, mas aquilo pra mim foi assim o ápice, digamos assim, [ri] eu digo “puxa, eu participar aqui do presbitério da missa campal de encerramento do Intereclesial, estar ajudando liturgicamente, ah isso pra mim é maravilhoso!”. E fomos lá, a gente se sentia assim, no trono, né, com aquelas batatas, que nós íamos entrar com as velas, pra acender no grande círio e a partir daí a gente sair levando a luz para as outras pessoas que estavam na assembléia, porque, na primeira missa, de abertura, eu estava muito distante então eu via muito pouco da onde eu estava e eu estar ali no presbitério, né, participando diretamente da liturgia, ah, foi o ponto ápice da minha vida! [ri], digo “gente, mas foi muito gostoso!”, né, me sentindo, digamos assim, a deusa, né. *Agora sim, uma deusa, né.* [rimos] Pois é! Mas foi muito bom, muito bom mesmo! “Maria José, tu não sabe a alegria que tu me deu, me convidando pra participar da celebração” que foi muito legal mesmo, né, a gente tá ali diretamente, eu sempre gosto de tá diretamente, né, eu não gosto de tá só olhando, mas eu gosto de participar diretamente, então está ali pra mim foi lindo, muito bom mesmo! (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Dona Deusa não tem dúvidas: participar do presbitério, lugar restrito a um pequeno grupo de pessoas, em um evento como o Intereclesial, foi o momento mais marcante de sua vida. Ali, ela se sentira parte da celebração. Essa participação ativa, assumida sem medo, é uma necessidade que Dona Deusa carrega desde que deu início a sua caminhada de Igreja⁴⁹ e que ela mesma acaba por reconfirmar aqui: “eu não gosto de tá só olhando, mas eu gosto de participar diretamente”. Nós já tínhamos compartilhado conversas de poltrona, quando viajamos para a celebração do Dia da Consciência Negra, em Juçaral dos Pretos. Na ocasião, ela fora destinada para a equipe de liturgia, responsável dentre outras funções, pela preparação do local da missa e do ofertório simbólico. Disse que precisava de mais pessoas para ajudar e

⁴⁹ Contamos um pouco mais sobre a participação de Dona Deusa no capítulo “Nem só de pão vive o homem”.

me convidou para a reunião em que se acertariam os últimos detalhes. Era um evento pequeno, mas Dona Deusa não abdicou de sua participação, assim como não abdicou do convite feito por Dona Maria José no encerramento de um evento grande como o Intereclesial.

No dia da entrevista, portanto, o sentimento mais profundo se revelou em seu depoimento: ali Dona Deusa se sentiu, de fato, deusa, ou como ela mesma explicita, “a gente se sentia assim, no trono, né”. Não foi propriamente descabida a pronúncia equivocada que fez de seu nome no começo de nossa conversa, afinal, minutos depois, ela encher-se-ia de sentido. Sentir-se deusa sem o peso do pecado a lhe culpar pela transgressão da imagem divina ou pela presunção de assemelhar-se a ela. Sentir-se deusa porque, naquele momento, ela também fora importante “levando a luz para as outras pessoas que estavam na assembléia”. A experiência revivida pela memória acompanhará Dona Deusa para o restante de sua vida. Talvez, as pessoas presentes naquele momento não se lembrem de Dona Deusa e seu sorriso, percorrendo a multidão com uma vela em mãos, a caminho do altar, dançando em meio ao povo. Mas ele fora o ápice de sua vida. As CEBs lhe proporcionaram vivê-lo e nem Dona Maria José, nem eu, nem mais ninguém saberá dimensionar a alegria desse momento.

De todo modo, os sentimentos de valorização não se esgotam com a ascensão ao altar diante dos olhos dos fieis, eles também comparecem no cotidiano da vivência comunitária. Ali, o olhar do outro também se faz importante para nossos profetas, onde aspectos identitários são ressaltados e valorizados. Dona Aparecida, por exemplo, é reconhecida dentro da equipe de articulação como “Rainha Negra”. O peso dessa expressão é igualmente forte por associar características geradoras de dupla exclusão em nosso contexto social: ser mulher e ser negra. Ao ser mulher e negra não lhe cabe o lugar da vassalidão ou servidão, mas de referência: “É a nossa Rainha Negra”. O alcance do pronome “nossa” também é perceptível por refletir uma dupla inclusão no contexto das CEBs: o pertencimento a algum lugar e o acolhimento sentido por pertencer a esse lugar. Dona Zilda e Dona Aparecida entremeiam essas perspectivas em suas falas:

Ah sei lá, quando eu tô no encontro das CEBs eu me sinto, até mesmo porque esse povo das CEBs eles me deixa lá em cima. Eles chega assim... [É a nossa Rainha Negra, diz Dona Zilda sentada ao nosso lado] Eu tava me lembrando Zilda quando eu trabalhava no Beija-Flor [motel] que eu ia lá do Beija-Flor pra reunião das CEBs, eu trabalhava a noite todinha, né, aí eu ia pra lá, aí nós ia lá pra casa da acolhida que tinha lá na rua do Sol, aí lá tinha umas almofadas na sala e eu tava cochilando, aí botava uma almofada e eu me deitava lá e a reunião ia continuar. Queriam saber que eu tava lá, né, é aquela coisa assim, diferenciado, quando eu chego diz assim, num é só eu, qualquer pessoa que chega “ah, que bom que fulano chegou!” e na minha comunidade, mesmo eu bem acolhida, mas tem pessoas que diz assim “Ave Maria Dona Aparecida, parece que a senhora nem morava mais na Vila Luizão”, então gente, isso são coisas que eu costume dizer assim “nunca a comunidade vai saber

acolher como a articulação das CEBs acolhe alguém” e eu como nunca fico calada eu disse “meu amor, se você não souber me acolher, fique calado” aí todo mundo olhou pra ele. Passei um tempo com minha mãe que morreu, minha irmã ficou deprimida aí quando eu cheguei disseram “Eita até que enfim Dona Aparecida apareceu!”, eu virei pra ele e disse “olha, eu acho que a vida não tem fim e se você não sabe me acolher é melhor você ficar calado”, porque tem que saber o que foi aconteceu, o que você fez, mas eles sabiam, o negócio é porque o povo não sabe acolher. Então minha paixão pelas CEBs, Adriana, foi esse acolhimento, jeito de acolher, jeito de dizer “vem, eu preciso de você!” (APARECIDA – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VILA LUIZÃO).

Eu encontrei pessoas com vivência e que eu vi que aquelas pessoas comungavam do mesmo sentimento meu, ó, eu encontrei uma pessoa maravilhosa, que é um exemplo muito grande pra mim: a Aparecida, a Neide, pessoas ferrenhas mesmo, indo beber na fonte, a Maria José, outra pessoa guerreira que lutou pra participar dos movimentos, fazendo rifa, vendendo seus artesanatos, então essas pessoas pra mim foi de um aprendizado imenso e eu vi que eu não estava sozinha com a minha língua comprida e também me ajudaram muito, porque na época que eu entrei nas CEBs eu não estava trabalhando, mas eu fui representante das CEBs, eles pagavam minha passagem pra eu fazer parte das reuniões, era nós três, eu, Silvia e Maria da Guia, mas o quê que acontece, quando elas não podiam ir, a representante era eu, eu fui eleita pelo meu grupo das CEBs para ser representante deles nas reuniões e tudo, inclusive eles pagavam minha passagem, me davam condição de estar lá presente, nunca, nunca, nunca me deixaram de lado, sempre me apoiaram, então isto é CEBs, apoiar uns aos outros na hora que tem necessidade e esse aprendizado foi muito grande pra mim, que eu vi que o meu trabalho não era em vão, que o meu trabalho tinha resultado, eu tinha apoio e me sinto muito feliz por isso! (ZILDA – COMUNIDADE FÉ EM DEUS, MONTE CASTELO)

Essa paixão que Dona Aparecida carrega pelas CEBs, em particular pela equipe de articulação, não provém de fundamentos rasos. O acolhimento que ela vive em sua comunidade na Vila Luizão é substancialmente “diferenciado” daquele oferecido pela equipe. Ela e Dona Zilda nos explicitam o sentido desse acolhimento que envolve, segundo elas, certa disposição empática “tem que saber o que foi aconteceu” e o oferecimento de apoio diante das necessidades “nunca, nunca, nunca me deixaram de lado, sempre me apoiaram”. Essa relação aponta outra faceta importante, destacada por Dona Zilda, o sentimento de felicidade que se harmoniza com o sentido da coletividade, da presença do outro, do não se sentir só na realização de um trabalho. Este é o ponto de transição entre a comunidade-bairro e a comunidade-equipe. Na comunidade-bairro nem sempre há confluências de interesses, nem sempre a dimensão da utopia se faz possível. Na comunidade-equipe, a utopia é uma possibilidade e as pessoas reunidas ali, sentem-se parte de um mesmo projeto e, por isso, sentem-se envolvidas com o trabalho.

Diante disso, há que se refletir: Em quantas de nossas relações nos sentimos verdadeiramente acolhidos? O quanto exigem da nossa presença, quando, às vezes, não podemos oferecer mais do que ela mesma? Para Dona Aparecida a presença cobrada “Queriam saber que eu tava lá, né” é mais preciosa que a ausência sentida “até que enfim

Dona Aparecida apareceu!”. Pensando nesse jeito de acolher das CEBs, Dona Aparecida lembra que “também tem aquele cântico que diz assim”, desengatando a cantar:

Deus chama a gente pra um momento novo, de caminhar junto com seu povo. É hora de transformar o que não dá mais, sozinho, isolado, ninguém é capaz!

Por isso vem, entra na roda com a gente, também. Você é muito importante, por isso vem. Entra na roda com a gente, também, você é muito importante, vem.

Não é possível crer que tudo é fácil, há muita coisa que produz a morte, gerando a dor, tristeza e desolação. É necessário unir o cordão!

A força que hoje faz brotar a vida, atua em nós pela sua graça: é Deus quem todos convida para trabalhar, o amor repartir e as forças juntar.

(MÚSICA MOMENTO NOVO – ERNESTO BARROSO)⁵⁰

O verso em destaque, “vem, eu preciso de você!”, também é vivenciado por nossos profetas em suas relações externas à equipe de articulação das CEBs. Dona Remédios, por exemplo, não faz parte da equipe, mas tem sua importância advertida por Seu Lucivaldo e também por sua comunidade do interior, onde ela nasceu e iniciou sua caminhada na Igreja, e sempre é recebida com aplausos quando retorna. Ser reconhecida e estimada, apesar dos fracassos, faz Dona Remédios sentir-se bem e dar conta de seu valor pessoal.

Às vezes tem momento na nossa vida que a gente tá tão assim, tão parado que a gente precisa de um empurrão, acho que todo mundo precisa, né? Num momento de dificuldade, de desânimo que às vezes a gente precisa que o irmão chegue e nos dê a mão pra gente poder... Eu pelo menos, na minha vida, tenho um grande exemplo que é o Seu Lucivaldo, parece que ele sabe quando eu tô mal lá em casa, ele chega. Ele tá sempre me incentivando, “a senhora é importante, a senhora não pode deixar de ir pra igreja” não que eu não venha pra igreja porque eu não quero vim pra igreja, mas a gente tem nossos fracassos, todo mundo, né, então hoje eu me sinto muito bem quando eu chego lá no meu interiorzinho, lá nos meio do mato, aí quando eu chego lá na igreja é aquele aplauso, “olha, chegou Remédios!”, aquilo pra mim é uma motivação muito grande, porque as pessoas sabem, ali eu nasci, ali eu construí minha raiz, talvez se eu não tivesse tido aquela infância, aquela juventude lá, hoje eu não seria nada aqui, talvez nem participasse, né (REMÉDIOS – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Como reflete Dona Aparecida, mais uma vez “têm cânticos de momento que tu vive as CEBs sem participar”. Não posso deixar de concordar com Dona Aparecida, nesse aspecto. Eu me senti assim, envolta pelo clima de valorização que as CEBs proporcionam aos seus participantes, independente de sua cor ou mesmo escolaridade. Entre Dona Zilda e Dona Aparecida, por exemplo, há um fosso em termos acadêmicos. Dona Zilda é professora, afeiçoada as letras e Dona Aparecida, empregada doméstica pouco estudada, mas veja: quem é exemplo pra quem? Reproduzo aqui a fala de Dona Zilda: “Eu encontrei uma pessoa

⁵⁰ Cantando a Vida e a Esperança. Livro de Canto 9º Intereclesial das CEBs. São Luís-MA, 1997.

maravilhosa, que é um exemplo muito grande pra mim: a Aparecida, a Neide, pessoas ferrenhas mesmo, indo beber na fonte, a Maria José, outra pessoa guerreira”. Ela reflete aquilo que é mais valorizado dentro das CEBs, o conhecimento que vem da vivência, o saber próprio de mundo que cada um carrega e que lhe permite ser capaz de construir a história. É nesta mesma linha de pensamento que converge Dona Maria José.

As CEBs, ela favorece a todos, pra todo mundo poder participar, não só o que sabe ler, mas o outro que não sabe ler, não só o que sabe dançar, mas o outro que não sabe dançar, o que não toca, mas também o que toca, então é pra todos, então a diferença é essa, ainda tem, mas dentro do nosso jeito a gente vive, a gente de vez em quando põe a nossa mãozinha lá (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA LUZIA, VILA RIOD).

As CEBs favorecem a todos, argumenta Dona Maria José. Importa, nesse sentido, refletir uma vez mais: Em quantos espaços podemos nos sentir realmente favorecidos? Para Dona Remédios, a “caminhada vai fortalecendo a gente”, permitindo até que bloqueios pessoais sejam superados cotidianamente.

Eu acho que hoje, a gente, devido à caminhada, a gente vai se fortalecendo, vai ganhando discernimento, vai aprendendo também a se comunicar melhor, a Palavra de Deus, a distinguir, né, as palavras e acaba ficando mais fácil. Eu lembro que antes a gente chamava alguém pra fazer uma leitura, até hoje a gente ainda tem essa deficiência no nosso grupo litúrgico, não é todo mundo que tá pronto, não é todo mundo que quer. Às vezes essa pessoa tá preparada, mas não quer, porque Deus ele não escolhe os preparados, ele prepara os escolhidos, às vezes a gente chama a pessoa, “ah não, eu não posso, eu não quero, eu tô isso, eu tô gelada, eu tô nervosa!”, essa minha amiga aqui mesmo [refere-se à coordenadora da comunidade] quando começou, ela dava calafrio pra não fazer uma leitura, hoje ela faz o Evangelho. Amém, né! (REMÉDIOS – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Do mesmo modo em que a caminhada das CEBs favorece o fortalecimento dos sujeitos e o reconhecimento de suas potências, manifestadas através de pequenas libertações, ela também resgata nos sujeitos a dimensão de relações mais horizontalizadas, onde todos tem efetivamente a mesma importância e podem contribuir igualmente com o desenvolvimento da comunidade. Estas são as interlocuções presentes dentro do depoimento de Seu Lucivaldo:

Porque eu, na verdade, eu sempre gostei de ajudar, mas num sei, nem eu sei explicar direito porque, né, eu não gosto de me identificar como coordenador ou líder de frente. É uma decisão minha que fica até difícil de explicar, porque assim, talvez é que eu queira ser igual com os outros irmãos, é me sentir como se eu fosse igual aos outros irmãos, né, simplesmente um voluntário e também pode ser que seja assim uma forma de incentivar aquelas pessoas que chegam hoje, que chegam amanhã na igreja e ajudar da forma que eu ajudo, né, porque eu sendo simplesmente um voluntário, talvez eu dê força pra eles é, não aparecer como coordenador e essa é a resposta que eu tenho, até porque eu não sei mesmo porque, só Deus sabe! Eles dizem assim, “rapaz, isso aqui é com o Lucivaldo”, alguma coisa assim, a construção da igreja hoje, do nosso templo, aí eles dizem que é comigo, né, aí quando veio assim, o *implantamento* do terço dos homens, eles [coordenadores]

vieram me procurar aqui na comunidade, né, aí eu apresentei outras pessoas e disse “vocês pode sentar com eles e contar comigo que eu ajudo”, mas eu vou, quando eles precisam eu vou, se for preciso organizar, eu organizo, inclusive pra sentar pra dá tudo certo o terço, as orações do terço, precisou de um grande esforço meu, porque às vezes, na hora, nos primeiros dias, as comunicações deles não tava muito é, combinando, aí os coordenadores da paróquia Santo Antonio do Parque Vitória ligavam pra mim, aí eu ‘não, nós vamos organizar, vai dá certo!’ e ajudava ligava pra um, ligava pra outro, aí depois a gente disse que não íamos mais ligar pros irmãos, que era um compromisso com Deus e cada um de nós tinha que ter uma responsabilidade própria, tinha que ter atenção, tinha que tá na hora certa, no dia certo, pra nós fazer a oração, até porque cada um de nós precisamos de Deus e cada um precisa ser responsável. Então é assim, um grande exemplo é o Terço dos Homens, eu deixei com outras pessoas, vieram me procurar, mas eu deixei com outras pessoas, com outros irmãos e no momento que tava um pouco, ali, sentindo dificuldade, eu fui e ajudei e tá aí, nós tamo seguindo. Então é assim, eu gosto de ser assim, é o meu jeito de ser, [ri] eu não sei, só Deus (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR).

Quando pedi a Seu Lucivaldo que me falasse de uma música das CEBs que ele gostasse e que representasse bem o sentido das CEBs, não obtive a resposta que queria: “Eu sou mais apaixonado pela celebração CEBs, porque me chama muita atenção, mexe com meu espírito e eu me sinto bem feliz mais com a celebração das CEBs, gosto das músicas das CEBs, mas eu me preencho mais com as celebrações” (LUCIVALDO – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, PARQUE JAIR). Aparentemente ele não parece envolvido pelas músicas das CEBs, seu jeito tímido e contido não deixa dúvidas de que, em linguajar comum, essa não é sua praia. Nem por isso, Seu Lucivaldo se distancia das CEBs. Há outro ponto de encontro, onde ele consegue se ver e ser visto também.

OUTRAS CONSIDERAÇÕES (O BOTÃO E O RATO)

“Fica sempre um pouco de tudo. Às vezes um botão. Às vezes um rato”. É assim que Drummond encerra o seu último verso em “Resíduo”. O botão e o rato são representações interessantes. Diante de um apanhado de coisas que nos marcam de forma mais ou menos intensa na vida (da ternura nos olhos do rufião ao gemido de víscera inconformada), elas seguem outras linhas de significação: a das coisas pequenas e imperceptíveis, tal como é o botão, e das coisas pavorosas e repulsivas, como usualmente vemos o rato. Acredito que a atualidade das CEBs abarca também esses dois sentidos. Talvez, o mais prevalente nela seja mesmo o rato. Vários percalços fazem parte da história das CEBs, marcando o percurso de uma caminhada feita por homens e mulheres que cometem seus equívocos e não estão imunes ao erro, apesar de ligados a um movimento de cunho religioso. Reconhecê-los, por sua vez, não diminui a força do fenômeno, apenas dá conta da totalidade que ele é, de sua historicidade e contradições. Desse movimento surgem as críticas e também as reprovações. De fato, as CEBs nunca foram unanimidade, nem mesmo dentro da Igreja.

Passado o período de fermentação, o sentido da continuidade das CEBs ou mesmo de sua validade passaram a ser questionadas. A identidade das CEBs na vida paroquial e a perspectiva da conscientização, despertada entre seus membros, não é uma realidade inequívoca. As CEBs podem não ser relevantes para os padres no altar de suas paróquias, como visto no capítulo 3.3 – Nós pregamos esse jeito de ser igreja, escândalo para os padres. As CEBs podem não ter mais bandeiras de luta, como situa o capítulo 4.2.2 – Política e bandeira... Partido e movimentos sociais... Mas, para algumas pessoas, como é para Seu Lucivaldo, Dona Remédios, Dona Deusa, Dona Aparecida, Dona Zilda, Dona Maria José e Seu Neguin, tudo aquilo que ficou das CEBs ainda tem seu vigor. Ir ao encontro delas e ouvi-las falar sobre as CEBs foi como lhes oferecer uma oportunidade para ressignificar também sua própria história. E esse é o botão das CEBs, tão pequenininho e aparentemente destituído de alguma importância, já que ele diz respeito a biografias particulares e desconhecidas, e não a conjunturas maiores e seus ilustres personagens. Não por menos os cânticos das CEBs conseguem um alcance tão profundo, como mostrei no capítulo 4.3: Entra na roda com a gente, também. Você é muito importante! O sentido do reconhecimento ainda é um grande diferencial das CEBs para os nossos profetas, em nossos dias.

Apesar da “entrada” de nossos profetas nas CEBs estar bem demarcada pelas experiências vividas já no contexto urbano de São Luís e São José de Ribamar, há um sentimento de pertença que extrapola o sentido de um vínculo oficial situado no tempo ou no espaço. As experiências de vida no interior, em face do entendimento que hoje tem acerca das CEBs, dão o tom deste reconhecimento, sobretudo para Dona Deusa e Dona Maria José.

Mas sempre que eu participava assim dos encontros as pessoas me perguntavam, “mas Deusa, quando foi que tu começou a participar das CEBs?” aí eu dizia “quando?” Eu não me lembro se teve uma data assim pra mim começar nas CEBs porque todo tempo eu me senti CEBs, eu nasci dentro das CEBs, porque eram comunidades eclesiais de base, então eu já me entendi ali, minha mãe participando e levando a gente, então pra mim não teve uma época, um período, um tempo exato que eu participei das CEBs, minha vida toda foi isso, toda foi CEBs!”, eu dizia “não, nunca teve, não é porque eu comecei participar da equipe de articulação de CEBs de São Luís que eu comecei a participar das CEBs nesse período. Não! A minha vida toda foi CEBs, eu sempre fui CEBs!”, né, e sempre gostei mesmo de participar das CEBs, nada contra os outros grupos, outros movimentos, outras coisas, mas eu gosto mesmo é das CEBs (DEUSA – COMUNIDADE SÃO JOÃO BATISTA, JAMBEIRO).

Uma curiosidade grande que eu tinha, eu ouvia falar de CEBs, de CEBs, de CEBs, “meu Deus, o que é que é CEBs?”, aí depois teve um encontro lá no Pirapora, num me lembro se foi em 94 ou 95, sei que teve um encontro em Pirapora, uma assembléia, um encontro grande e aí as comunidades foram todas convidadas e daqui fui eu e Dona Graça e um dos meus meninos [filho] que era criança na época, aí eu comecei ver relatos, ver falas, aí tudo, depois teve uma plenária, um mini-grupinho lá dizendo o que você fazia, o que você vivia, o que você fazia lá na sua comunidade, nós fomos falando, depois na hora de voltar pra plenária eu disse “nossa, a gente vive comunidade e num tá sabendo que tá vivendo CEBs!”, então foi assim uma descoberta, agora é lógico que precisa aprofundar mais, ter mais conhecimento (MARIA JOSÉ – COMUNIDADE SANTA TEREZINHA, VILA RIOD).

Para elas, o sentido de ser CEBs é expressão das relações vividas dentro de suas comunidades desde a infância. Portanto, não é a participação na equipe de articulação diocesana que instaura esse sentido. Nossos profetas aprenderam o jeito de ser Igreja das CEBs muito antes, indo à igreja nos dias de domingo no interior e participando das atividades litúrgicas. É com essa forma de ser que nossos profetas se identificam e é a partir dela que eles buscam a apropriação de novos sentidos. Nossos profetas não fazem uso da palavra libertação, nem recorreram à Teologia da Libertação para fundamentar ou justificar a dinâmica da relação fé e vida em suas experiências de ser CEBs. Mas, foi só dizer ao Seu Lucivaldo que tinha um livro de Teologia da Libertação que ele certamente gostaria de ler para que mais um reconhecimento viesse à tona: “acho que vou gostar, até porque eu luto com isso aqui, com libertação!”. Se, por um lado, as CEBs não correspondem mais abertamente aos anseios de libertação, para Martín-Baró (1998) é na religiosidade popular vivida por grupos minoritários que as sementes libertadoras se refugiam para germinar em outra conjuntura histórica que necessite de um novo processo libertador.

De toda forma, a palavra libertação não corresponde apenas às revoluções estruturais conquistadas historicamente. Em nível microssocial, o avanço de certas organizações comunitárias, tal como as CEBs, promovem transformações de condições por vezes cristalizadas. É o que Montero (2006) qualifica de revoluções homeopáticas,

pois mais que produzir transformações transcendentais, dramáticas, espetaculares, elas são dirigidas para modificação daquelas predisposições comportamentais que tendem a manter as formas de vida negativas, as relações de submissão, a aceitação passiva, apática e autodepreciativa dos modos de existência sobre os quais se erguem as estruturas que mantem a desigualdade (Ibid., p. 166, tradução nossa).

A desideologização da vida cotidiana começa então pelo favorecimento da participação dos sujeitos e, nesse sentido, as CEBs também cumprem importante função: transformam-se em espaços de inclusão e de projeção social.

E aí as CEBs, pra mim, primeiro tem que ver minha comunidade. Minha comunidade João de Deus, ela me projetou através dos movimentos, que em 92, 90, 91, teve em São Luís a briga pelo transporte público, pela melhoria no transporte público, né, e a gente resolveu entrar na briga também que na época era movimento de transporte popular, por uma qualidade de transportes, acabar os monopólios, aumentar o número, o transporte mais barato, acabar com a catraca, que a catraca era na porta traseira, você entrava e ficava no curral, chamava de curral na época lá e isso, sei que a gente foi pra luta, num ganhou muita coisa, mas de uma certa forma melhorou bastante da época pra cá e imagino se não tivesse tido, né, foi criado o primeiro terminal de integração que foi o terminal da Praia Grande, na época o projeto era pra cinco terminais, fizeram um e os outros passaram anos nenhum foi construído no local que era pra ser construído... E hoje se você me perguntar “você vai deixar as CEBs?”, “Não, não vou deixar as CEBs!”. Além da minha comunidade ter me projetado pra fora do bairro, as CEBs me projetou pra fora do Brasil, hoje a gente tem um nome, dentro das comunidades eclesiais de base, dentro do Maranhão, tem um nome dentro do cenário nacional das comunidades eclesiais de base e até fora do Brasil e o que a gente escreve também aí repercute porque, a gente escreveu, foi escrito pelas CEBs, não é meu nome que vai, é o nome das comunidades eclesiais de base, eu apenas empresto o nome pra escrever e quando diz Neugin das CEBs, já sabe que a gente é CEBs e pra me identificar, como eu disse, meu nome é Antonio Alves de Souza, mais conhecido como Neugin e Neugin é uma homenagem a minha raça, tanto é que é escrito diferente, é escrito com n-e-g-u-i-n. Por isso a gente é bem conhecido hoje e o que eu trouxe pra mim, e aí já é ego mesmo, é essa questão “seu neugin pra cá, seu neugin pracolá, tal é o conhecimento... (SEU NEGUIN – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, JOÃO DE DEUS).

Ser conhecido para além de sua comunidade, construir um nome e uma identidade, junto com o nome e a identidade das CEBs tem um significado claro: a história das CEBs e a de nossos profetas compõe uma só história. Eles são o que são, hoje, porque fazem parte das CEBs e as CEBs continuam vivas, com seus resíduos, porque estes homens e mulheres nutrem por ela um valor inestimável. O reconhecimento por tudo que elas representam em sua vida resume-se na frase de Seu Neugin: “Não, não vou deixar as CEBs!”. Finalizado este movimento de pesquisa, acredito que as CEBs ainda são capazes de despertar encantos, ainda que sejam pelos seus botões. E apesar dos ratos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Willian César de. **O código genético das CEBS**. São Leopoldo: Oikos, 2005.
- ATOS DOS APÓSTOLOS. In: **Bíblia Sagrada**. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. Uma introdução, ou bem-vindos à esquiwa comunidade. In: BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 7-12.
- BARBOSA, Imerson Alves. **A esquerda católica na formação do PT**. Dissertação de mestrado. FFC-UNESP. Marília, 2007.
- BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Abril, 1985.
- BERBEL, Marcia Regina. **Partido dos Trabalhadores: tradição e ruptura na esquerda brasileira (1978-1980)**. Dissertação de mestrado. FFLCH-USP. São Paulo. 1991;
- BOFF, Clodovis. **Comunidade Eclesial – Comunidade Política: Ensaio de Eclesiologia Política**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____. Uma análise de conjuntura da igreja Católica no final do milênio. In: LESBAUPIN, Ivo. et. al. **Para entender a conjuntura atual: Neoliberalismo, Movimentos Populares, Igreja Católica e Ong's**. Petrópolis, Vozes/ISER – ASSESSORIA, 1996.
- _____. et. al. **As Comunidades de base em questão**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- BOFF, Leonardo. **E a Igreja se fez povo: a Igreja que nasce da fé do povo**. Petrópolis: Vozes. 1986.
- _____. **Igreja carisma e poder**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- BORGES, Arleth Santos. **A construção do Partido dos Trabalhadores no Maranhão**. Campinas, UNICAM / IFCH. Dissertação de Mestrado, 1998.
- BRANDÃO, Israel Rocha. Amor e amizade nos jardins da psicologia comunitária: uma contribuição da filosofia política ao trabalho psicológico. In: BRANDÃO, Israel Rocha; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz (orgs.). **Os jardins da psicologia comunitária**. Fortaleza: Pró-Reitoria de Extensão da UFC / Abrapso, 1999.
- BUBER, Martin. **Sobre Comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BURDICK, John . **Procurando Deus no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CELAM. **Conclusões da Conferência de Medellín – 1968**. Trinta Anos depois, Medellín é ainda atual? 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. **Conclusões da Conferência de Puebla.** Evangelização no presente e no futuro da América Latina. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CLEMENS, Carolina. **É bom lembrar:** um pedacinho da história das CEBs no Maranhão. Equipe provincial das CEBs no Maranhão, 1982.

CNBB. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.** As Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil, doc. 25, 3, 1982.

COUTINHO, Sérgio Ricardo. Comunidades Eclesiais de Base: Presente, Passado e Futuro. **Revista Interações - Cultura e Comunidade.** v. 5, num. 6, p. 183-196, 2009.

DUSSEL, Enrique. **El episcopado latinoamericano y la liberación de los pobres (1504-1620).** México: Centro de Reflexão Teológica, 1979.

ÊXODO. In: **Bíblia Sagrada.** Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

FREIRE, Paulo. O papel educativo das igrejas na América Latina. In: FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

_____. Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação.** Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GÊNESIS. In: **Bíblia Sagrada.** Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima Góis. Góis, **Psicologia comunitária** – atividade e consciência. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.

_____. **Saúde Comunitária:** pensar e fazer. Saúde em Debate. São Paulo: Hucitec, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho. Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. In: A. Arruda (Org.), **Representando a alteridade.** Petrópolis: Vozes. 1999, p.149-161

_____. **Psicologia Social Crítica como prática de libertação.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Relações comunitárias – Relações de dominação. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). **Psicologia Social Comunitária:** Da solidariedade à autonomia. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 35-53.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação** – Perspectivas. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

JOÃO. In: **Bíblia Sagrada.** Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

LESBAUPIN, Ivo; RIBEIRO, Lúcia; FIORIN, Névio; RODRIGUES, Solange. Revisitando as CEBs: um estudo no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. **Religião & Sociedade**, volume 24, número 1, Rio de Janeiro: ISER, outubro 2004.

LIBÂNIO, João Batista. Igreja de Vitória: Opções e diretrizes. In: **Perspectiva Teológica**. v. 20, n. 50, 1988. p. 107-114.

_____. **Lógicas da cidade**. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. 2. ed. São Paulo: Editora, LOYOLA, 2002.

LOWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Ed. Vozes, Petrópolis, 2000.

LUCAS. In: **Bíblia Sagrada**. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

MALVEZZI, Roberto. Crise Civilizatória – Desafio para as CEBs. In: Secretariado Nacional para o 13º Intereclesial das CEBs. **Justiça e profecia a serviço da vida**. Texto-base do 13º Intereclesial. Diocese de Crato: Ceará, 2013.

MARCOS. In: **Bíblia Sagrada**. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

MARTÍN-BARÓ, I. **Psicología de la liberación**. Madrid: Editorial Trotta, 1998.

_____. Guerra y trauma psicosocial del niño salvadoreño. In: _____(Org.). **Psicología social de la guerra: trauma y terapia**. San Salvador: UCA Editores. 2000, p. 234 - 249.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução. In: MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. Trad. Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 145- 157.

MATEUS. In: **Bíblia Sagrada**. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1991.

MENEZES NETO, Antonio Julio Menezes. **A Igreja Católica e os movimentos sociais do campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Caderno CRH, Salvador, v. 20, n. 50, p. 331-341, Maio/Ago. 2007. p. 331-341.

MÔNACO, Luigi Lo. **As comunidades eclesiais de base (CEBs) nos discursos dos agentes de pastoral do Maranhão (1964-1989): nascimento e “morte” de um movimento social**. São Luís: 360 ° Graus Gráfica e Editora, 2012.

MONTERO, Maritza. **Introducción a la psicología comunitaria**. Desarrollo, conceptos y procesos. Buenos Aires: Paidós, 2004.

_____. **Hacer para transformar: El método de la psicología comunitaria**. Buenos Aires: Paidos, 2006.

MONTES, Maria Lucia. **As figuras do sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: **História das mulheres no Brasil**. PRIORE, Mary Del (org.). 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, PEDRO A. RIBEIRO. Catolicismo de massa no Brasil: um desafio para as CEBs. In: **CEBs: Vida e Esperança nas Massas**. Texto Base do 9º Intereclesial. São Luís, 1997, p. 14-34.

_____. CEB: unidade estruturante de Igreja. In: BOFF, Clodovis, et. al. **As Comunidades de base em questão**. Paulinas, São Paulo, 1997, p. 131.

PEREIRA, Jesus Marmanillo. Comunidades Eclesiais de Base e a Luta por Moradia: Educação e participação política em contexto de precarização. **Revista Tomo**. Número 18, jan./jun. 2011, p. 101-120.

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2. ed., 2004.

_____. **Histórias e conversas de mulher**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013.

RUIZ, Castor Mari Martin Bartolomé. **A força transformadora social e simbólica das CEBs**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SAWAIA, Bader Burihan. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: _____ (org.). **As artimanhas da exclusão**. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 97-117.

_____. Comunidade: A apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). **Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 35-53.

SEDOC. Serviço de Documentação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. **Do Vaticano II a um novo concílio?** O olhar de um cristão leigo sobre a Igreja. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. As CEBs vão bem, obrigado. **Revista Eclesiástica Brasileira**, fasc. 237, p. 93-110, 2000.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. **A gênese das CEBs no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1988.

_____. Os Encontros Intereclesiais de CEBs no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1996.

THEIJE, Marjo de. **Tudo o que é de Deus é Bom: uma antropologia do catolicismo liberacionista em Garanhuns, Brasil**. Recife, Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 2002.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Democracia e Igreja Popular**. São Paulo: EDUC, 2007.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu estou sendo convidado(a) para participar do estudo sobre Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no Maranhão. Para participar, eu preciso saber que:

- a. O interesse do estudo é compreender a atualidade das CEBs maranhenses.
- b. O estudo pode contribuir com o resgate da história das CEBs no Maranhão.
- c. Participarei do estudo relatando minha história de vida e participação nas CEBs através de uma gravação em filmadora.
- d. Os meus relatos serão reproduzidos à mão pela pesquisadora, como foram falados, para serem apresentados na forma escrita.
- e. As informações que eu prestar serão utilizadas apenas para o estudo e meu nome não será revelado, a menos que eu aceite ser identificado.
- f. A pesquisadora fará observações em minha comunidade, anotando suas observações em um caderno para que possa enriquecer ainda mais seu estudo.
- g. Posso autorizar a utilização de cópia dos documentos, poesias, imagens, músicas e outros materiais que falam da nossa comunidade.
- h. A pesquisadora não tem interesse pelas relações e assuntos de minha vida pessoal que não dizem respeito às CEBs.
- i. Posso tirar dúvidas sobre o estudo sempre que sentir vontade com a pesquisadora ou posso entrar em contato com os endereços presentes no fim desta folha.
- j. Minha participação é livre e não envolve nenhum pagamento por parte da pesquisadora e também não terei nenhuma despesa participando dele.
- k. Ao assinar este termo me comprometo em contribuir com o estudo, mas a qualquer momento posso deixar de participar sem que eu seja prejudicado por isso.
- l. Eu receberei uma cópia deste termo assinado pela pesquisadora e a outra, com a minha assinatura, ficará com a pesquisadora.

Ao assinar este termo, confirmo que concordo em participar deste estudo.

_____, ____/____/2014

Sujeito da pesquisa

Pesquisadora

Pesquisadora: Adriana Sousa Chaves. Rua 04, Casa 42, Cohatrac II. E-mail: adrianasousachaves@hotmail.com.
Telefone: (98) 3238-0391.

Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFMA): Av. dos Portugueses, Nº 1966, Campus do Bacanga, Centro de Ciências Humanas, 1º andar, Bloco 5. Email: pppg@ufma.br. Telefone: (98)3227-8366.